



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

SARA OLIVEIRA DA CRUZ

**FIZ UM BLOG, E DAÍ?
UMA EXPERIÊNCIA SOBRE O ENSINO E A FORMAÇÃO INICIAL
DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA
ESTRANGEIRA/SEGUNDA LÍNGUA EM PERSPECTIVA
INTERCULTURAL E CRÍTICA**

Salvador
2019

SARA OLIVEIRA DA CRUZ

**FIZ UM BLOG, E DAÍ?
UMA EXPERIÊNCIA SOBRE O ENSINO E A FORMAÇÃO INICIAL
DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA
ESTRANGEIRA/SEGUNDA LÍNGUA EM PERSPECTIVA
INTERCULTURAL E CRÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Língua e Cultura.

Orientadora: Dra. Edleise Mendes

Salvador
2019

Cruz, Sara Oliveira da.

Fiz um blog, e daí? uma experiência sobre o ensino e a formação inicial de professores de português como língua estrangeira/segunda língua em perspectiva intercultural e crítica / Sara Oliveira da Cruz. - 2019.

263 f.

Orientadora: Prof. Dr^a. Edleise Mendes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2019.

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 2. Professores de línguas - Formação 3. Aquisição de segunda língua - Estudo e ensino - Falantes estrangeiros 4. Tecnologia educacional I. Mendes, Edleise. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD – 371.33

CDU - 811.143.3:37

SARA OLIVEIRA DA CRUZ

**FIZ UM BLOG, E DAÍ?
UMA EXPERIÊNCIA SOBRE O ENSINO E A FORMAÇÃO
INICIAL DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS COMO
LÍNGUA ESTRANGEIRA/SEGUNDA LÍNGUA EM
PERSPECTIVA INTERCULTURAL E CRÍTICA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura, do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 18 de outubro de 2019.

Banca examinadora

Edleise Mendes Oliveira Santos – Orientadora _____
Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil.
Universidade Federal da Bahia.

Iracema Luiza de Souza _____
Doutora em Sciences Du Langage pela Université Paris 8 - Vincennes-Saint-Denis, França.
Universidade Federal da Bahia.

Kaline Araújo Mendes de Souza _____
Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, Brasil.
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Dedico esta dissertação aos meus eternos ex-alunos de Português LE/L2 por me fornecerem os primeiros dados para esta pesquisa. Rer as produções textuais de vocês, nessa etapa da minha formação docente, mobilizou o meu compromisso social como professora de língua portuguesa.

Dedico-a também a minha mãe, que me levava a “tiracolo” às romarias, às ações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), às reuniões da Pastoral da Criança e da Comunidade Kolping. Mainha, foram nesses espaços em que primeiro ouvi falar em Paulo Freire, em educação popular. Portanto, esse meu compromisso com a luta pela transformação,

por um ensino humanizado tem sido aflorado desde ali, resultando em uma tomada de consciência intercultural nessa fase da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me permitir chegar até aqui e poder compartilhar esse momento ao lado de pessoas que tornaram essa etapa da minha vida um pouco mais leve, saudável e feliz.

Aos professores em formação, que aceitaram participar deste estudo e não mediram esforços para contribuir com a minha pesquisa, e aos seus alunos, que direta ou indiretamente enriqueceram os dados gerados. Obrigada, do fundo do meu coração, pela acolhida, pela confiança e pelo respeito.

Aos meus pais pelo amor incondicional. Mãe, obrigada pelo cuidado que tem por mim, por sempre me incentivar a alçar voos mais altos e ser minha maior inspiração. Pai, obrigada pelos conselhos, por me ensinar a não ter tanta pressa e a ser gentil com as pessoas ao meu redor.

Aos meus irmãos, Rosângela, Joelya, Joelington e Joelton, pela admiração e pelo respeito que têm por mim e pelos valores que vocês não se cansam de me ensinar.

Vocês são os meus bens mais preciosos!

A Rafa por ter escolhido estar comigo nessa caminhada, por ser, na maioria das vezes, o meu mentor. Agradeço pela paciência, compreensão, companheirismo. Que Deus continue abençoando o nosso amor! A sua família pela acolhida e companhia ao longo desses anos.

À tia Ivone e Dona Vera que, por muitos anos, compartilharam comigo os seus lares para que eu pudesse concluir o ensino médio e iniciar a graduação em Salvador.

À professora Edleise Mendes, minha queridíssima orientadora, que me inspira todos os dias a ser uma professora mais sensível. Obrigada por existir, por ter aceitado me orientar, pelo carinho, pela amizade. O mérito dessa pesquisa é nosso!

À professora Iracema por ter me apresentado o Português como Língua Estrangeira, por contribuir bastante com o meu aperfeiçoamento profissional e pelas oportunidades que me proporcionou.

Às professoras Márcia Paraquett e Risonete Almeida, que muito me ensinaram. Vocês moram no meu coração!

Aos amigos Arthur, Rejane, Marília, Diogo e Cris, que me acompanham desde a graduação, pela amizade.

Aos amigos do *Panelinha Pós-UFBA* por ter tornado o primeiro ano da pós-graduação mais leve, alegre, cheio de comemorações, em especial a Iris e Remígio, pela escuta.

Aos amigos do LINCE, em especial a Josy e a Ivanete. Eu aprendo muito com vocês! Vocês são incríveis!

Ao Nosso Senhor do Bonfim!

Sem vocês, seria mais difícil!

CRUZ, S. O. da. Fiz um blog, e daí? Uma experiência sobre o ensino e a formação inicial de professores de português como língua estrangeira/segunda língua em perspectiva intercultural e crítica. 263 f. 2019. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

RESUMO

Este estudo propõe o uso do blog como um ambiente favorável ao ensino de Português como Língua Estrangeira/Segunda Língua em perspectiva intercultural e crítica. Inicialmente, buscamos refletir sobre a experiência de uso dessa tecnologia digital durante o período em que a pesquisadora atuou como professora em formação no Núcleo Permanente de Extensão em Letras (NUPEL), com vistas a ressignificá-la. A partir dessas reflexões, por meio da proposição de um conjunto de atividades, visamos desencadear experiências interculturais que pudessem potencializar o uso dessa tecnologia em uma perspectiva sensível às culturas dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (MENDES, 2008). Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, com recortes autoetnográficos, que gerou dados a partir de entrevistas, anotações no diário de campo e relatórios de estágio. Esses dados foram gerados tendo a participação de professores em formação de PLE/L2 que atuavam em dois programas da Universidade Federal da Bahia (UFBA): Núcleo Permanente de Extensão em Letras (NUPEL) e Programa Especial de Monitoria de Português como Língua Estrangeira (PROEMPLE). Os principais resultados desta pesquisa apontam para lacunas no processo de formação desses professores, devido à assimetria nas orientações e abordagens dos coordenadores/professores formadores durante a graduação em Letras em Português como Língua Estrangeira. Ademais, mostram que utilizar o blog nas aulas de PLE/L2, em uma perspectiva intercultural e crítica, pode contribuir para a formação de professores mais reflexivos, mais sensíveis às práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, uma vez que se trata de um ambiente rico e produtivo para ensinar a própria língua materna como LE/L2, sendo este resultado de um conjunto de ações que envolve professores formadores, professor em formação, aprendizes e sociedade.

Palavras-chave: Português como língua estrangeira/segunda língua. Perspectiva Intercultural e Crítica. Tecnologias digitais.

CRUZ, S. O. da. Hice un blog, ¿y ahora? Una experiencia con respecto a la enseñanza y la formación inicial de profesores de portugués como lengua extranjera/segunda lengua en perspectiva intercultural y crítica. 263 f. 2019. Tesis (Maestría) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

RESUMEN

Este estudio propone el uso de blog como un ambiente favorable a la enseñanza de Portugués como Lengua Extranjera/Segunda Lengua en perspectiva intercultural y crítica. Inicialmente, buscamos reflexionar sobre la experiencia de uso de esa tecnología digital durante el período en que la pesquisadora actuó como profesora en formación del Núcleo Permanente de Extensão em Letras (NUPEL), con intento a resignificarla. A partir de esas reflexiones, por medio de la proposición de un conjunto de actividades, visamos desencadenar experiencias interculturales que pudiesen potencializar el uso de esa tecnología en una perspectiva sensible a las culturas de los sujetos envueltos en el proceso de enseñanza-aprendizaje (MENDES, 2008). Se trata de una investigación cualitativa de carácter etnográfico, con recortes auto etnográficos, que generó datos a partir de entrevistas, apuntes diarios e informes de pasantía. Esos datos fueron generados con la participación de profesores en formación de PLE/L2 que actuaban en dos programas de la Universidade Federal da Bahia (UFBA): Núcleo Permanente de Extensão em Letras (NUPEL) y Programa Especial de Monitoria de Português como Língua Estrangeira (PROEMPLE). Los principales resultados de esta pesquisa apuntan lagunas en el proceso de formación de esos profesores, debido a la asimetría en las orientaciones y abordajes de los coordinadores/profesores formadores durante la graduación en Letras con Portugués como Lengua Extranjera. Además, muestran que utilizar el blog en las clases de PLE/L2, en una perspectiva intercultural y crítica, puede contribuir para la formación de profesores más reflexivos, más sensibles a las prácticas pedagógicas desarrolladas en aula, puesto que se trata de un ambiente rico y productivo para la enseñanza de la propia lengua materna como LE/L2, siendo este resultado de un conjunto de acciones que envuelve profesores formadores, profesor en formación, aprendientes y sociedad.

Palabras clave: Portugués como lengua extranjera/segunda lengua. Perspectiva Intercultural y Crítica. Tecnologías digitales.

CRUZ, S. O. da. **I started a blog, now what? An experience of the teaching and initial education of Portuguese foreign language/second language teachers from an intercultural and critical perspective.** 263 f. 2019. Master Dissertation – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

ABSTRACT

The aim of this study is to propose the use of blogs as an enabling environment for the teaching of Portuguese as a Foreign Language/Second Language (PFL/PSL) through a critical and intercultural perspective. Initially, we seek not only to reflect upon but also to give new meanings to the experience of using such a digital technology during the period in which the researcher worked as a teacher-in-training at the Núcleo Permanente de Extensão em Letras (NUPEL). Through this process of reflection and the proposal of a set of learning activities, we aim to trigger intercultural experiences that could enhance the use of blogs from a culturally sensitive perspective toward the cultures of the human subjects who are involved in the process of language teaching and learning (MENDES, 2008). This study is a qualitative research of (auto)ethnographic nature, and it collected data from interviews, field notes, and supervised teaching practice programs reports. The data were collected together with the participation of Portuguese as a Foreign Language/Second Language teachers-in-training who worked at two extension programs at the Federal University of Bahia (UFBA), namely: Núcleo Permanente de Extensão em Letras (NUPEL), and Programa Especial de Monitoria de Português como Língua Estrangeira (PROEMPLE). The findings of this research point to gaps in the process of teachers' education concerning the mismatch between the guidelines and approaches of the coordinators/teacher educators from the Bachelor's degree in Portuguese as a Foreign Language. Additionally, the findings also show that the use of blogs for PFL/PSL learning, through a critical and intercultural perspective, can bring contributions to the development of both reflexive teachers and culturally sensitive teaching practices, as this environment is fruitful for the teaching of teacher's mother tongue as a foreign/second language, as a result of a set of actions that encompasses teacher educators, teachers-in-training, language learners, and society.

KEYWORDS: Portuguese as a foreign language/second language. Intercultural and Critical Perspective. Digital Technologies.

CRUZ, S. O. da. **J'ai fait un blog, et alors? Une expérience sur l'enseignement et la formation initiale des enseignants de portugais langue étrangère /langue seconde dans une perspective interculturelle et critique.** 263 f. 2019. Mémoire (Master) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

RÉSUMÉ

Cette étude propose l'utilisation du blog comme une ambiance favorable à l'enseignement du Portugais Langue Étrangère/Langue Seconde dans une perspective interculturelle et critique. Dans un premier temps, on se penche sur l'expérience de l'utilisation de cette technologie numérique au cours de la période pendant laquelle la chercheuse a exercé les fonctions de professeur en formation au Núcleo Permanente de Extensão em Letras - NUPEL (Centre Permanent de Développement en Lettres) à fin de la recadrer/resignifier. À partir de ces réflexions, par le biais d'un ensemble d'activités proposées en salle de classe, on vise à susciter des expériences interculturelles susceptibles d'améliorer l'utilisation de cette technologie dans une perspective sensible aux cultures des sujets impliqués dans le processus d'enseignement-apprentissage (MENDES, 2008). Il s'agit d'une recherche qualitative de nature ethnographique, avec des passages « autoethnographiques », générant des données à partir d'entretiens, de notes dans le journal de bord et des rapports de stage. Ces données ont été obtenues ayant la participation d'enseignants en formation de Portugais Langue Étrangère/Langue Seconde (PLE/L2) qui participaient de deux programmes de l'Université Fédérale de Bahia (UFBA) : Núcleo Permanente de Extensão em Letras (NUPEL) et Programa Especial de Monitoria de Português como Língua Estrangeira – PROEMPLE (Programme Spécial de Monitorat du Portugais comme Langue Étrangère). Les principaux résultats de cette recherche font ressortir des lacunes dans le processus de formation de ces enseignants, en raison de l'asymétrie des orientations et abordages des coordinateurs/professeurs formateurs pendant la licence en Lettres Portugais Langue Étrangère. De plus, les résultats montrent que l'utilisation du blog dans les classes de PLE/L2, dans une perspective interculturelle et critique, peut contribuer à la formation d'enseignants plus critiques, plus sensibles aux pratiques pédagogiques développées en salle de classe, puisqu'il s'agit d'une ambiance riche et productive pour enseigner leur langue maternelle en tant que LE/L2, étant cela le résultat d'un ensemble d'actions impliquant des professeurs formateurs, des enseignants en formations, des apprentis et la société.

Mots-clés : Portugais Langue Étrangère/Langue Seconde. Perspective Interculturelle et Critique. Technologies Numériques.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	“É o tchan: O charme de Salvador”	24
Figura 2	Comentários da Postagem “É o tchan: o charme de Salvador”	26
Figura 3	Etapa única de geração de dados	75
Figura 4	Primeira etapa da geração de dados	76
Figura 5	Segunda etapa da geração de dados	77
Figura 6	Terceira etapa da geração de dados	78
Figura 7	Organograma base do trabalho colaborativo em PLE	103
Figura 8	Participantes do processo de ensino de PLE: professor, tutor e graduandos em Letras	103
Figura 9	Postagens do blog <i>Vivendo no Brasil</i>	123
Figura 10	Interface do Google Analytics do blog <i>Falando Português</i>	125
Figura 11	Interface do Google Analytics do blog <i>Falando Português</i>	125
Figura 12	E-mail do <i>Falando Português</i>	127
Figura 13	Página do <i>Falando Português</i> no Facebook	127
Figura 14	Página da comunidade <i>Ensinar Português como Língua Estrangeira</i> no Facebook	128
Figura 15	Blog <i>Falando Português</i>	129
Figura 16	Unidade Temática “Como é a sua rotina?”	142
Figura 17	Produções Textuais – Comentários dos Alunos C e D no blog <i>Falando Português</i>	151
Figura 18	Produções Textuais – Comentários da Aluna E no blog <i>Falando Português</i>	153
Figura 19	Produções Textuais – Comentário dos Alunos C, D, E , H no blog <i>Vivendo no Brasil</i>	155
Figura 20	Produções Textuais – Postagem do Aluno C no blog <i>Falando Português</i> - Tutor Congo	160
Figura 21	Produções Textuais – Postagem do Aluno D no blog <i>Falando Português</i> - Tutor Congo	161
Figura 22	Produções Textuais – Postagem do Aluno E no blog <i>Falando Português</i> - Tutor Congo	162

Figura 23	Produções Textuais - Postagem dos Alunos H, C, I no blog <i>Falando Português</i> - Tutor Benim	163
Figura 24	Comparando os comentários da Aluno E em momentos distintos – Tutor Congo	168
Figura 25	Unidade Temática “Preconceito”	173
Figura 26	Postagem “Alma não tem cor - Chico César” e comentários na postagem	193
Figura 27	Unidade Temática “Racismo”	195
Figura 28	Produções Textuais – Postagem do Aluno M no blog <i>Falando Português</i> – PF América – Avançado	202
Figura 29	Produções Textuais – Postagem dos Alunos N, J e K no blog <i>Falando Português</i> – PF América – Intermediário	203
Figura 30	Produções Textuais – Postagem do Aluno O no blog <i>Falando Português</i> – PF América – Intermediário	204
Figura 31	Produções Textuais – Postagem dos Alunos L, P e Q no blog <i>Falando Português</i> – PF América – Intermediário	205
Figura 32	Produções Textuais – Postagem dos Alunos R e S no blog <i>Falando Português</i> – PF América – Avançado	206

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Trabalhos acadêmicos relacionadas ao uso de tecnologias digitais no ensino de PLE/L2	35
Gráfico 2	Tecnologias Digitais mencionadas nos trabalhos acadêmicos	35
Gráfico 3	Motivação de uso das TD mencionadas nos trabalhos acadêmicos	37
Gráfico 4	Motivação para fazer a licenciatura em Português LE/L2	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Divisão do curso de PLE do PROEMPLE	63
Quadro 2	Dados dos participantes da pesquisa	67
Quadro 3	Número de aulas observadas dos professores em formação.....	72
Quadro 4	Entrevista realizada com os professores em formação	73

Quadro 5	Perguntas da entrevista sobre planejamento das aulas e orientação da coordenação/dos professores da disciplina de estágio	81
Quadro 6	Prioridade dos professores em formação ao planejar as aulas	82
Quadro 7	Orientação do coordenador do programa/ professor da disciplina de estágio ...	90
Quadro 8	O que teríamos feito diferente?	97
Quadro 9	Tecnologias digitais, critérios e objetivos de usos	117
Quadro 10	Apresentações dos alunos em uma das aulas de diários África.....	135

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAI	Assessoria para Assuntos Internacionais
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Celpe-Bras	Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros
CONSIPL	Congresso Internacional da SIPLE
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
FD	Ferramenta Digital
IILP	Instituto Internacional da Língua Portuguesa
ILUFBA	Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia
L2	Segunda Língua
LA	Linguística Aplicada
LE	Língua Estrangeira
LINCE	Núcleo de Estudos em Língua, Cultura e Ensino
MEC	Ministério da Educação
NTIC	Novas Tecnologias da Informação e Comunicação
NUPEL	Núcleo Permanente de Extensão em Línguas
PAEC - OEA	Programa de Parcerias para Educação e Treinamento - Organização dos Estados Americanos
PEC-G	Programa de Estudante Convênio de Graduação
PFN	Professores em Formação do NUPEL
PFOL	Português para Falantes de Outras Línguas
PL2	Português Segunda Língua
PLE	Português como Língua Estrangeira
PPE	Programa de Português para Estrangeiros
PPGLinC	Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura
PPPLE	Portal do Professor de Português Língua Estrangeira/Língua Não Materna
PROEMPLE	Programa Especial de Monitoria de Português como Língua Estrangeira
PROFICI	Programa de Proficiência para Servidores e Estudantes da Universidade Federal da Bahia
PROINFO	Programa Nacional de Tecnologia Educacional

PROPEEP	Programa de Pesquisa, Ensino e Extensão de Português
REA	Recurso Educacional Aberto
SIPLE	Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNB	Universidade de Brasília
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UT	Unidades Temáticas

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - DA PRÁTICA À TEORIA: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE PORTUGUÊS LE/L2 QUE SE TRANSFORMOU EM UM PROJETO DE PESQUISA	21
1.1 PONTOS DE PARTIDA DA PESQUISA	21
1.1.1 Um blog chamado <i>Vivendo no Brasil</i>	23
1.1.2 Refletindo a própria prática: o desafio de ser uma professora intercultural	27
1.1.3. Tecnologias digitais no ensino de Português LE/L2: Aproximações e distanciamentos de uma perspectiva de ensino de línguas intercultural e crítica	32
1.1.3.1. Algumas conclusões sobre o uso de tecnologias digitais no ensino de PLE/L2	36
1.1.3.2. Teletandem e Portal do Professor de Português Língua Estrangeira/Língua Não-Materna	39
1.1.3.4. Perspectiva Intercultural X Tecnologias Digitais	41
1.2 PERGUNTAS DE PESQUISA	45
1.3. OBJETIVOS	45
1.3.1. Objetivo Geral	45
1.3.2. Objetivos Específicos	46
1.4. ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA	46
1.5. ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	47
CAPÍTULO 2 - UM CAMINHO COM ATALHOS: DIÁLOGOS SOBRE O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO E O CONTEXTO DA PESQUISA	49
2.1 ENFOQUE TEÓRICO-METODOLÓGICO	49
2.2 CONTEXTO DA PESQUISA	51
2.2.1 Núcleo Permanente de Extensão em Letras (NUPEL)	51
2.2.2 Programa Especial de Monitoria de Português como Língua Estrangeira (PROEMPLE)	53

2.2.3 O que dizem os participantes desta pesquisa sobre os cenários	55
2.2.3.1 NUPEL	55
2.2.3.2 PROEMPLE.....	58
2.2.2 Por que esses cenários?	65
2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA	65
2.4 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS	72
2.5 ETAPAS DA GERAÇÃO DE DADOS	75
CAPÍTULO 3 – ENTRELACANDO OS FIOS DA PESQUISA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS LE/L2 E O USO DO BLOG EM UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL E CRÍTICA	79
3.1 DESAFIOS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE PLE/L2 NA UFBA.....	79
3.1.1 O planejamento e a abordagem utilizada pelos professores em formação	82
3.1.2 As orientações (ou ausência de orientação) que os professores em formação recebem no PROEMPLE/PROFICI, NUPEL e Estágio	86
3.1.3 O tratamento dado às produções dos alunos	92
3.1.4 A avaliação que os professores em formação fazem de sua prática e de sua formação.....	96
3.1.5 Os desafios na formação dos professores.....	101
3.2 TECNOLOGIAS DIGITAIS NAS AULAS DE PORTUGUÊS LE/L2: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DE UMA PERSPECTIVA DE ENSINO DE PLE INTERCULTURAL E CRÍTICA	112
3.3 O BLOG COMO UM AMBIENTE FAVORÁVEL AO ENSINO DE PLE/L2 EM UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL E CRÍTICA	121
3.3.1. O blog Falando Português	123
3.3.2 As Unidades Temáticas	130
3.3.2.1 Como é a sua rotina?	134
3.3.2.2 Preconceito.....	170
3.3.2.3 Racismo	192

3.3.3 O que dizem os professores em formação sobre as Unidades Temáticas	207
CONSIDERAÇÕES FINAIS – PRECISAMOS IR ALÉM, POIS AINDA HÁ MUITO O QUE FAZER	210
REFERÊNCIAS	218
APÊNDICE A - Trabalhos publicados sobre o uso de tecnologias digitais no ensino de português LE/L2	223
APÊNDICE B - Termo de autorização da instituição coparticipante	227
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) I	228
APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) II	231
APÊNDICE E - Roteiro de entrevista semiestruturado I	234
APÊNDICE F - Roteiro de entrevista semiestruturado II	236
APÊNDICE G - Roteiro de entrevista semiestruturado III	239
APÊNDICE H - Diário de campo: PFN América	242
ANEXO A - É o tchan: O charme de Salvador	243
ANEXO B - Comentários da postagem “É o tchan: O charme de Salvador”	246
ANEXO C - Objetivos dos cursos de Português como Língua Estrangeira (PLE) - NUPEL	248
ANEXO D - Comentários na Postagem do Aluno C no blog <i>Falando Português</i>	250
ANEXO E - Comentários na Postagem do Aluno D no blog <i>Falando Português</i>	255
ANEXO F - Comentários na Postagem do Aluno E no blog <i>Falando Português</i>	256
ANEXO G - Comentários na Postagem do Aluno M no blog <i>Falando Português</i>	257
ANEXO H - Comentários na Postagem dos Alunos N, J e K no blog <i>Falando Português</i>	258
ANEXO I - Comentários na Postagem do Aluno O no blog <i>Falando Português</i>	260
ANEXO J - Comentários na Postagem dos Alunos L, P e Q no blog <i>Falando Português</i>	261
ANEXO J - Comentários na Postagem dos Alunos R e S no blog <i>Falando Português</i>	262



@Redomafismoments

1. DA PRÁTICA À TEORIA: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE PORTUGUÊS LE/L2 QUE SE TRANSFORMOU EM UM PROJETO DE PESQUISA

As experiências não se transplantam, se reinventam.

(Paulo Freire, 1978, p. 12)

1.1 PONTOS DE PARTIDA DA PESQUISA

Em 1975, Paulo Freire aceita o convite de colaborar com o desenho do projeto de alfabetização de adultos na Guiné-Bissau. Posteriormente, publica o livro “Cartas à Guiné-Bissau – Registros de uma experiência em processo”. Esse livro reúne cartas escritas por ele, entre 1975 e 1976, ao Comissário de Educação e à Comissão Coordenadora dos trabalhos de alfabetização da República da Guiné-Bissau. A intenção fundamental desse livro de registros, segundo as palavras do autor, “é a de oferecer aos leitores e às leitoras [...] uma visão mais ou menos dinâmica das atividades que se estão desenvolvendo naquele país e alguns problemas teóricos que elas suscitam”. Trata-se, pois, de “revelar a experiência em pleno andamento”. (FREIRE, 1978, p. 10).

Como será possível ver mais adiante, esta pesquisa “Fiz um blog, e daí? Uma experiência sobre o ensino e a formação inicial de professores de PLE/L2 em perspectiva intercultural e crítica” teve início a partir da minha experiência no ensino de Português como Língua Estrangeira, doravante PLE, no período em que atuei como professora em formação¹ do Núcleo Permanente de Ensino de Línguas (NUPEL²), entre 2012 e 2013. Os registros que tenho dessa experiência são alguns e-mails; um artigo apresentado em um congresso; algumas

¹ Professor em formação é a denominação dada aos estudantes da graduação e da pós-graduação stricto sensu do Instituto de Letras que atuam na prática de ensino em sala de aula do NUPEL. O tempo máximo de permanência no projeto é de 04 (quatro) semestres, a coordenação e a equipe de orientadores acompanham de perto o desempenho desses estudantes podendo, assim, verificar seu amadurecimento profissional no decorrer desse tempo. Fonte: <http://www.lettras.ufba.br/extensao>.

² O NUPEL (Núcleo Permanente de Extensão em Letras), criado em 2012, é o órgão responsável pela coordenação, fomento, gerenciamento, apoio, acompanhamento e avaliação de ações de extensão que se enquadrem nas diretrizes conceituais, políticas, educacionais e legais estabelecidas pelo Estatuto, pelo Regimento Geral e pelo Regulamento de Extensão da UFBA. Nesse Núcleo são oferecidos cursos de Línguas Estrangeiras Modernas (Alemão, Espanhol, Francês, Inglês e Italiano) e Clássicas (Grego e Latim), além de cursos de Língua Portuguesa (Leitura e Produção de Texto), Português Língua Estrangeira e Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Fonte: <http://www.lettras.ufba.br/extensao>.

apostilas, produções escritas dos meus ex-alunos e um blog chamado *Vivendo no Brasil*³. Considero que esses são também registros de uma experiência em processo, os quais compõem esta pesquisa.

Durante todo o tempo em que se preparava, em equipe, para a primeira visita à Guiné-Bissau, Paulo Freire expõe, naqueles registros, que uma de suas preocupações básicas, permanentes, durante aquele período, foi com a “tentação de superestimando este ou aquele aspecto desta ou daquela experiência de que antes participáramos, pretender emprestar-lhes validade universal”. Essa preocupação surge também durante o desenvolvimento da minha pesquisa, sendo, portanto, fundamental compreender que “a análise, de resto indispensável, das experiências anteriores, como a de experiências realizadas por outros em contextos distintos, fosse feita com vistas a uma compreensão cada vez mais crítica do caráter político e ideológico da alfabetização de adultos, em particular, da educação em geral”. (FREIRE, 1978, p. 12).

Sendo assim, a reinvenção da experiência proposta por minha pesquisa partiu da análise daqueles registros que tenho do início da minha atuação docente e da escuta do que dizem as professoras e os professores em formação, os quais são alunas e alunos da graduação de Português como Língua Estrangeira do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia⁴ (ILUFBA). Essa escuta não é linear, nem poderia ser, pois entendo que, ao me aproximar das salas de aulas dessas professoras e desses professores em formação, outras escutas são fundamentais. É preciso escutar o que dizem as suas alunas e os seus alunos. É preciso escutar o que “andam dizendo por aí” sobre as suas alunas e os seus alunos. É preciso enxergar os lugares sociais destinados a todas elas e a todos eles e de que forma isso chega à sala de aula de PLE/L2. Só assim, ou a partir daí, podemos produzir atividades que se pretendem interculturais.

Segundo Mendes (2004, p. 115),

o desenvolvimento de uma abordagem que se pretende intercultural para o ensino/aprendizagem de LE/L2, antes de ser um exercício de construção teórica, deve obedecer a um criterioso processo de planejamento e estruturação, o qual envolve desde o estabelecimento dos princípios norteadores da ação pedagógica, até o planejamento de cursos, seleção e produção de materiais didáticos e elaboração de estratégias de

³ www.vivendonobrasil.blogspot.com .

⁴ No ano de 2001, foi implantado o Programa de Pesquisa, Ensino e Extensão de Português (PROPEEP), o qual foi aprovado pelo antigo Conselho Departamental e pela Congregação do Instituto de Letras. No ano seguinte, formou-se uma comissão para realizar a reformulação curricular do Instituto. A professora Iracema Luiza de Souza apresentou uma proposta para a criação de uma habilitação nova, a de Português como Língua Estrangeira. Enfocando na docência, na pesquisa e na extensão, o curso teve seu efetivo funcionamento no início de 2006. Fonte: <http://www.edgardigital.ufba.br/?p=8413> .

monitoramento e avaliação, sempre tendo em vista qual é o público ao qual se destina a ação pedagógica, em que contexto ou contextos e sob que condições.

Ademais, é interessante notar que busco, desde as primeiras linhas desta dissertação, entrelaçar teoria e prática, pois isso reflete a natureza da investigação que tem como ponto de partida a Linguística Aplicada (LA), área que se debruça a compreender o(s) problema(s) real(is) de uso(s) da linguagem dentro e fora do contexto escolar (CAVALCANTI, 1986). Consoante Freire (1989, p.67), “A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade”.

1.1.1 Um blog chamado *Vivendo no Brasil*

Atuei como professora em formação de PLE no NUPEL, por três semestres⁵. Com o encerramento do contrato, decidi apresentar uma comunicação oral para compartilhar com a comunidade acadêmica o meu relato de experiência com a criação de um blog, através do qual visava publicar produções textuais feitas por meus alunos durante o curso de Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL⁶) no NUPEL. “Turmas de PLE lendo e escrevendo no blog: experienciando no curso de extensão da UFBA”⁷ intitularia essa comunicação oral.

A ideia de criar o blog *Vivendo no Brasil*⁸ surgiu do meu interesse em compartilhar, inicialmente, os textos produzidos por meus alunos do nível intermediário II e do interesse demonstrado por eles em compartilhar suas experiências no Brasil. A figura a seguir mostra

⁵A minha primeira experiência no ensino de PLE deu-se no Programa de Pesquisa, Ensino e Extensão de Português (PROPEEP). A turma composta por alunos do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) estava se preparando para a prova do Celpe-Bras. Essas aulas foram ministradas por mim e por outro aluno da graduação de PLE. Antes da criação do NUPEL, em 2012, as aulas de PLE eram oferecidas pelo PROPEEP. Esse programa tinha como objetivo promover atividades de extensão relacionadas com a pesquisa e o ensino de Português, assim como articular atividades de extensão no campo da aquisição e do ensino de Português estimulando a criação de convênios visando ao intercâmbio e à cooperação da UFBA com universidades e centros de pesquisa nacionais e estrangeiros. Fonte: <https://programalingua-portuguesa.blogspot.com/>. No entanto, com a criação do NUPEL, em 2012, ações de extensão desenvolvidas ou apoiadas pelo Instituto de Letras da UFBA ou quaisquer de seus membros passaram a ser de responsabilidade desse órgão. Fonte: <https://nupel.ufba.br/>.

⁶ PFOL é a denominação adotada pelo NUPEL. Considero PLE/PL2/PFOL como termos genéricos que abarcam uma multiplicidade de contextos de ensino de Português para Falantes de Outras Línguas (doravante PFOL).

⁷ A apresentação dessa comunicação oral ocorreu no X CONSIPLE – Congresso Internacional da SIPLE. Vidas em português: políticas multilaterais para o ensino e a formação em PLE/PL2.

⁸ Link do blog: www.vivendonobrasil.blogspot.com.

um trecho de uma das postagens publicadas⁹ (ANEXO A) por um dos alunos da turma nesse blog.

Figura 1 - É o tchan: O charme de Salvador

sábado, 8 de junho de 2013

É o Tchan: O charme de Salvador

Por T.S
Nível Intermediário II

É o Tchan: O charme de Salvador

Devo começar este post por escrever que sou gringo, venho de fora, e passei um ano inteiro aqui.

Na minha universidade nos Estados Unidos, temos bastante brasileiros. Todos são ricos e são gaúchos, paulistas ou cariocas. São filhos de diplomatas ou engenheiros. Quando eu lhes disse que ia fazer intercâmbio no Brasil, me perguntaram na qual universidade em São Paulo eu ficaria. Ao eu dizer que eu ia para Salvador da Bahia, os rostos deles furaram, me perguntando por que eu iria lá.

*“Sô tem Carnaval!”
“Pra que você vai lá? Tem nada.”
“Eles gostam de roubar ali. Perigosa, aquela cidade.”
“São mal-educados!”*

E, para ser honesto, esses brasileiros tão preconceituosos tiveram razão. Esta cidade se vende como se somente tivesse Carnaval. Até os próprios baianos, ao saberem que passei Carnaval aqui, me perguntam se gostei de Carnaval. Eles se esquecem das outras cinquenta e um semanas que passei nessa cidade, e se enfocam numa semana só, como se fosse a única que prestará na minha lembrança. Por ser a terceira cidade brasileira por população, não tem tantas coisas para fazer. Eu plenamente nego a vista que “tem nada”, mas haverá sim dias onde você vai fazer absolutamente nada, por falta de diversão (ou perigo). Existe uma cultura tão forte de praia, que isso é o que fazemos quando não tivermos nada para fazer.

Essa cidade? Perigosa? MUITA. Graças a Deus, nunca fui roubado, espancado ou mexido enquanto fiquei em Salvador, mas pessoas demais não têm tal sorte. Em frente dos meus próprios olhos, vi pessoas sendo roubadas. Vi brigas entre viciados da rua, vi gringos e brasileiros tentando a comprar adolescentes/crianças para “comer”, por que nessa cidade, a cidade de Carnaval, “pode tudo.” Essa cidade pode ser suja, podre, DURA. Essa cidade me faz lembrar uma frase dita por Antônio Carlos Jobim. Disse:

Fonte: Blog Vivendo no Brasil

O programa do curso sugeria a produção individual de um diário, o qual poderia ser um dos instrumentos de avaliação do professor. No diário, o aluno poderia relatar sua rotina, suas reflexões e ideias, seu ponto de vista sobre determinada situação, entre outras coisas. O que motivaria a produção desses diários ficava a critério de cada professor em formação. Naquela época, o curso de PFOL contava com duas professoras em formação e uma coordenadora. Ela convocava reuniões para discutirmos o que estávamos desenvolvendo em nossas turmas.

⁹ Texto completo no Anexo A e também no link: <http://vivendonobrasil.blogspot.com/2013/06/e-o-tchan-o-charme-de-salvador.html>.

Quando comecei a atuar no NUPEL, em 2012, ministrava apenas para as turmas do básico I e II. Naquele momento, para mim, fazia sentido solicitar a produção dos diários. Afinal, pretendia-se que os alunos escrevessem sobre o seu dia a dia no Brasil, sobre o que haviam feito ou iriam fazer no fim de semana. Ao ler os textos, o que eles diziam não era o centro do meu interesse, pois o meu olhar de corretora focava apenas no uso correto do léxico, das formas verbais, da concordância verbal e nominal, ou seja, no uso “correto” da estrutura da língua.




Em 2013, quando passei, então, a dar aula para os níveis intermediários, surpreendia-me com as produções escritas dos alunos. Diferente dos alunos dos níveis básicos, esses expressavam, nos diários, os problemas, as dificuldades, os aspectos culturais que os chocavam. Achei que não era pertinente para eles escreverem sobre as suas rotinas e sobre os seus planos. Deixei-os livres para escolherem um tema entre os que havíamos discutido em aula, para produzirem quinzenalmente o texto para o diário. Ainda assim, explicitava-lhes, durante as aulas, a necessidade de selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista. As discussões contemplavam: desigualdade social, transporte público, carnaval, educação, viagem, rotina, cultura brasileira, relações humanas e sempre aconteciam nos primeiros minutos da aula, motivadas pela leitura de algum texto que eu levava para aula ou pelos questionamentos que surgiam nas aulas.

O uso desse blog ocorreu com duas turmas dos níveis intermediários I e II. A maior parte dos alunos eram dos Estados Unidos e estava fazendo intercâmbio em uma universidade particular de Salvador. O programa de intercâmbio, do qual esses alunos faziam parte, planejava diversas atividades (passeios, palestras, viagens, atividades voluntárias) a fim de que pudessem desfrutar bastante da língua portuguesa e da cultura brasileira. Eles moravam com famílias brasileiras, as quais chamavam carinhosamente de famílias hospedeiras, e ficavam no Brasil por, mais ou menos, 5 meses. Os demais alunos, embora estivessem com visto de turismo, demonstravam interesse em morar no Brasil ou desenvolver pesquisas ou, no futuro, retornar ao Brasil.

A receptividade dos alunos com o uso do blog, surpreendeu-me bastante, pois, além de escreverem excelentes textos para as postagens, realizaram comentários de modo significativo nos textos dos colegas, como mostra a figura a seguir.

Figura 2 - Comentários da Postagem “É o tchan: o charme de Salvador”

8 comentários:

-  **Sara Oliveira** 9 de junho de 2013 21:50
Menino de Nova Iorque, que texto lindo! Fiquei muito emocionada. Quando ouço esta música "Ah , que bom você chegou...", meu coração dispara, meus olhos ficam cheios de lágrimas e chego a pensar "aqui é o melhor lugar do mundo". Viva o carnaval! Viva essa magia!
[Responder](#) [Excluir](#)
-  **Rebecca Dumas** 10 de junho de 2013 21:06
Este comentário foi removido pelo autor.
[Responder](#) [Excluir](#)
-  **NANA TAZAWA** 10 de junho de 2013 22:07
Muito lindo,amei! Suas expressões são férteis! A parte de ônibus, eu também me sinto estranha.. Quando fica lotado eles sempre me perguntam se segurar a minha mochila. No início , achava que era um tipo de roubar, será? Mas não era.
É uma cidade misteriosa..
[Responder](#) [Excluir](#)
-  **Sara Oliveira** 11 de junho de 2013 01:24
"Binha (bem lembrado, Rebecca), aproveite o carnaval, deixe para pensar na desigualdade depois do carnaval, viu?! É só uma dica, viu?! " Acho que foi mais ou menos assim o conselho que ele me deu na aula. Rs
Vai voltar para Nova York e vai sentir falta do nosso 'oxente' e da nossa 'binha'.
[Responder](#) [Excluir](#)
- Anônimo** 11 de junho de 2013 13:16
Concordo com algumas das suas impressões. Salvador tem algum charme sim, que é difícil explicar, como tem carências inacreditáveis. Mas, tem melhorado nos últimos 15 anos ou mais. É uma cidade brutalmente injusta. O 20% mais acomodado da população vive com apenas 480 reais por mês, ou seja, 240 dólares. É só ver os valores dos seguros de saúde para saber que quase um 90% da população tem um acesso precário a algo tão fundamental.
A solidariedade no ônibus, que eu também experimento com surpresa, pois contrasta com a violência cotidiana, parece ser um efeito da solidariedade que gera a pobreza. Ao inves da prepotência e o mínimo cuidado que os automobilistas tem com quem caminha pela rua.
A respeito da sexualidade e a tolerança com o sexo, acho que o que existe mesmo em Salvador é que as mulheres gostam e disfrutam mais do sexo e do erotismo. E isso, não é um problema, mas um sinal de cultura que podemos contrapor a prostituição, ainda que possa ser confundido. Segundo as estatísticas, a maior quantidade de prostitutas por homes existiu na Inglaterra vitoriana, ou seja, puritã. Imagino -seguindo a interpretação de Freud- que foi um efeto da moral que precisava a acumulação de capital requerida pelo capitalismo financeiro imperial. Pelo mesmo, a quantidade de histéricas quase producidas industrialmente (e que na idade méia eram quemadas por mentirosas). Felizmente, Freud consegue compreender o drama dessas mulheres e percibir que não mentiam, senão que produto da moral vitoriana fabulabam agresores na sua mente desejanste.
W.P.

Fonte: Blog Vivendo no Brasil

Os comentários dos alunos, como se pode analisar, demonstram compreensão da postagem¹⁰ lida. Eles interagem com o autor de forma eficaz, ou seja, além de emitirem opinião sobre o texto, expõem na tela experiências por eles vividas no Brasil, que dialogam com as apresentadas pelo autor, as quais estão relacionadas, por exemplo, aos problemas sociais (drogas, lixo no chão, tratamento da mulher, corrupção) e aos aspectos culturais (estereótipo do baiano, festas, música, comida). Nota-se, também, alguns desvios linguísticos, no entanto esses não prejudicam a compreensão dos enunciados. A minha participação nessa

¹⁰ Para ler a postagem completa, acesse: <http://vivendonobrasil.blogspot.com/2013/06/e-o-tchan-o-charme-de-salvador.html>.

interação é sutil se comparada à escrita dos alunos, pois escrevo sobre as sensações provocadas em mim pelo texto do aluno e faço referência a algumas de suas falas feitas em sala de aula.

1.1.2 Refletindo a própria prática: o desafio de ser uma professora intercultural

É importante expor que, frequentemente, os alunos apresentavam, tanto nas discussões em sala de aula como nos textos escritos, comparações. Tais comparações, na maioria das vezes, tinham como parâmetro os modos de ser, de agir, de pensar, de viver deles. Os alunos são surpreendidos, como podemos ler nos comentários mostrados na Figura 2, com uma solidariedade cotidiana em Salvador que se mistura ao medo de ser assaltado. Esse fato, por exemplo, comentado por esses dois alunos aponta, então, para dois contrastes: solidariedade e violência.

Ao reler esses comentários, percebo, agora, que havia uma centralização no brasileiro, baiano e soteropolitano, e que eles, partindo de uma visão etnocêntrica, observam (com surpresa ou não) o brasileiro, baiano e soteropolitano. Durante essas discussões, motivava-os a apontar os pontos positivos e negativos do Brasil, através do olhar do nativo e do estrangeiro, e também as causas dos problemas que existiam aqui, logo, o meu “fomento de atitudes empáticas e compreensivas em relação às outras culturas” (POSTIGO, 2012, p. 432), no entanto, restringiu-se à cultura do jeitinho brasileiro, à cultura do carnaval, à cultura da corrupção. Reflito que era preciso (é preciso) descentralizar, pois essa é uma das minhas funções como professora PLE/L2 em uma perspectiva culturalmente sensível aos sujeitos envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem de línguas.

Assim, preciso atentar-se ao “pluralismo cultural sem hierarquização, sem o exercício do poder de uma cultura (dominante) sobre as demais” (RAYO, 2004, p. 68) e ao “reconhecimento de que as atitudes etnocêntricas e os estereótipos podem causar preconceitos aos indivíduos e, portanto, tratar de evitar sua influência. (Ibid, p. 70).

Aquela sala era composta por pessoas de diferentes partes do mundo: Chile, Brasil, Alemanha, Japão, Estados Unidos, Rússia que poderiam ter sido motivadas a um diálogo intercultural, em que o foco não fosse a cultura brasileira, mas todas essas culturas que estivessem ali em contato. Ao rememorar, portanto, essa sala de aula, percebo que meus alunos “apontavam o dedo” para aquilo que destoava da(s) cultura(s) deles, e as falas: “ Lá no meu país...”; “Na Europa...”; “Nos Estados Unidos...”; “Na Alemanha...”; “No Japão...”

prevaleciam. Era como se todos eles estivessem ali sendo motivados a respeitar/conhecer o modo de ser do brasileiro, quando, no fundo, eles e eu teríamos que estar buscando compreender as diversas culturas para um conhecimento mais profundo e uma aceitação da nossa própria cultura (POSTIGO, 2012). Valorizar o exercício de compreender a diversidade através da diferença.

Naquele momento, essa consciência intercultural estava começando a surgir, embora ainda no sentido de constatação e comparação. Percebo indícios disso quando escrevi no artigo apresentado na comunicação oral, citado anteriormente, que:

[...] Com as atividades de produção escrita pretendi: [...]; motivar a não apenas comparar um lugar a outro, mas enxergar e viver a cultura do Brasil, país que escolheram para estar/ficar.[...], percebo o meu trabalho em sala de aula, antes de tudo, com um trabalho de conscientização desses alunos para que, ao resolverem permanecer ou retornar ao seu país, tenham um olhar amplo do povo e da cultura do Brasil. Nesse sentido, pretendi tornar visível e acessível a eles os diferentes olhares (de nativos e estrangeiros) presentes nos textos discutidos em sala de aula e nos textos produzidos por eles, destacando como os discursos construídos nas práticas discursivas diárias definem social e historicamente os estereótipos de um grupo social no contexto em que vive. (Citação minha, 2013).

Retomando as leituras dos diários, a cada texto lido uma surpresa, pois esse “outro”, estrangeiro, falava de nós, brasileiros/baianos, expondo aspectos culturais que nos passam tão despercebidos. Eu quis compartilhar com todos da turma aquelas produções, aquelas situações vivenciadas e o ponto de vista daqueles alunos. A primeira atitude foi levar alguns textos para serem lidos e discutidos em sala de aula, mas, infelizmente, por conta da carga horária do curso, não foi possível ler mais do que um texto por semana.

Então, tive a ideia de criar o blog *Vivendo no Brasil*, a fim de que todos os alunos da turma, não apenas eu, a professora, pudessem ler os textos produzidos pelos colegas, considerando o que nos diz Geraldi (2006, p. 65) sobre a prática da produção de textos na escola. Para ele, trata-se de uma prática artificial que tem o professor como único leitor desses textos, isso quando os lê. Assim, qual motivação teria o aprendiz “em escrever um texto que não será lido por ninguém ou que será lido apenas por uma pessoa (que por sinal corrigirá o texto e dará nota para ele)?”. Infelizmente, esse fato tem acontecido tanto no ensino de Português como Língua Materna (PLM) quanto no ensino de PLE/L2.

Nesse momento, começo a me preocupar também com o que está sendo dito e a questionar-me: será que aqueles meus alunos do básico I e II escreviam o que - de fato - havia acontecido ou aquilo que gostariam que acontecesse, ou apenas escreviam para cumprir a tarefa? Será que eles viram algum sentido naquelas produções que não fossem apenas a

correção para os usos da modalidade escrita formal e de operadores argumentativos? Acho oportuno expor, para encontramos respostas a essas perguntas, um trecho de um e-mail que uma aluna do básico II me enviou quando ela percebeu que o ritmo da aula estava muito devagar por conta dos diferentes níveis de proficiência dos alunos da turma:

[...] eu gostaria muito de aprender os tempos verbais e depois praticar com umas folhas de exercícios ou algo assim. Sei que você falou que vamos aprender isso mais tarde no semestre, mas para mim seria mais útil aprender isso agora e focar nos pronomes, etc. mais tarde. Eu adoro os diários que fazemos, e especialmente sua maneira de devolver nossos trabalhos para que corrijamos-os. (Aluna do básico II, NUPEL, 2013).

Sem perder de vista todo o conteúdo desse e-mail, interpreto que a aluna adorava os diários sobretudo porque eu apontava os erros lexicais, gramaticais, de ortografia, clareza e coesão cometidos para que fossem corrigidos no processo de reescrita. Logo, as produções desses diários acabavam sendo, sobretudo, um pretexto para a abordagem da modalidade escrita formal e do uso de operadores argumentativos. Isso pode ser demonstrado na minha resposta ao e-mail dela:

[...] Infelizmente, tinham conhecimentos básicos que metade da turma não dominava, e eu precisava abordá-los em sala de aula, pois iriam dificultar mais tarde a aprendizagem de assuntos mais complicados (complexos). Por exemplo, têm alunos que querem estudar o modo subjuntivo, mas é preciso antes disso saber usar o indicativo. Como eu percebo isso? Nas produções dos diários e na produção oral (durante aquela conversa que sempre temos no início da aula). Com os diários busco atender as particularidades dos alunos, já que nem tudo dá para ensinar durante a aula. (Citação minha, 2013).

Para refletir sobre o uso que fiz do blog, reli o artigo que apresentei na comunicação oral, no qual digo que o criei porque gostaria de compartilhar algumas das produções textuais feitas por meus alunos e porque eles demonstraram interesse em compartilhar suas experiências. Revelo ainda que, naquele momento, durante as aulas, havia uma preocupação em: a) motivá-los a enxergar pontos positivos e negativos do Brasil, através do olhar do nativo e do estrangeiro; b) conscientizá-los sobre as causas dos problemas; c) motivá-los a não apenas comparar um lugar a outro, mas enxergar e viver a cultura do Brasil.

No entanto, embora eu tenha dito que passei a me preocupar com dois aspectos – como os alunos dizem e o que eles dizem – avalio que não fui tão culturalmente sensível (MENDES, 2004) com o que eles expressavam nos textos, uma vez que esse uso foi superficial, visto que o utilizei como uma ferramenta para compartilhar textos e para incentivar a produção escrita, deixando de lado as potencialidades dessa tecnologia digital como um ambiente favorável ao ensino de línguas em uma perspectiva culturalmente sensível

à cultura dos sujeitos envolvidos nesse processo, assim, não dei conta de possibilitar que aqueles enunciados se materializassem efetivamente em práticas interculturais.

Acredito que fui incapaz de enxergar ações educativas interculturais que poderiam ter sido mobilizadas a partir daquelas produções textuais. Rayo (2004, p. 69) destaca que:

Hoje em dia, devido aos grandes avanços dos meios de comunicação, aos movimentos migratórios, aos contatos internacionais, ao turismo, à mundialização da economia, e a outros fatores, exige-se uma ação educativa nesta direção. A própria ideia de Europa de povos unidos requer a aceitação do pluralismo cultural e a urgência de ações educativas interculturais.

Candau (2009, p. 170), nesse sentido, afirma que:

[...] a educação intercultural não pode ser reduzida a algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos, nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais. Trata-se de um enfoque global que deve afetar todos os atores e todas as dimensões do processo educativo, assim como os diferentes âmbitos em que ele se desenvolve. No que diz respeito à escola, afeta a seleção curricular, a organização escolar, as linguagens, as práticas didáticas, as atividades extraclasse, o papel do/a professor/a, a relação com a comunidade etc.

Logo, se pretendo promover ações educativas interculturais no ensino de PLE/L2, preciso envolver, por exemplo, a formação de professores PLE/L2.

Nesse período em que atuei como professora em formação do NUPEL, ao analisar os registros que guardo dessa experiência, concluo que a minha prática se ancorava na abordagem comunicativa (Cf. SILVEIRA, 1999) para o ensino de línguas e, portanto, orientada pelas concepções de língua como sistema-em-função (Cf. ANTUNES, 2003) e língua como instrumento de comunicação. No anteprojeto de pesquisa que submeti às Seleções de 2016.1 e 2017.1 do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) do ILUFBA, demonstro uma mudança de perspectiva, pois menciono, pela primeira vez nessa minha trajetória, a Abordagem Intercultural (Cf. MENDES, 2008)¹¹ no lugar da Abordagem Comunicativa¹² e assumo as concepções de língua como lugar de interação (Cf. GERALDI,

¹¹ Mendes (2004) cunhou o termo Abordagem Comunicativa Intercultural (ACIN), em sua tese de doutorado. No entanto, a partir de 2008, a autora revê a denominação de sua teoria, passando a utilizar apenas *Abordagem Intercultural* (AI). Essa atualização da teoria e de sua denominação deveu-se, de acordo com a autora, por considerar que a dimensão intercultural integra a comunicativa. Nesse sentido, se uma abordagem é intercultural em sua essência, conseqüentemente o comunicativo será um dos seus componentes, de modo que a expressão "comunicativa intercultural" representaria uma redundância. O foco da teoria, portanto, não está associada à Abordagem Comunicativa em sua concepção tradicional, mas a uma outra forma de se compreender a dimensão comunicativa dentro da construção da interculturalidade. Segundo Mendes (2012a, p. 364), "em uma abordagem intercultural [...], as experiências de ensinar e aprender uma nova línguacultura devem ser significativas, desenvolvidas dentro de contextos e voltadas para a interação entre os sujeitos participantes do processo de aprendizagem."

¹² Santo (2017, p. 116) questiona o modo como essa abordagem tem sido aplicada em sala de aula, que prepara os alunos para "algumas situações do cotidiano que, talvez, nem sejam relevantes na vida real"(p. 64), e ressalta

1997; MARCUSCHI, 2008; KOCH, 2002; MENDES, 2014) e como ação/prática situada social e culturalmente como orientadoras da pesquisa que pretendo desenvolver no PPGLinC.

Essa mudança de perspectiva, aflorada no mestrado, possibilitou-me perceber o que eu poderia ter feito - como agente da interculturalidade - em sala de aula se eu tivesse prestado mais atenção ao que diziam os meus alunos em suas produções textuais, se eu tivesse tido uma formação acadêmica um pouco menos estruturalista e menos positivista durante a graduação.

Ao relatar essas novas percepções em um seminário¹³ que eu apresentei na disciplina Tópicos em Linguística Aplicada I¹⁴, em 2017.1, a professora Márcia Paraquett¹⁵ fez o seguinte comentário sobre a minha apresentação: “Sara, não se martirize por, naquela época, não ter sido tão culturalmente sensível com seus alunos ou tão intercultural assim! Só o fato de você querer ser já é ótimo”. Ao ouvir isso, assumo que fiquei, naquele momento, bastante aliviada. Afinal, não é comum as pessoas refletirem sobre suas falhas e não serem julgadas negativamente pelo outro. Desde então, este tem sido meu compromisso: compartilhar as produções textuais daqueles alunos dentro e fora da Academia, seja através das tecnologias digitais, seja nas apresentações que tenho feito sobre esta pesquisa. Acredito que assim vou tornando as minhas ações – dentro e fora do espaço da sala de aula - um pouco mais interculturais. Nesse ínterim, busquei refletir sobre os textos produzidos pelos alunos que estão publicados no blog, os quais me mostram temas que poderiam ter sido - e ainda podem e devem – ser discutidos fora e dentro da sala de aula de línguas e que nos possibilitarão promover efetivamente a interculturalidade. Refletir, portanto, sobre esse caminho trilhado possibilita-me compreender um pouco mais a minha prática docente e os passos que me fizeram chegar até aqui.

Nesta seção, pretendi discutir um pouco sobre as minhas reflexões em relação ao uso do blog *Vivendo no Brasil* durante o período em que atuei como professora em formação do NUPEL. Refletir sobre o uso desse ambiente virtual sob uma perspectiva culturalmente

que uma práxis exclusivamente comunicativa pode não dar conta de explicar a dinâmica das relações que se efetuam através do ensino de línguas na contemporaneidade. Consoante a esse autor, também não desconsidero o valor da abordagem comunicativa no ensino de línguas, mas precisamos estar atentos às críticas e aos problemas que ela apresenta.

¹³ O trabalho apresentado na disciplina Tópicos em Linguística Aplicada I teve como título “ O desafio de ser uma professora intercultural”. Nesse trabalho, analisei o artigo que fora apresentado no X CONSIPLE e algumas produções textuais dos meus ex-alunos as quais estão publicadas no blog.

¹⁴ Tópicos em Linguística Aplicada I é uma disciplina optativa cujo objetivo é apresentar os princípios teóricos da Linguística Aplicada e discutir a utilização de seus métodos e técnicas no ensino de L2 (Segunda Língua).

¹⁵ Professora adjunta da UFBA, desenvolve pesquisa e orienta teses/dissertações sobre ensino/aprendizagem de línguas, formação de professores, interculturalidade e políticas de ensino de línguas, em particular referentes ao Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE) no Brasil. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/0816952548853040> .

sensível à cultura dos sujeitos envolvidos no processo de ensino de línguas lançou-me ao desafio de investigar de que modo o blog pode ser um ambiente favorável ao ensino de português como língua estrangeira/segunda língua em perspectiva intercultural e crítica.

1.1.3 Tecnologias digitais no ensino de Português LE/L2: Aproximações e distanciamentos de uma perspectiva de ensino de línguas intercultural e crítica

Sabemos que o interesse em ensinar e aprender línguas via tecnologia digital¹⁶ tem sido crescente e, conseqüentemente, o desenvolvimento e a incorporação de objetos de aprendizagem no ensino de línguas também (SOSA, 2011).

Como discutirei adiante, partindo de um levantamento feito por mim, no segundo semestre de 2018, em quatro fontes distintas¹⁷: nos Anais online dos eventos da SIPLE¹⁸, na Revista Eletrônica da SIPLE, na Revista Platô¹⁹ e no Banco de Dados da Capes, percebe-se que, nos últimos anos, o desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao uso de tecnologias digitais no ensino de PLE/L2 tem sido significativo²⁰. Embora o número de publicações (APÊNDICE A) nos pareça pouco, dentro do universo investigado, como será mostrado no Gráfico 1, é importante consideramos alguns fatos:

- A área de PLE é relativamente nova no panorama da Linguística Aplicada no Brasil²¹;
- Atualmente, apenas 4 universidades oferecem a graduação em PLE, a saber, UNB, UFBA, UNICAMP e UNILA;

¹⁶Considero tecnologias digitais como termo genérico que abarca: Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC), Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação. E outros momentos, uso de modo padrão a denominação português língua estrangeira e segunda língua (PLE/PL2).

¹⁷ Esse levantamento foi realizado durante segundo semestre de 2018.

¹⁸A Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira (SIPLE) foi fundada em 1992. Durante esses 27 anos de existência, tem promovido Congressos e/ou Seminários e/ou Simpósios focalizando temas relacionados ao ensino - aprendizagem de PLE/L2.

¹⁹A Platô – Revista do Instituto Internacional da Língua Portuguesa é um periódico internacional tem formato digital, de acesso público gratuito, a qual é produzida pelo Instituto Internacional da Língua Portuguesa – IILP. Em. Fonte: <http://iilp.cplp.org/plato/>.

²⁰ A escolha por essas fontes deve-se ao fato da SIPLE ser a maior associação de professores de PLE e, portanto, em seus eventos congregar um grande número de pesquisas dessa área; da Platô por ter como proposta registrar os diferentes trabalhos pelo Instituto Internacional da Língua Portuguesa e as discussões teórico-metodológicas que ilustram e dão consistência às políticas linguísticas consensuadas, no espaço multilateral, e atualmente em curso, para o português e, eventualmente, também, para outras línguas que interagem com o português na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e da CAPES por desempenhar um papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) em todos os estados do Brasil.

²¹ (CUNHA, M. J.; SANTOS, P., 1989).

- O curso de PLE, em nível de graduação, na UFRGS está em fase de implementação;
- O Celpe-Bras completou 20 anos de existência em 2018;
- A SIPLE completou 26 anos de existência em 2018;
- Foi, a partir de 1997, por meio do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (PROINFO) que o Ministério da Educação (MEC) busca promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação na rede pública de Ensino Fundamental e Médio.²² Embora o ensino de PLE não aconteça nesses níveis de aprendizagem, é necessário apresentar o contexto brasileiro sobre a implementação de tecnologias digitais no contexto geral educacional.

Diante dessas considerações, outras são necessárias:

- O primeiro evento da SIPLE ocorreu em 1994, ano de registro do primeiro Seminário SIPLE, mas só a partir de 2011 que ela passou a publicar os artigos dos trabalhos apresentados dos seus eventos nos Anais;
- Entre 2010 e 2018, a Revista Eletrônica da SIPLE publicou 9 edições, sendo duas delas Edições Especiais com as seguintes temáticas: “Políticas para o Ensino do Português para Estrangeiros” e “O ensino de português para migrantes em situações de refúgio”;
- Entre 2012 e 2018, a Platô publicou 7 números²³, sendo dois deles²⁴ relacionados às tecnologias digitais, mas somente um deles foi incluído na minha análise, pois seus artigos discutiam sobre tecnologias digitais no ensino de PLE/L2. Os artigos do outro número, de um modo geral, versavam sobre a língua portuguesa na

²² (VERGA, M. A; SILVIA, A. C. M., 2018).

²³ vol. 1, n.º 1 (2012) - A Diversidade Linguística nos Países da CPLP (Colóquio de Maputo); vol. 1, n.º 2 (2012) - A Língua Portuguesa nas Diásporas (Colóquio da Praia); vol. 2, n.º 3 (2013) - A Língua Portuguesa na Internet e no Mundo Digital (Colóquio de Guaramiranga); vol. 2, n.º 4 (2013) - A Língua Portuguesa nas Organizações Internacionais (Colóquio de Luanda); vol. 3, n.º 5 (2014) - O Ensino das Línguas Portuguesa e Chinesa (Colóquio de Macau); vol. 3, n.º 6 (2016) - Políticas Linguísticas na Guiné Equatorial; vol. 4, n.º 7 (2018) - O Portal do Professor de Português Língua Estrangeira / Língua não Materna (PPPPE): Análises e Projeções (número especial).

²⁴ vol. 2, n.º 3 (2013) - A Língua Portuguesa na Internet e no Mundo Digital (Colóquio de Guaramiranga); vol. 4, n.º 7 (2018) - O Portal do Professor de Português Língua Estrangeira / Língua não Materna (PPPPE): Análises e Projeções (número especial).

internet e no mundo digital com enfoque na projeção do português como língua global;²⁵

- O número de Dissertações e Teses sobre o uso de tecnologias digitais no ensino de PLE/L2 na área da LA do Brasil é pouco se comparado a outros temas que fizeram/fazem parte da agenda de investigação dessa área. Isso, portanto, aponta para a carência de pesquisas nesses níveis acadêmicos.

Diante do exposto, busquei outras alternativas a fim de aumentar o quantitativo de trabalhos que exploraríamos aqui, uma delas foi pesquisar os cadernos de resumos dos trabalhos apresentados nos eventos da SIPLE entre 1994 e 2010. No entanto, como nem todos os cadernos estão online, pois era praxe a divulgação de Anais em CD, e considerando que nem todos os trabalhos divulgados em um caderno de resumo podem ter sido apresentados no evento, a validade desses trabalhos poderia ser questionada nesta análise.

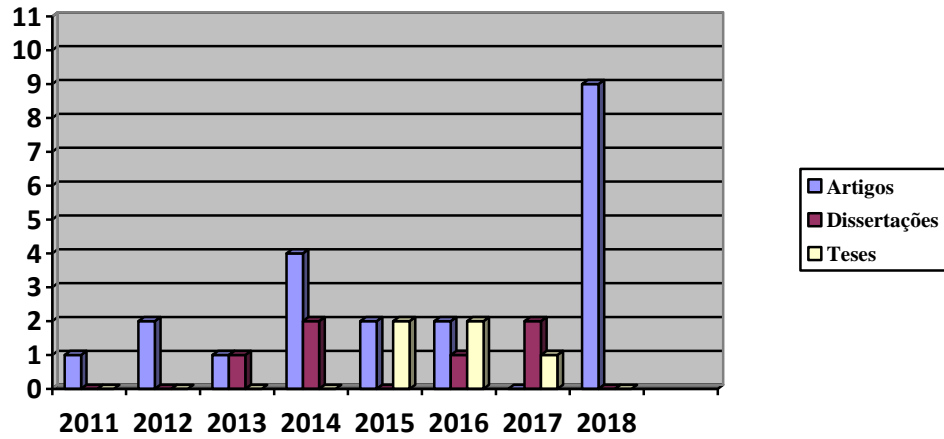
Diante disso, preferi focar apenas nos Anais da SIPLE, porque a leitura do artigo me possibilita ter uma visão mais detalhada do trabalho e, portanto, uma análise mais atenta. Em contrapartida, acho oportuno que as próximas pesquisas busquem ampliar a análise feita a seguir, explorando outras fontes (livros, periódicos ou até mesmo considerando os cadernos de resumo desse evento, entre outras) que estejam relacionados a essa temática, assim, poderemos ter uma visão mais ampla do que se tem pesquisado/desenvolvido acerca disso na área de PLE/L2.

O Gráfico 1, demonstra que dos 32 trabalhos relacionados ao uso de tecnologias digitais no ensino de PLE/L2, 21 são artigos publicados nos Anais ou na Revista Eletrônica da SIPLE; 6 são Dissertações e 5 são Teses.²⁶ Vejamos, a seguir, o Gráfico 1.

²⁵Refiro-me ao número 3, “A Língua Portuguesa na Internet e no Mundo”. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/849067-Plato-Numero-3-Volume-2-Coloquio-de-Guaramiranga-V02/>. Embora esse número não faça parte de nossa análise, apresenta um panorama global de ações que estão em curso sobre a língua portuguesa na rede digital.

²⁶ Todos esses trabalhos estão listados no Apêndice A.

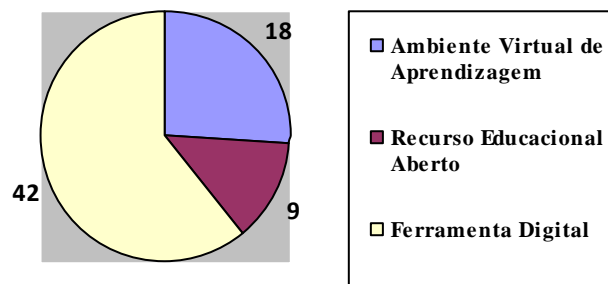
Gráfico 1 – Trabalhos acadêmicos relacionadas ao uso de tecnologias digitais no ensino de PLE/L2



Fonte: elaborado pela autora.

A seguir, o Gráfico 2 apresenta quais são as tecnologias digitais mencionadas nesses trabalhos.

Gráfico 2 – Tecnologias Digitais mencionadas nos trabalhos acadêmicos



Fonte: elaborado pela autora

Classifiquei as tecnologias digitais em 3 categorias, como mostra o gráfico 2: Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), Recurso Educacional Aberto (REA) e Ferramenta Digital (FD). Ao discriminar essas tecnologias temos:

- AVA: Plataformas MOODLE, sites de ensino de PLE, portais pedagógicos, Teletandem²⁷;
- REA: Portal do Professor de Português Língua Estrangeira / Língua não Materna (PPPLE)²⁸;
- FD: fórum/grupo de discussão, redes sociais (Facebook e Twitter), Skype, ferramentas Google (Docs, formulário de inscrição; sites de busca), blogues, Voki²⁹, Mural.ly³⁰, Dipity³¹, RPG MAKER XP³² (jogo online), sites de busca, dicionários online, e-mail; wiki, infopédia³³, chatrooms, factiva³⁴, banco de dados acadêmicos, demais ferramentas disponíveis na plataforma MOODLE.

É preciso destacar que dos 32 trabalhos demonstrados no Gráfico 1, os quais constam no Apêndice A, 28,12% referem-se a trabalhos relacionados ao PPPLE; 31,25% referem-se a trabalhos relacionados ao Teletandem e 34,37% a outras tecnologias digitais. Isso significa dizer que duas tecnologias digitais, sendo elas um AVA e um REA respectivamente, tem motivado potencialmente as pesquisas nessa temática. Feito esse destaque, resta-nos saber com quais finalidades as tecnologias digitais estão sendo incorporadas no ensino de PLE/L2. Isso é o que veremos na próxima seção.

1.1.3.1. Algumas conclusões sobre o uso de Tecnologias Digitais no ensino de Português LE/L2

Ao cruzar as informações apresentadas nos gráficos anteriores com o gráfico a seguir, o qual mostra que o uso da tecnologia digital como um ambiente de interação representa 52% das motivações, deixando as demais motivações (instrumento de avaliação, suporte pedagógico e espaço para leitura e produção textual) abaixo da média, cheguei às seguintes conclusões expostas a seguir.

²⁷ <http://www.teletandembrasil.org/> .

²⁸ O PPPLE é uma plataforma online que tem como objetivo central oferecer à comunidade de professores e interessados em geral, recursos e materiais pedagógicos para o ensino-aprendizagem-avaliação do português como língua estrangeira. Fonte: <http://www.ppple.org/> .

²⁹ <https://www.voki.com/> .

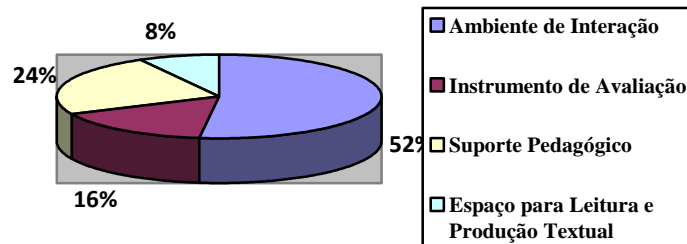
³⁰ <https://mural.co/> .

³¹ <https://www.drupal.org/project/dipity> .

³² <http://www.rpgmakerweb.com/products/programs/rpg-maker-xp> .

³³ <https://www.infopedia.pt/> .

³⁴ <http://www.dowjones.com/factiva/> .

Gráfico 3 – Motivação de uso das TD mencionadas nos trabalhos acadêmicos

Fonte: elaborado pela autora

O principal fator que leva professores a incorporarem as tecnologias digitais em suas aulas é a escolha por ferramentas digitais que possibilitem a interação online entre os alunos e entre alunos e professor. Assim, os fóruns, por exemplo, são vistos como um espaço de aprendizagem de PLE/L2 para além da sala de aula. Nele o aluno tem a oportunidade de expor as suas opiniões e experiências com outros interlocutores que não somente o professor. No entanto, os trabalhos que tratam desse aspecto enfatizam que se há, por um lado, uma preocupação recorrente em promover espaços online de interação; por outro, como pontuado em um dos artigos³⁵, o professor assume o papel de moderador, ou seja, nesses espaços, ao invés de mediar a interação entre os aprendizes e interagir com os enunciados dos alunos, ele utiliza aquele espaço, na maioria das vezes, para correção de aspectos linguísticos e incentivar a interação entre os aprendizes (TAVARES, 2012).

Em relação aos AVA, a principal motivação para o desenvolvimento e/ou uso desses ambientes se dá pela escassez de materiais didáticos de PLE/L2 que proporcionem uma aprendizagem significativa, com materiais autênticos que fomentem a conhecimentos culturais e pragmáticos dos alunos. Cabe citar os dois trabalhos publicados nos Anais da SIPLE³⁶, Água-Mel (2013) e Weiqizhang (2012), que apresentam o contexto de ensino de PLE na China, “onde a falta de materiais didáticos e de um ambiente linguístico propício ao uso da língua são absolutamente gritantes”(Água-Mel, 2013). No entanto, uma das críticas recorrentes nos artigos que discutem sobre os AVA é a de que existem portais, por exemplo,

³⁵ Artigo “As estratégias de interação na aprendizagem de PLE online”, publicado nos Anais da SIPLE. Ver Apêndice A.

³⁶ Artigos “Uso de Recursos Eletrônicos no Ensino de PLE” e “Recursos Digitais para o Ensino de Português na China”, publicados nos Anais da SIPLE. Ver Apêndice A.

que oferecem cursos online sem nenhuma interatividade, o estudante depara-se com exercícios tradicionais de escolha múltipla ou preenchimento de espaços, materiais digitais para serem descarregados, bem como, o uso pelos professores da informação disponível online para melhorar, diversificar, tornar as aulas tradicionais mais dinâmicas, mas, na prática, a participação dos estudantes continua reduzida a um tipo de interação bidirecional entre o professor que faz uma pergunta e um aluno que responde.

No que se diz respeito aos REA, o PPPLE além de suprir a escassez de materiais didáticos, orientou o desenvolvimento de um AVA de português para falantes de outras línguas em formato de um jogo online, utilizando o RPG Maker XP.

A partir de atividades colaborativas, da imensa variedade de textos multimodais que circulam na internet e de novas práticas de produção textual que internet possibilita, o uso das tecnologias digitais pode ser positivo para o ensino de produção textual, mas é necessário criar estratégias e critérios para uma utilização apropriada destas tecnologias, buscando que essa incorporação, na prática, seja significativa, não apenas como um instrumento de avaliação e/ou um espaço de leitura e produção textual com pouca interação, como mostra o gráfico 3.³⁷

É importante destacar também o pequeno número de Teses e Dissertações relacionadas ao uso de tecnologias digitais no ensino de PLE/L2. Ao pesquisar no Banco de Dados da Capes³⁸ usando somente as palavras-chave “tecnologia digital; tecnologias digitais; novas tecnologias de informação e comunicação; português como língua estrangeira/segunda língua”, o número de trabalhos foi alto, entretanto, ao marcamos o filtro “Área de Concentração – Linguística Aplicada”, esse número caiu exponencialmente. Isso aponta para a carência de pesquisas nesses níveis acadêmicos sobre essa temática na área da Linguística Aplicada.

³⁷ Artigo “O Texto no Português como Língua Estrangeira (PLE): Entre Blogs e Redes Sociais.”. Ver Apêndice A.

³⁸ A pesquisa no Banco de Dados da Capes deu-se da seguinte forma: A primeira busca teve como palavra-chave “tecnologia digital” e área de concentração “Linguística Aplicada”. Dos 88 trabalhos encontrados, foram selecionados apenas aqueles que apresentavam no título ou no resumo menção ao PLE/L2. A segunda busca teve como palavra-chave “tecnologias digitais” e área de concentração “Linguística Aplicada”. Dos 55 trabalhos encontrados, foram selecionados apenas aqueles que apresentavam no título ou no resumo menção ao PLE/L2. A terceira busca teve como palavra-chave “novas tecnologias de informação e comunicação” e área de concentração “Linguística Aplicada”. Dos 508 trabalhos encontrados, foram selecionados apenas aqueles que apresentavam no título ou no resumo menção ao PLE/L2. A quarta busca teve como palavra-chave “português como língua estrangeira/ segunda língua” e área de concentração “Linguística Aplicada”. Dos 805 trabalhos encontrados, foram selecionados apenas aqueles que apresentavam no título ou no resumo menção a “tecnologia(s) digital(is), novas tecnologias de informação e comunicação”.

Embora pareça, em uma primeira análise, que o número de trabalhos publicados dentro da temática aqui discutida não seja expressivo devido as poucas publicações nesses últimos 9 anos, como discuti no parágrafo anterior e como mostra o Gráfico 1, vale notar que a Platô publicou, entre 2012 e 2018, 7 números³⁹, sendo dois deles⁴⁰ relacionados a língua portuguesa na internet e no mundo digital. Apesar de um desses números não ter sido considerado para essa análise, como explicado anteriormente, esses dois números apresentam projetos, pesquisas e discussões que contemplam a situação da língua portuguesa na rede digital e a implementação de REA de português para falantes de outras línguas, neste caso o PPPLE. Essa revista tem sido, até aqui, a amostra mais expressiva e significativa, pois nos apresenta esse panorama global de ações que envolvem essa temática. Assim, por um lado, temos o número 3 reunindo alguns dos tópicos debatidos, por especialistas e gestores de várias partes do mundo, no “III Colóquio – A Língua Portuguesa na Internet e no Mundo Digital”; por outro lado, o número 7 apresenta uma edição especial que reúne:

[...] artigos que registram a memória do processo de criação desse relevante projeto⁴¹, bem como dados sobre o seu aprimoramento e planejamento futuros. Além disso, apresenta os resultados de algumas pesquisas já desenvolvidas sobre o PPPLE, a partir da experiência de utilização de seus materiais e recursos, por professores, pesquisadores e alunos. Aqui, portanto, serão analisados diferentes aspectos relativos ao Portal, tanto do ponto de vista de sua concepção teórica e metodológica, bem como do seu funcionamento. (MENDES, E; FURTOSO, V.B., 2018, p.6).

Diante disso, esses dois números atestam o crescente interesse não apenas de professores de PLE/L2, como também de especialistas e gestores, em desenvolver AVA e REA que contribuam com a promoção, difusão e projeção do português no mundo. O PPPLE oferece à comunidade de professores e aos interessados em geral recursos e materiais para o ensino e a aprendizagem do português como língua estrangeira / língua não materna, carência bastante demonstrada nos artigos apresentados nos anais e na revista eletrônica da SIPLE, como discutimos anteriormente.

³⁹ Vol. 1, n.º 1 (2012) - A Diversidade Linguística nos Países da CPLP (Colóquio de Maputo); vol. 1, n.º 2 (2012) - A Língua Portuguesa nas Diásporas (Colóquio da Praia); vol. 2, n.º 3 (2013) - A Língua Portuguesa na Internet e no Mundo Digital (Colóquio de Guaramiranga); vol. 2, n.º 4 (2013) - A Língua Portuguesa nas Organizações Internacionais (Colóquio de Luanda); vol. 3, n.º 5 (2014) - O Ensino das Línguas Portuguesa e Chinesa (Colóquio de Macau); vol. 3, n.º 6 (2016) - Políticas Linguísticas na Guiné Equatorial; vol. 4, n.º 7 (2018) - O Portal do Professor de Português Língua Estrangeira / Língua não Materna (PPPLE): Análises e Projeções (número especial).

⁴⁰ Vol. 2, n.º 3 (2013) - A Língua Portuguesa na Internet e no Mundo Digital (Colóquio de Guaramiranga); vol. 4, n.º 7 (2018) - O Portal do Professor de Português Língua Estrangeira / Língua não Materna (PPPLE): Análises e Projeções (número especial).

⁴¹ Portal do Professor de Português Língua Estrangeira/Língua Não Materna (PPPLE). Link: <http://www.ppple.org/>.

Esses dados permitem-nos enxergar que o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas relacionados ao uso de tecnologias do ensino de PLE/L2 ainda que não seja expressivo é significativo, pois os trabalhos publicados na Revista Platô mostram-nos projetos, pesquisas e discussões que atestam o crescente interesse nas tecnologias digitais, na área de português de modo geral, por professores, especialistas e gestores de várias partes do mundo.

1.1.3.2 Teletandem e Portal do Professor de Português Língua Estrangeira /Língua Não-Materna

A pesquisa de dados feito na Revista Platô e no Banco de Dados da Capes me permitiu enxergar duas tecnologias digitais que se destacam na área de PLE/L2: Teletandem⁴² e Portal do Professor de Português Língua Estrangeira/Língua Não-Materna. Como adiantei anteriormente, dos 32 trabalhos demonstrados no Gráfico 1, os quais constam no Apêndice A, 28,12% referem-se a trabalhos relacionados ao PPPLE; 31,25% referem-se a trabalhos relacionados ao Teletandem e 34,37% a outras tecnologias digitais.

Podemos inferir que, por um lado, o desenvolvimento de AVA e REA tem estimulado a produção de artigos científicos, dissertações e teses na área da Linguística Aplicada, por outro, quando se trata de experiências individuais de professores de PLE/L2 com o uso de ferramentas digitais, a produção científica desses trabalhos não tem se destacado na área da LA. São, portanto, ações coletivas de desenvolvimento de AVA e REA que têm motivado potencialmente os trabalhos científicos nessa temática.

Essa pesquisa restringiu-se a investigar as produções científicas, ou seja, as pesquisas e discussões acadêmicas sobre as TD na área de PLE, visto que há muitos recursos utilizados na área que poderiam ser destacados, mas não foi esse o meu foco.

Tecnologias Digitais como o Teletandem e o PPPLE têm motivado pesquisadores a investigarem esse cenário virtual de ensino e aprendizagem de línguas e esse portal online, que disponibiliza recursos e materiais para o ensino e aprendizagem do português como língua estrangeira/segunda língua respectivamente. Rodrigues (2013), ao referir-se ao Teletandem, diz que o processo de aprendizagem de línguas em Teletandem tem sido bastante

⁴² Segundo Costa (2015), Teletandem é um contexto telecolaborativo de aprendizagem que envolve dois falantes de duas línguas diferentes, ajudando um ao outro a aprender a sua língua nativa ou de proficiência, por meio do Skype ou Google Hangouts, que busca promover o contato intercultural e linguístico entre pessoas de diferentes países.

explorado e estudado. A pesquisadora apresenta alguns temas que têm sido tratados no âmbito desse projeto:

[...] crenças (BEDRAN, 2008; MESQUITA, 2008; MENDES, 2009), estratégias de aprendizagem e de comunicação (SILVA, 2008), mediação (SALOMÃO, 2008), características da interação (SANTOS, 2008), autonomia (LUZ, 2009), autoavaliação (CAVALARI, 2009), ensino do português como LE (BROCCO, 2009), formação de professores pré-serviço (KANEIYA, 2008; CANDIDO, 2010) e formação continuada (FUNO, 2011), acordo e negociação entre os pares (GARCIA, 2010) e relações de poder (VASSALLO, 2010), com exceção de Mendes (2009), outros foram os prismas senão o cultural, ainda que em muitos momentos houvesse menção à cultura e às identidades linguístico-culturais dos participantes investigados. [...] (RODRIGUES, 2013, p. 18)

Essa variedade de temas explorada por esses pesquisadores vai além daquelas que foram levantadas nos artigos publicados nos anais e na revista eletrônica da SIPLE que tratavam, sobretudo, de recursos tecnológicos para estimular a expressão escrita e possibilitar a interação com o meio social. As Teses e Dissertações selecionadas no Banco de Dados da Capes demonstram, portanto, que os pesquisadores estão discutindo a inclusão dessas tecnologias a partir de outras perspectivas. Uma delas é a perspectiva intercultural, que aparece no título de uma Tese, de uma dissertação, de um dos artigos apresentados nos anais da SIPLE e, sobretudo, no número especial da revista Platô “O Portal do Professor de Português Língua Estrangeira / Língua não Materna (PPPLE): Análises e Projeções”, já que é uma perspectiva intercultural que tem orientado o desenvolvimento da produção de materiais e recursos didáticos do PPPLE.

Concordo que a incorporação das tecnologias na prática educativa, especialmente no ensino de línguas, deve ir “além daquilo que as ferramentas/dispositivos podem oferecer em termos tecnológicos”. (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007. Apud TANZI NETO et al., 2013, p. 139.) Para estes autores, as “interações devem ser observadas e analisadas também do ponto de vista de uma nova ética em relação à construção de valores, sentidos, normas e procedimentos de conduta”. Sobre isso, é importante que mais pesquisas sejam desenvolvidas para que possamos problematizar e discutir esse aspecto que ainda se revela uma carência nas práticas que são desenvolvidas em sala de aula: o domínio da tecnologia como ferramenta pedagógica em uma perspectiva culturalmente sensível à cultura dos sujeitos envolvidos nesse processo.

1.1.3.4 Perspectiva Intercultural X Tecnologias Digitais

Nesta seção, discuto sobre o uso de tecnologias digitais no ensino de PLE/L2 em uma perspectiva intercultural a partir do diálogo com os trabalhos publicados na área da LA. Para tanto, selecionei os quatro trabalhos que mencionam a palavra “interculturalidade” no título ou no resumo⁴³. Meu objetivo é expor como esses autores acionam a perspectiva intercultural às tecnologias digitais.

De início, é interessante destacar que:

[...] novas iniciativas vêm sendo adotadas em várias partes do mundo no intuito de estabelecer perspectivas interculturais de ensino. Essa onda de iniciativas tomou força principalmente após os processos de descolonização e internacionalização das migrações que passaram a desafiar os próprios fundamentos da vida em sociedade e também da escola como a questão da igualdade, o respeito às diferenças e o direito à identidade cultural. (SANTO, 2017, p. 26)

Em se tratando do ensino de PLE/L2, como essas novas iniciativas estão utilizando as tecnologias digitais para promover um diálogo intercultural, o qual possibilite que questões como as apontadas por Santo (2017) não sejam silenciadas em nossas salas de aulas?

Na tentativa de responder a essa questão, o primeiro estudo a ser focalizado é o de Rodrigues (2013), pois trata-se de uma pesquisa que se propôs a “investigar de que maneira os componentes linguístico e cultural foram manejados pelos aprendizes inseridos no contexto telecolaborativo de aprendizagem de línguas estrangeiras, Teletandem, a fim de promoverem a coconstrução da competência intercultural durante as interações no referido contexto”.

A autora pontua que a base para incentivar o prazer da interação intercultural é a busca por um ambiente telecolaborativo confortável para o desenvolvimento das interações. No caso dos participantes da pesquisa, Rodrigues destaca que eles realmente buscaram e conseguiram construir um ambiente harmônico e agradável para aprender e que é necessário “reconhecer a extraordinária potencialidade instrutiva e formadora que oferece a revolução eletrônica, uma vez que permite a comunicação intercultural e provoca o descentramento dos indivíduos e dos grupos de seus próprios e limitados contextos culturais”.

Nota-se que o estudo em questão reconhece que esse contexto de ensino de línguas, Teletandem, permite a comunicação intercultural, mas essa se deu porque um dos sujeitos envolvidos nesse processo “adota uma postura ativa em relação ao aprendizado” do português, contrapondo-se a postura ingênua do outro participante que trata, por exemplo, de

⁴³ Os trabalhos mencionados podem ser identificados no Apêndice A pelos números: 5, 12, 19, 24, 32.

maneira simplista os fatos históricos e políticos dos dois países em interação (Brasil e Uruguai), evidenciados na interação.

Embora Rodrigues, no seu trabalho, discuta sobre a “coconstrução da competência intercultural dos aprendizes”, avalio que a visão de interculturalidade evidenciada na análise dos dados é meio superficial, pois é compreendida como uma oportunidade de “ser cordial”. Os dados analisados demonstram que o participante menos experiente foi um receptor de informações culturais, que foram transmitidas pelo participante mais ativo. Este, partindo do seu conhecimento histórico e da sua perspectiva uruguaia, criou “oportunidades de reflexão e construção de conhecimento”, por meio de “atitudes ponderadas e cuidadosas” em um ambiente sem conflitos, confortável, harmônico, agradável para aprender.

Mendes (2011) defende que:

aprender línguas sob a orientação de uma abordagem que se pretende comunicativa e intercultural, de modo a promover experiências de vida em diferentes culturas, significa contribuir para a criação dessas zonas fronteiriças, desses espaços “inter”, “entre” ou os entrelugares, “terceiros lugares”. (MENDES, 2011, p. 142).

A autora destaca que esse “terceiro lugar”, mencionando Bhabha (1998), é marcado “pela tensão constante entre sujeitos-mudos diferentes e que, como todo ambiente de produção e troca de significados, alimenta-se e reestrutura-se a partir dessa própria tensão-negociação-troca”.

Ainda nesse mesmo contexto, Teletandem, Costa (2015), em sua Tese, buscou responder “como a comunicação e a negociação intercultural, sob os aspectos da performatividade, emergem e se apresentam no ensino/aprendizagem dos telecolaboradores universitários do Brasil e dos Estados Unidos”. Segundo a autora, o espaço do Teletandem parece ser “um espaço que tanto propicia a desconstrução de ideias sedimentadas, como também a produção de generalizações e ideias sedimentadas”, este seria um dos elementos mais desafiantes para aqueles que pesquisam a aprendizagem de línguas estrangeiras, mediada por tecnologia, destaca Costa.

Costa (2015, p. 84) também argumenta que:

[...] em um terceiro espaço de comunicação intercultural (BHABHA, 1994), há um jogo de ideias sedimentadas pelas convenções, pode haver quebra de expectativas, alternância de poder e os posicionamentos do sujeito locutor ou interlocutor podem estar em posições fluidas e produzirem resultados variados, uma vez que os sujeitos em interação são de culturas diferentes, com discursos multifacetados”. (COSTA, 2015, p. 84).

A autora, como mostro a seguir, ao analisar os dados da sua pesquisa, deixa ainda mais claro a sua visão de interculturalidade e a forma como ela pode ser construída:

[...] o interagente cubano-americano conclui que a capoeira, com vários grupos na cidade americana e também na universidade, é mais popular lá do que no interior de São Paulo. A aprendizagem cultural sobre o Brasil com sua diversidade e contrastes vai se estreitando e ficando mais complexa. Esse diálogo e essa aprendizagem intercultural entre os parceiros de teletandem enriquecem o processo de aprender, é algo colaborativo, pois, ao mesmo tempo em que Luzia percebe a construção de Lino sobre a equivocada relação entre capoeira e identidade nacional, por sua vez, Lino desconstrói e reconstrói esta mesma relação. [...] (COSTA, 2015, p. 120).

Os estudos de Rodrigues (2013) e Costa (2015) apontam para um paradoxo: ao mesmo tempo que o Teletandem pode ser um espaço que permite a comunicação/interação intercultural, propiciando a desconstrução de ideias sedimentadas, pode também ser um espaço de generalizações e ideias sedimentadas. Isso vem ao encontro da perspectiva que aqui defendo, pois compreendo que os ambientes podem se tornar interculturais quando há lugar para o conflito de ideias, identidades, culturas, crenças. Um ambiente, online ou não, que se pretende intercultural é um lugar para reflexão, negociação, compreensão, é um espaço em que sujeitos/mundo culturais diferentes não só interagem, mas também dialogam e (re)constróem seus mundos, suas crenças e identidades (MENDES, 2011).

Leduc (2015), em seu artigo, apresenta uma proposta didática de caráter intercultural e que traduz as necessidades atuais do público-alvo de Português de Negócios. A autora chama a atenção para o potencial que existe dos cursos e-learning de Português de Negócios, como também para a importância do desenvolvimento da competência intercultural. A partir de uma análise de cursos de PLE disponíveis de forma gratuita na Internet, ela procurou caracterizar a situação do ensino de Português de Negócios online e, por fim, esboçou uma proposta didática online com base nos resultados provenientes dessa análise. Essa proposta, de acordo com a perspectiva que defendo, ao invés de contribuir com um diálogo intercultural, poderá incentivar a perpetuação de estereótipos, causando preconceitos e generalizações aos indivíduos, uma vez que visa desenvolver a competência intercultural do aluno com o foco nos cuidados que se deve ter ao se relacionar profissionalmente com pessoas de culturas diferente de forma a não afetar as oportunidades de negócio. Não estão claros nessa proposta comandos que possibilitem ao aprendiz a uma compreensão crítica dos modos de ser e viver do outro, o que permitiria, portanto, compreender essas diferenças culturais não para apenas aplicar uma “competência intercultural” nas reuniões de negócios nas suas respectivas áreas

de trabalho, mas para agir no mundo. Sobre materiais didáticos em uma perspectiva intercultural, Santo (2017, p. 69-70) argumenta que eles:

são apenas um dos elementos que contribuem para o desenvolvimento de ações interculturais, e funcionarão, de forma mais satisfatória, como ponte entre culturas, se o contexto de ensino estiver em consonância com esse propósito. Nesse contexto, o sucesso da implementação de materiais didáticos vai depender, principalmente, da relação que tanto professor e aluno desenvolvem com eles.

Logo, a interculturalidade não reside no material didático em si, como nos faz entender Leduc (2015), mas sim nas práticas que professores e alunos desenvolvem com e entre eles. (SANTO, 2017, p. 70). No caso dos participantes da pesquisa de Rodrigues (2013), uma uruguaia e um brasileiro, observo que ao apresentarem curiosidade e abertura pelo novo, pelo diferente possibilitou que eles construíssem um ambiente propício para um diálogo intercultural. No entanto, o “terceiro lugar” não foi construído, uma vez que na interação não há marcas constantes de tensão ou conflito entre sujeitos-mundos diferentes (MENDES, 2011, p. 142).

Por fim, os artigos publicados no número especial da Revista Platô apresentam, de um modo geral, conforme descrito no portal, o PPPLÉ como “um espaço de diálogo entre os diferentes países de língua portuguesa e suas variedades socioculturais de uso”. Assim, a ação do PPPLÉ em disponibilizar recursos e materiais gratuitos para professores de diferentes partes do mundo, mostra-nos que, através das experiências de uso da língua, é possível (ou não) a construção de ambientes interculturais de aprendizagem, nos quais o processo de aprendizagem-ensino-avaliação constrói-se no diálogo e na produção partilhada de conhecimentos.

1.2 PERGUNTAS DE PESQUISA

Partindo do que foi discutido até aqui, eis o problema que conduz esta pesquisa: de que modo o blog pode ser um ambiente favorável ao ensino de português como língua estrangeira/segunda língua em uma perspectiva intercultural e crítica? Para tanto, para que possamos direcionar essa discussão, o problema se desdobra nas seguintes perguntas de pesquisa:

- i. Que potenciais apresentam o blog como um ambiente favorável ao ensino de PLE/L2 em uma perspectiva culturalmente sensível à cultura dos sujeitos envolvidos nesse processo?
- ii. De que modo os professores inseridos no contexto desta pesquisa podem utilizar o blog como um ambiente favorável ao ensino de PLE/L2 em uma perspectiva intercultural e crítica?
- iii. O uso do blog, em uma perspectiva intercultural e crítica, pode contribuir também para a formação do professor mais reflexivo, mais sensível às práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, assim como contribuiu e contribui para a minha formação como professora?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

- ✓ Propor o blog como um ambiente favorável ao ensino de PLE/PL2 em perspectiva intercultural e crítica.

1.3.2 Objetivos Específicos:

- ✓ Desenvolver um conjunto de atividades que potencializem o uso do blog como um ambiente favorável ao ensino de PLE/L2 em uma perspectiva culturalmente sensível à cultura dos sujeitos envolvidos nesse processo;
- ✓ Apontar vantagens e perspectivas de uso do blog como um ambiente favorável ao ensino de PLE/PL2 em uma perspectiva intercultural e crítica.
- ✓ Discutir como o uso do blog, em uma perspectiva intercultural e crítica, pode contribuir também para a formação do professor mais reflexivo, mais sensível às práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, assim como contribuiu e contribui para a minha formação como professora.

1.4 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

O Conselho de Ética da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia aprovou o projeto desta pesquisa sob o parecer de número 2.688.137. Alguns dos documentos exigidos pelo Conselho para que o projeto fosse aprovado foram: a autorização das instituições, nas quais seriam realizadas a geração dos dados, por meio do Termo de Autorização da Instituição Coparticipante (APÊNDICE B) e a autorização dos participantes da pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICES C e D).

No Termo de Autorização da Instituição Participante, o responsável pela instituição declara estar ciente das Normas e Resoluções que norteiam a prática de pesquisa envolvendo seres humanos, em especial a Resolução CNS 466/12, e das responsabilidades e compromissos como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa. Essa autorização foi assinada pelo Coordenador Acadêmico do Programa Especial de Monitoria de Português como Língua Estrangeira –PROEMPLE –, do Programa de Proficiência em Língua Estrangeira para Estudantes e Servidores da UFBA (PROFICI) e pela Coordenadora Geral do Núcleo Permanente de extensão em Letras (NUPEL). No TCLE, informo sobre a natureza, os objetivos da pesquisa, bem como as condições e responsabilidades dos participantes da pesquisa. Cientes dessas informações, os participantes assinaram o referido Termo autorizando a sua participação.

1.5 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Este trabalho está organizado em três capítulos, além das considerações finais, referências, anexos e apêndices.

No primeiro capítulo, *Da prática à teoria: uma experiência de ensino de português LE/L2 que se transformou em um projeto de pesquisa*, procuro apresentar o caminho percorrido até aqui, buscando não apenas ressignificá-lo, mas também, através dessas linhas, possibilitar um diálogo, no qual professores em formação e professores formadores reflitam sobre as concepções que tem orientado a sua prática docente. Ainda reflito sobre o uso de tecnologias digitais no ensino de português LE/L2 em uma perspectiva intercultural a partir de trabalhos publicados na área da Linguística Aplicada e apresento as perguntas motivadoras que delinearão todo o estudo.

No segundo capítulo, *Um caminho com atalhos: diálogos sobre o percurso teórico-metodológico e o contexto da pesquisa*, não apenas descrevo os aspectos teórico-metodológicos utilizados para a geração e a análise dos dados e os participantes da pesquisa, mas também apresento relatos dos participantes desta pesquisa sobre os cenários nos quais eles estão incluídos, para melhor descrevê-los.

No terceiro capítulo, *Entrelaçando os fios da pesquisa: formação de professores de português LE/L2 e o uso do blog em uma perspectiva intercultural e crítica*, inicialmente, analiso os dados gerados das entrevistas, das anotações no diário de campo e dos relatórios de estágio, a partir destas três categorias: (1) Desafios para a formação de professores de PLE/L2 na UFBA; (2) Tecnologias digitais nas aulas de PLE/L2: aproximações e distanciamentos de uma perspectiva de ensino de PLE/L2 intercultural e crítica; e (3) O blog como um ambiente favorável ao ensino de PLE/L2 em uma perspectiva intercultural e crítica.

Essas categorias emergiram das perguntas de pesquisa e da confluência das informações encontradas na tabulação dos dados. Ressalto que ao discutir a primeira categoria, adentro em aspectos relacionados à orientação (ou ausência de orientação) que os professores em formação recebem, ao planejamento e à abordagem utilizada pelos professores em formação, ao tratamento dado pelos professores em formação às produções dos alunos e à avaliação que os professores em formação fazem de sua prática e de sua formação.

Adiante, volto a refletir o uso das tecnologias digitais no ensino de português LE/L2 na tentativa de, a partir dos dados gerados, apresentar aproximações e distanciamentos de uma perspectiva culturalmente sensível e, em seguida, apresento o blog *Falando Português* e um conjunto de atividades para discutir o uso do blog como um ambiente favorável ao ensino de português LE/L2 em perspectiva intercultural e crítica.

Nas considerações finais, *Não podemos parar, pois ainda há muito o que fazer*, apresento comentários acerca das perguntas que conduziram esta investigação com o propósito de tentar respondê-las e, assim, sintetizar os resultados gerados oriundos da análise dos dados. Bem como, as principais contribuições desta pesquisa para a formação de professores de PLE/L2 culturalmente sensíveis.

Em todos os capítulos desta dissertação, teoria e prática estão entrelaçadas, pois compreendemos que são faces da mesma moeda, ou seja, uma não existe sem a outra (FREIRE, 1989).

2. UM CAMINHO COM ATALHOS: DIÁLOGOS SOBRE O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO E O CONTEXTO DA PESQUISA

2.1 ENFOQUE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Esta pesquisa se propôs a investigar de que modo o blog pode ser um ambiente favorável ao ensino de PLE/L2 em uma perspectiva intercultural e crítica. A escolha dos instrumentos e procedimentos levou em consideração, inicialmente, a natureza desta investigação e os desafios que poderíamos encontrar durante o período de geração e análise dos dados, os quais, em sua maioria, puderam ser antecipados por causa da minha experiência com o uso do blog no ensino de PLE. Isto vem ao encontro do que nos diz Mendes (2004, p. 21):

O pesquisador, ao predispor-se a estudar um determinado recorte da realidade, como é o estudo de uma classe de alunos de português como segunda língua, deve ter em mente a complexidade de aspectos que estão em jogo e também as dificuldades que irá enfrentar para dar conta desta realidade. Ele também deve estar apto para eleger o arcabouço teórico mais adequado à consecução desta tarefa, o qual forneça os procedimentos e instrumentos adequados de observação e análise que permitam, além da geração e apreensão de dados, a realização de uma adequada interpretação do fenômeno estudado.

Nesse sentido, precisei em um primeiro momento resgatar registros⁴⁴ que guardo do período em que atuei como professora em formação no NUPEL para identificar quais concepções de língua orientaram a minha prática e de que forma utilizei o blog *Vivendo no Brasil* naquela experiência⁴⁵. Esses registros que aqui surgem como recortes autoetnográficos demonstram, portanto, a reflexividade no objeto pesquisado.

Segundo Adams; Jones; Ellis (2015 apud BENETTI, 2017, p.152), a autoetnografia é definida como:

um método de pesquisa que: 1) utiliza a experiência pessoal do pesquisador para descrever e criticar crenças culturais, práticas, e experiências; 2) reconhece e valoriza as relações do pesquisador com os outros; 3) utiliza uma profunda e cuidadosa autorreflexão – habitualmente referida como “reflexividade” – para nomear e interrogar as intersecções entre o eu e a sociedade, o particular e o geral, o pessoal e o político; 4) mostra “pessoas no processo de descoberta sobre o que fazer, como viver, e o significado de suas lutas”; 5) equilibra o rigor intelectual e metodológico, emoção, e criatividade; [e] 6) busca por justiça social e por uma vida melhor. (ADAMS; JONES; ELLIS, 2015: 1-2, tradução do autor).

⁴⁴ Considero como registro e-mails, um artigo apresentado em um congresso, algumas apostilas e produções escritas dos meus ex-alunos e um blog *Vivendo no Brasil*. Discorro com mais detalhes no Capítulo 1.

⁴⁵ Ler Capítulo 1 desta dissertação.

Neste estudo, sou parte do objeto de estudo e vejo-me refletida nele constantemente. Não seria ético analisar e falar sobre as concepções que tem orientado a atuação docentes dos participantes desta pesquisa e propor o uso de uma ferramenta digital como ambiente favorável ao ensino de PLE/L2 na perspectiva que defendo sem me colocar também nesta análise.

Sendo assim, os recortes autoetnográficos emanados aqui estão entrelaçados com “reflexividade, sentimentos, pensamentos, práticas do pesquisador”, e descrevem a minha experiência e as variações de sentido com o objeto investigado (BENNETI, 2017, p. 155).

Esta é uma pesquisa qualitativa porque incide nela a análise do fenômeno em tela para que este seja apreendido em sua complexidade, almeja-se que as subjetividades dos participantes sejam interpretadas através de uma relação dialógica com todos os envolvidos na investigação e da observação dos elementos que a integram e das relações sociais e históricas que são estabelecidas. (PESCE; ABREU, 2013, p. 22). Consoante a isso, parto de perguntas de pesquisa, não de hipóteses⁴⁶, as quais, inicialmente, se basearam em minhas experiências em sala de aula e leituras sobre a temática (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 50), e aproximo-me do fenômeno, valendo-me de instrumentos e procedimentos etnográficos que me possibilitam compreendê-lo melhor, ou seja, debruço-me no objeto de estudo, aproximando-me do cenário, dos participantes, fazendo uso de um conjunto de práticas metodológicas, a fim de compreendê-lo, interpretá-lo. (DENZIN E LINCOLN, 2006, p. 20-22).

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, Bortoni-Ricardo (2008, p. 50) complementa que “não há uma divisão rígida entre as fases iniciais de planejamento e observação e as fases seguintes em que os registros coletados⁴⁷ serão objeto de reflexão e análise”. Desse modo, compreendi que todas as etapas desta investigação se retroalimentariam e que, portanto, para gerar mais dados em relação a alguma dimensão do fenômeno investigado, como pesquisadora qualitativa poderia, a qualquer momento, modificar as perguntas de pesquisa, os procedimentos, os instrumentos e retornar ao campo se fosse preciso. (BORTONI-RICARDO, p. 50). Ao referir-se a tal assunto, Erickson (1981, apud CANÇADO, 1994, p.56) argumenta que o corpus da pesquisa qualitativa é obtido de dois modos: olhando e perguntando. Dessa

⁴⁶ A Fenomenologia é uma das bases filosóficas da pesquisa qualitativa e, diferentemente das pesquisas positivistas, “não lida com o conceito de hipóteses (que devem ser verificadas), mas sim com o conceito de suposições (que devem ser respondidas, com bases na análise dos relatos dos sujeitos)”. (PESCE e ABREU, 2013, p. 23). Entretanto, isso não é apenas da fenomenologia, mas de toda pesquisa qualitativa em essência.

⁴⁷ Prefiro a expressão geração de dados por entender que, na evolução do processo investigativo qualitativo, os registros são gerados na interação do pesquisador com o contexto da pesquisa e transformados em dados para serem analisados.

maneira, segundo PESCE e ABREU (2013, p. 23), o pesquisador qualitativo busca “ir além das aparências e se aproximar, tanto quanto possível, da essência do fenômeno”. Assim, a:

compreensão do fenômeno não emana dos fundamentos teóricos preconcebidos pelo investigador sobre o fenômeno estudado; ao contrário, deve emergir da compreensão do pesquisador, conforme este vá imergindo no fenômeno observado. (PESCE; ABREU. 2013, p. 23).

Por tudo isso, consideramos que temos aqui uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico com recortes autoetnográficos.

2.2 CONTEXTO DA PESQUISA

Esta pesquisa teve como cenário dois programas de extensão da Universidade Federal da Bahia (UFBA): o Núcleo Permanente de Extensão em Letras (NUPEL), especificamente o curso de Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL)⁴⁸, e o Programa Especial de Monitoria de Português como Língua Estrangeira (PROEMPLE)⁴⁹.

2.2.1 Núcleo Permanente de Extensão em Letras (NUPEL)

Desde 2012, ano de implementação do NUPEL⁵⁰, que o curso de PFOL está sendo ofertado no Núcleo. Esse curso destina-se tanto a estrangeiros recém-chegados ao Brasil, sem qualquer conhecimento da Língua Portuguesa, quanto àqueles que já são capazes de se comunicar em Português e queiram aperfeiçoar sua habilidade de comunicação oral e escrita.

⁴⁸ Além do curso de PFOL, o NUPEL oferta os seguintes cursos: Alemão, Espanhol, Francês, Grego, Inglês, Italiano, Latim, Leitura e Produção de Textos - ENEM, Leitura e Produção de Textos I – Análise de Gêneros Textuais, Leitura e Produção de Textos II – Argumentação em Textos Acadêmicos e Libras.

⁴⁹ O PROEMPLE é um subprograma do Programa de Proficiência em Língua Estrangeira para Estudantes e Servidores da UFBA (PROFICI). O PROFICI foi implementado no segundo semestre de 2012 e conta, atualmente, com 6 (seis) subprogramas: PROEMA (alemão), PROEMES (espanhol), PROEMF (francês), PROEMI (inglês), PROEMIT (italiano), PROEMPLE (português como língua estrangeira). Esses subprogramas têm como finalidade subsidiar o PROFICI no que se refere a atendimento aos alunos, matrícula, formação de turmas referentes a cada curso e promover a formação continuada dos monitores, que ministram as aulas. Os cursos de línguas oferecidos pelo PROFICI são gratuitos. Fonte: <https://profici.ufba.br/>.

⁵⁰ Os cursos de línguas oferecidos pelo NUPEL são pagos, é cobrada uma taxa semestral de R\$ 500 para qualquer um dos cursos ofertados pelo núcleo, que deve ser pago à vista, por meio do Guia de Recolhimento da União (GRU). Os cursos de línguas oferecidos pelo Núcleo fazem parte do seu Eixo de Formação Profissional Complementar e têm como um de seus principais objetivos oferecer cursos de língua de qualidade a baixo custo à comunidade interna e externa à UFBA. Fonte: <https://www.agendartecultura.com.br/noticias/nupele-oferece-cursos-linguas-proximo-semester/>.

Atualmente, o NUPEL conta com dois professores de PFOL⁵¹, que são nomeados Professores em Formação do NUPEL (PFN), e uma coordenadora. As aulas de PFOL podem ser ministradas por estudantes da graduação e da pós-graduação *stricto sensu* do Instituto de Letras, aprovados através de Edital. Semestralmente, o Núcleo lança um Edital para seleção de PFN para atuarem no curso. Segundo o Edital NUPEL ILUFBA N°16/2018⁵²:

7.3. A seleção dos candidatos será realizada considerando os seguintes aspectos:

- a) Proficiência na língua escolhida, verificada durante a prova escrita e a entrevista;
- b) coeficiente de rendimento mínimo 6,0 (seis), para alunos de graduação;
- c) Disponibilidade de carga horária para atuar no NUPEL.

7.4. Terão precedência na seleção os estudantes de licenciatura na língua que desejem ensinar e pesquisar e em primeira graduação do ILUFBA. (Edital NUPEL ILUFBA N°16).

O estudante selecionado poderá permanecer no Núcleo no tempo máximo de 4 semestres, tempo de duração da bolsa concedida. Durante esse período, segundo informações disponibilizadas no site⁵³ do programa, “a coordenação e a equipe de orientadores acompanham de perto o desempenho desses estudantes podendo, assim, verificar seu amadurecimento profissional no decorrer desse tempo”.

A direção, a secretaria e a sala dos professores do NUPEL funcionam em um pavilhão de aulas ao lado do Instituto de Letras da UFBA (ILUFBA), PAF III – Pavilhão de Aulas Glauber Rocha. Com exceção das aulas do curso de PFOL, que ocorrem no ILUFBA, as aulas dos demais cursos ocorrem nesse pavilhão. Caso os professores queiram utilizar algum equipamento tecnológico na aula, como projetor, notebook, e/ou fazer cópias e impressões de atividades, apostilas, avaliações, eles podem fazer a solicitação à secretaria, pois são disponibilizados esses recursos e serviços para o professor. O NUPEL tem um site⁵⁴ no qual disponibiliza informações diversas sobre o Núcleo.

A sala de aula onde realizei as observações de aulas dos PFN dispõe de lousa branca, uma tv, ar-condicionado, mesa e cadeira para o professor e cadeiras universitárias para os alunos. Ela não era grande, tinha um formato retangular, e a quantidade de cadeiras era desproporcional à quantidade de alunos. O excesso de cadeiras limitava o espaço para o professor e os alunos circularem. Na sala dos professores, tinham algumas prateleiras com

⁵¹ Na primeira etapa da geração de dados desta pesquisa, as aulas eram ministradas por um aluno da graduação e outro da pós-graduação que estava concluindo a graduação em PLE. Na terceira etapa, os dois professores em formação eram alunos da graduação.

⁵² Fonte: http://www.nupel.ufba.br/sites/nupel.ufba.br/files/edital_16_-_06_dez_2018_-_selecao_de_professores_em_formacao_2019.1_reserva.pdf.

⁵³ <http://www.nupel.ufba.br/apresentacao-e-objetivos>.

⁵⁴ <https://nupel.ufba.br/>.

livros didáticos, dicionários, jogos a disposição dos professores, não vi nenhum material ou recurso que estivesse relacionado ao curso de PFOL, além de dois computadores, mesas, lousa branca, bebedouro e armários para os professores guardarem seus materiais. Esta sala também era utilizada para reuniões e aulas.

2.2.2 Programa Especial de Monitoria de Português como Língua Estrangeira (PROEMPLE)

O curso de PLE do PROEMPLE está sendo ofertado deste 2014 e destina-se a alunos estrangeiros com matrícula regular em nível de graduação e pós-graduação e cidadãos(ãs) de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais (países da Ásia, África, América Latina, e Caribe) que fazem parte do Programa de Estudante Convênio de Graduação (PEC-G). Em relação aos alunos regularmente matriculados em nível de graduação, estes estão conveniados à UFBA através da Assessoria para Assuntos Internacionais (AAI) da UFBA. Já os alunos estrangeiros da pós-graduação estão conveniados à UFBA através da PAEC – OEA (Programa de Parcerias para Educação e Treinamento - Organização dos Estados Americanos). Atualmente, o PROEMPLE conta com 3 professores de PLE⁵⁵, os quais são nomeados Monitores, e um coordenador. As aulas de PLE podem ser ministradas por estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação ou pós-graduação *stricto sensu* da área de Letras, que já tenham feito a disciplina LETB12, disciplina introdutória da licenciatura de PLE do Instituto de Letras da UFBA (ILUFBA), e sido aprovados através de Edital. Em relação aos Editais para seleção de professores em formação para atuarem no curso de PLE não há regularidade. Segundo Edital PROPCI-PROGRAD-PROPLAN-AAI-IL/UFBA 7-2018 - PROEMPLE⁵⁶:

As candidaturas apresentadas serão avaliadas e pontuadas pelo coordenador acadêmico do PROEMPLE, através da documentação apresentada e do currículo Lattes cadastrado no CNPq, levando-se em consideração os seguintes aspectos:

- 5.1.1 Desempenho na disciplina LETB12, voltada para ensino de português como língua estrangeira;
- 5.1.2 Experiência pregressa em ensino;
- 5.1.3 Conhecimento didático-pedagógico;
- 5.1.4 Desempenho acadêmico;
- 5.1.5 Disponibilidade de carga horária para atuar na monitoria. (Edital PROPCI-PROGRAD-PROPLAN-AAI-IL/UFBA 7-2018 – PROEMPLE).

⁵⁵ Sendo dois alunos da graduação e um aluno da pós-graduação.

⁵⁶https://profici.ufba.br/sites/profici.ufba.br/files/propci_edital_monitores_ple_2018_especial_novembro_2018.pdf.

O estudante selecionado poderá permanecer no programa por 18 meses, tempo de duração da bolsa concedida, mas poderá ter a critério do Conselho Gestor a bolsa renovada. Durante esse período, segundo informações disponibilizadas no Edital, “cada monitor terá, dentre os Coordenadores Acadêmicos do PROFICI, um orientador, que será o responsável pela coordenação da elaboração e contínua atualização do seu plano de trabalho, bem como pela supervisão e orientação de suas atividades de monitoria”.

Podem atuar também no PROEMPLE, na modalidade de Tutor⁵⁷, alunos da licenciatura de PLE do ILUFBA cursando as disciplinas Estágio Supervisionado I ou II de Português como Língua Estrangeira, componentes curriculares desta licenciatura. Como uma das atividades obrigatórias dessas disciplinas tem-se a realização de, no mínimo, 10 encontros de 1h30min a 2h, com os alunos do curso de PLE do PROEMPLE. Para estes, tratam-se de atividades complementares propostas pelo PROEMPLE⁵⁸.

Por ser o PROEMPLE um subprograma do PROFICI, a secretaria do PROFICI é comum a todos os subprogramas e funciona na sala 208 do ILUFBA. As aulas ocorrem em um pavilhão de aulas próximo ao Instituto, PAF V – Pavilhão de Aulas da Federação V. Com algumas exceções, podem ocorrer no PAF II – Pavilhão de Aulas Professor Alceu Hiltner, que é um pouco mais distante do ILUFBA e do PAF V. Caso os professores queiram utilizar algum equipamento tecnológico na aula, como projetor, notebook, eles podem retirar na secretaria do PROFICI. Em relação a cópias de atividades, eles também podem solicitar à secretaria, com uma semana de antecedência. O PROFICI tem um site⁵⁹ no qual disponibiliza informações diversas sobre os subprogramas.

A sala de aula onde realizei as observações de aulas dos Monitores do PROEMPLE está localizada no PAF II, dispõe de lousa branca, ar-condicionado, mesas e cadeiras para o professor e os alunos, sendo que as mesas dos alunos tinham sido projetadas para 3 cadeiras. Embora a sala fosse grande, a disposição das mesas dos alunos, duas fileiras com 6 mesas, limitava o espaço para o professor e os alunos circularem, já que em cada mesa tinham 2 ou 3 alunos, e o espaço entre uma mesa e outra era pequeno.

⁵⁷ O Tutor não recebe bolsa para desempenhar essa função e só pode ter, no máximo, 5 tutoreados nos encontros. Como a sua atuação no PROEMPLE está vinculada às disciplinas de Estágios, uma vez realizados os 10 encontros, ele não tem mais responsabilidades com os seus tutoreados.

⁵⁸ Ver Quadro 1 - Divisão do curso de PLE do PROEMPLE.

⁵⁹ <https://profici.ufba.br/>.

Foi na sala do grupo de pesquisa LINCE⁶⁰, localizada no ILUFBA, que realizei as observações da implementação de duas Unidades Temáticas propostas nesta pesquisa⁶¹, na segunda etapa da geração de dados⁶². Pelo fato de os tutores do PROEMPLE não terem sala de aula para desenvolver as atividades com os seus alunos, a implementação das unidades foi realizada no LINCE, que dispunha de uma mesa grande para, mais ou menos, 8 lugares, dois computadores, apenas um com internet, ventiladores e armários.

2.2.3 O que dizem os participantes desta pesquisa sobre os cenários

Durante as entrevistas⁶³ realizadas com os professores em formação que são participantes desta pesquisa, eles compartilharam informações, fizeram críticas e sugestões à respeito desses cenários, bem como nos relatórios finais entregues ao professor da disciplina de Estágio Supervisionado I de Português como Língua Estrangeira. Achei oportuno apresentar aqui as suas falas para que, através delas, possamos ter uma melhor descrição desses cenários.

2.2.3.1 NUPEL

Nesta pesquisa participaram dois professores em formação do NUPEL, e apresentá-los-ei com mais detalhes na seção 2.3. Segundo eles, a distribuição de turmas de PFOL é feita após a aplicação de um teste de nivelamento, que é um teste escrito. A partir dos resultados, a coordenadora do curso de PFOL determina em qual nível o aluno será alocado. Se, no início do curso, o próprio aluno ou o professor analisar que o mesmo não se adequa àquele nível, a mudança de turma é autorizada pela coordenação.

Durante o período em que observei as aulas de um desses professores, dois alunos foram remanejados para outra turma. Um aluno estava na turma de nível intermediário, mas estava tendo muitas dificuldades de compreensão e expressão oral, por isso mudou para a turma do básico; o outro aluno estava na turma de nível avançado, mas o professor o orientou a assistir algumas aulas do intermediário, e poderia mudar de turma se assim achasse melhor.

⁶⁰ O LINCE (Núcleo de Estudos em Língua, Cultura e Ensino) é um grupo de pesquisa do ILUFBA, o qual é coordenado pela Prof.^a Edleise Mendes, do qual faço desde quando ingressei no mestrado, em 2017.

⁶¹ Discurso sobre isso no Capítulo 3.

⁶² Discurso sobre as etapas da geração de dados adiante na seção 2.5.

⁶³ A entrevista foi um dos procedimentos que utilizei durante a geração de dados, discorro sobre os procedimentos adiante na seção 2.4.

Esse aluno era bastante participativo, curioso e gostava muito de falar, o que contrastava com os demais alunos daquela turma do avançado, que dificilmente interagiam na aula. O aluno, então, seguindo a orientação do professor, assistiu uma aula do intermediário e gostou. Ele comentou comigo e com o professor: “Eu percebi que o pessoal da outra turma é bem quieto, quase não falam, e eu preciso falar para poder praticar e desenvolver a língua. Nessa turma, vou ter mais oportunidades”.

Um desses professores comentou durante a entrevista que as turmas são bem heterogêneas, por exemplo, em uma turma com 12 alunos, passam 2 ou 3 que não estão no nível. Ele explica que isso ocorre porque das 4 habilidades comunicativas (falar, ler, escrever, ouvir) em, pelo menos, uma ou duas estão muito bem, por isso estariam naquele nível. Sobre esse aspecto, o outro professor diz:

[01]

América: Eu particularmente não gosto do teste de nivelamento porque eu não acredito que ele dá aquele aluno uma certificação que ele precisa tá em certo nível. Como experiência própria, eu tenho aluno que tá no nível avançado quando, na verdade, ele não entende quando a gente conversa, ele simplesmente sabe escrever, e como eu também tinha uma aluna que era do nível básico 1, e ela escrevia textos, redações tranquilamente em língua portuguesa, mas ela não falava nada. Então, é minha opinião, a prova de nivelamento deveria ter tanto a parte escrita como parte oral pra que dessa forma a gente pudesse equilibrar o nível daquele aluno pra que ele pudesse se encaixar melhor em uma turma. (Entrevista - Professor em formação do NUPEL).

Quando fui professora em formação do NUPEL, não era permitido que o aluno mudasse de nível. Naquela época, tínhamos também problemas com relação ao desnivelamento das turmas, cabia a nós professores flexibilizar o conteúdo.⁶⁴ Na situação atual, percebo que houve uma pequena mudança nesse sentido, podendo agora o aluno ou professor mudar o nível do aluno. No entanto, a crítica acima feita pelo professor tem sentido, pois, por mais que não se pretenda atestar os níveis de proficiência do aluno, como nos faz pensar o professor, esse teste poderia, no mínimo, ser desenvolvido visando avaliar as quatro habilidades comunicativas (falar, ler, escrever, ouvir) integralmente. Ver a visão de proficiência do Celpe-Bras, que concebe uma avaliação das capacidades de modo holístico.

Caberia investigar o(s) porquê(s) dele não ser elaborado dessa maneira já que nos próprios objetivos dos cursos (ANEXO C), em todos os níveis, espera-se que, de um modo geral, o aluno seja capaz de compreender e produzir textos orais, escritos e multimodais. Isso demonstra que problemas que eu e outros professores de PLE do NUPEL tivemos com as

⁶⁴ Comento sobre isso no Capítulo 1.

primeiras turmas do curso de PFOL do NUPEL, ainda são recorrentes no curso. Diante disso, é urgente refletir sobre esse espaço que não é apenas de formação de professores, mas também de reflexão, produção e compartilhamento de conhecimento, ou seja, nesse espaço de formação, esses professores devem ser ouvidos, incentivados a refletir criticamente sobre a forma como os cursos têm sido conduzidos, como eles estão conduzindo o curso, o que querem ou não mudar e o porquê disso, se estão aptos a produzirem materiais didáticos e avaliações para o curso, se não, porque não, e, principalmente, sobre as concepções de língua e ensino que têm orientado a prática desses professores. Do contrário, teremos professores em formação de PFOL enfrentando problemas similares, reclamando sobre as mesmas coisas e deixando quase nenhum legado para o Núcleo. Não devemos esquecer que esse espaço de formação deve ser construído coletivamente e continuamente.

Se você pudesse mudar/acrescentar três coisas,
na estrutura, no planejamento ou nas aulas, quais seriam elas e por quê?

Quando fiz essa pergunta na entrevista, os dois professores comentaram sobre a estrutura voltada para o curso de PFOL do NUPEL. Para eles, esse curso é totalmente à parte do NUPEL enquanto entidade física, acarretando alguns prejuízos, como:

[02]

América: [...] os horários de português são diferentes dos horários dos outros cursos, as salas de português são diferentes das salas dos outros cursos, não que eu queria que elas fossem a mesma, mas acaba que o aluno de português para estrangeiro acaba que ficando isolado. [...] os alunos ficam, muitas vezes, perdidos com a função do núcleo e aquilo que tá acontecendo ali, como se fosse somente um curso solto, quando na verdade é um curso maior. (Entrevista - Professor em formação do NUPEL).

[03]

Europa: [...] a gente tem aula num pavilhão diferente de onde fica a coordenação geral. Então, eu acho que isso atrapalha muito. O deslocamento em relação à suporte, você precisa se deslocar de um prédio pra outro pra poder pegar um suporte, por exemplo, audiovisual, então, eu acho que isso aí não é interessante. (Entrevista - Professor em formação do NUPEL).

Embora o NUPEL tenha dado um suporte muito grande no sentido de recursos materiais, como diz um desses professores:

[04]

Europa: O NUPEL tem um suporte muito grande pro professor quando a gente fala em recursos de material, todas as xerox, todos os livros, tudo que a gente precisa, o NUPEL tá ali pra dá o suporte, seja material pra dinâmica, piloto, tudo, tudo, tudo que a gente precisa a gente tem esse suporte pro NUPEL, então, nesse sentido, não há nenhuma necessidade. (Entrevista - Professor em formação do NUPEL).

as preocupações desses professores vão além disso. Essas falas mostram-nos que é preciso dar condições para que o trabalho realizado no curso de PFOL seja visto por seus alunos em sua magnitude, como é o desejo de um desses professores:

[05]

América: A primeira coisa que eu mudaria seria a visibilidade do curso de português para falantes de outras línguas. Infelizmente, as nossas turmas são muito pequenas, então, a gente tem turma que tem 6, 7 alunos, quando, na realidade, poderíamos ter turmas com 20, 15 alunos. Então, eu ainda sinto que é um programa muito invisível em alguns aspectos. Muitos estrangeiros que estão no Brasil, que estão aqui na Bahia, eles não conhecem o programa, não conhecem a oportunidade. Então, a primeira coisa que eu iria mudar seria a visibilidade do projeto. (Entrevista - Professor em formação do NUPEL).

Essa invisibilidade percebida por esse professor será retomada mais adiante, quando os professores em formação que atuam no outro cenário também tecerão comentários sobre esse aspecto. Por agora, deixo uma pergunta para a nossa reflexão: Que importância tem um curso de PLE em um programa de extensão universitária atualmente?

2.2.3.2 PROEMPLE

Nesta pesquisa participaram 1(um) monitor e 5(cinco) tutores do PROEMPLE, também apresentá-los-ei com mais detalhes na próxima seção. O curso de PLE do PROEMPLE “é multinível, sem prova de nivelamento e a metodologia se adequa ao perfil de cada turma, cuja composição pode variar desde “jovens recém-ingressos em universidades até pesquisadores sêniores, vindos de diversos países”, palavras do coordenador do curso⁶⁵. Sobre a distribuição desses alunos nas turmas, o monitor menciona com detalhes como ela ocorre:

[06]

África: [...] é feita [...] uma seleção por país, mistura vários países e tenta dividir esses alunos de forma mais diversa possível, por exemplo, tenta não colocar muitos alunos que falem a mesma língua [...], então, sempre coloca alunos de Gana misturados com alunos de Benin, com os do Congo [...] da Guatemala. Então, em

⁶⁵ Fonte: <http://www.edgardigital.ufba.br/?p=8413>.

uma turma, normalmente, tem alunos de francês, de espanhol, de inglês. (Entrevista – Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

Mesmo assim, ele diz que os alunos “[...] de início, eles tentam se organizar ao máximo em grupos étnicos. Então, por exemplo, Gana forma uma turma de Gana, Benin de Benin, e falantes de espanhol, aí, varia também, Guatemala, Honduras, então, eles se juntam muito em grupos do seu próprio país”. E, diante disso, comenta:

[07]

África: E, aí, nós que devemos determinar onde eles devem sentar de início. Então, Gana não vai sentar com Gana, né, vai sentar Gana com Benim mais Guatemala, por exemplo, então, a gente tenta distribuir esses alunos de uma forma que eles não fiquem falando a língua deles. (Entrevista – Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

Em uma das aulas que observei desse professor, ao dividir a turma em pequenos grupos para a realização de uma atividade, ele, aproximando-se de mim, comenta: “estou tentando misturar as nacionalidades, mas é bem complicado”. Há, como podemos notar, como proposta desse curso promover um espaço multilíngue, multiétnico, multicultural, mas, a priori, com o intuito de que esses alunos não usem, durante o período do curso, outra língua que não seja o português. Cabe mencionar, nesse sentido, uma fala de um dos tutores na qual apresenta o seu ponto de vista sobre esse aspecto:

[08]

Congo: Eu acho que teria sentido se eles se afastassem mesmo, talvez eles crescessem um pouquinho mais, não sei se esse apoio da mesma língua junto o tempo todo tá facilitando o aprendizado deles. Pode ser que pra uns estejam, pra outros estejam travancando, a gente não sabe, porque cada um tem o seu próprio tempo de aprender, né? (Entrevista – Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

O tutor refere-se a um de seus tutoreados que tem medo de sair sozinho e pegar ônibus em Salvador por já ter sido assaltado e achar a cidade violenta. Ele prefere sair sempre com um dos colegas do curso que também é congolês. Nota-se que a defesa do tutor em relação a esse afastamento não é muito consistente. Ele parece ter dúvida, pois, no final da sua fala, ele expressa que a aprendizagem da língua estaria mais condicionada ao tempo de aprendizagem de cada um do que ao fato desses alunos estarem em contato.

Diante do exposto, percebo que embora aja uma proposta e orientação dentro desse curso de PLE em afastar aqueles que são oriundos do mesmo país e/ou que tem a mesma

língua materna, os alunos acabam formando grupos a partir daquilo que os aproxima e que, nesse primeiro momento, são a língua materna e/ou o país de origem.

Durante as observações das aulas do Monitor, notei um certo isolamento de alguns alunos e falta de entrosamento desses com os demais alunos da turma. Inicialmente, achei que fosse por timidez ou apenas muita dificuldade que estavam tendo com a aprendizagem do português. Nesse aspecto, uma aluna, em especial, chamou a minha atenção porque estava presente em todas as aulas, mas quase não interagia com os colegas e com o professor da turma e demonstrava muita dificuldade em se comunicar em português. Em uma das aulas observadas, na qual foi apresentado o projeto “Vida Cultural em Salvador”, o monitor pergunta a cada aluno se eles têm saído, curtido as festas em Salvador. Ao chegar nessa aluna, ocorre o seguinte diálogo:

[09]

África: Como você tem curtido a vida cultural?

Aluna: Fui ao carnaval.

África: Quantos dias você foi?

A aluna não responde.

África: Quantos dias você foi?

A aluna não responde.

África: Não consigo entender. Quantos dias você foi? Quantos dias você foi?

Aluna: Um dia.

África: E o que você achou do carnaval de Salvador? Não teve medo, não? Muita gente?

Aluna: Não. Eu achei parecido.

África: No seu país tem carnaval?

A aluna não responde.

África: [nome da aluna], você sai com os seus amigos em Salvador?

Aluna: Não. (Anotações do Diário de Campo).

Após esse diálogo, o monitor chama a atenção da aluna por ela não falar, não interagir, enfatiza que ela precisa falar mais em português, sair com os amigos para desenvolver a língua e que isso vai ser muito importante no Celpe-Bras⁶⁶. Vemos aí duas das principais estratégias utilizadas pelo monitor: refazer/repetir a pergunta em português ou, como último recurso, em inglês, e conscientizar o aluno de que ele precisa interagir mais em português para

⁶⁶ O Celpe-Bras é o único exame brasileiro internacionalmente reconhecido de Certificação de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros.

poder desenvolver a língua. No caso dessa aluna que falava francês, às vezes, ocorria de alguém que estava sentado ao lado dela, refazer a pergunta em francês. Eu percebia que o monitor ficava um pouco sem saber como agir com ela e também com aqueles que não falavam espanhol ou inglês e que demonstravam bastante dificuldade durante as interações com ele. Isso é demonstrado na entrevista, quando esse monitor diz:

[10]

África: Eu tenho alunos que ainda está em resistência, tipo, não vai a lugar nenhum, não vai à festa, não vai à igreja, não vai pra lugar nenhum, não faz nada e, aí, aí, muita dificuldade de falar a língua e me dá um nervoso, mas eu não posso fazer nada, infelizmente. (Entrevista - Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

Em vários momentos, o monitor chama a atenção dos alunos sobre o que eles têm que fazer fora as aulas que eles têm no PROEMPLE. Há um incentivo para que esses alunos procurem interagir com os brasileiros, explorando outros espaços, pois seria mais fácil e rápido para aprender o português.

Aquela aluna também chama a atenção de um dos tutores, como pode-se ver em um trecho do seu relatório de estágio:

[11]

Haiti: Esta última tem se mostrado bem acanhada nas aulas do PROFICI que observei. Ela fala pouco português e parece não entender muito o que a professora explica. [nome de outra aluna] me disse que ela tem vergonha de falar português. Começamos a conversar e já tinha observado que [nome da aluna] conversa muito com seus compatriotas em francês, conosco ela falava pouco e quando ela não entendia, as colegas traduziam pra ela. (Relatório de Estágio - Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

O que, a princípio, para mim, parecia timidez ou bastante dificuldade com a aprendizagem da língua portuguesa, revela-se, no decorrer da pesquisa, um problema muito maior, pois algumas interrogações começam a surgir, tais como: o que estaria por detrás da vergonha que sente esta aluna em falar português? Estaria ela se sentindo pressionada? Aquela sala de aula não a deixava à vontade? Por que ela não saía muito como sugeria o seu monitor? Através do relatório do tutor pude ter algumas respostas para essas questões. Ele comenta:

[12]

Haiti: Fomos para a fila do RU e conversei com ela sobre o que ela fazia nas horas vagas. Ela era evangélica (já tinham me dito isso) e não saía muito para se divertir. Perguntei se ela já tinha ido à igreja aqui. Ela me disse que sim, tinha ido em um salão de testemunha de Jeová. Perguntei se era essa a igreja que ela frequentava no seu país, ela disse que não, que era batista, mas tinha ido nessa algumas vezes com

uma compatriota dela que já morava aqui e já frequentava. Indiquei ela uma igreja batista (de Sião), no Campo Grande, não tão longe da casa dela, na Federação. (Relatório de Estágio - Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

Temos, portanto, no contexto da sala de aula daquele monitor, uma aluna evangélica que sai muito pouco para se divertir, pelo menos aqui em Salvador, e que saiu algumas vezes para uma igreja de Testemunha de Jeová na companhia de um colega compatriota e que também foi apenas um dia para o carnaval, como vimos naquele diálogo entre ela e o seu monitor.

Ainda sobre o relato do tutor, ele diz:

[13]

Haiti: Ao sentarmos para comer, outros compatriotas do Benim também sentaram conosco e começaram a conversar em francês com elas. Eu cumprimentei todos em francês, elas explicaram que eu ensinava a língua aqui, e falei com eles que ali era a hora de falarmos português, todos concordaram e ficamos todos falando em português sobre as comidas dos países e o que eles comem aqui e comiam lá. No final, sugeri para que [nome da aluna] continuasse indo na igreja e procurar outras coisas divertidas para ela aqui no Brasil. (Relatório de Estágio - Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

Apesar de esses alunos estarem aprendendo a língua portuguesa em um contexto de imersão e da orientação da coordenação, dos monitores e também dos tutores para que eles evitem, durante esse período que estão fazendo o curso de português, falar outra língua que não seja o português, esses encontros ocorrem e são inevitáveis, uma vez que esses alunos estão no mesmo campus universitários, almoçando, em sua maioria, no mesmo restaurante etc. Diante disso, lanço mais duas perguntas: até que ponto esses professores em formação estão seguros de que é preciso separá-los para que a aprendizagem do português não seja prejudicada? Estariam esses professores em formação preparados ou sendo orientados a como devem atuar nesse contexto multilíngue e multicultural? Essa discussão será retomada mais adiante.

As aulas do curso de PLE são divididas em: aulas de projeto, aulas de reforço, aulas de diários, aulas de tutorias e preparatório Celpe-Bras. Com base nas informações dadas pelos monitores e tutores durante a entrevista, nas observações realizadas e na leitura dos relatórios dos tutores, temos o quadro a seguir:

Quadro 1 - Divisão do curso de PLE do PROEMPLE

Aulas de Projeto	Aulas de Reforço	Aulas de Diários	Aulas de Tutorias	Preparatório Celpe-Bras
Qual é objetivo? Tornar os alunos independentes em Salvador.	Qual é objetivo? A critério do tutor, mas, como a própria nomenclatura sugere, trata-se de reforçar algum tema ou conteúdo linguístico que o monitor considere importante para a sua turma.	Qual é objetivo? Incentivar a produção escrita em português semanalmente.	Qual é objetivo? A critério do tutor.	Qual é objetivo? Preparar os alunos para a Exame Celpe-Bras.
Como funciona? Todos os professores seguem o mesmo planejamento, a cada semana um projeto é iniciado. Na primeira aula, o projeto da semana é apresentado para os alunos; na segunda aula, os alunos têm que apresentar o projeto a toda a turma. No total, são 17 projetos aplicados.	Como funciona? A critério do monitor.	Como funciona? O monitor incentiva a produção escrita dos alunos a partir das experiências que os alunos tiveram ao longo da semana.	Como funciona? A critério do tutor.	Como funciona? Todos os professores seguem o mesmo planejamento.
Qual a duração e quantas vezes por semana? +/- cinco meses, duas vezes por semana.	Qual a duração e quantas vezes por semana? +/- cinco meses, uma vez por semana.	Qual a duração e quantas vezes por semana? +/- cinco meses, uma vez por semana.	Qual a duração e quantas vezes por semana? Cada tutor deve ter, no mínimo, 10 encontros de 1h30 a 2h. Os dias dos encontros podem variar porque leva em consideração a disponibilidade do tutor e tutoreado.	Quantas vezes por semana? 3 vezes, +/- 2 meses.
Quem é o professor? Monitor.	Quem é o professor? Monitor.	Quem é o professor? Monitor.	Quem é o professor? Alunos da graduação que estão cursando as disciplinas de Estágio Supervisionado I ou II de Português como Língua Estrangeira.	Quem é o professor? Monitor
Quem pode fazer? Todos os alunos do PROEMPLE.	Quem pode fazer? Todos os alunos do PROEMPLE, exceto os alunos oriundos de países de língua portuguesa.	Quem pode fazer? Todos os alunos do PROEMPLE.	Quem pode fazer? Apenas os alunos do PEC-G.	Quem pode fazer? Todos os alunos do PROEMPLE.

Fonte: Elaborado pela autora

No primeiro semestre do ano, ocorrem intercaladas as aulas de projetos, reforços e diários, por exemplo, segunda/quarta: projetos; terça: reforço; sexta: diários. Essa seria a primeira etapa do curso de PLE.

No segundo semestre, alguns meses antes da segunda aplicação anual do Celpe-Bras, as aulas de projetos e diários são substituídas pelo Preparatório Celpe-Bras. As aulas de reforço continuam até a aplicação do último simulado desse exame, ou seja, até o final do Preparatório Celpe-Bras. Essa seria a segunda etapa do curso de PLE.

As aulas de tutorias ocorrem de acordo com o planejamento das disciplinas de Estágio Supervisionado I ou II de Português como Língua Estrangeira, podendo ocorrer ao longo do ano.

Em relação aos equipamentos tecnológicos que seriam utilizados durante a aula, o monitor retirava-os na secretaria do PROFICI, mas acrescentou:

[14]

África: [...] na maioria das vezes, eu tenho que trazer o meu computador pra dar aula porque sempre pode acontecer alguma coisa com o computador da UFBA, a internet não funciona ou é incompatível o vídeo com o programa daquele computador ou, então, o som do computador não funciona, e eu quero trazer uma aula o mais perfeita possível, mas nem sempre é possível. Inclusive teve uma vez que eu deixei pra depender dos equipamentos todos da UFBA e tive que dar aula no meu celular, usando o aparelhinho OTG, conectei o pen drive no meu celular e tive que sair mostrando as imagens e o projeto aluno a aluno pra mostrar as imagens, falar sobre o projeto, mas eu não pude passar um vídeo pra eles assistirem, eu não pude colocar uma música pra eles ouvirem porque eu dependia daquilo que estava no pen drive e o pen drive no celular era muito difícil, muito mais lento a aula e eu acho que a aula de 1h40m não passou de 3 atividades, e normalmente o projeto tem cerca de 7 a 9 atividades, então, foi muito ruim nesse dia.[...] Fora que ainda tem problema, tem dia que eu não encontro um projetor que funcione ou todos os projetores já estão distribuídos entre os monitores e não tem projetor pra gente ou, então, às vezes, tem tá quebrado, o local que a gente pega é muito longe porque nem sempre tem no próprio PAFII, que é o local onde a gente dá aula, mas, às vezes, tem que pegar lá no Instituto de Letras, que fica bem mais distante, então, se eu trago um computador pra minha sala, sem testar lá, eu posso chegar sem o computador sem funcionar na sala e ter que retornar, perdendo tempo, como já aconteceu, ou, então, um projetor tá quebrado e, aí, é uma tristeza. (Entrevista - Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

Temos também aqui alguns prejuízos em relação as dificuldades que os monitores deste cenário enfrentam em relação ao uso de equipamento tecnológicos. Ainda que os recursos sejam disponibilizados pelo programa, não há apoio técnico, e a distância entre o local onde ocorrem as aulas e o local onde é retirado esses equipamentos não tem contribuído de forma satisfatória, levando muitas vezes o monitor a contar com a “sorte” e apoio dos demais monitores, como vemos no trecho a seguir:

[15]

África: A minha sorte é que eu tenho um coleguinha que [...] dá aula junto de mim [...], ele me empresta os aparelhos dele, [...] eu mando uma mensagem pra ele: “XXX, você tem os aparelhos, você pegou e tal”? Ele: “Tenho, tal, deixo pra você”. Então, quando eu não posso trazer meu computador [...] eu faço isso e uso os aparelhos que meu colega usou anteriormente, mas, por incrível que pareça, sempre tem problema, o som não funciona, então, não tem uma caixinha de som, os alunos não podem ouvir seja no videoclipe ou, seja num simples filmezinho. [...] (Entrevista - Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

Além disso, o monitor comenta que, em relação às cópias de atividades, por exemplo, pagava, por causa da limitação que havia para tirar as cópias na secretaria e também porque tinha que avisar com uma semana de antecedência. Então, preferia tirar as cópias em casa ou pagar por elas, mas quando havia simulados, os alunos pagavam pelas cópias deles na copiadora do ILUFBA.

2.2.4 Por que esses cenários?

A opção por esses cenários deu-se pelos seguintes motivos: a) a UFBA é uma das universidades brasileiras que, além de ter a licenciatura em PLE, oferta cursos de extensão de PLE para alunos estrangeiros; b) os professores em formação que atuam nos dois programas, NUPEL e PROEMPLE, são alunos da graduação ou pós-graduação *stricto sensu* da área de Letras; c) o perfil do público-alvo desses dois programas é diferente, enquanto no PROEMPLE os alunos estrangeiros fazem parte de programas de intercâmbios institucionais, no NUPEL, qualquer estrangeiro acima de 15 anos, que seja pagante, não importando a nacionalidade pode fazer o curso; e d) atuei como professora em formação no NUPEL durante a minha graduação em PLE.

2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A seleção dos participantes desta pesquisa seguiria os seguintes critérios: a) 1 (um) professor em formação do NUPEL e 1 (um) monitor do PROEMPLE; b) professor em formação/monitor dos níveis intermediários e/ou avançados; e c) professor em

formação/monitor que se interessasse em participar da pesquisa. No entanto, ao me aproximar dos dois cenários, esses critérios tiveram que ser revistos⁶⁷, dando lugar para: a) professores em formação do NUPEL e 1 (um) professor em formação que atue como monitor no PROEMPLE; b) professores em formação que atuem como tutores no PROEMPLE, através da disciplina Estágio Supervisionado I de Português como Língua Estrangeira, componente curricular da licenciatura de PLE do ILUFBA .

No total, foram oito professores em formação de PLE, sendo que seis atuam no PROEMPLE e dois no NUPEL; dois são do sexo masculino e seis do sexo feminino, nas seguintes faixas etárias: dois entre 21 - 25 anos; um entre 26 - 30 anos; três entre 31 - 35 anos; um entre 36 - 40 anos; um entre 51 - 55 anos. Para preservar a identidade deles, optei por nomeá-los com os nomes dos países ou continentes correspondentes à origem da maior parte dos seus alunos, a saber: Benim, Gabão, Gana, República Democrática do Congo, Haiti, África, América, Europa. Essa é uma forma de também agradecer aos alunos por terem contribuído com o desenvolvimento desta pesquisa e de registrar os lugares de origem dessas pessoas para que saibamos, pelo menos um pouco, de onde vem esses alunos de PLE.

Com base nas entrevistas, sabe-se que seis professores em formação participantes desta pesquisa têm formação acadêmica em outra(s) área(s) e estão fazendo reingresso em PLE, os dois restantes estão cursando ou acabaram de concluir a licenciatura em Letras Vernáculas com PLE. Além disso, para seis deles, a tutoria no PROEMPLE é a sua primeira experiência no ensino de PLE, enquanto que, para um deles, essa primeira experiência esteve relacionada a uma atividade voluntária de intercâmbio internacional, na qual se tinha que ministrar aulas de português para crianças em uma ONG. Em relação a outras experiências com docência, dos quatro que disseram ter esse tipo de experiência, dois atuam somente no ensino de língua estrangeira (inglês ou francês), um atua tanto no ensino de língua estrangeira quanto no ensino de português como língua materna e o outro somente no ensino de português como língua materna. Apresento os dados com mais detalhes no quadro a seguir:

⁶⁷ Apresento os motivos na seção 2.5, quando detalho as etapas da geração de dados.

Quadro 2 - Dados dos participantes da pesquisa

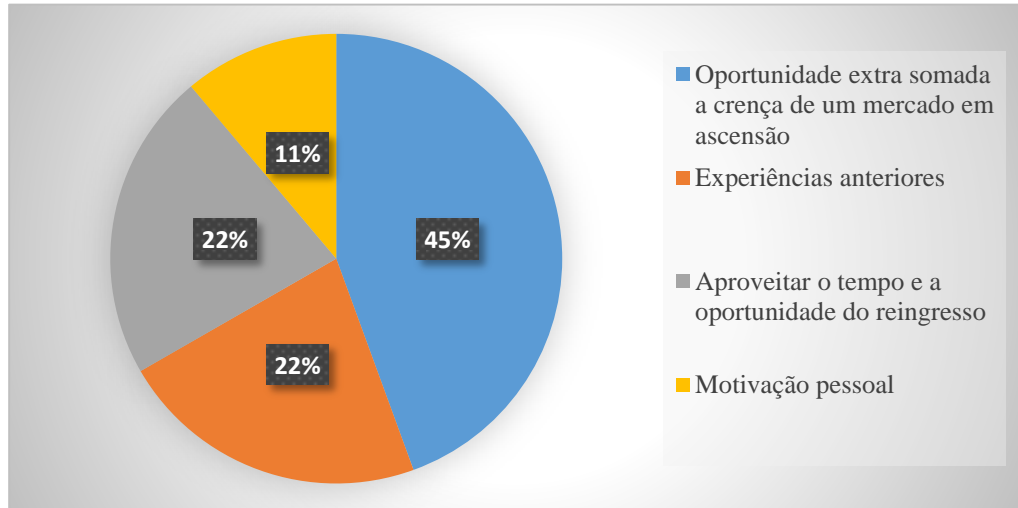
Professor em Formação	Formação Acadêmica	1ª Experiência no ensino de PLE	Outras experiências com docência
Benim	Graduada em Letras Vernáculas. Cursando PLE (reingresso).	Sim	Atua na área de português como língua materna do ensino fundamental.
Gabão	Graduada em Biologia e Letras Vernáculas com Inglês. Cursando PLE (reingresso).	Sim	Atua na área de inglês, como professora de inglês.
Gana	Concluindo a Graduação em Letras Vernáculas e Português como Língua Estrangeira.	Não. Realizou outras tutorias durante a graduação em PLE.	Não.
Rep. Dem. do Congo	Graduada em Letras Vernáculas e Inglês. Cursando PLE (reingresso).	Sim	Não.
Haiti	Graduado em Direito e Francês. Cursando Letras Vernáculas com PLE (reingresso).	Sim	Atua na área de francês, como professor de francês.
África	Graduada em Letras Vernáculas e Português como Língua Estrangeira. Cursando inglês (reingresso).	Não. Realizou algumas tutorias durante a graduação em PLE.	Não.
América	Cursando Letras Vernáculas e Português como Língua Estrangeira.	Não. Fez uma experiência voluntária em uma organização de intercâmbios, na qual ministrou aulas de PLE para crianças.	Não.
Europa	Graduada em Língua Inglesa. Concluindo mestrado em literatura e cultura com ênfase em tradução e também a graduação Letras Vernáculas com PLE (reingresso).	Não. Realizou algumas tutorias durante a graduação em PLE.	Sim, cursinhos de pré-vestibular (redação e inglês).

Fonte: elaborado pela própria autora.

Entre as motivações dos participantes para fazer a licenciatura em PLE/L2 estão: oportunidade de trabalho extra para ingressar no mercado de trabalho somada à crença de um mercado em ascensão (44,44% dos votos); aproveitar o tempo e a oportunidade do reingresso (22,22% dos votos); as tutorias, o contato com a aplicação das provas do Celpe-Bras, as

disciplinas de PLE feitas como optativas na primeira graduação (22,22% dos votos); uma motivação muito mais pessoal do que profissional, pois dando aulas de PLE aprende-se muito mais do que se ensina (11,11% dos votos), conforme ilustro no gráfico a seguir.

Gráfico 4 - Motivação para fazer a licenciatura em PLE/L2



Fonte: elaborado pela própria autora.

Durante a entrevista fiz a seguinte pergunta:

Você chegou a desenvolver alguma pesquisa na área de PLE?

Apesar de demonstrarem um certo interesse, nenhum dos participantes desenvolveu/desenvolve pesquisa nessa área. Perguntei para alguns também o porquê de não desenvolverem, disseram:

[16]

Gabão: A primeira matéria é LETB 12, introdutória, a gente descobre o que é PLE, você não tem muito, apesar de ter sido muito boa, você, eu não me sentia muito preparada para pensar em termos de pesquisa. Agora, ao longo das outras matérias, porque tem só 1 ano que eu tô no ingresso de PLE, meu terceiro semestre vai ser agora. é. Agora eu consigo pensar em possibilidades de pesquisa em sala de aula ou, enfim, utilizar as ferramentas que foram usadas na aula para pesquisar sobre algum aspecto, mas antes sem a experiência da docência não, que eu fiz estágio 1 agora, mas antes não. (Entrevista - Tutor do PROEMPLE/PROFICI)

[17]

América: Ao mesmo que a passagem pelo NUPEL é muito enriquecedora, é também muito rápida. Então, você tem um semestre pra conhecer, ver, se adaptar, você tem dois semestres pra desenvolver alguma coisa e um semestre pra você concluir, então, é uma passagem muita rápida e até o momento eu acredito que não houve assim um incentivo maior pra que isso fosse feito. (Entrevista – Professor em formação do NUPEL).

Temos nos excertos 16 e 17 dois professores com experiências diferentes. De um lado, Gabão, como podemos ver no Quadro 2, é graduado em letras vernáculas com inglês, atua na docência de língua inglesa, e relata que a experiência da tutoria o levou a pensar em possibilidades de pesquisa. Assim como Benim, que está no reingresso de PLE e atua na área de PLM, também menciona, durante a entrevista, que essa experiência da tutoria desencadeou a seguinte pergunta de pesquisa: qual a eficácia do ensino aprendizagem na área de PLE com aulas individuais? Segundo ele, os seus tutorados diziam que conseguiam ver mais evolução na aprendizagem quando tinham as aulas em pequenos grupos com o tutor. Isso, então, despertou o interesse desse tutor de realizar uma pesquisa sobre esse tema.

América, por outro lado, está na sua primeira graduação, letras vernáculas com PLE, atua como professor em formação do NUPEL, e relata que a experiência no Núcleo é muito rápida e não houve um incentivo ali para pesquisa, mas que após ter trabalhado com o Básico 1, começou a pensar em relação à forma de ensinar, pois, segundo ela, há uma orientação de que não se pode falar uma outra língua, a não ser o português dentro da sala de aula, então, ela se questiona “[...] mas como que eu vou trabalhar com um estudante, dando exemplo, que veio da Turquia e que não falava nada de português, então, como que eu vou ensinar esse estudante a falar português se ele não fala português, e eu também não falo turco?”.

As falas desses professores demonstram, sobretudo, o quanto essa experiência no ensino de PLE, seja como professor em formação do NUPEL seja como monitor ou tutor do PROEMPLE, é importante para eles em termos de pesquisas. No entanto, avalio que a falta de incentivo à pesquisa na área de PLE dentro do curso do ILUFBA e também nesses programas têm contribuído bastante para o pequeno número de trabalhos acadêmicos desta universidade.

África nos diz que:

[18]

América: eu vejo muitas coisas em meus alunos que eu poderia pesquisar, mas na verdade eu ainda fico um pouco perdida sem saber o que exatamente o que eu vou

pesquisar e também demanda muita leitura teórica pra você definir exatamente sobre o que você quer escrever. Então, eu ainda não consegui fazer isso porque eu tenho uma demanda muito grande de tanto, estava tendo uma demanda da graduação que eu consegui finalizar e me formar agora recentemente no mês de abril de 2018 e não dava conta ainda de buscar, estudar um elemento ou ter um objeto de pesquisa, encontrar um problema pra escrever sobre isso mais todo o arcabouço teórico, então, eu ainda não me dediquei a essa parte. (Entrevista – Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

Essa sensação de estar perdido, que também é expressa por Congo, “Não, não tenho ainda uma direção. Talvez eu ainda esteja um pouco perdida”, reflete o descompasso entre o tripé formado pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão, o qual constitui o eixo fundamental da Universidade brasileira. Segundo a coordenadora do curso de PFOL do NUPEL, “o interesse pela Licenciatura em PLE cresce cada vez mais e tal crescimento deve-se à articulação de ensino, pesquisa e extensão que sustenta a Licenciatura, a articulação entre teoria e prática”⁶⁸. Nesse sentido, o NUPEL também busca “promover a articulação da extensão com o ensino e a pesquisa, de forma indissociável, ampliando a relação entre a universidade e a sociedade”. Entretanto, os 6 professores em formação que demonstraram interesse em pesquisar na área de PLE/L2 não receberam nenhum tipo de incentivo ou orientação da instituição nem do curso de PLE do ILUFBA nem pelos programas no que diz respeito à pesquisa. Então, questiono: de que forma essa articulação entre ensino, pesquisa e extensão existe, se os professores em formação de PLE não são incentivados a desenvolverem pesquisa nesta área? Temos ainda um professor que está começando a pesquisar por livre e espontânea vontade algo relacionado ao ensino de língua estrangeira e outro que, por não ter achado a área tão interessante, não desenvolveria nenhuma pesquisa nessa área.

Uma outra questão feita aos professores em formação está relacionada ao Celpe-Bras, perguntei:

Você já participou do Celpe-Bras alguma vez?

Dos oito professores em formação, dois têm participado do Exame como observador e entrevistador; três disseram que o Celpe-Bras foi tema de algumas aulas em uma das disciplinas de PLE, e os outros três disseram nunca terem participado e não mencionaram se o Exame foi tema de alguma das disciplinas da graduação. É importante registrar que a UFBA é

⁶⁸ <http://www.edgardigital.ufba.br/?p=8413> .

uma das instituições credenciadas para aplicar esse Exame no Brasil e que ações relacionadas ao Celpe-Bras na nossa licenciatura precisam estar mais presentes durante a formação desses futuros professores. É preciso fortalecer a área de PLE na nossa universidade, e os professores que hoje estão à frente dessa licenciatura poderiam apresentar aos graduandos de PLE um panorama das ações realizadas por cada um deles e incentivar o desenvolvimento de projetos/pesquisas pelos alunos.

É importante deixar claro, segundo informações de um desses professores, as pesquisas da instituição estão atreladas aos projetos dos professores. Assim, a pesquisa em nível de graduação se dá através do vínculo do professor em formação a algum projeto ou núcleo de pesquisa e também no próprio processo do Estágio. Considerando que dos três professores, apenas dois estão realizando pesquisa na pós-graduação, as oportunidades para o surgimento de bolsas de Iniciação Científica são poucas, e isso acaba refletindo no pequeno número de pesquisas na área de PLE nessa instituição.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para citar como exemplo, promove cursos de português para falantes de outras línguas, cursos de formação de professores, desenvolve pesquisa e material didático na área e promove intercâmbios com instituições de ensino nacionais e internacionais através do Programa de Português para Estrangeiros (PPE), trata-se de um programa de extensão, o qual foi fundado em dezembro de 1993 pela Profa. Dra. Margarete Schlatter. Esse programa conta com aproximadamente 30 professores bolsistas por semestre, sob a coordenação de uma equipe formada por três professoras do quadro docente do Instituto de Letras/UFRGS, segundo informações disponibilizadas no site⁶⁹.

Apresento-o como referência para que possamos refletir sobre o que a licenciatura de PLE do ILUFBA, o curso de PFOL do NUPEL e o PROEMPLE estão deixando como legado para os próximos professores em formação e, conseqüentemente, que práticas precisamos rever no processo de formação de professores da nossa licenciatura e o que podemos fazer para fortalecer ainda mais a área de PLE na nossa instituição, já que a nossa área tem sido bem referenciada fora da UFBA.

⁶⁹ <http://www.ufrgs.br/ppe/o-programa> .

2.4 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS

Para a geração de dados foram utilizados três instrumentos: diário de campo, roteiros de entrevista semiestruturadas (Apêndices E, F e G) e relatórios de estágio dos tutores os quais foram entregues ao professor da disciplina Estágio Supervisionado I de Português como Língua Estrangeira, componente curricular da licenciatura em PLE do ILUFBA.

O diário de campo foi utilizado durante o período em que ocorreram as observações de aulas que duraram cerca de 5 meses. Essas observações foram necessárias para o desenvolvimento do conjunto de atividades proposto nesta pesquisa o qual foi implementado pelos professores em formação em suas aulas, bem como para a elaboração dos roteiros das entrevistas semiestruturadas. As anotações no diário de campo foram fundamentais para que eu refletisse sobre as interações que ali ocorriam (ou não), sobre as falas e as ações dos professores em formação e dos seus alunos e também descrevesse/relatasse as atividades conforme estavam acontecendo. As anotações no diário de campo foram tabuladas para analisarmos os dados gerados.

Nesse período, observei 32 aulas, assim discriminadas:

Quadro 3 – Número de aulas observadas dos professores em formação

Professor em Formação	Número de aulas observadas
Benim	2 aulas
Gabão	3 aulas
Gana	2 aulas
Rep. Dem. do Congo	3 aulas
Haiti	4 aulas
África	9 aulas
América	7 aulas
Europa	2 aulas

Fonte: elaborado pela autora

As observações das aulas do monitor do PROEMPLE não podem ser caracterizadas como observação participante porque não fui autorizada pela coordenação a participar das atividades da disciplina, a interagir com o professor e/ou alunos durante o tempo da aula ou ter qualquer tipo de participação além da própria observação e de minhas anotações. Eu

deveria sentar-me no fundo da sala e permanecer nele durante toda a aula. Uma outra limitação imposta foi que eu não poderia usar o tempo de aula para aplicar questionários, testes, formulários, atividades, entrevistas etc. Essas atividades poderiam acontecer voluntariamente com os alunos após o período de aula. A coordenação sinalizou que essas regras existem para não prejudicar os alunos, em decorrência de alguns problemas ocorridos no passado. Nas demais aulas, dos tutores do PROEMPLE e dos professores em formação do NUPEL, ocorreu a observação participante, pois pude participar das atividades e interagir com os alunos, tirando dúvidas, explicando alguma questão a convite do professor em formação e/ou implementando com ele as Unidades Temáticas propostas nesta pesquisa.

Os roteiros de entrevista semiestruturadas foram produzidos após a observação de algumas aulas visando, inicialmente, gerar dados:

- a) pessoais sobre os participantes da pesquisa;
- b) da experiência profissional desse professor em formação antes da implementação do conjunto de atividades proposta nesta pesquisa;
- c) do cenário do qual aquele professor em formação fazia parte;
- d) da formação acadêmica e profissional desse professor.

E, a posteriori, gerar dados da experiência profissional desse professor em formação após a implementação do conjunto de atividade, bem como das suas concepções de língua e de cultura com o intuito de complementar os registros produzidos através das observações. As entrevistas foram feitas individualmente com os professores em formação, conforme quadro a seguir:

Quadro 4 – Entrevista realizada com os professores em formação

Professor em formação	Antes da implementação do conjunto de atividades	Após a implementação do conjunto de atividades
Professor em formação do NUPEL	SIM	NÃO *O conjunto de atividade não foi implementado por esse professor em formação.
Professor em formação do NUPEL	SIM	SIM
Monitor do PROEMPLE	SIM	NÃO *O conjunto de atividade não foi implementado por esse professor em formação.
Tutor do PROEMPLE	SIM	SIM
Tutor do PROEMPLE	NÃO	SIM
Tutor do PROEMPLE	NÃO	SIM

Tutor do PROEMPLE	NÃO	SIM
Tutor do PROEMPLE	NÃO	SIM

Fonte: elaborado pela autora

Com exceção de uma entrevista que ocorreu na sala de aula do monitor, as demais foram realizadas na sala do grupo de pesquisa LINCE⁷⁰, conforme disponibilidade dos professores em formação. Todas as entrevistas foram gravadas em um gravador digital, uma vez que os professores autorizaram a gravação por meio do TCLE (Apêndice C-D). Após as gravações, os áudios foram transcritos. As entrevistas transcritas também foram tabuladas para analisarmos os dados gerados.

Conforme explicitado no início deste capítulo, para preservar a identidade deles, optei por identificá-los por meio dos nomes dos países ou continentes correspondentes à origem da maior parte dos seus alunos, a saber: Benim, Gabão, Gana, República Democrática do Congo, Haiti, África, América e Europa.

Os relatórios de estágio dos tutores foram enviados para o meu e-mail pelos próprios tutores, após o encerramento da disciplina. Sendo uma das atividades avaliativas da disciplina Estágio Supervisionado I de Português como Língua Estrangeira, os tutores são incentivados pelo professor formador da disciplina a refletirem criticamente sobre a experiência das tutorias no PROEMPLE. Esses relatórios foram utilizados com vistas a gerar dados para compreender o fenômeno investigado por outro ângulo seja complementando as análises do diário de campo e das entrevistas seja trazendo aspectos importantes que, por alguma razão, não foram mencionados nesses dois instrumentos. Os relatos dos professores também foram tabulados para análise.

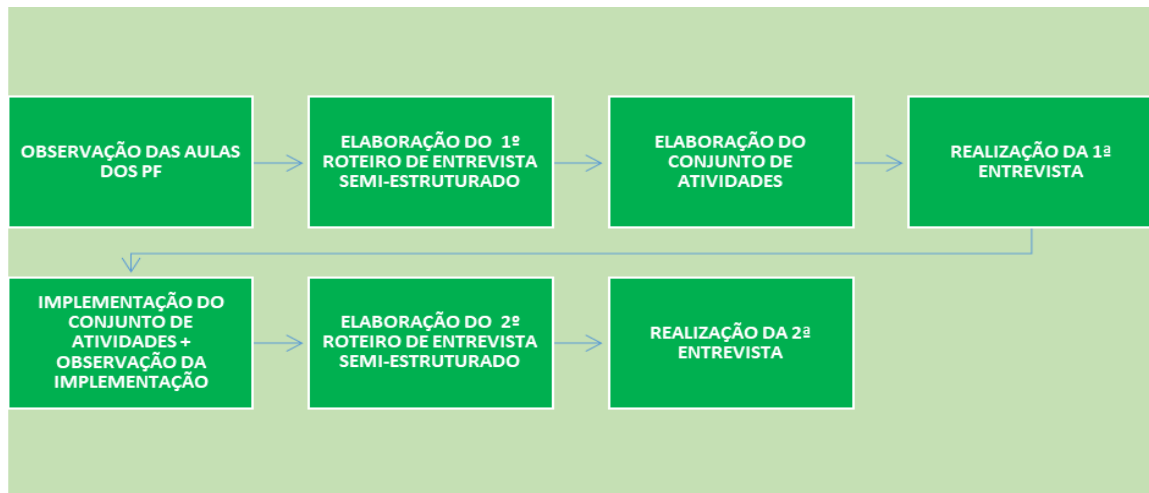
2.5 ETAPAS DA GERAÇÃO DE DADOS

Como tratado anteriormente, a ideia inicial para geração de dados contaria apenas com dois professores em formação (PF), um professor em formação do NUPEL e um monitor do PROEMPLE. Assim, prevíamos apenas uma etapa de geração de dados, a qual iniciaria com a observação das aulas dos dois professores em formação, elaboração do 1º roteiro de entrevista

⁷⁰ O LINCE (Núcleo de Estudos em Língua, Cultura e Ensino) é um grupo de pesquisa do ILUFBA, o qual é coordenado pela Prof.^a Edleise Mendes, do qual faço desde quando ingressei no mestrado, em 2017.

semiestruturado e do conjunto de atividades, realização da 1ª entrevista, que ocorreria antes da implementação do conjunto de atividades, em seguida, elaboração do 2º roteiro de entrevista semiestruturado e realização da 2ª entrevista, que ocorreria após a implementação do conjunto de atividades, como ilustra na figura a seguir:

Figura 3 - Etapa única de geração de dados



Fonte: elaborado pela autora

Entretanto, após a elaboração do conjunto de atividades, o professor em formação do NUPEL e o monitor do PROEMPLE não puderam implementar o conjunto de atividades. Com um deles, algumas intercorrências⁷¹ prolongaram o período de observações de aulas e o encerramento do seu contrato exatamente no período em que a 1ª entrevista foi realizada o impossibilitou de implementar as atividades no semestre seguinte como eu havia previsto. Com o outro, a coordenação não autorizou a implementação das atividades durante o tempo da aula⁷². Foi sugerido, então, pela coordenação que eu convidasse os alunos para uma atividade extra com hora e local que não coincidisse com as aulas deles para que eu conduzisse a geração de dados com eles independentemente.

É importante frisar que, desde o primeiro contato com a coordenação do programa, o coordenador sinalizou que eu não poderia usar o tempo de aula para aplicar questionários, testes, formulários, atividades, entrevistas etc., que essas atividades poderiam acontecer voluntariamente com os alunos após o período de aula, mas também foi dito que se a minha pesquisa precisasse de alguma condição especial, a coordenação poderia realizar algum ajuste

⁷¹ Greves, feriados e horários das aulas que chocavam com as minhas atividades profissionais.

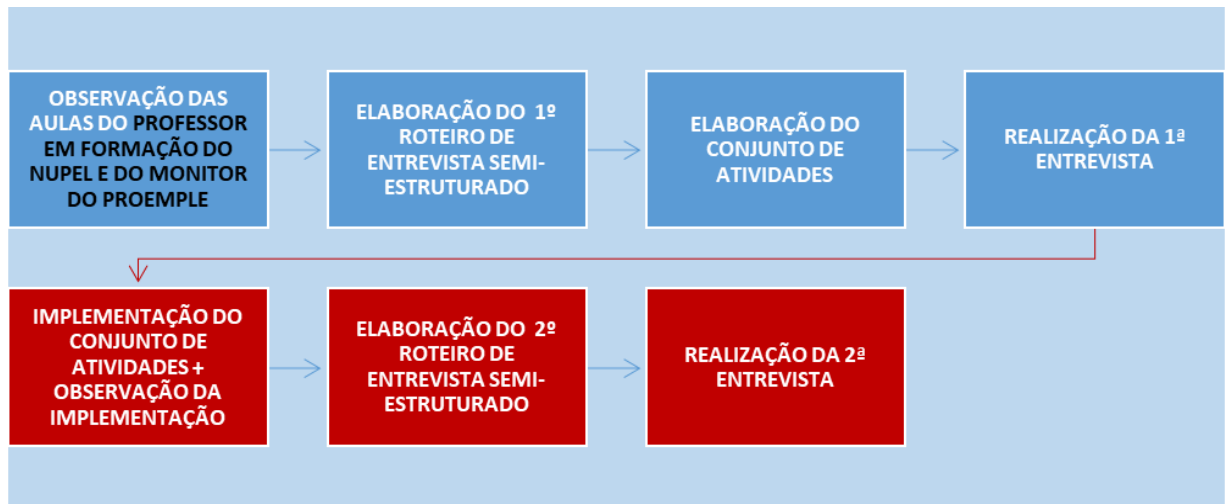
⁷² A coordenação sinalizou que o curso tem um programa e não poderíamos usar as atividades da minha pesquisa em substituição ao que já haviam planejado.

nesse sentido. Levando isso em consideração, dei continuidade à geração de dados neste cenário e desenvolvi, após as observações, duas Unidades Temáticas, que foram apresentadas ao monitor do PROEMPLE/PROFICI, África, e que também seriam apresentadas à coordenação do programa⁷³. Essas atividades foram elaboradas a partir das observações realizadas e do entendimento dos objetivos e do planejamento de cada aula do curso. Acreditamos que elas estavam adequadas àquele contexto e que os alunos ou monitor não seriam prejudicados.

África concordou em aplicá-las desde que a coordenação autorizasse já que existiam aquelas regras. Com a negativa da coordenação, avaliamos que seria interessante para esta pesquisa que as atividades fossem implementadas por professores em formação durante as suas aulas, por isso preferimos interromper a geração de dados com esse professor em formação somente após a 1ª entrevista, já que eu tinha observado algumas de suas aulas e produzido duas Unidades Temáticas, e pensar em outros participantes.

Diante disso, reconfiguramos a etapa de geração de dado. Ao invés dos dados serem gerados em uma única etapa, foram gerados em 3 etapas, como ilustro nas figuras seguir:

Figura 4 – Primeira etapa da geração de dados



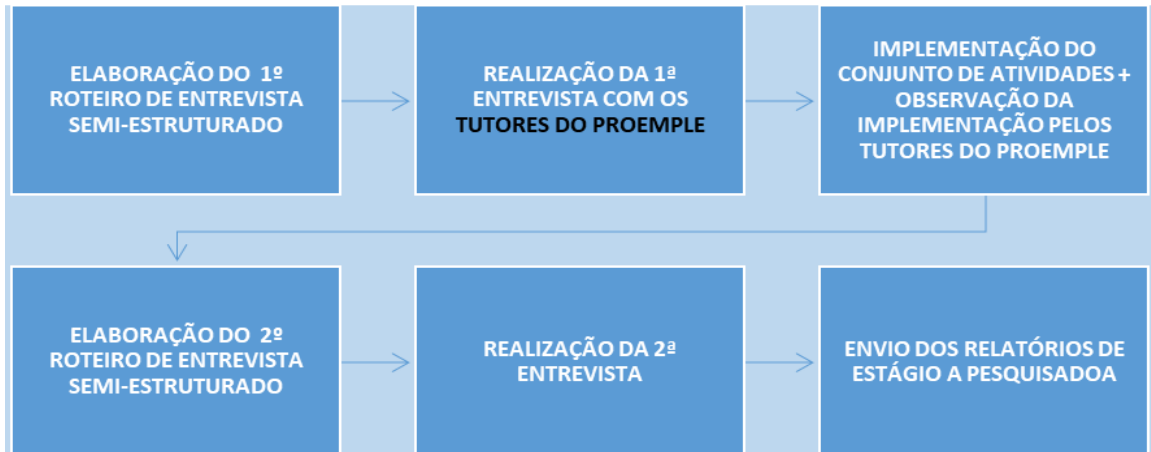
Fonte: elaborado pela autora

Na primeira etapa, os dados foram gerados com um professor em formação do NUPEL e um monitor do PROEMPLE. Como eles não puderam implementar o conjunto de atividades pelos motivos exposto anteriormente, encerramos essa geração de dados após a realização da

⁷³ As atividades não foram apresentadas ao coordenador, já que a monitora não poderia utilizar o tempo da sua aula para a implementá-las.

primeira entrevista. Nesta etapa, foram produzidas as seguintes Unidades Temáticas: “Como é a sua rotina?” e “Preconceito”⁷⁴.

Figura 5 – Segunda etapa da geração de dados



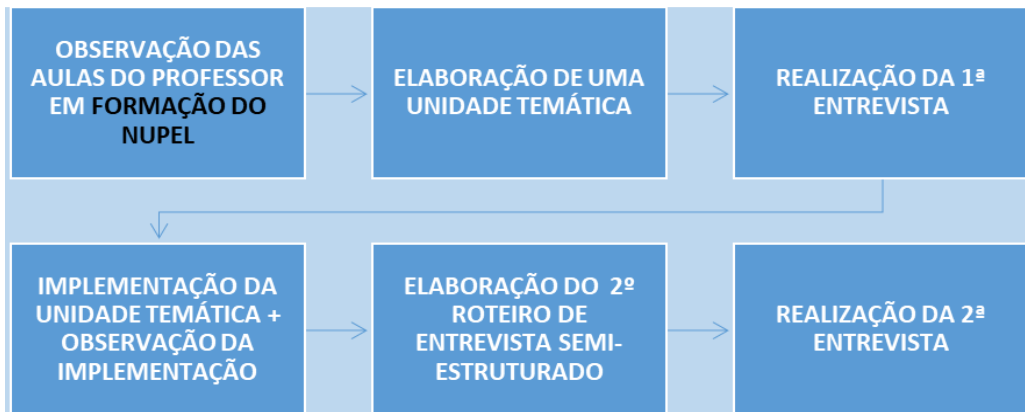
Fonte: elaborado pela autora

Na segunda etapa, os dados foram gerados com cinco tutores do PROEMPLE. Como já tínhamos produzido duas Unidades Temáticas - “Como é a sua rotina” e “Preconceito” - e não seria possível, antes de implementá-las, observar as aulas dos tutores, preferimos aproveitá-las e iniciarmos-la a partir da primeira entrevista.

No entanto, como a maior parte desses professores em formação estava finalizando as tutorias - alguns com somente duas ou três aulas para o encerramento - iniciamos esta fase a partir da implementação do conjunto de atividades, ocorrendo, portanto, apenas uma entrevista após a implementação, com exceção de um tutor que realizou duas entrevistas, uma antes e uma depois da implementação das unidades.

Esta etapa foi encerrada depois que todos os tutores me enviaram por e-mail os relatórios finais, que foram entregues ao professor da disciplina Estágio Supervisionado I de Português como Língua Estrangeira.

⁷⁴ No próximo capítulo 3, apresentarei as Unidades Temáticas.

Figura 6 – Terceira etapa da geração de dados

Fonte: elaborado pela autora

Na terceira etapa, os dados foram gerados com um professor em formação do NUPEL. Como na primeira fase não foi possível realizá-la integralmente, convidei outro professor do Núcleo para implementar a unidade didática “Racismo”⁷⁵. Esta foi produzida a partir das observações das aulas desse professor e dos resultados da implementação do conjunto de atividades pelos tutores do NUPEL. Essa etapa foi encerrada após a realização da 2ª entrevista.

Embora, antes da minha ida à campo, não tivéssemos planejado três etapas para gerar dados e oito participantes, sabíamos que eu precisava estar atenta às questões, aos problemas, aos obstáculos que poderiam surgir durante a investigação e preparada para, a qualquer momento, modificar perguntas de pesquisa, procedimentos, instrumentos e retornar ao campo se fosse preciso, como deixei claro no início deste capítulo. Assim, como pesquisadora qualitativa, busquei gerar mais dados, a fim de compreender melhor o fenômeno investigado, por isso o aumento no número de etapas e de participantes.

⁷⁵ No próximo capítulo 3, apresentarei as Unidades Temáticas.

3. ENTRELAÇANDO OS FIOS DA PESQUISA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS LE/L2 E O USO DO BLOG EM UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL E CRÍTICA

A reflexão que inicio no Capítulo 1 sobre o desafio de ser uma professora intercultural, a partir da minha prática quando professora em formação do NUPEL, possibilitou-me apreender alguns dos pressupostos que tem guiado e orientado professores em formação de PLE/L2 e escolher instrumentos e procedimentos adequados para a geração de dados desta pesquisa. O uso de múltiplos instrumentos, a saber, diário de campo, roteiros de entrevista semiestruturadas (Apêndices E, F e G) e relatórios finais entregues ao professor da disciplina Estágio Supervisionado I de Português como Língua Estrangeira, que são detalhados no Capítulo 2, justifica-se pela minha busca por melhor compreender de que forma o blog pode ser um ambiente favorável ao ensino de PLE/L2 em uma perspectiva intercultural e crítica. Assim, os dados gerados conduziram-me a analisar estas três categorias, as quais emergiram a partir das perguntas de pesquisa e da confluência das informações encontradas na tabulação dos dados:

- ✚ Desafios para a formação de professores de PLE/L2 na UFBA;
- ✚ Tecnologias digitais nas aulas de PLE/L2: aproximações e distanciamentos de uma perspectiva de ensino de PLE/L2 intercultural e crítica;
- ✚ O blog como um ambiente favorável ao ensino de PLE/L2 em uma perspectiva intercultural e crítica.

3.1 DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE PLE/L2 NA UFBA

A formação de professores de PLE na UFBA compreende todo o processo da licenciatura em Letras em Português como Língua Estrangeira, cujo objetivo é habilitar professores para o ensino de Língua Portuguesa em cursos livres, nas extensões universitárias, em institutos especializados em ensino de línguas estrangeiras, dentro do país, e em contextos diversificados de ensino de português no exterior.

Os estágios dessa licenciatura podem ser realizados tanto no NUPEL como no PROEMPLE/PROFICI, ambos são programas dessa universidade, sendo o primeiro de extensão universitária, e o segundo, institucional.

Atualmente as disciplinas específicas da licenciatura em PLE de Letras dessa instituição são ministradas por três professores efetivos - os quais são identificados aqui como professor X, professor Y, professor Z, pois ao longo da dissertação farei referência a eles - e por alunos do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) ocasionalmente.

O professor X coordena o curso do PROEMPLE/PROFICI; o professor Y coordena o curso de PFOL⁷⁶ do NUPEL e o professor Z tem atuação constante no PPGLinC, na área *Linguagem e Interação* e na Linha de *Linguística Aplicada*. São os professores X e Y que costumam acompanhar mais frequentemente os Estágios, momento em que os professores em formação têm maior oportunidade de prática.

A primeira etapa da geração de dados apresentou uma questão que se manteve nas demais: qual o papel desses coordenadores na orientação dos cursos de PLE do NUPEL e do PROEMPLE/PROFICI e dos professores formadores, que ministram as disciplinas de PLE, na formação inicial desses professores?

Essa questão surgiu após a coordenação de um desses programas não autorizar o professor em formação a implementar, durante o tempo de aula do curso, o conjunto de atividades propostas por esta pesquisa e também de alguns comentários que surgiram em conversas informais que eu tive com esses professores em formação sobre as orientações que recebiam da coordenação/dos professores formadores do que fazer ou não nas aulas. Como os dados gerados durante as observações de aulas não foram suficientes para respondê-la, busquei mais informações, mais detalhes para, então, tentar compreender de que forma esses professores em formação costumavam planejar as suas aulas e qual seria a orientação da coordenação/dos professores formadores nesse sentido.

Diante disso, fiz-lhes as seguintes perguntas nas entrevistas:

⁷⁶ PFOL (Português para Falantes de Outras Línguas) é a denominação adotada pelo NUPEL.

Quadro 5: Perguntas da entrevista sobre planejamento das aulas e orientação da coordenação/dos professores da disciplina de estágio

	Professor em Formação do NUPEL/ Monitor do PROEMPLE	Tutor do PROEMPLE/PROFICI
Pergunta	Como são planejadas as aulas no NUPEL/PROEMPLE? Por exemplo, cada professor planeja individualmente a aula com acompanhamento da coordenação ou há algum tipo de planejamento coletivo com os outros professores em formação?	Como são planejadas as aulas? Por exemplo, cada professor planeja individualmente sem/com acompanhamento do professor da disciplina de estágio ou há algum tipo de planejamento coletivo com os outros alunos da disciplina Estágio 1?
Pergunta	Quando você planeja essas atividades, quais são as suas prioridades?	Quando você planeja essas atividades, quais são as suas prioridades?
Pergunta	Há algum tipo de orientação da coordenação do NUPEL/PROEMPLE em relação às aulas? Por exemplo, na metodologia, na abordagem etc.?	Há algum tipo de orientação do professor de estágio em relação às aulas? Por exemplo, na metodologia, na abordagem etc.?

Fonte: Própria Autora

Nesta seção, portanto, pretendo focar nos aspectos que surgiram a partir dessas indagações de modo a orientar a nossa reflexão sobre o planejamento e a abordagem utilizada pelos professores, as orientações (ou ausência de orientação) que os professores recebem no PROEMPLE/PROFICI, NUPEL e Estágio, o tratamento dado à produção dos alunos e os desafios na formação desses professores.

3.1.1 O planejamento e a abordagem utilizada pelos professores em formação

Os Professores em Formação do NUPEL (PFN), Europa e América, disseram, durante a entrevista, que, no início do curso, apresentam individualmente um cronograma à coordenação, constando todas as aulas que serão ministradas por eles ao longo do semestre e os seus respectivos objetivos, conteúdos, temas, avaliações. Se, no decorrer do curso, o PFN quiser fazer alguma alteração, esta poderá ser feita sem consultar a coordenação.

A monitora do PROEMPLE, África, explicou que as aulas do curso⁷⁷ são planejadas de acordo com a orientação do coordenador do programa, professor X. Como podemos ver no

⁷⁷ Na página 56 do Capítulo 2, apresento um quadro explicativo sobre a divisão do curso de PLE do PROEMPLE.

Quadro 1 - Divisão do curso de PLE do PROEMPLE⁷⁸, as aulas ministradas pelos monitores⁷⁹ são projetos, reforço, diários e o preparatório Celpe-Bras.

Segundo ela, as aulas de projetos são planejadas, criadas, atualizadas com todos os monitores; em seguida, o(s) projeto(s) é(são) analisado(s) pelo coordenador, se algo não estiver de acordo com a sua abordagem de ensino, ele sinaliza as alterações que devem ser realizadas. As aulas de reforço e de diários são planejadas, criadas e atualizadas individualmente, com a orientação do coordenador. O monitor também lhe envia o planejamento (plano de aula), se algo não estiver de acordo com a sua abordagem de ensino, o coordenador sinaliza as alterações que devem ser realizadas. A monitora pontua que, segundo a coordenação, as aulas de diários visam estimular a produção escrita dos alunos a partir de relatos de experiências.

Dos 5 (cinco) tutores⁸⁰ que atuam no PROEMPLE, ministrando as tutorias⁸¹:

- 2 (dois) disseram que o planejamento das tutorias era feito individual (um sinalizou que levava em consideração a demanda dos alunos, o outro trocava informações com colegas, tutores, sobre o que eles estavam fazendo nas aulas); e

- 3 (três) disseram que não havia planejamento, pois foram orientados pelo professor X, nas aulas de Estágio, que os encontros tinham o objetivo de acolher os alunos.

Ao perguntar-lhes sobre o que eles priorizavam durante as aulas, temos, a partir de suas respostas, o seguinte quadro:

Quadro 6: Prioridade dos professores em formação ao planejar as aulas

América (PFN)	Levar o assunto para aula da maneira mais dinâmica, criativa possível.
Europa (PFN)	Depende do que demandam os alunos em aspectos gramatical e lexicais, foca-se muito na conversação.
África (Monitor PROEMPLE)	Usar a língua o mais correto possível.
Benin (Tutor)	Oralidade, Vocabulário, Escrita. *Na pergunta anterior (Como são planejadas as aulas), a tutora sinaliza que o seu planejamento é influenciado pela demanda dos alunos.
Gabão (Tutor)	Temas e questões que surgiam durante a aula.

⁷⁸ Esse quadro foi apresentado no Capítulo 2.

⁷⁹ Estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação ou pós-graduação stricto sensu do ILUFBA, que já tenham feito a disciplina LETB12, disciplina introdutória da licenciatura de PLE do ILUFBA), e sido aprovados através de Edital. Os monitores recebem uma bolsa mensal para atuarem no programa.

⁸⁰ Estudantes regularmente matriculado na graduação de PLE do ILUFBA que cursam uma das disciplinas de Estágio.

⁸¹ Ver Quadro 1 - Divisão do curso de PLE do PROEMPLE para informações sobre as tutorias.

Gana, Congo e Haiti (Tutores)	Contato, interação, conversação com brasileiros.
--------------------------------------	--

Fonte: Própria Autora

Com essa pergunta, pude identificar que o planejamento das aulas dos professores em formação também tem sido influenciado pelo que demandam os alunos.

América, em uma das aulas que observei, mostrou-se um pouco insatisfeito com a turma do nível avançado⁸², pois, por mais que tentasse possibilitar uma aula dinâmica e criativa, os seus alunos correspondiam e interagiam muito pouco, sempre sinalizavam que queriam aulas com foco mais gramatical.

Ao chegar nessa aula, fui surpreendida ao vê-lo desenhando uma tabela com todos os tempos verbais, pois eu já havia observado outras aulas dele (Apêndice H) e havia percebido enfoque em gêneros textuais com temáticas variadas com o intuito de incentivar os seus alunos a produzirem textos orais e escritos.

América, naquela aula, pergunta-lhes quais daqueles tempos verbais, expostos na lousa, eles conheciam. Os alunos respondem e exemplificam com frases, América também segue explicando, apresentado exemplos e enfatiza que, embora eles não conheçam todos os tempos verbais (fazendo menção à nomenclatura), sabiam usar, compreendê-los. Observei que uma das alunas, como estratégia de aprendizagem, sempre tentava relacioná-los ao espanhol ou inglês.

Em seguida, América conversa com os alunos sobre a proposta do curso, pergunta-lhes se a entendem. Uma delas diz que sabe, mas não consegue explicar. O PFN expõe que, ao terem chegado ao nível avançado, compreende que eles já devem ter visto esses conteúdos, que o ensino de tempos verbais, por exemplo, é dado no básico e, às vezes, no intermediário. Uma aluna o interpela dizendo “mais ou menos, pois uma vez você explicou o ‘ss e ç’ e nunca ninguém me falou sobre isso”, a outra aluna balança a cabeça de modo afirmativo. Esse entendimento de América também surge durante a entrevista quando lhe pergunto:

[19]

Pesquisadora: Isso que você fala de que “a gente faz, a gente age dessa forma”, isso é orientado ou é você [nome do PFN] que tem pensado o avançado dessa forma, o intermediário dessa forma?

América: Eu que tenho pensado dessa forma porque entende-se que um aluno que é nível, eles fizeram um teste de nivelamento e foram colocados na turma avançado, então, entende-se que o aluno de um nível avançado, ele já não

⁸² Essa era a sua primeira experiência nesses níveis (intermediário e avançado). No semestre anterior, que era o seu primeiro semestre no NUPEL, América deu aulas nas turmas de básico 1 e 2.

precisa mais estar aprendendo algumas regras, ele já passou por algum certo estudo de língua portuguesa, ele já entende algumas coisas, então, o que a gente precisa fazer é moldar aquele conhecimento que ele tem, moldar no sentido de fazer alguns ajustes, então, esse aluno não vou pegar na mão dele pra começar, eu vou ajustar aquilo que ele já sabe. Então, eu entendo que dessa forma que o ensino do avançado deve ser feito. (Entrevista - Professor em formação do NUPEL).

América, nesses dois momentos, apresenta a compreensão de que um aluno do nível avançado não precisa aprender algumas regras por entender que, nos níveis anteriores, ele já foi exposto a elas e que, portanto, estaria no nível avançando para fazer alguns ajustes. É preciso lembrar o que discuti no excerto [1], página 54. Nesse excerto, o professor em formação tece algumas críticas sobre o modo como os alunos são distribuídos nas turmas. Para ele, o teste de nivelamento aplicado no curso não tem avaliado adequadamente a proficiência dos alunos, tendo como consequência a heterogeneidade nos níveis de proficiência nas turmas⁸³. Sobre essa situação, Europa comenta:

[20]

Europa: Agora, no NUPEL, atualmente, a gente tem uma turma heterogênea. Então, a questão do nível, ela não tá tão fechada, geralmente escapam, passam, por exemplo, de 12 pessoas, passam 2 ou 3 que não estão no nível, digamos, de compreensão das 4 habilidades, mas que, pelo menos, de uma ou duas está muito bom, eles estão muito bem, por isso que estão naquele nível. Então, tem essa questão também. (Entrevista - Professor em formação do NUPEL).

Europa não tece nenhuma crítica ao teste de nivelamento, apenas pontua que, em relação aos níveis de proficiência, as turmas são “bem heterogêneas” e que retomar conteúdos/questões basilares, como conjunções, preposições, artigos, verbos no modo indicativo (presente simples, pretérito perfeito), é necessário, pois são demandas dos alunos que surgem durante as aulas. Questiono-lhe:

[21]

Pesquisadora: E essa demanda é dialogada como?

Europa: Então, a depender, como eu falei pra você, por exemplo, quando a gente começa um semestre, eu vou dizer em relação ao intermediário, que seria, como o termo já diz ele é o intermediário, ele tá muito naquela linha do básico e do avançado, o primeiro semestre, por exemplo, que eu poderia começar com algumas questões mais avançadas, tipo, algumas questões verbais mais avançadas, esquecer, não esquecer necessariamente, mas adentrar mais na questão do imperfeito, se for o caso, ou, então, do subjuntivo também começar mais por aí, mas, aí, sempre a gente precisa

⁸³ Ver discussão anterior acerca do nivelamento, Capítulo 2, página 56.

retomar algumas questões. Então, esse retomar algumas questões pode ser que demore mais um pouco as aulas, e tem alunos que não precisa, tem turmas que você não precisa postergar algumas questões, né, alguns temas a serem trabalhados, mas outras que você precisa voltar mesmo as questões mais basilares só pra mesmo lembrar.

Pesquisadora: Essa revisão gramatical, lexical...

Europa: É, só pra lembrar mais também. E eu foco muito na conversação, é uma das coisas que eu foco bastante no planejamento das aulas. [...] A primeira unidade a gente foca bastante nos assuntos, digamos assim, mais gramaticais, mais acentuadas, as questões mais densas, eu cobro muito mais deles em relação à produção. A segunda, eles já tão mais tranquilos para produzir, então, eles já conseguem lidar melhor com os assuntos, então, a gente já consegue fazer atividades mais interculturais, digamos assim. Então, aí, no texto, principalmente nessa produção escrita, eu vou ajustando, vou dando as informações pra que eles melhorem, né, [...]

Acredito que, inicialmente, essa postura de Europa, em retomar tais conteúdos, seria sua estratégia para tentar resolver a falha do teste de nivelamento, o qual não avalia as quatro habilidades comunicativas (falar, ler, escrever, ouvir) de forma integrada. Nesse excerto, a professora em formação demonstra trabalhar as quatro habilidades de forma independente, demonstrando que os conteúdos linguísticos, sobretudo os lexicais, são o ponto de partida e de chegada dessa aprendizagem, uma vez que as produções textuais (orais e escritas) produzidas nesse espaço servem exclusivamente para a correção da gramática. Percebemos, com isso, uma visão de língua de natureza estruturalista, a qual preocupa-se apenas com a forma da expressão e a forma do conteúdo, preocupando-se apenas com a correção de aspectos linguísticos.

Observamos que América e Europa estavam em estágios diferentes. De um lado, um professor em formação que estava iniciando o segundo semestre no NUPEL, ministrando as aulas para a turma do avançado pela primeira vez e deparando-se com novas situações e novos questionamentos; do outro, Europa no quarto e último semestre no NUPEL, encerrando a sua atuação no núcleo, ministrando pela segunda vez as aulas para a turma do avançado, ou seja, refazendo a prática. Enquanto para América essa era a primeira experiência com o ensino de PLE, Europa, por outro lado, cita que realizou algumas tutorias no PROEMPLE. Ao citar essa experiência, durante a entrevista, peço-lhe que fale um pouco sobre ela:

[22]

Europa: Então, na verdade, é uma complementação, né, as duas experiências se juntam, e, aí, eu tento absorver o máximo de informação possível das duas. Em relação à monitoria que eu pude realmente aproveitar, que eu aproveitei outras aulas, eu tive oportunidade de comparar com as minhas, é claro, né, e, aí, eu pude aprender bastante durante esse processo, embora o objetivo dos dois cursos sejam diferentes. Então, na verdade, a gente sempre pega aquilo que a gente precisa, digamos assim, e tenta aplicar no outro curso, por

exemplo, a monitoria⁸⁴, me ajudou em relação a flexibilidade. Eu acho que a monitoria, as aulas de monitoria são mais focadas em um aluno individual, enquanto que o NUPEL tem um ar mais de coletividade já que é uma turma multi, é, intercultural, então, são pessoas de diversos lugares, né, a monitoria tem alunos, em sua maioria, africanos, então, é um perfil diferenciado. Inclusive o tronco linguístico é um pouco diferenciado também. Então, são percepções distintas, mas que se complementam. (Entrevista - Professor em formação do NUPEL).

A experiência no NUPEL somada às tutorias realizadas na disciplina de Estágio 1 pode ter possibilitado à Europa considerar em seus planejamentos as demandas dos alunos e compreender a heterogeneidade nos níveis de proficiência nas turmas como um fato normal e não como um problema ocasionado pelo teste de nivelamento.

Sem dúvidas, ter a oportunidade de atuar em diferentes modalidades de ensino, conhecendo diferentes perspectivas e abordagens, acrescentam à formação desse professor e, como nos disse Europa, no excerto [22], as duas experiências juntas são complementares. África, durante a entrevista, conta que antes de atuar no PROEMPLE como monitora, também fez tutorias, quando estava cursando as disciplinas de Estágio. Segundo ela, as tutorias deram-lhe “uma base de como ensinar para esses alunos estrangeiros⁸⁵”.

Até aqui, pude perceber que Europa, América e África receberam, inicialmente, orientação das coordenações dos programas em relação ao planejamento do cronograma e/ou dos planos de aulas, enquanto Benim, Congo, Gana, Gabão e Haiti, tutores do PROEMPLE/PROFICI, na ausência de uma orientação que contribuísse com os planejamentos de suas aulas, revelam que os seus planejamentos têm sido influenciados pelo que demandam os alunos.

Por outro lado, América, estando ainda no seu segundo semestre de experiência no NUPEL, demonstra estar passando por um grande conflito entre retomar ou não conteúdos/questões basilares que surgem nas aulas como demandas dos alunos, contrapondo-se, nesse aspecto, à Europa que compreende que são demandas dos alunos que surgem durante as aulas e precisam ser retomadas. Pude notar que essa atitude de Europa pode ser resultado da sua experiência no NUPEL somada às tutorias realizadas na disciplina de Estágio. Infelizmente são poucos os alunos da graduação de PLE que podem usufruir dessas duas oportunidades.

⁸⁴ A professora em formação refere-se às tutorias.

⁸⁵ A tutora faz referência aos alunos estrangeiros que fazem o curso de PLE no PROEMPLE.

3.1.2 As orientações (ou ausência de orientação) que os professores em formação recebem no PROEMPLE/PROFICI, NUPEL e Estágio

O problema anteriormente mencionado por América sobre a heterogeneidade dos níveis de proficiência nas turmas, por exemplo, poderia ser amenizado se fosse discutido e analisado em equipe composta pelos PFN e pela coordenação, além de contribuir bastante com a formação desses professores, já que, como veremos mais adiante, em outras falas, os professores em formação sentem-se “soltos” nesse processo. Essa lacuna na formação ainda pode ser corrigida, ressignificada ao longo de sua experiência prática, pois partindo de um problema que surge no processo de ensino-aprendizagem, eles poderiam ser orientados pelos professores formadores, durante os estágios no NUPEL e PROEMPLE, a refletir, discutir, criar estratégias, fazer e refazer a prática, bem como os instrumentos de avaliação.

América tem se mostrado bastante preocupado com a ausência de momentos formais de trocas de experiências e tomou a seguinte atitude:

[23]

América: [...] existe uma rotatividade de professores, vamos dizer que um pouco grande, o semestre passado, era o último semestre da professora que estava no cargo e era o meu primeiro semestre, esse semestre ela já não está mais, então, esse é o meu segundo semestre e já é primeiro semestre de outro professor, então, nesse período especificamente, a gente não teve o tempo de compartilhar as atividades. Quando o novo professor assumiu o cargo, eu passei pra ele a experiência que eu havia tido com a turma do básico 1, que no caso seria a turma dele de básico 2, e passei pra ele também o material que havíamos construído, tudo que eu havia feito, tudo que eu havia construído, até mesmo para que não houvesse uma repetição, de estar falando a mesma coisa que já foi dita antes.

Pesquisador: E essa atitude foi sua, ele que te procurou ou como que aconteceu isso?

América: Foi minha, eu que procurei ele, a gente sentou e conversou, até mesmo para fazer a apresentação do espaço do NUPEL, do que ele podia fazer ou não fazer, pra que ele se situasse do que tava acontecendo.

Pesquisador: Quando você chegou, você teve esse tipo de orientação?

América: Não.

Pesquisador: Você sentiu falta disso?

América: Sim porque, eu tive essa orientação, mas não de ninguém da área de PLE ou orientadora ou nada do tipo, outros professores do NUPEL de outras línguas, eles iam explicando no dia a dia, na convivência, você faz isso, você manda isso, você solicita isso, isso aqui é seu, isso aqui não é e seu, e, aí, ao longo do semestre eu fui aprendendo. Sim, sinto falta, acho que é importante esse tipo de recepção pra uma pessoa que está entrando no NUPEL, pra que ela possa entender a importância daquele projeto, daquele núcleo e possa fazer proveito daquilo da melhor forma possível. (Entrevista - Professor em formação do NUPEL).

Na sua fala, o PFN chama atenção para a rotatividade de professores no NUPEL e o impacto disso na formação desses professores. Ele percebe que é importante receber os novos professores não só para que entendam a importância do projeto, do núcleo, conheçam o espaço físico do núcleo, mas também para compartilharem experiências, materiais didáticos, atividades, apresentarem o que cada um tem trabalhado em suas turmas. Muitas das vivências, como leremos, a seguir, na fala de América, são comuns aos professores em formação.

No excerto [24], América analisa que a experiência no NUPEL tem sido ‘satisfatória’, ‘proveitosa’, ‘desafiadora’ e ‘nova’, no entanto, apesar desses adjetivos, vemos no excerto [23] que o modo como ele recebe o novo professor em formação pode demonstrar desejo em desenvolver um trabalho em equipe, compartilhado, rompendo com práticas individuais.

[24]

América: Minha experiência no NUPEL tem sido satisfatória, o primeiro semestre posso dizer que foi um semestre de teste, foi um semestre que eu apliquei tudo aquilo que eu tinha vontade e vi de que forma isso foi recebido. O segundo semestre tem sido um semestre mais desafiador por conta de ser uma turma com nível diferente do que eu tava acostumado a trabalhar, mas ao mesmo tempo tá sendo um semestre proveitoso porque tudo que eu tô fazendo agora é algo que eu não tinha feito antes, então, mais uma vez tá sendo desafiador e novo. (Entrevista - Professor em formação do NUPEL).

Ainda no excerto [24], ao se referir ao segundo semestre como desafiador e novo, por estar fazendo algo que nunca tinha feito antes, as suas palavras poderiam ser as minhas quando também descrevo a minha atuação, como professora em formação no núcleo, já que a experiência com o uso do blog surgiu exatamente quando passei a dar aulas para os níveis intermediário e avançado.

Ao mudarmos de nível, deparamo-nos com outros aspectos que envolvem o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, costumo dizer que os níveis Básico 1 e 2 são as nossas zonas de conforto, pois os alunos conhecem muito pouco os códigos da língua-alvo, então, tudo é novidade para ele, cada aprendizagem é uma conquista, mas, a partir do nível intermediário, nos damos (ou teríamos que nos dar) conta de que ensinar uma língua vai muito além de ensinar o aluno a falar e a escrever de acordo com a norma padrão e que aprender o maior número de palavras e conjugar “perfeitamente” os verbos da língua-alvo não garantem que esse aprendiz seja capaz de interagir em diferentes situações comunicativas. E assim, cientes de que temos que agir diferente, procuramos outros recursos, outras estratégias, outras abordagens que nos ajudem nesse novo desafio.

Como podemos ver, no excerto [25], a fala de Europa é marcada pelo uso da primeira pessoa “ eu aprimorava”, “ eu via”, “(eu) tentava adaptar”, “eu tentava mudar”, assim como a de América “eu apliquei”, “tudo que eu tô fazendo [...] é algo que eu não tinha feito [...]”, essas falas por um lado podem demonstrar o papel de protagonistas que esses professores em formação têm no núcleo, por outro, a ausência de uma orientação mais ativa da coordenação.

[25]

Europa: [...] Então, por exemplo, no primeiro semestre, eu fiquei, acho que foi no primeiro ou segundo que eu fiquei com o básico 1 e 2, depois eu passei pro intermediário e pro avançado; mas, aí, a cada segundo semestre que eu dava a mesma disciplina, que eu dava o mesmo nível, eu aprimorava algumas coisas, né, e eu via o que que foi que deu certo, que deu errado e, aí, tentava adaptar, embora o perfil do aluno influencia muito nessa questão. Então, tem alunos que são mais sérios, não preferem alguns tipos de atividades, outro sim; alguns são mais críticos, outros não, né.

Pesquisadora: E como é que você desenrolava isso?

Europa: Ah, dependia deles, dependia deles sempre. Na verdade, as questões que eles gostavam mais, a gente tendia a demorar mais duas aulas, por exemplo, a gente demorava duas aulas num assunto se fosse o caso, mas se não fosse um assunto que demandasse muita informação, porque a partir de um conteúdo, a gente pode introduzir mais dois, três, aí que tá a riqueza, mas quando a gente via, que eu via que um tema não era muito rentável, eu tentava mudar logo pra poder chamar atenção deles.

É importante mencionar que um ensino de língua em perspectiva intercultural, a participação dos aprendizes na elaboração do curso, dando sugestões do que querem aprender, por exemplo, é fundamental. No entanto, precisamos estar atentos para aquilo que compete ao professor: decidir como e quando os conteúdos/temas, por exemplo, serão trabalhados/abordados no curso, procurando escolher instrumentos, procedimentos, abordagens que contribuam na aprendizagem.

Os dados desta pesquisa têm nos mostrado que, na ausência de uma orientação mais ativa dos professores formadores, o trabalho dos professores em formação tem sido conduzido pelo que demandam os alunos. Essa demanda nem sempre condiz com uma aprendizagem significativa, já que tendências contemporâneas de ensino-aprendizagem de línguas apresentam abordagens/perspectivas que vão de encontro ao ensino tradicional, no qual o ensino-aprendizagem da gramática ocupa lugar central. Assim, é fundamental que os professores em formação sejam (continuamente) preparados a refletirem sobre concepções que têm orientado a prática docente, pois a ausência de uma orientação em contextos formativos podem estar reforçando práticas tradicionais do ensino de línguas.

Em relação aos professores em formação que atuam no PROEMPLE (Benin, Gabão, Gana, Congo, Haiti e África), como vimos no Quadro 6: Prioridade dos professores em formação ao planejar as aulas⁸⁶, há por parte desses professores preocupação quanto ao uso correto da língua (África); à oralidade, ao vocabulário e à escrita (Benin); aos temas e às questões que surgem durante a aula (Gabão); ao contato, à interação e à conversação com brasileiros (Gana, Congo e Haiti).

Noto que há referência a algumas das características da abordagem comunicativa (NUNAN Apud BROWN, 1994) nas falas desses professores, quando enfatizam a importância da interação com a língua-alvo e buscam relacionar as experiências com a linguagem fora da sala de aula com a aprendizagem da linguagem em sala de aula, por exemplo.

Ao perguntar-lhes, durante a entrevista, se havia algum tipo de orientação da coordenação do PROEMPLE/professor de Estágio I em relação às aulas, à metodologia, à abordagem a ser utilizada, entre outras coisas, temos as seguintes respostas:

Quadro 7: Orientação da coordenação/dos professores da disciplina de Estágio

África (Monitor PROEMPLE)	Abordagem Comunicativa.
Benin, Gana, Congo (Tutores)	Não/Nenhuma.
Gabão e Haiti (Tutores)	Desenvolver atividades interpessoais com os alunos.

Fonte: Própria Autora

Em relação à abordagem do programa, durante a entrevista, África diz:

[26]

África: Sempre comunicativa. [...] desde o início, quando [...] começou as orientações sobre como eu deveria dar aula, [...] seria sempre comunicativa, é sempre comunicativa. Então, tem que deixar os alunos falar o máximo possível, colocar eles sempre em grupo, em dupla pra que eles falem, pra que eles conversem, pra que eles possam trocar essas experiências. (Entrevista - Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

A professora em formação comenta que os monitores têm que controlar as interações, pois, apesar de um aluno ajudar o outro quando estão em grupo/dupla (“quem sabe mais, ajuda quem sabe menos”), eles “tentam falar muito na própria língua deles, então, eu tenho que ficar controlando isso o tempo todo”. Durante as observações, registrei no diário de campo, que,

⁸⁶ Esse quadro foi apresentado neste Capítulo 3, na página 82.

em alguns momentos, ouvia-se dois ou mais alunos conversando em sua língua materna. Além disso, África revela que as aulas de projetos são as mais difíceis de ministrar:

[27]

África: [...] porque parece, eu percebo que, entre eles, têm uns que não se dá muito com outros, que não gosta de conversar com outro, de que não gosta de fazer projeto porque, aí, lógico que eles encontram dificuldade de trabalhar em grupo, como eu, como uma pessoa, adulta, madura também tenho dificuldade de trabalhar com meus colegas, eles passam por isso também. (Entrevista – Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

Entretanto, reconhece, em outro momento da entrevista, a importância da aplicação desses projetos para que esses alunos sejam expostos a situações que os tornem independentes aqui no Brasil:

[28]

África: Olha, eu acho, eu gosto muito dos projetos, eu acho que os projetos são importantes, eu acho que os projetos tornam esses alunos autônomos, e eles precisam disso, eles tão aqui longe da família, não tem papai, não tem mamãe, então, eles têm que aprender a se virar na vida, então, eu acho que o projeto é o melhor caminho pra que eles aprendam de forma autônoma, independente, que eles corram atrás, vai lá, pesquisa, então, eu acho que é muito legal o projeto, eu gosto da ideia dos projetos. (Entrevista – Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

É interessante observar que, conforme apresentei no Quadro 6, África diz que prioriza em seu planejamento “o uso da língua o mais correto possível”, pois acredita que, se alguém não a corrigir, ela nunca vai aprender e que essa é a sua perspectiva de aprendizagem, por isso procura sempre deixar “isso o mais visível possível” aos seus alunos.

Como vimos no Quadro 7, a professora em formação expõe que a abordagem adotada no curso, segundo a coordenação, seria a comunicativa e que têm coordenadores orientando os monitores a não corrigirem os alunos. Esse conflito enfrentado por África talvez demonstre que o fato de a coordenação de um programa/o professor de Estágio I apenas mencionar a abordagem que orientará o planejamento e a práxis do professor em formação não é uma garantia de que este a tenha compreendido.

Nesta seção, ao discutir sobre o aspecto da orientação que os professores em formação recebem (ou não) durante essa formação inicial em PLE, ficou evidente que um dos papéis dos coordenadores/professores formadores é discutir com os professores em formação essas questões/conflitos que surgem, bem como incentivar o planejamento das aulas, a produção de materiais didáticos, a reflexão sobre os objetivos, as propostas, os materiais didáticos das aulas

e as abordagens de ensino de línguas, a fim de que as aulas de PLE/L2 sejam, de fato, um lugar para a interação na língua-alvo e de aprendizagem.

Ademais, não basta orientar os professores em formação a fazer atividades em grupo, em dupla para que os seus alunos interajam, conversem, troquem experiências sem que isso seja resultado de um planejamento, que considera, por exemplo, o que nos diz África “têm uns que não se dá muito com outros, que não gosta de conversar com outro [...]”.

Refletir, portanto, questões como essas e propor ações que contribuíssem para a compreensão desses conflitos por todos os envolvidos nesse processo de ensinar e aprender uma LE/L2, que, muitas das vezes, não são só linguísticos, mas também culturais, são urgentes em nossas salas de aulas e são resultados de uma boa orientação e de um bom planejamento.

3.1.3 O tratamento dado às produções dos alunos

Frequentei três aulas da turma de Estágio Supervisionado I de Português como Língua Estrangeira. Nas duas primeiras, estive na turma para apresentar minha pesquisa aos tutores e convidá-los a participarem dela. Na terceira, conversamos sobre o tema “Correções de textos escritos: Corrigir ou não corrigir? Quando, o quê, como devemos corrigir os textos escritos dos nossos alunos? ”. Decidi fazer essa discussão porque aquilo que África compartilhou comigo sobre correção surgiu, nessa turma, em momentos distintos, como questionamento dos cinco tutores que aceitaram participar desta pesquisa. Eles me perguntaram se deveriam ou não corrigir os alunos de PLE.

No primeiro encontro que tive com essa turma, Haiti foi o primeiro a conversar comigo sobre esse assunto. Eu estava saindo da sala quando ele me perguntou qual era minha opinião sobre deixar que o aluno perceba os erros que veem cometendo e se eu corrigia os meus alunos quando eles estavam falando. O professor em formação disse ter dúvidas em relação ao método⁸⁷, segundo o qual o professor deve expor o aluno à língua e este perceberá em um dado momento o que é adequado/correto. Ele enfatiza que acha muito complicado “isso de deixar o aluno solto, sem nenhuma orientação” e revela que o método em que ele acredita (sempre acreditou) é o comunicativismo, inclusive esse é o método que utiliza em suas aulas como professor de francês no NUPEL.

⁸⁷ Esse foi o termo utilizado por Haiti.

Nesse momento, confesso que pensei “ E agora, Sara? Ele poderá ser participante da sua pesquisa. Como devo respondê-lo sem que isso interfira nos dados que serão gerados? ”. Dei-me conta do que significa ser um pesquisador-participante, conversamos sobre algumas abordagens de ensino-aprendizagem de línguas e apresentei-lhe e perguntei-lhe se ele havia ouvido falar na Abordagem Intercultural ou na Perspectiva Intercultural. Ele disse que não. Sugeri que pesquisasse sobre isso, uma vez que estava começando a se questionar sobre as abordagens.

Após o segundo encontro que tive com aquela turma, encontrei com Haiti a caminho do ponto de ônibus, e ele me perguntou se eu tinha alguma unidade impressa, pois gostaria de aplicá-la. Ele escolheu uma das unidades, em seguida, perguntou-me “É só seguir o roteiro, né?”. Disse-lhe que a condução da aula ficaria a seu critério e que o roteiro era apenas uma sugestão, que ele tinha total liberdade de fazer o que e como quisesse, mas que a última atividade da unidade sugeria a produção de uma campanha contra o racismo e a xenofobia, em formato de vídeo, e que, durante o processo de produção, os alunos poderiam elaborar algum texto escrito.

Haiti, logo depois, provoca “Aí caímos naquela situação ‘corrigir ou não corrigir?’. E, outra vez, ele comenta sobre a orientação dada pelo professor X, ‘não corrigir os alunos’. Segundo a orientação, na interação, os aprendizes perceberiam os “erros” que estão cometendo e fariam as correções necessárias. Nesse sentido, é necessário recuperar o que também nos disse África. Embora aja esse tipo de orientação, a monitora declarou corrigir os alunos e procurar sempre apontar-lhes os “erros”, pois, segundo ela, eles não corrigirão os “erros” se não sabem identificá-los.

Benin e Congo também comentaram comigo sobre as correções das produções escritas dos alunos. Elas escolheram a Unidade Temática “Como é sua Rotina? ”, para implementar em suas tutorias. Como primeira produção escrita, essa unidade sugere que o aluno escreva um comentário no blog *Vivendo no Brasil*.

Durante a aplicação, enquanto os alunos comentavam no blog, Congo pergunta-me “vou corrigir o comentário antes de eles postarem? ”, respondo-lhe que ficava a seu critério. Benin pergunta “posso corrigir? ”, respondo-lhe também que ficava a seu critério e comento que, quando pedi essa atividade aos meus alunos, eu não corriji os comentários, pois os comentários foram feitos em casa. Não lhe disse que corriji os comentários e os enviei por e-mail para que eles reescrevessem. Eu queria ver quais seriam as atitudes dela diante daquela produção. Por fim, Benin diz “não vou corrigir, não”.

Como disse, a terceira vez que participei da aula de Estágio 1 foi com o objetivo de conversar com os professores em formação sobre o tema “Correções de textos escritos: Corrigir ou não corrigir? Quando, o quê, como devemos corrigir os textos escritos dos nossos alunos?”. Nesse dia, levei alguns comentários produzidos pelos meus ex-alunos e pelos alunos das tutoras (os quais estão disponíveis no blog *Vivendo no Brasil*), a fim de incentivar a discussão. Entreguei para cada aluno um comentário para que eles pudessem fazer a leitura e analisassem aqueles textos, em seguida, compartilhassem com a turma o que eles fariam com os comentários.

Nesse encontro, tinham 9 professores em formação. Um deles atuava no PROFICI como monitor, os demais estavam atuando como tutores no PROFICI⁸⁸. Estes, ao apresentarem a análise daquelas produções, ressaltavam que os alunos, em suas produções, atendiam ao comando cobrado na atividade (respondessem à postagem) e demonstravam ter compreendido o texto da postagem, embora os textos não apresentassem, em sua maior parte, pontuação adequada, presença e uso adequado de conectivos e preposições, ademais, em alguns trechos do texto, o sentido ficava comprometido, pois, como disse um dos tutores “eles estão indo bem e de repente querem dizer uma coisa que não sabem o significado, como se diz, e aí, eles vão tentando adequar para o que eles acham, mas a frase acaba perdendo o sentido”.

Diante disso, uma das tutoras, Gabão, sinaliza que corrigiria os erros de concordância e outros aspectos gramaticais (falta de coesão), uma vez que ele está em processo de aquisição e, no semestre seguinte, faria o Celpe-Bras. Outro tutor⁸⁹, nessa mesma linha, diz que buscaria orientá-lo a escrever um texto um pouco mais formal, por exemplo, trabalhando com pontuação, coesão, construção de períodos mais curtos, fechamento de ideias e uso de palavras de contraste (porém, contudo) que o aluno usa, mas “meio fora de sentido”. Congo, que também estava presente, mencionou que não corrigiu o texto durante a sua aula porque considerou que ali seria um espaço de aprendizagem e, depois, o aluno poderia, mais a frente, ver como escrevia, além disso, considerou que aquele ambiente informal, blog, o permitia escrever daquele jeito.

No final desse encontro, a última pessoa a apresentar a análise foi o monitor do PROEMPLE. Em sua fala, ele diz que, em relação aos conectivos, locuções conjuntivas, conjunções, pontuação, acredita que isso não dificultou o entendimento do texto, pois o

⁸⁸ Dos oito tutores que participaram desse encontro, cinco aceitaram participar da implementação das Unidades Temáticas.

⁸⁹ Esse tutor não é um dos cinco tutores que implementaram as Unidades Temáticas.

professor consegue ler e colocar a pontuação. Ele acredita que seria mais produtivo e melhor para o aluno se focarmos “na facilitação, na maneira em que a pessoa emite, na maneira em que a pessoa expressa a sua ideia, em vez de focarmos em pontuação”. Para ele, isso pode ser feito de uma maneira reflexiva (“Você acha que você se fez entender bem ?; Você acha que os seus colegas estão entendendo o que você está falando? Experimente. Diga para eles. Leia para eles”). Ele segue dizendo que não tem esse dever de dizer para o aluno se aquilo que foi dito (escrito/falado) é ou não compreensível, pois não acredita na ideia de que “eu tenho a língua, vou te passar”.

É interessante citar também que ele nos chama atenção para o fato de que o ambiente da internet permite ao aluno escrever daquela forma, bastaríamos ver como os próprios brasileiros utilizam o ambiente virtual, e que talvez esses aspectos analisados não reflitam, de fato, um problema de aprendizado de português, já que não sabemos como foi a escolarização desses alunos até chegarem aqui. O monitor declara que isso tem chamado bastante a sua atenção no PROFICI e que tem sentido vontade de pedir que os seus alunos escrevam na língua materna o primeiro texto (“Escreva aí qualquer coisa no seu idioma”) para, dessa maneira, conseguir ver melhor se é um problema puramente de língua portuguesa.

À medida que os professores em formação iam expondo as suas análises, eu também acabava expondo aquilo que eu acreditava. Falei de que forma poderíamos abordar os aspectos gramaticais e pragmáticos da língua a partir daquelas produções, pois, em vários momentos desse encontro, um dos professores em formação⁹⁰ fez, em momentos distintos, os comentários expostos nos excertos [29] e [30]:

[29]

Eu gostei do texto, tendo em vista, não tendo a importância estruturalista da coisa, mas eu acho que deu para entender, compreender. Essa questão de vírgula, pontuação, eu acho normal. Então, eu não vejo, na verdade, eu acho que não enxergo nada que eu possa trabalhar com ele, eu tenho que olhar isso, pois, talvez, eu precisasse de um estudo, da orientação para que eu pudesse, de certa forma, promover essa instrução a ele. (Anotações no Diário de Campo).

Esse comentário é a análise que esse professor em formação fez em relação ao texto a seguir:

⁹⁰ Não o nomeio, pois esse professor em formação não era um dos cinco tutores que implementaram as atividades.



Tychique Ndjoli 23 de agosto de 2018 at 18:50 Reply

Lendo o texto, eu achei que a historia de um homem chegando aqui no Brasil para estudar. Para mim sua historia de aprendizado a língua portuguesa foi boa e sua metodologia também de aprender. O que eu memorizei lendo, para aprender uma língua nova, precisa que de ter a vontade e o forço. Alem disso aprendendo o português básico, ele ainda vai melhorar sua língua integrando-se no nível intermediário para fazer crescer sua maneira de falar. O que posso comentar, é muito corajoso vendo um homem que tinha uma vida com propósito e ele concretizou isso, mas alem vou um pouco brincar dizendo o homem já paquerou professora dele que ensinou-lhe a língua básica de português e em fim a historia foi muita interessante.

Após fazer a leitura desse texto para toda a turma e expor a sua análise, o professor em formação reflete que, embora tenha gostado do texto e pontuar alguns aspectos estruturais os quais, naquele momento, considere como desvios normais de uso, necessita de um estudo, da orientação para aprender a instruir melhor os alunos. É importante destacar que ele foi o segundo professor em formação a ler e a analisar os comentários postados dos alunos no blog, mas que, após outros textos também serem lidos e analisados, ele questiona:

[30]

Só aproveitando aqui porque eu já vi aqui que alguns textos estão nessa mesma linha. Perceba que tem erros aqui que a gente identifica, erros, inadequações, que a gente percebe certas inadequações. Mas, por exemplo, para mim, eu tenho uma dificuldade muito grande de como trabalhar essas coisas. Vocês não passam por isso não, gente? Ou é só impressão minha, pessoal? [...] Não com gramática, têm certas inadequações clássicas que são normais, são inadequações, isso aí a gente não tem dúvida, mas como trabalhar com sentidos, eu não sei. (Anotações no Diário de Campo).

Nesse momento, noto que o professor em formação se dá conta de um aspecto que precisaria trabalhar em suas aulas: o texto e a construção dos sentidos. Ele revela ainda que tem muita dificuldade de ‘como trabalhar com isso’ e quer saber se os demais professores também passam por essa mesma situação.

Considero que essa atividade de leitura e análise dos comentários publicados no blog possibilitou que os professores em formação refletissem sobre aspectos que envolvem a “correção” das produções textuais dos alunos e a identificarem lacunas na sua formação docente. Através desse diálogo, eles puderam apresentar um pouco das inquietações que vivem os professores em formação e revelaram o desejo de aprender a dar aulas de PLE/L2, instruindo da melhor maneira possível os seus alunos.

3.1.4 A avaliação que os professores em formação fazem de sua prática e de sua formação

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, procurei também interagir com os professores em formação de PLE em outros espaços⁹¹, com o propósito de apresentá-la e tentar compreender melhor algumas falas que poderiam surgir durante a geração de dados. Ao ler os relatórios de estágio dos tutores, por exemplo, os quais foram entregues à professora da disciplina de Estágio Supervisionado I de Português como Língua Estrangeira, percebo que dois fatores foram fundamentais para que eles pudessem, no final daquela experiência, refletir sobre a sua práxis pedagógica: orientação mais específica por parte do segundo professor da disciplina de estágio sobre o planejamento das aulas e o(s) diálogo(s) que pude ter com os tutores, durante a etapa de geração de dados, sobre as questões que envolvem o fazer-pedagógico. Vejamos, a partir de alguns trechos dos relatórios, o que relatam os tutores sobre o que teriam feito diferente em suas tutorias:

Quadro 8 - O que teríamos feito diferente?

Gana	Revisando esse processo, se houvesse uma maneira de mudar, o primeiro passo seria planejar aulas com objetivos mais específicos e questões mais centrais relacionadas aos aspectos culturais e linguísticos, principalmente falar de posturas mais respeitadas para com as mulheres, com as religiões, ou a falta dela, tendo em vista que a maneira como os alunos enxergam a cultura brasileira e a imagem da mulher é bastante problemática, refletindo em comportamentos muitas vezes, inadequados.
Benin	Se pudesse fazer diferente... (faria tudo novamente da mesma maneira, mas acredito que dessa vez com embasamento teórico e auxílio do PPPLE ⁹²).
Congo	O que eu faria diferente, se eu tivesse mais tempo e esse tempo coincidissem com o tempo deles faria mais atividades de produção escrita, porque senti que era mais disso que precisavam e eles sempre se queixavam dessa necessidade, e porque não tentei fazer mais? Porque nos foi sugerido que eles precisavam mais de atividades que fossem o contrário de atividades feitas na sala de aula. Ou seja, deveríamos gastar nossa tutoria com atividades externas como passeios turísticos e experiências mais próximas da vida real, ou seja, tentar levá-los para as situações reais da vida. Ou seja, coisas menos estressantes fora da sala de aula. Foi-nos informado que eles já tinham muitas atividades formais e que precisavam de outras experiências linguísticas.

⁹¹ Palestras realizadas para os alunos da graduação de PLE do ILUFBA, nas disciplinas LETB 12 - Introdução ao Ensino do Português como Língua Estrangeira e LETB 13 - Leitura e Produção de Textos em Português como Língua Estrangeira. Comunicações Orais e Minicursos em eventos relacionados à área de PLE/L2.

⁹² Portal do Professor de Português Língua Estrangeira. Link: <http://www.ppple.org>.

Gabão	Definitivamente eu levaria os alunos mais vezes a locais fora da universidade para realizarmos mais atividades culturais. Muitos de nossos encontros se deram dentro da universidade – até porque houve vários dias em que a tutoria ocorria nos intervalos entre aulas dos alunos (e minhas) e sair do campus teria afetado a presença nessas atividades. Também, coincidentemente, muitos dos nossos encontros se deram em dias marcados por chuvas, principalmente entre Maio e Junho – o que atrapalhou, algumas vezes, nossos planos de passeios. Outra coisa que faria diferente é pensar em aulas que focassem especialmente no Celpe-Bras.
Haiti	Teria insistido mais com a aluna que evadiu, procurando-a pessoalmente, perguntando os motivos, o que poderia ser feito para despertar mais interesse nela, algo do tipo. Talvez o papel do professor seja também motivar mais esses alunos que desistem. Teria buscado mais tempo para sair com as meninas, fazer atividades culturais. Mais visitas a museus, teatros e cinemas, para gerar mais assuntos para conversarmos. Uma das primeiras ideias que tive de dar um livro de poesias de Drummond não se mostrou muito produtiva, talvez pela falta de contextualização, de correlação com a realidade de Olivia. Seria algo para ser analisado mais profundamente. Houve a realização de uma sondagem com as alunas por meio de um questionário online – está nos apêndices -. Foi muito interessante pelo fato de elaborar as perguntas e como fazer isso, as respostas serviram um pouco para conhecer delas, mas talvez tenha me faltado saber como utilizar as respostas na elaboração de atividades mais direcionadas ou talvez devesse elaborar outras questões mais específicas.

Fonte: elaborado pela autora

Gana, Congo e Benin haviam sinalizado que não tinham recebido nenhum tipo de orientação sobre como planejar as aulas do primeiro professor da disciplina de Estágio I, professor X. Enquanto Gana e Congo priorizavam, nesses encontros, o contato, a interação, a conversação com os brasileiros, Benin priorizava a oralidade, vocabulário, escrita, pois eram as necessidades dos seus alunos, segundo ela.

Nos relatos apresentados no quadro anterior, esses professores sinalizam que faltou uma orientação mais específica por parte desse professor formador sobre o planejamento dessas aulas (encontros). Essa orientação poderia ajudá-los antever e/ou identificar as necessidades dos alunos e os possíveis conflitos linguístico-culturais vivenciados por todos eles.

Gabão e Haiti, por outro lado, haviam sinalizado que foram orientados pelo professor X a desenvolver atividades interpessoais com os alunos. Em relação a fala de Haiti, percebo que essa orientação não deu conta de guiar o tutor para as situações que ele vivenciaria com os seus tutorados. Gabão, por sua vez, transgride a orientação dada pelo professor X, como demonstra o excerto a seguir:

[31]

Gabão: o primeiro professor orientou, inclusive a não usar materiais do Portal. Ele disse que achava melhor a gente desenvolver atividades interpessoais, levar os alunos, ajudar os alunos com estratégias de sobrevivência na cidade, uma amizade, enfim, um sistema de apoio, suporte pros alunos porque eles teriam toda essa possibilidade de material do portal com as aulas do PROFICI e também essa coisa de tirar dúvida, que eles tragam dúvidas também não precisava porque eles também teriam isso nas aulas do PROFICI.

Pesquisador: E as coisas ocorreram dessa forma?

Gabão: Não. Eu tentei fazer desse jeito, mas eu não funciono desse jeito, eu como professora, eu não sei se outros professores fizeram, eu sei que vários professores passaram muito e desenvolveram atividades sem, planejadas, mas menos estruturadas, na forma de uma aula clássica, mas eu não sei fazer isso. Então, eu de uma aula pra outra surgiam temas e surgiam oportunidades que eu anotava, buscava no portal ou buscava na internet e criava uma aula em cima daquele tema, das lacunas que os alunos me mostravam na tutoria. Eu fui tentando moldar dessa, desse jeito, então, se surgia um tema interessante, se tava acontecendo uma coisa interessante no período, eu moldava daquele jeito. (Entrevista – Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

Contudo, no trecho do relatório, o qual foi apresentado no Quadro 8 - O que teríamos feito diferente?, Gabão revela que levaria os alunos mais vezes a locais fora da universidade para realizarem mais atividades culturais, mas que também pensaria em aulas focadas especialmente no Celpe-Bras, pois o retorno que recebeu dos alunos, no final das tutorias, foi de que eles queriam ter tido mais aulas “formais” em que o Celpe-Bras tivesse recebido mais atenção.

Ao reler o relatório de Estágio dessa tutora, percebo que, embora não tenha trabalhado com as provas do Celpe-Bras em suas aulas, todas as atividades aplicadas por ela, sendo a maioria do PPPLE⁹³, acabavam preparando seus alunos para o exame, uma vez que as quatro habilidades (compreensão escrita, compreensão oral, produção escrita e produção oral) a serem avaliadas no exame foram exploradas de forma integrada nas suas tutorias.

Além disso, ao escolher as unidades do Portal do Professor, ela sempre pensava em unidades que pudessem prepará-los, por exemplo, para a parte oral da prova. Talvez, quando eles lhe disseram que sentiram falta de treinar para o Celpe-Bras, sinalizassem que queriam produzir mais textos escritos e ter acesso a algumas tarefas da prova. Penso que o fato de o curso do PROEMPLE ter aquela divisão de aulas (projetos, reforço, diários e preparatório Celpe-Bras), e os objetivos de cada aula dessa com o exame não ser tão bem compreendida

⁹³ Portal do Professor de Português Língua Estrangeira. Link: <http://www.ppple.org> .

pelos alunos (e também pelos monitores) leva os alunos a entender que apenas o preparatório Celpe-Bras vai prepará-los para o exame.

Ao relembrar da sua experiência como tutora, quando cursou a disciplina de Estágio I, Europa, professora em formação do NUPEL, diz:

[32]

Europa: Sim, o professor da disciplina, é, de Estágio 1, mais precisamente, ele sempre nos orientava como conduzir até porque a pesquisa, a monitoria tem intenção de preparar os alunos pra passarem no Celpe-BRAS, então, a gente era preparado a essas questões todas, teóricas e práticas, de como atuar. Embora, a prática sempre pede mais, né, sempre pede mais do professor, porque chegam questões que não necessariamente estavam postas em sala. (Entrevista – Professor em Formação do NUPEL).

Diante do exposto, percebo que o que os professores em formação desejavam durante a graduação eram exemplos práticos do fazer pedagógico. São essas questões não postas em sala, nas aulas da disciplina de Estágio 1 ou reuniões com o coordenador, que precisam entrar em cena, que precisam ser discutidas, refletidas, pensadas, como nos diz Gabão, neste trecho da entrevista:

[33]

Pesquisadora: E a formação que você recebeu de certo modo ela te preparou para essas discussões? Porque você fala que não se sente confortável, mas se sente preparada. Você acha que essa preparação é da vida, de você ou também veio da sua formação?

Gabão: Sim, sim, essa preparação é da vida. Na nossa formação em licenciatura, eu estou, tô na quarta licenciatura, porque eu me formei em licenciatura em biologia, Licenciatura em vernácula, Licenciatura em Inglês e agora estou fazendo licenciatura em PLE. Em nenhum momento, eu, dentro do PLE, sim, sim, algum tipo de conversa sobre isso, mas, em nenhum momento, nas outras licenciaturas, houve um preparo pensando em diferenças culturais ou em como lidar com as situações, qual a melhor perspectiva, não, eu acho que além de ter uma sensibilidade do professor, a forma como o professor sente confortável, isso é da vida. Não, não tive muitas oportunidades de vamos pensar numa atividade em que haja uma melhor forma de se trabalhar certo aspecto, e, se um aluno vier com essa postura, o que você faria, não sei, em ser desafiado a pensar nesses assuntos, não. Dentro do PLE, em umas aulas, a professora deu o relato dela, de experiências dela, de alunos em que ela teve problemas culturais, enfim, e como ela agiu e como a gente agiria, uma ou duas situações, isso foi a primeira vez.

Pesquisadora: E se isso tivesse acontecido com mais frequência teria sido interessante formação para sua formação?

Gabão: Sem dúvidas! Sem dúvidas! Porque uma coisa é a minha formação em língua inglesa, em que eu lido com brasileiros aprendendo inglês, e nós estamos todos muito parecidos, e outra coisa é você lidar com alunos que vêm de diversas partes do mundo para aprender o português, e a nossa versão do português que tá atrelado a nossa Cultura, é o nosso modo de viver, de ver as coisas. Então, a gente não tem preparo para isso aprendendo outras

línguas, e a gente não se prepara para isso aprendendo a ensinar, pensando português para brasileiros, no ensino de língua materna, não, a gente pensa em variação linguística, a gente pensa em aspectos estruturais, em não ter preconceito com diversos uso da língua, sim, e lá, as outras questões todas que podem surgir de um estrangeiro que vem do oriente ou de uma cultura extremamente religiosa que não é o nosso caso ou que venha de realidade extremamente de pobreza ou que venha de uma realidade de pessoas todas da mesma cor e pouquíssimo, enfim, mistura, como lidar com essas pessoas? Eu acho que isso tem que ser ensinado, não ensinado, mas que tem que ser apresentado para a gente pensar. (Entrevista – Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

Antes dessa pergunta, Gabão comentava que se sentia preparada para dialogar com os alunos sobre aspectos culturais, mas não sabia se esse era o seu lugar de fala. Quando direcionei a conversa para a formação em PLE, ela diz que só teve uma oportunidade de pensar em uma ou duas situações de como eles agiriam diante de um “problema cultural” apresentado pela professora Y, em outra disciplina. Gabão acredita essas situações devem ser postas em sala de aula, não como algo para ser ensinado, mas que seja apresentado a fim de fazê-los pensar.

As lacunas na formação de professores de PLE/L2 na UFBA expostas pelos tutores apontam para a necessidade de uma orientação mais ativa (e mais significativa) por parte do professor da disciplina de Estágio em relação ao planejamento das aulas desses professores em formação e para os diálogos que pude ter com os tutores sobre aspectos que envolvem o ensino de PLE, durante a etapa de geração de dados. Acredito que esses diálogos foram fundamentais para, naquele momento, esses professores pudessem conhecer a produção de um material didático que se pretende intercultural e refletir sobre as concepções que a orientam.

3.1.5 Os desafios na formação dos professores

Para Mendes (2014) são quatro os desafios enfrentados pelas instituições, públicas e privadas, no desenvolvimento de cursos e na formação de novos professores de PLE/L2, tanto na fase inicial formativa, a exemplos dos cursos de licenciatura, quanto na capacitação dos professores em serviço, a saber, os desafios do conhecimento, profissional, social e político. Desses, interessa-nos, nesse momento, o desafio profissional, por estar diretamente associado ao que estou discutindo nesta seção.

Segundo a autora, “as instituições devem desenvolver condições para preparar, em estágios iniciais e continuamente, professores de línguas capazes de formar cidadãos plurilíngues e interculturais”, ainda, “é necessário formar sujeitos para analisar, avaliar e

intervir em situações complexas, em salas de aula de línguas multiculturais e, muitas vezes, conflituosas”. (MENDES, 2014, p. 36)

Nesse sentido, busquei através daquelas perguntas fazer com que os professores explicitassem quais os desafios encontrados durante esse estágio inicial da formação de professores de PLE da UFBA. Durante a geração dos dados e sua análise, identifiquei que um dos desafios profissionais que precisam ser superados é orientação teórica-pedagógica, a qual está imbricada ao planejamento das aulas e ao currículo da licenciatura de PLE. Por isso, é necessária uma orientação teórica-pedagógica mais significativa para os professores em formação, capaz de promover a reflexividade crítica (LIBÂNEO, 2006) durante toda a licenciatura de PLE, a fim de que se formem professores críticos-reflexivos, sabedores das concepções, das crenças, das abordagens que orientam a prática pedagógica, a seleção e a produção de materiais didáticos e de instrumentos de avaliação, entre outros.

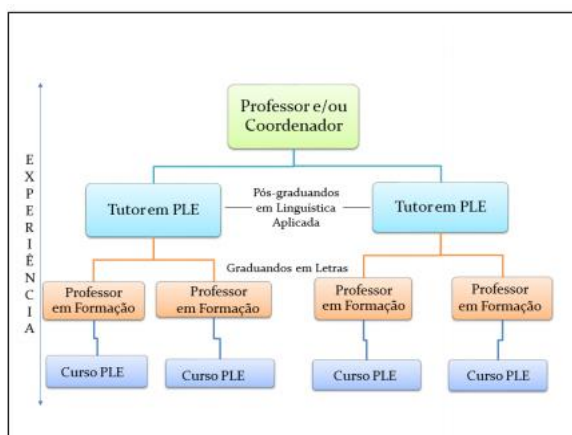
Logo, esse tipo de orientação deve estar presente na estrutura geral do curso e não deve depender das abordagens individuais dos professores formadores, como demonstram os dados gerados desta pesquisa. Esses dados revelaram lacunas na formação dos professores, tanto nas orientações como nas abordagens dos professores formadores, e parece que isso tem tido um grande significado no curso de Letras em foco.

Izaki Gómez (2018) defende, em sua tese, que, para o professor em formação desenvolver a prática reflexiva, é necessário criar oportunidades para que ele possa discutir sua prática e a de seus colegas, a partir de aportes teóricos adquiridos e produzidos ao longo da formação acadêmica, tentando desconstruir os sentidos comuns e construindo significados sobre o processo de ensino e aprendizagem de modo colaborativo, juntamente com outros professores. Nesse sentido, a autora assevera que:

[...] esse espaço de reflexão tem de ser criado por, pelo menos, um par mais experiente, fundamentado em aporte teórico e organizado metodologicamente [...]. Reconhecemos o papel fundamental do outro sujeito no processo reflexivo, pois embora seja possível desenvolver uma reflexão sobre si mesmo, o processo pode não ser “completo”. É na interação com o outro que o sujeito-professor pode conhecer outras perspectivas e, desse modo, (re)construir a sua prática. (IZAKI, GÓMEZ, 2018, p. 50).

Ela, ainda, verifica que “o professor em formação necessita de acompanhamento constante e presencial para realizar seu ofício” (ibid., 201).

No Organograma a seguir, a autora sintetiza a estrutura base de um trabalho colaborativo para o ensino de PLE:

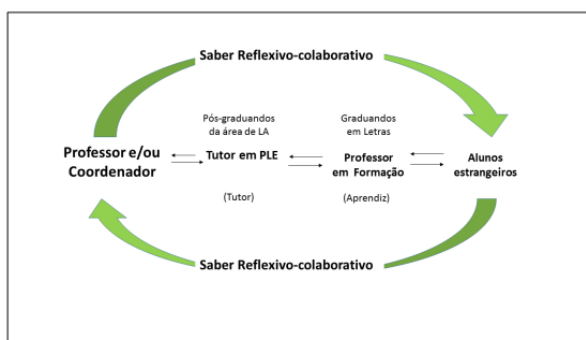
Figura 7 - Organograma base do trabalho colaborativo em PLE

Fonte: IZAKI GÓMEZ, 2018, p. 198.

Como se depreende da Figura 7, Izaki Gómez apresenta o professor e/ou coordenador da disciplina/dos cursos, o tutor (pós-graduando) e o professor em formação (graduandos do curso de Letras) como os três agentes principais do trabalho colaborativo em PLE.

Enquanto “o professor da disciplina e/ou coordenador dos cursos de PLE exerce a função de planejar e coordenar disciplina/cursos e orientar as ações teórico-pedagógicas tanto do tutor quanto dos professores em formação”, o tutor em PLE⁹⁴ desempenha a função de par mais experiente e pode ser uma peça “fundamental para interação reflexiva do processo de ensino e aprendizagem de PLE para professores em formação”, mediando a aprendizagem do par menos experiente, que é desempenhado pelo professor em formação.

As ações de cada um desses agentes podem ser visualizadas na figura a seguir:

Figura 8 – Participantes do processo de ensino de PLE: professor, tutor e graduandos em Letras

Fonte: IZAKI GÓMEZ, 2018, p. 199.

⁹⁴ Na sua investigação, Izaki Gómez (2018) denomina tutor em PLE aquele que irá interagir diretamente com os professores em formação para a construção da reflexão-sobre-a ação e recomenda que seja, preferencialmente, pós-graduando da Linguística Aplicada e/ou tenha formação no ensino de línguas, com experiência no ensino de PLE/L2.

Vemos, na Figura 8, que os alunos estrangeiros também participam desse processo reflexivo-colaborativo, pois ao avaliarem o curso e a atuação do professor em formação, as suas perspectivas acabam tendo um “efeito retroativo em todo o processo de ensino”, como demonstra a autora.

Na licenciatura em PLE de Letras, não há um trabalho colaborativo como o apresentado na Figura 7, embora eu acredite que seja possível implementá-lo no NUPEL e no PROEMPLE, já que, nesses cenários, há agentes como os apresentados na Figura 8, professor e/ou coordenador da disciplina/dos cursos, pesquisadores de PLE na área da Linguística Aplicada, graduandos do curso de PLE e alunos estrangeiros.

No NUPEL, são dois os agentes principais: coordenador do curso e o professor em formação. Nesse cenário, enquanto o coordenador do curso de PLE exerce a função de orientar o professor em formação sobre as ações teórico-pedagógicas do curso; o professor em formação, por sua vez, tem o papel de planejar, ministrar as aulas. O processo reflexivo desse professor em formação, nesse cenário, é individual, com pouca interferência da coordenação nesse sentido.

No PROEMPLE, são quatro os agentes principais: coordenador do curso, monitores, tutores, professores das disciplinas de estágio. Nesse cenário, enquanto o coordenador do curso de PLE exerce a função de orientar os monitores acerca das ações teórico-pedagógicas do curso, o monitor tem o papel de planejar as aulas de acordo com o planejamento estabelecido previamente pela coordenação e de ministrar aulas. Nesse cenário, muitas aulas, em especial as dos Projetos, são elaboradas com a participação de todos os monitores e, posteriormente, supervisão da coordenação, aprovando ou não os planos de aulas. O processo reflexivo desse monitor, nesse cenário, mostra-se coletivo, mas com muita interferência da coordenação nesse sentido, já que é ela responsável por aprovar ou reprovar os planejamentos dos monitores.

Ainda, nesse cenário, há a participação de um terceiro agente que são os tutores, estes são alunos da graduação que cursam as disciplinas de Estágio, e que observam aulas dos monitores, produzem relatórios dessas observações e prestam tutorias aos alunos estrangeiros dos monitores. As atividades desenvolvidas pelos tutores nas tutorias são orientadas pelos professores das disciplinas de Estágio, que também consideramos como quarto agente desse cenário. Este é responsável por orientar e monitorar as experiências práticas os professores em formação, durante o seu processo de Estágio, a fim de mostrar acertos e falhas que surjam

durante esse processo, corrigi-las (se for preciso) e ressignificá-las ao longo dessa experiência, desse modo, preparam esses professores para inúmeras situações que envolvem a(s) sala(s) de aula de línguas (MENDES, 2014).

No entanto, os dados desta pesquisa mostram que nem sempre o professor dessa disciplina desempenha essa função, demonstrando, então, diferenças entre as abordagens dos professores formadores, que a depender do professor que ministre a disciplina a orientação teórica-pedagógica pode não ser significativa para os professores em formação, não ser capaz de promover a reflexividade crítica (LIBÂNEO, 2006) e pode formar professores acrílicos-irreflexivos, desconhecedores das concepções, das crenças, das abordagens que orientam a prática pedagógica, a seleção e a produção de materiais didáticos e de instrumentos de avaliação, entre outros.

Ademais, nesses dois cenários, NUPEL e PROEMPLE, percebemos que a interação entre os professores em formação é muito pouco e isso vai de encontro ao que nos diz Izaki Gómez (2018) sobre o desenvolvimento da prática reflexiva do professor em formação. Assim, temos professores em formação atuando nesses cenários, em modalidades diferentes de ensino, desenvolvendo, em sua maioria, atividades individuais, quando poderíamos promover ações coletivas, mais planejadas, criando oportunidades, como defende Izaki Gómez (2018), “para que o professor, juntamente com outros professores, construa significados sobre o processo de ensino e aprendizagem”.

Daí também a importância de um tutor, mais experiente, nesse processo formativo, nesse espaço de reflexão. Já foram defendidos mais de quarenta trabalhos na área de PLE/PL2, entre dissertações de mestrado e teses de doutorado⁹⁵, no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC), na área Linguagem e Interação e na Linha de Linguística Aplicada, e alguns desses pesquisadores tiveram passagem em pelo menos um desses dois cenários. O que quero defender é que esses pesquisadores poderiam também atuar na formação desses professores mediando a aprendizagem do par menos experiente, professores em formação.

Por fim, é importante também reconhecermos os alunos estrangeiros nessa construção do saber reflexivo-colaborativo como um dos participantes do processo de ensino de PLE, pois como já discuti anteriormente, os dados desta pesquisa têm nos mostrado que o trabalho dos professores em formação do NUPEL e PROFICI tem sido conduzido pelo que demandam os alunos. Essa demanda precisa ser analisada não apenas pelo professor em formação ou

⁹⁵ Acessar: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>.

negociada entre o professor em formação e os seus alunos estrangeiros, como temos visto, mas com todos os agentes desse processo. Desse modo, estaremos, de fato, preparando os professores para atuarem em variados contextos.

Como mencionei no início deste capítulo, a formação de professores de PLE na UFBA compreende todo o processo da licenciatura. Atualmente as disciplinas específicas da licenciatura em PLE de Letras dessa Instituição são ministradas por três professores efetivos e, ocasionalmente, por alunos do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. São os professores X e Y que costumam acompanhar mais frequentemente os Estágios, momento em que os professores em formação têm maior oportunidade de prática. Não há entre eles, como propõe IZAKI GÓMEZ (2018), um tutor com “o papel de observar as aulas, refletir com o professor em formação sobre a prática pedagógica e propor encaminhamentos por meio de ação em conjunto”. Os tutores que atuam no PROFICI, como disse anteriormente, são graduando de PLE que, por estarem cursando disciplinas de Estágio, observam as aulas dos monitores, produzem relatórios dessas observações, prestam tutorias aos alunos estrangeiros dos monitores.

Ao analisar as atitudes que tomei durante a geração de dados, aproximando-me dos professores em formação e dialogando com eles sobre as questões que envolvem o fazer-pedagógico, compreendo que desempenhei a função de par mais experiente, mediando a aprendizagem do par menos experiente, que é desempenhado pelo professor em formação. Desse modo, pude ser uma peça “fundamental para interação reflexiva do processo de ensino e aprendizagem de PLE para professores em formação” (IZAKI GÓMEZ, 2018). No entanto, é preciso pontuar que, em uma das etapas da geração de dados desta pesquisa, apenas observei as aulas do professor em formação, não sendo possível, portanto, refletir com ele “sobre a prática pedagógica e propor encaminhamentos por meio de ação em conjunto”, uma vez que a coordenação não autorizou a implementação do conjunto de atividades pelo monitor em uma de suas turmas. Isso pode demonstrar que, naquele cenário, há limites estabelecidos da atuação de um professor tutor, e que o professor em formação ministra os cursos sem a articulação de todos os saberes representados na Figura 8, não ocorrendo, portanto, um processo de ensino e aprendizagem de PLE para que o Saber Reflexivo-colaborativo seja realizado de fato, como defende a autora.

Ademais, em relação ao currículo da licenciatura de PLE, as disciplinas mais significativas para essa experiência (NUPEL ou PROEMPLE) mencionadas pelos professores em formação, durante a entrevista, foram LET B12 - Introdução ao Ensino de Português

Língua Estrangeira; LET B15 - Avaliação de Proficiência em Português Língua Estrangeira e os Estágios Supervisionados de Língua Portuguesa. Para eles, essas disciplinas os teriam orientado no planejamento das aulas ou apresentado as possibilidades de atuação na área de PLE/L2.

Vejamos, no excerto [34] o que um dos tutores, Congo, menciona sobre essas disciplinas que considera como as mais significativas.

[34]

Congo: Eu acho que foram mais disciplinas mais teóricas, muitos textos teóricos importantes, mas que eu não tô nem mais lembrando o que é que foi que eu li, tenho que reler. Tô começando a reler agora a partir do [nome do professor Z] de novo, porque se [nome do professor Z] não tivesse entrado nesse segundo momento, a gente ia ficar solto de novo sem teoria, entendeu? Apesar da gente tá num limite de preguiça de ler texto, fazer o que, é verdade.

Pesquisadora: Falta de prática, né?

Congo: Aí, ainda mais formada, a gente fica um pouco mais, mas a gente sente que tem necessidade também, não pode ficar. Como é que eu vou construir uma atividade com um aluno sem eu ter um referencial, né, que vai me permitir, pelo menos, saber onde que eu estou, saber que caminho que eu tou. Então, é necessário também essa linha de teóricos assim, essas leituras e uma orientação maior. (Entrevista – Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

Congo cursou as disciplinas introdutórias de PLE durante a graduação de inglês, como disciplinas optativas, mas só reingressou no curso de PLE três anos após ter se graduado em inglês. No reingresso, só precisaria cursar as disciplinas de Estágio para concluir o curso de PLE. Esse esquecimento em relação às nomenclaturas das disciplinas ou aos textos teóricos lidos, comentado nesse excerto, pode ser justificado pela distância entre realizar as disciplinas introdutórias, como optativas, e depois ingressar no curso de PLE, na modalidade reingresso. É importante, não só por fatos como esses, que, no Estágio I, o professor em formação passe por reflexão, por leitura, por discussões, mesmo que ele precise revisar coisas que já foram lidas, discutidas, refletidas nas disciplinas introdutórias. Ler para refletir sobre, por exemplo, as concepções que orientam a prática de outros professores (e as suas também); a produção de materiais didáticos; os critérios de avaliações e exames de proficiência, a fim de que, no Estágio II, ele seja capaz de fazer outras coisas.

A fala de Congo ainda nos leva a refletir sobre uma possível assimetria que pode existir no curso em relação às diferentes tendências formativas no interior do curso. O tutor, ao referir-se ao professor Z, que assumiu depois a disciplina de Estágio, diz ter sido a partir dele que algumas leituras teóricas foram realizadas, deixando a entender que o professor X,

quando ministrou a disciplina de Estágio 1, não relacionou a prática à teoria, e vice-versa. Chamo atenção para o fato de que as disciplinas introdutórias, de acordo com as suas ementas, não devem ser só teóricas, mas devem envolver todo um trabalho reflexivo e prático.

Por causa dessa declaração, perguntei, durante as entrevistas, a outros professores em formação que também estavam cursando a disciplina de Estágio 1 se houve discussão teórica, em algum momento, ao cursarem essa disciplina, eles responderam:

[35]

Benim: Sim, já no final, nas últimas aulas, quando o professor Z tomou a posse da sala. (Entrevista – Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

[36]

Gabão: Inicialmente foi bem aberta. O professor X deixou a gente bem livre pra fazer o que a gente julgasse melhor. Depois houve uma orientação do outro professor de tentar não ser tão solto, livre. (Entrevista – Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

[37]

Gana: Na verdade, no final da disciplina que a gente começou a ver algumas questões sobre o português, como aplicar no ensino de PLE, mas no início, que foi quando começaram as tutorias, não. (Entrevista – Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

As falas dos professores em formação, nos excertos [35], [36] e [37] revelam que a depender de quem seja o professor formador haverá ou não elaboração e/ou análise de material didático, de avaliações, de atividades de produção de texto, entre outras coisas, mostrando, portanto, abordagens individuais dos professores formadores no interior do curso que acabam comprometendo significativamente todo o processo formativo em análise. É preciso nos atentar, portanto, que um curso não pode estar tão dependente das diferenças entre as abordagens dos professores formadores.

É importante observar que dos cinco tutores apenas Gabão declarou ter feito o planejamento de suas aulas, justamente aquele que transgrediu desde o começo a orientação dada pelo professor X na disciplina Estágio I, os demais só perceberam a carência de orientações sobre planejamento e reflexões teórico-práticas quando tiveram contato com o professor Z, que os incentivou a refletirem sobre a própria prática no final dessa disciplina, e ao implementarem as Unidades Temáticas desta pesquisa. Isso mostra, mais uma vez, a assimetria na formação, a depender do professor formador.

No relatório entregue no final da disciplina, Gabão relata: “[...] Fomos orientados a “experimentar” e não a dar aulas propriamente ditas. A tutoria foi descrita como um laboratório de ideias para complementar a formação que os aprendizes de português já estavam recebendo no curso tradicional.”. Ela relata, na entrevista, que os tutores foram orientados pelo professor formador X, a não usar, por exemplo, materiais do Portal do Professor de Português Língua Estrangeira (PPPLE⁹⁶), pois, para o professor formador X, seria melhor desenvolver nas tutorias atividades interpessoais, como passear com os alunos, para que eles conhecessem alguns lugares; ajudá-los com estratégias de sobrevivência na cidade, para que as tutorias fossem “um sistema de apoio, suporte pros alunos”, já que “eles teriam toda essa possibilidade de material do Portal com as aulas do PROFICI e também [...] essa coisa de tirar dúvida [...] também não precisava, porque eles também teriam isso nas aulas do PROFICI”.

A tutora revela que tentou fazer desse jeito, mas priorizou temas que surgiam durante as aulas, “lacunas que os alunos mostravam na tutoria”, para fazer o seu planejamento. Ela percebe que não foi imposto nenhum tipo de restrição sobre o que deveria ser feito ou, segundo suas palavras, “como poderíamos atuar como tutores”, por isso se sentiu “à vontade para tentar realizar atividades que suprissem as necessidades dos aprendizes” e, a partir da segunda aula, começou a utilizar unidades didáticas retiradas do Portal do Professor de Português Língua Estrangeira (PPPLE). Gabão ainda menciona que:

[87]

Gabão: A partir dessa data, passei a iniciar a tutoria sempre pedindo para que os alunos falassem sobre a melhor e a pior parte da semana deles. Desse modo, mesmo sem nos conhecermos muito, passamos a compartilhar um pouco de nossas rotinas e angústias e a criar um espaço de conforto e confiança nas sessões de tutoria. Essa atividade deu, muitas vezes, a oportunidade para que todos participassem dando conselhos e dicas uns aos outros para superar as dificuldades (que nem sempre eram ligadas somente aos estudos). (Relatório de Estágio).

Além disso, a tutora menciona que pedia sempre aos alunos que explicassem a tarefa ou o projeto da semana (requerido durante as aulas formais do PROFICI) e ajudava-os, dando dicas de lugares para visitarem ou alguma orientação de deslocamento para os locais onde iriam desenvolver os projetos.

⁹⁶ O PPPLÉ é uma plataforma online que tem como objetivo central oferecer à comunidade de professores e interessados em geral, recursos e materiais pedagógicos para o ensino-aprendizagem-avaliação do português como língua estrangeira. Fonte: <http://www.ppple.org/>.

A transgressão de Gabão é fruto de sua formação acadêmica. Isso fica claro quando nos revela que, ao cursar a disciplina LET B15 - A Avaliação da Proficiência do Falante de Português Língua Estrangeira, estudou os parâmetros de avaliações e as concepções de língua que orientam esse exame e participou de um simulado do Celpe-Bras, o qual foi realizado pela professora Z, quando ela ministrou essa disciplina. Assim, todos os alunos puderam conhecer, na prática, as etapas do exame (aplicação e correção das partes oral e escrita). Quando lhe pergunto se essa oportunidade de conhecer o exame influenciou na sua prática docente, ele diz:

[38]

Gabão: Sem dúvidas, sem dúvidas. Influenciou porque a escolha de materiais foi feita pensando no Celpe-Bras, as orientações que eu dava pra eles quando a gente trabalhava em cima de ou lia um texto, é, e eu via que eles demoravam muito tempo pra fazer a leitura de um texto, queriam saber todos os mínimos detalhes, eu pensava, eu dizia, esse é o momento pra gente fazer isso, mas se fosse no Celpe-Bras, vocês teriam que entender o contexto geral pra realizar a tarefa pedida, é, influenciou porque eu acho que eu pensei nas entrevistas do Celpe-Bras, a gente teve conversas, e eu trazia situações parecidas com os elementos provocadores do Celpe-Bras pra que eles expandissem vocabulário, mas eu sempre tinha em mente sabendo que aquilo ia ajudar de alguma forma no Celpe-Bras, é, os vídeos também que eu trazia eu pedia para eles fazerem anotações pensando no Celpe-Bras, quando eles também tem que fazer anotações, então, sem dúvidas. (Entrevista – Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

América também, ao fazer-lhe essa mesma pergunta, declara que foi a partir dessa disciplina que expandiu a sua visão, o seu conhecimento:

[39]

América: [...] Então, a forma com que eu trabalho hoje, que eu aplico avaliação, que eu faço uma atividade, é toda pautada no que eu aprendi naquela disciplina, porque se eu passo uma atividade pro aluno, qual é o objetivo daquela atividade, é matar o tempo da aula, é fazer com que ele fique escrevendo? Não, aquela atividade precisa ter um fundo, ela precisa ter um porquê, um motivo, e tudo isso veio por conta dessa disciplina. (Entrevista – Professor em Formação do NUPEL).

Ela revela-nos também que quando entrou na área de Letras tinha uma visão muito fechada, mas isso mudou quando conheceu PLE, pois pode expandir a sua visão e conhecer a área de avaliação, o Celpe-Bras e todas as outras formas de trabalhar com PLE.

É importante observar que essas reflexões acerca do exame não surgiram com os demais professores em formação, mesmo com aqueles que atuam no Celpe-Bras. Havia, por

parte deles, preocupação em preparar os alunos para a prova, mas verifico que a visão de proficiência que surge nas entrevistas ou nas observações de aulas, ainda, estava atrelada ao uso correto das unidades da língua.

[40]

África: Hoje, por exemplo, teve uma aluna que eu já percebi que já, é, várias vezes, mas eu sempre me esqueço e é pra eu tocar na aula, e eu acabo esquecendo, que é sobre a palavra 'não'. Ela fala 'non', 'non', 'non', mas, resultado, tá lá numa grade de avaliação no Celpe-Bras como a pessoa fala, né, como a pessoa respondeu às perguntas, como foi a entrevista dela. Tá lá, tem vários tópicos lá. Então, a gente precisa ensinar ao aluno sobre, por onde eles vão passar na prova, que caminho eles têm que percorrer pra poder passar na prova. O caminho não é só ensinar os gêneros textuais só, somente os gêneros textuais, mas também a forma correta de escrever, a forma correta de falar, é assim que eu penso. (Entrevista – Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

Considero, portanto, a disciplina LET B – 15, ministrada pela professora Z, muito significativa na formação desses professores, uma vez que não só ressignifica a visão de proficiência deles, como vimos América refletir criticamente sobre o teste de nivelamento aplicado no curso de PLE do NUPEL⁹⁷, mas ressignifica todos os outros aspectos que envolvem a avaliação, podendo refletir positivamente na práxis desses professores, como demonstrado por América no excerto [39].

No entanto, percebo que é de suma importância que os professores que hoje estão à frente da licenciatura dialoguem com mais frequência sobre o modo como estão conduzindo as disciplinas para que não ajam assimetrias como estes: professores em formação chegando à disciplina de Estágio 1, por exemplo, sem terem refletido sobre as concepções de língua, de ensino, de avaliação que orientam a sua prática, visto que isso dependerá das disciplinas que cursou e com quem, se professor X, Y ou Z.

⁹⁷ Na página 56, do Capítulo 2, América analisa que o teste de nivelamento aplicado no curso de PLE do NUPEL não tem avaliado adequadamente a proficiência dos alunos, acarretando a heterogeneidade nos níveis de proficiência nas turmas.

3.2 TECNOLOGIAS DIGITAIS NAS AULAS DE PORTUGUÊS LE/L2: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DE UMA PERSPECTIVA DE ENSINO DE PLE INTERCULTURAL E CRÍTICA

No currículo da licenciatura em Letras Vernáculas em PLE da UFBA, não há uma disciplina que discuta o uso de tecnologias digitais no ensino de línguas. Caso o licenciando tenha interesse pelo tema, terá que se matricular no componente curricular “EDC 287 – Educação e Tecnologias Contemporâneas, o qual é ofertado pela Faculdade de Educação (FACED) dessa universidade, como optativa para os cursos de Letras. Embora o enfoque teórico-prático não seja o ensino de línguas, ela apresenta discussões gerais sobre a utilização das novas tecnologias na educação, as implicações pedagógicas e sociais desse uso, e há a possibilidade de elaboração de material audiovisual, segundo a ementa do curso.

Ao entrevistar os oito participantes desta pesquisa, perguntei se haviam cursado, durante a formação acadêmica, alguma disciplina relacionada ao uso de tecnologias digitais no ensino. Todos responderam que não, apenas um deles, Congo, mencionou que tentou cursar a EDC - 287, mas não conseguiu se matricular, por falta de vaga. Ao perguntar-lhe como soube dessa disciplina, respondeu-me ‘através de colegas do curso de letras que conseguiram fazer, que sabiam já’. Congo declara que fez somente as obrigatórias que são ofertadas pela FACED, como se tratava de uma disciplina optativa, ela não se preocupou em cursá-la.

Durante as observações de aulas, notei que muitos alunos recorriam ao celular para pesquisar o significado de alguma palavra ou usar o tradutor, por exemplo. Dos oito professores em formação participantes dessa pesquisa, apenas um demonstrou certo desconforto quando os alunos recorriam ao celular para sanar alguma dúvida, como podemos ver neste trecho do diário de campo das aulas que observei de Gana:

[41]

A tutora inicia a leitura e, em um momento do texto, pergunta ao aluno:

Gana: Você entendeu esse comentário?

O aluno A pergunta o significado de enxergar.

Gana: Ver.

Um outro aluno B pergunta algo sobre uma palavra que leu no texto.

Gana: Essa palavra é uma gíria.

Os alunos continuam fazendo a leitura do texto, mas, em um dado momento, esse mesmo aluno B pega o celular, e a professora pergunta se ele quer saber o significado. [...]
(Anotações do Diário de Campo).

Nesse trecho, notamos que o aluno recorre a professora para saber o significado de algumas palavras, mas, em outro momento, recorre ao celular. Ela, ao perceber que o aluno possivelmente pesquisaria o significado de alguma palavra, imediatamente repreende-o. Isso também ocorreu em outros momentos da aula, como podemos ver nos trechos a seguir:

[42]

Gana: Você acha que esse texto fala sobre representatividade?

Aluno A - Sim, é uma coisa que acontece na vida real.

Gana: Mas representatividade é você se enxergar.

Aluno A - Sim, cada vez que você pega uma mulher branca e você imagina que ela negra, ela vai ser muito ruim.

A professora não entende e pede para ele repetir.

Aluno A - Uma mulher branca, e você imagina na sua cabeça que ela é negra, ela vai ser diferente na sua cabeça... e se o inverso. [pausa]

A professora demonstra não ter compreendido.

Aluno A - Você é branca. Diz o aluno apontando para a professora.

Gana: Não. Rebate a professora.

Aluno A - Ela é branca. Diz o aluno apontando para a mim.

Gana: Não, ela é negra.

O aluno pega o celular.

Gana: Google tradutor não.

Aluno A - Mas nós fazemos tutoria.

Rebate o aluno.

Gana: Sim, por isso mesmo que não é para você olhar. Pense direitinho o que você quer dizer.

[...] (Anotações do Diário de Campo).

[43]

Gana: Vocês concordam quando ela diz que “em poucas palavras e sem notar nos deu uma aula sobre racismo institucional na UFBA”?

Aluno A: Sim, porque ele disse o que pensa.

Gana: Você concorda com o quê?

O aluno A olha para a postagem, não responde à pergunta.

Aluno B: Acho que é uma maneira de falar sobre o racismo.

Aluno A: Deu é dar, né?

A professora balança a cabeça afirmativamente. O Aluno A pega o celular.

Gana: Não é para procurar no tradutor.

O Aluno A volta à postagem talvez para tentar contextualizar a pergunta feita pela professora.

Aluno A: Sim, acho que essa maneira de falar é uma forma de racismo. Acho que as professoras negras não podem ser professoras.

Gana: Você acha?

Aluno A: Essa maneira de falar do rapazinho [pausa], eu tenho muitas para falar, mas não consigo resumir.

Gana: Olha as palavras que têm aqui para ver se te ajuda.

O aluno continua olhando para a postagem e para os comentários.

Aluno A: Eu concordo com o que ela diz porque a maneira de falar do rapazinho diz muitas coisas sobre o racismo.
(Anotações do Diário de Campo).

Durante essa interação, noto que, em alguns momentos, os alunos demonstram um pouco de dificuldade para expressar em língua portuguesa o que pensam. Nas Anotações do Diário de Campo [3], noto que o aluno, percebendo que a professora não compreende o que ele diz, toma a iniciativa de pegar o celular para reelaborar a sua fala. Ao dizer “Mas nós fazemos tutoria”, ele sinaliza à professora em formação que as aulas de tutoria são diferente das demais, nas quais o professor ainda é visto como centro do saber.

Compreendo que eles recorrem ao tradutor como estratégia de aprendizagem já que não podem utilizar a língua materna com o professor. Além disso, o dicionário online ou o tradutor online, muito utilizado pelos alunos, ocupam hoje o lugar do dicionário impresso ou do glossário, este bastante utilizado nos livros didáticos nos finais dos textos.

Com os demais professores em formação, embora não façam nenhuma restrição ao uso de tradutores online, percebo que falta inclui-los como recurso didático nos planejamentos das aulas, orientação acerca do uso e indicação de tradutores, aplicativos e sites confiáveis para que os alunos os usem com mais sabedoria.

Nas Anotações do Diário de Campo [5] a seguir, após a professora em formação, Congo, explicar para os alunos o que é um blog, noto que um deles pega o celular, pesquisa no tradutor e encontra a palavra “ouvrage”. Enquanto a professora insiste em explicar aos dois alunos o que é um blog, eles interagem com ela utilizando os sinônimos em português (obra, trabalho) que tinham visto no tradutor.

[44]

[...]

Aluno C: Por favor, Blog é ... parece com ... uma ...

Congo: É um site.

Aluno C: Não site.

Congo: É um tipo de site.

Aluno D: É um link?

Congo: Não, tudo tem link.

Aluno D: Ouvrage... em francês é ouvrage.

O aluno usa o celular para pesquisar.

Congo: Não sei, não entendi.

Aluno D: Um abo.

Congo: Também não entendi.

Aluno D: Aba... não entende?

Congo: Uma aba?

Aluno D: Sim.

Congo: Uma aba é o que vai abrir; uma janela é o que aparece. O blog é como se fosse... um local de informação específica. No caso o blog *Falando Português*, você só vai poder falar de coisas... ou seja, é um lugar para isso.

Aluno C: Ouvrage... como um livro, blog...

Congo: É, talvez, um livro, podemos dizer que é um livro?!

Aluno C: Um trabalho...

Aluno C: Uma obra? Como uma obra?

Congo: Sim, uma obra.

Aluno D: Obra.

Aluno C: Obra.

Professora: Geralmente, é um assunto bem específico.

Aluno D: Em francês é ouvrage.

Congo: Obra?

Aluno D: É.

Congo: Bonito, né? Você pode ter blog de diversos assuntos, de cozinha, de culinária

Aluno C: Sim.

Congo: Um blog só para artistas, publicar fotos de artistas, o que mais? *A tutora olha para mim.*

Congo: Um outro tema...

[...] (Anotações do Diário de Campo).

Um fato que me chamou atenção, no início dessa aula, foi que a professora se alongou na definição do conceito de blog e não estava atenta ao que o aluno tentava explicar. Isso poderia ter sido revertido se ela tivesse acessado um blog no celular ou no computador para demonstrá-lo ou tivesse atenta à estratégia utilizada pelo aluno em consultar a tradução da palavra para a língua materna dele e apresentar os sinônimos a ela. Teria sido enriquecedor para aprendizagem dos alunos se ela tivesse explorado esses sinônimos, relacionando-os aos contextos de uso. Dessa maneira, explorando-se mais o léxico, contribuiria para o desenvolvimento de um repertório lexical amplo e a produção de enunciados claros e fluentes dos alunos, como diz Gabão:

[45]

Gabão: [...] eu trazia computador sempre nas tutorias, tablet e celular. Então, em algumas atividades que eles tiveram que fazer leitura de texto e responder perguntas, eu permitia que eles usassem dicionário no celular, orientei a usar o próprio Google, às vezes, não dicionário, para ver aquela palavra em diversos contextos, na música, e eles fizeram isso algumas vezes, sei lá, eles querem a, o que significa ventilar, que tinha um texto que falava de ventilar, mas não no sentido de vento, mas de ventilar pra vida. E, aí, eu pedi para que eles usassem isso no Google, e eles viram que existiam vários diferentes sentidos pra palavra, é, também a gente ouviu uma música que falava sobre, é, não sei, era uma música de muitas expressões idiomáticas, então, a gente, ouvir música foi uma forma de tecnologia na caixinha, mas eles também foram pra internet primeiro e depois eu expliquei o que eles não entenderam. [...] (Entrevista – Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

O comentário acima surge em resposta a esta pergunta que fiz aos professores em formação durante a entrevista:

Na sua atuação docente, você tem feito uso de tecnologias digitais?
Se sim, quais e como? Se não, por qual(is) motivo(s)?

Diferentemente de Gabão, que demonstra utilizar as tecnologias digitais como um recurso de ensino-aprendizagem, planejando as atividades e orientando os alunos, Europa revela que o uso desse recurso surge aleatoriamente durante suas aulas, ou seja, sem planejamento de estratégias que estejam articuladas com o objetivo da aula, como podemos ver no excerto a seguir:

[46]

[...]

Europa: Às vezes, eles consultam dicionários online, eles tiram dúvida no próprio celular online.

Pesquisador: Isso durante a sua aula?

Europa: Durante a aula, né, a gente para e fala assim “tô sem computador, alguém pode olhar” ou, então, alguém por curiosidade já olha logo, tem até aqueles, né, que querem chegar primeiro que você, aí, já quer saber tudo, etimologia da palavra, digamos assim, o que é interessante, eu acho super positivo, que mostra que eles querem aprender, e a gente começa uma discussão, é super enriquecedor quando isso acontece. [...] (Entrevista – Professor em Formação do NUPEL).

Assim como Gabão, Europa incentiva o uso de dicionários online durante as aulas, como podemos ver no excerto 46.

Diferentemente de Gana, nota-se que Gabão e Europa não censuram o uso desses recursos. Além disso, o seu relato apresenta também um problema enfrentado pelos professores em formação que atuam no NUPEL. Para ela, a tecnologia em sala de aula não funciona, pois não há uma quantidade de computadores para atender a todos os alunos, sendo esse, portanto, um ponto a melhorar.

Com os tutores e monitores do PROEMPLE, isso não é diferente. Gabão consegue reverter esse problema levando computador, tablet e celular para que os seus tutorados os utilizem durante as tutorias. No entanto, ela é uma exceção, pois, como tem carro, sente-se segura em levá-los. A hesitação demonstrada por África quando diz “eu sempre tenho uma insegurança ao sair de casa, a insegurança de levar meu computador ou ser assaltada, né? Não sei se eu vou conseguir chegar inteira e voltar inteira com o meu computador pra casa [...]” é comum a grande parte dos professores em formação.

Constato que a motivação em utilizar as tecnologias digitais por esses professores é muito mais para preencher os hiatos apresentados no NUPEL e no PROEMPLE/PROFICI, seja pela falta de infraestrutura (como a qualidade e a quantidade de recursos) seja pela preocupação em oferecer um suporte maior aos alunos. Isso fica evidente quando eles discorrem sobre as tecnologias digitais que têm utilizado durante essa experiência, como sintetizo no quadro a seguir:

Quadro 9 – Tecnologias Digitais, critérios e objetivos de usos

ID	TECNOLOGIAS DIGITAIS	CRITÉRIO DE ESCOLHA	OBJETIVO
Benim	WhatsApp, Facebook, Youtube. Celular.	Mais acessadas pelos alunos.	Utilizar o WhatsApp e Facebook para interagir com os alunos todos os dias, a fim de que aprendam mais palavras. Utilizar o Youtube para compartilhar músicas.
Gabão	Dicionários online, Google. Notebook, tablet, celular.	Que possibilitem explorar a palavra em diversos contextos.	Explorar os significados que as palavras/expressões idiomáticas adquirem a depender do contexto de uso.
Gana	WhatsApp, e-mail, sites	Mais práticas e de	Utilizar o WhatsApp para se comunicar

	de filmes e de resumos de filmes. Celular.	fácil acesso aos alunos pelo celular, já que eles não têm computador e a UFBA tem rede WiFi.	com os alunos. Utilizar o e-mail para enviar link de filmes e de resumos dos filmes para conversarem durante as tutorias.
Congo	WhatsApp e vídeos. Celular.	Não especificou.	Utilizar o WhatsApp para fazer uma aula diferente.
Haiti	WhatsApp e vídeos do Youtube. Celular e Computador.	Não especificou.	Utilizar o WhatsApp para se comunicar com os alunos e compartilhar link. Usar o Youtube para aplicação da unidade temática “Preconceito”.
África	WhatsApp e Google Drive, Power Point. Celular, notebook.	Mais práticas e de fácil acesso tanto pelos alunos quanto para o professor.	Utilizar o WhatsApp para se comunicar com os alunos. Utilizar o Google Drive para corrigir as produções escritas dos alunos.
América	WhatsApp, áudios, vídeos, músicas disponíveis na internet, canais do youtube. Celular, notebook.	De fácil acesso pelos alunos.	Utilizar o WhatsApp para se manterem informado o tempo todo. Utilizar os recursos digitais para complementar o aprendizado, através do compartilhamento de arquivos.
Europa	Não especificou.	-	-

Fonte: elaborado pela autora

Vemos que apenas Gabão utiliza as tecnologias digitais em suas tutorias de forma significativa, ou seja, além do que elas podem nos oferecer em termos tecnológicos. A escolha não se dá, no seu caso, com o objetivo de que o aluno consulte apenas o significado da palavra, por exemplo, mas possa investigar por meio da pesquisa no Google a aplicação dela em diversos contextos. Embora esse uso não tenha sido planejado, já que ocorreram a partir de situações que surgiram aleatoriamente durante a aula, a tutora relaciona esse uso aos objetivos do curso, nesse caso, explorar os significados que as palavras/expressões idiomáticas adquirem a depender do contexto de uso.

Diante do exposto, posso inferir que, nesses programas de extensão, NUPEL e PROEMPLE/PROFICI, a falta de capacitação desses professores em formação para usar pedagogicamente as tecnologias dentro - e fora - da sala de aula, assim como a falta de orientação e de planejamento podem ser entraves enfrentados por eles para a utilização das tecnologias digitais nas suas aulas. Logo, não me surpreende o fato de apenas um dos oito

professores em formação demonstrar na prática como as tecnologias digitais podem ser um recurso favorável no processo de ensino-aprendizagem.

Para Gabão, a internet é uma ferramenta indispensável na busca por informação, podendo ajudá-la a esclarecer dúvidas dos alunos e que, muitas vezes, apresentar uma imagem que está disponível na internet pode significar muito mais do que uma explicação, pois o aluno tem a possibilidade de visualizar o que está sendo explicado. Para a tutora, esse recurso é muito importante.

Mendes (2012a, p. 375) ressalta “a importância de os professores refletirem sobre as concepções que estão na base de suas ações, como as suas ideias a respeito de língua, cultura, ensinar e aprender, língua estrangeira, português como língua estrangeira etc.” e a necessidade de “comprendermos que cultura é a língua e, vice-versa, e não apenas uma parte dela. [...] tudo o que fazemos quando interagimos com o mundo através da linguagem é um modo de produzir cultura”.

A autora, em outro texto (2012b), enfatiza que é preciso: “dar condições ao professor em formação de conhecer, portanto, a evolução das ideias linguísticas, ter contato com teorias e práticas diversificadas e refletir sobre os objetivos que estão em jogo quando ele vai desenvolver pesquisa ou ensinar.”. Portanto, cabe também à formação de professores, segundo ela, assumir a responsabilidade por formar bons professores de Letras, dando-lhes condições de não apenas conhecer as tecnologias digitais que estão sendo - ou podem ser - incorporadas à educação, mas também “prepará-lo para escolher, com autonomia e consciência crítica” (MENDES, 2012b), recursos tecnológicos que o possibilitarão ensinar língua em uma perspectiva intercultural e crítica.

Leffa (2016), no artigo *Redes sociais: ensinando línguas como antigamente*, ao analisar o modo como o Duolingo⁹⁸ propõe ensinar línguas estrangeiras a seus usuários, verifica que, nessa rede social, a língua é vista – pelos criadores dessa rede – e usada – pelos usuários dela – como um sistema, sem qualquer consideração pela função e chega a três conclusões: a) a tecnologia precisa conversar com o ensino de línguas; b) o ensino de línguas precisa conversar com a tecnologia; c) o que interessa não é a tecnologia mas o uso que se faz dela. Assim, se estamos em busca de um ensino culturalmente sensível aos sujeitos envolvidos no processo de ensinar e aprender línguas, precisamos apoiar-nos em concepções de língua que se aproximem dessa perspectiva.

⁹⁸ O Duolingo é um site de ensino de idiomas gratuito, possui cerca de 120 milhões de usuários cadastrados, é conduzido por professores da Universidade do Sul da Califórnia. Segundo Ahn (2011 apud Leffa, 2016, p. 144), criador do Duolingo, principal objetivo desse site é traduzir a Web.

Mesmo sabendo que o Duolingo não tem como principal objetivo o ensino de línguas, não podemos deixar de lado os 120 milhões de usuários que estão cadastrados nesse site e que estão ensinando e aprendendo línguas. Se concordamos que o modo de ensinar e aprender não é neutro, ou seja, que existem concepções que orientam as práticas de ensino e aprendizagem, devemos, portanto, trazer também para o centro das nossas discussões a concepção de língua que tem orientado o desenvolvimento dessa tecnologia digital. Sendo ela de natureza estruturalista, como identificou Leffa (2016), direta ou indiretamente, ela traz implicações para o modo que os usuários, desse site, concebem o que é ensinar e aprender línguas.

A meu ver, isso, de certa maneira, leva ao distanciamento de um ensino e uma aprendizagem de língua culturalmente sensível à cultura dos sujeitos envolvidos nesse processo, pois o professor estruturalista – e os desenvolvedores de ferramentas/dispositivos digitais de ensino de línguas – preocupa-se apenas com a forma da expressão e a forma do conteúdo⁹⁹, deixando de lado um aspecto relevante: as enunciações.

Nesse ponto, Fiorin (2008, p. 23), ao traduzir as ideias Bakhtinianas, diz que enquanto as unidades da língua são neutras, os enunciados carregam emoções, juízos de valor, paixões. Desse modo, um professor culturalmente sensível à cultura dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de línguas entende língua como algo além da forma, ou seja, que para ensinar e aprender línguas “não basta saber o que significa cada uma das unidades da língua que compõem esse enunciado” (idem), mas entender que o funcionamento da língua se dá através dos diálogos entre mundos culturais diferentes e que isso precisa se refletir em sua atuação docente.

É preciso refletir também sobre o que nos diz Área Moreira (1999, *apud* SOSA, p. 252). Para ele, “surge a necessidade de atualizar a maneira de ensinar, e é responsabilidade dos educadores elaborar alternativas pedagógicas inovadoras que respondam essas exigências e que incluam as ferramentas das NTICs integrantes do cotidiano social”.

No entanto, responsabilizar somente os professores, como faz Área Moreira, das mudanças exigidas pelas novas demandas educacionais é tirar a responsabilidade dos cursos de formação de professores. Como afirma Leffa (2016), “não são as redes sociais¹⁰⁰, sozinhas, que melhoram o ensino de línguas, mas o uso que fazemos delas”. Assim, cabe aos

⁹⁹ No artigo “O estruturalismo e o ensino de línguas”, Conejo (2007) comenta que “O lingüista estruturalista, dessa forma, preocupa-se apenas com a forma da expressão e a forma do conteúdo, deixando de lado a substância da expressão, que abarca a fonética, bem como a substância do conteúdo, que trata do pensamento numa linha filosófica”.

¹⁰⁰ Acrescento: tecnologias digitais.

cursos de formação de professores a tarefa de preparar melhor os professores para essas novas demandas educacionais, a fim de que o uso – ou não – de tecnologias digitais seja feito com autonomia e consciência crítica (MENDES, 2012b).

3.3 O BLOG COMO UM AMBIENTE FAVORÁVEL AO ENSINO DE PLE/L2 EM UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL E CRÍTICA

Quem ensina uma LE deve se munir de todo tipo de material que oportunize situações significativas de uso em sala de aula. O livro didático [...] não deve ser encarado como uma camisa de força que impede sua adaptação pelo professor, mas sim como mais um importante recurso disponibilizado para orientar as aulas. (SANTO, 2017, p.75)

A epígrafe acima resume um dos princípios que tem orientado as minhas reflexões acerca do uso de materiais didáticos nas aulas de línguas, especificamente nas aulas de PLE/L2. A premissa de que o professor de línguas “deve se munir de todo tipo de material que oportunize situações significativas de uso em sala de aula” sustentou e desencadeou a produção de um conjunto de atividades que potencializasse o uso do blog como um ambiente favorável ao ensino de PLE/L2 em uma perspectiva culturalmente sensível.

Cabe citar que o ensino de português para estrangeiros, sobretudo o português brasileiro, tem despertado, nos últimos anos, bastante interesse em diversas partes do mundo. Esse fenômeno é marcado pela crescente demanda de alunos de PLE/PL2 e por professores especializados e pelo crescente número de trabalhos científicos, nessas áreas.

Schoffen (2016) aponta que, no contexto brasileiro de ensino de português, não existem parâmetros oficiais que orientem o ensino de português para estrangeiros. O Celpe-Bras¹⁰¹, que construiu suas bases teóricas em concordância com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, tem orientado o ensino e a produção de materiais didáticos de PLE/PL2.

Além disso, Schlattter et. al. (2009, p. 111) dizem que “ainda há falta de materiais didáticos (tanto de ELE¹⁰² quanto de PLE) que adotem uma perspectiva de uso da língua e de práticas de interação oral, leitura e escrita em contextos (gêneros discursivos) que permitam que alunos tenham oportunidades de transitar por uma maior variedade de interações sociais e que se preocupem com a formação de uma consciência bilingue e intercultural.”

¹⁰¹ O exame Celpe-Bras é o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros desenvolvido pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e outorgado pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC), sendo o único exame oficialmente aceito como reconhecimento de proficiência em Português do Brasil. (SCHOFFEN, 2016).

¹⁰² Espanhol como segunda língua.

A busca por profissionais especializados, por parâmetros oficiais que orientem a prática desses professores e por materiais didáticos que se distanciem de uma visão língua de natureza estruturalista leva-me a refletir sobre a minha formação docente, sobre os princípios que têm orientado a minha prática. Isso tem me possibilitado um deslocamento, o qual tem me permitido ir além de uma visão de língua que enxerga o blog como um simples ambiente de interação de sujeitos ou simples ambiente de compartilhamento de textos ou um simples ambiente de exposição de conteúdo.

Como pontuei anteriormente, defendo que a incorporação das tecnologias digitais no ensino de línguas deve ir além do que elas podem nos oferecer em termos tecnológicos. Nesse sentido, utilizar o blog nas aulas de PLE/L2, em uma perspectiva intercultural e crítica, pode contribuir para a formação de professores mais reflexivos, mais sensíveis às práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula (assim como contribuiu e contribui para a minha formação como professora), uma vez que se trata de um ambiente rico e produtivo para ensinar a própria língua materna como LE/L2.

Ainda sobre a epígrafe, a segunda premissa diz respeito ao uso do livro didático “como mais um importante recurso disponibilizado para orientar as aulas”. Nesta pesquisa, não utilizamos o livro didático como recurso orientador das aulas, e sim 3 (três) Unidades Temáticas, a saber: “Como é a sua Rotina”, “Preconceito” e “Racismo”, que resultaram de observações de aulas de professores em formação de PLE/L2 e de produções textuais de alunos de língua estrangeira.

Essas Unidades Temáticas demonstram como a riqueza do que é produzido por alunos de PLE voltam para sala de aula, a fim de que eles, por meio da reflexão, repensem a língua, analisem-na com insumos da linguagem que é produzida na interação. Isso os motiva, torna o processo de ensino-aprendizado mais rico, significativo e ressignifica o uso de blog nas aulas de PLE/L2, que tem servido apenas como um repositório de textos.

Consequentemente, elas podem oportunizar a reflexão de dois mitos: 1) de que se aprende língua, aprendendo gramática; 2) de que, no ensino de língua em uma perspectiva culturalmente sensível, não há lugar para a gramática. Como veremos adiante com a implementação desse conjunto de atividades, esses mitos são completamente equivocados.

3.3.1 O blog *Falando Português*

Em junho de 2013, criei o blog *Vivendo no Brasil* com o objetivo de compartilhar alguns textos que foram produzidos, durante as aulas de Português como Língua Estrangeira (PLE), por estudantes estrangeiros. Eles estavam cursando PLE no Núcleo Permanente de Extensão em Letras (NUPEL), sendo a maioria estudantes intercambistas. Nesses textos, há muito do que um estrangeiro vê, sente e vive aqui no Brasil. Detalhadamente, apresentei essa experiência na seção “Um blog chamado *Vivendo no Brasil*” no Capítulo 1.

Com o passar do tempo, o número de acessos nesse blog foi aumentando, e percebi que aquelas postagens atraíam pessoas de diferentes partes do Brasil e do mundo. Decidi, então, utilizar aquele espaço para compartilhar conteúdos linguísticos e aspectos culturais tanto para estudantes quanto para professores de PLE, como demonstro na figura a seguir:

Figura 9 – Postagens do blog *Vivendo no Brasil*

domingo, 25 de maio de 2014

Dica: Futuro do Subjuntivo em Português

Oi, pessoal!

Esta semana, encontrei um vídeo bem legal do canal "Proficiency School of English" no Youtube. Nesse vídeo, há uma correlação de frases em português com frases em Inglês, ambas no Futuro do Subjuntivo das duas línguas.

Essa dica vale para quem está aprendendo o Futuro do Subjuntivo do Português e que tem conhecimento do Futuro do Subjuntivo da Língua Inglesa, ok? Vamos lá!

Clique [aqui](#) e assista-o!

Mostrei esse vídeo para um dos meus alunos, que é professor de Inglês, ele adorou. Ele tem todos os tempos verbais do Português em fichas, como esta:



Preenchendo-as dessa maneira:

quinta-feira, 12 de junho de 2014

Básico I - Dia dos Namorados - Música

Geente,

hoje, no Brasil, comemora-se o Dia dos Namorados. Dia de receber flores, chocolates, declarações de carinho, amor e afeto. Para uns, um dia como outro qualquer; para outros, um dia de comemoração.

Por conta dessa data comemorativa, além de estarmos próximo ao São João, indico um forrozinho "Ela beliscando ele" tocada pelo Trio Nordestino.

Ah, sempre que ouço essa música, acabo dando muita risada, pois acho-a muito engraçada.

Ouçã a música [aqui](#).

E vamos ao que mais nos interessa: a aula.

Lá vai...

Sugiro que abordem essa música nas turmas de básico I, caso queiram abordá-la numa turma de básico II, aproveitem os temas "(in)fidelidade", "mentira X verdade" e "o que os olhos não vêem, o coração não sente" e possibilite uma discussão bem saudável sobre esses temas.

Quais conteúdos poderão ser trabalhados com essa música?

Total de Visualizações



Arquivos

- ▶ 2016 (8)
- ▶ 2015 (5)
- ▼ 2014 (23)
 - ▶ Outubro (1)
 - ▶ Agosto (2)
 - ▶ Julho (1)
 - ▶ Junho (12)
 - ▼ Maio (7)
 - ▶ mai 29 (1)
 - ▼ mai 28 (2)
 - Básico II - Brincadeiras Infantis
 - Vocabulário: Futebol
 - ▼ mai 27 (1)
 - Intermediário I - Copa do Mundo 1
 - ▼ mai 26 (1)
 - Qual música você quer ouvir aqui?

Culturais

1. Tipo musical: Forró
2. Valor Moral: Fidelidade
3. Valor Ético: Verdade

Linguísticos e Gramaticais

1. Pronomes Pessoais do Caso Reto
2. Pronome Possessivo dele(a)
3. Contrações
4. Verbo: beijar (gerúndio); beliscar (gerúndio); confiar (pretérito imperfeito do Indicativo); conversar (gerúndio); estar (pretérito imperfeito do Indicativo - variação); levar (pretérito imperfeito do indicativo); dizer (pretérito imperfeito do Indicativo); ser (pretérito imperfeito do Indicativo); sair (pretérito imperfeito do Indicativo); ver (pretérito perfeito do Indicativo); vir (pretérito perfeito)
5. Aborde também o sentido destes verbos: beijar, tocar, apertar, chupar, morder, abraçar, se esfregar, lambear, lambuzar, acariciar. Explique o que é fazer cócegas
6. Partes do corpo
7. veio = aconteceu
8. Adjetivos: danado, velho, fiel
9. Preposição para - pra
10. Diminutivo
11. Advérbio de tempo

Fonte: Blog Vivendo no Brasil

Embora ainda esteja no ar, o *Vivendo no Brasil* não tem sido atualizado desde que lançamos o *Falando Português*, pois entendemos que aquele blog representa o ponto de partida desta pesquisa, e este blog o resultado dela.

Em abril de 2016, lancei o *Falando Português* e, ao longo dos meses, compartilhei materiais de estudo, dicas de português tanto para estrangeiros quanto para brasileiros, sugestões de aulas para professores de PLE. Criei nele a categoria “Estrangeiros no Brasil” para republicar as produções textuais postadas no *Vivendo no Brasil* e darmos continuidade a esse tipo de ação.

Concomitantemente, começamos a refletir, no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sobre o uso de tecnologias digitais, especialmente o blog, nas aulas de PLE/L2 e, conseqüentemente, surgiu o desafio de como incorporar essa tecnologia, o blog, no ensino de PLE/L2, além do que essa ferramenta pode nos oferecer em termos tecnológicos.

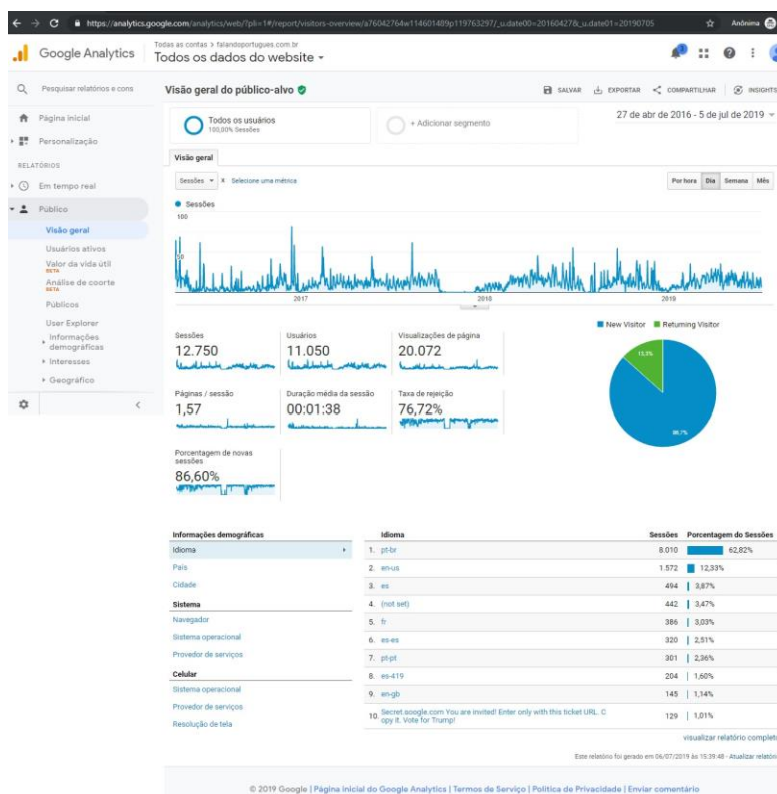
Diante do desafio, propomos utilizá-lo como um ambiente favorável ao ensino de PLE/L2 em uma perspectiva culturalmente sensível à cultura dos sujeitos envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem. Por isso, reconfiguramos o *Falando Português* a fim de que ele pudesse ser um ambiente que favorecesse o diálogo intercultural. Em seguida, observei as aulas de professores em formação de PLE/L2 do ILUFBA, entrevistei-os e elaborei atividades que visassem o uso do blog nessa perspectiva.

Além disso, é importante registrar que este blog foi criado através de um sistema de gerenciador de conteúdo para a Web, o qual visa facilitar a criação e a edição de conteúdo em um site sem a necessidade de usar a linguagem de programação: o WordPress.

Essa plataforma permite que o produtor de conteúdo sem conhecimentos em códigos possa, de forma simples e intuitiva, criar textos, inserir imagens e vídeos, elaborar formulários, mexer no layout do site, entre outras funções. Por questões de segurança, contratei a empresa Mais Interativo para a criação do layout do blog e fiquei responsável pelo gerenciamento do conteúdo a ser postado.

Além disso, instalamos no *Falando Português* o Google Analytics. Trata-se de um serviço gratuito oferecido pelo próprio Google. Essa ferramenta é capaz de metrificar todas as informações possíveis sobre tráfego dentro do blog. Dessa forma, posso obter informações detalhadas sobre número de acessos, comportamento de visitantes, perfil dos interessados, tempo de sessão e muitas outras métricas, como apresento na figura a seguir:

Figura 10 – Interface do Google Analytics do blog *Falando Português*



Fonte: Google Analytics. Acesso em 07 jul 2019.

Um dos dados que mais me impressionam é sobre o alcance de visualizações do blog. No mapa da figura a seguir, está pintado de azul o lugar do Brasil (ou do mundo) a partir de onde ocorreram as visualizações.

Figura 11 – Interface do Google Analytics do blog *Falando Português*



Fonte: Google Analytics. Acesso em 07 jul 2019.

Através do relatório gerado por essa ferramenta, no período de 27 de abril de 2016 a 05 de julho de 2019, é possível obter a informação de que o *Falando Português* foi visualizado em 1.561 cidades, localizadas em 101 países. Entre as 10 primeiras cidades, com o maior número de acessos, estão: Salvador, São Paulo, Chicago, Rio de Janeiro, Paris, Fortaleza, Brasília, Belo Horizonte e Curitiba. Já entre os 10 países, com o maior número de acessos, estão Brasil, Estados Unidos, França, Argentina, Reino Unido, Peru, Rússia, Portugal, Colômbia e México.

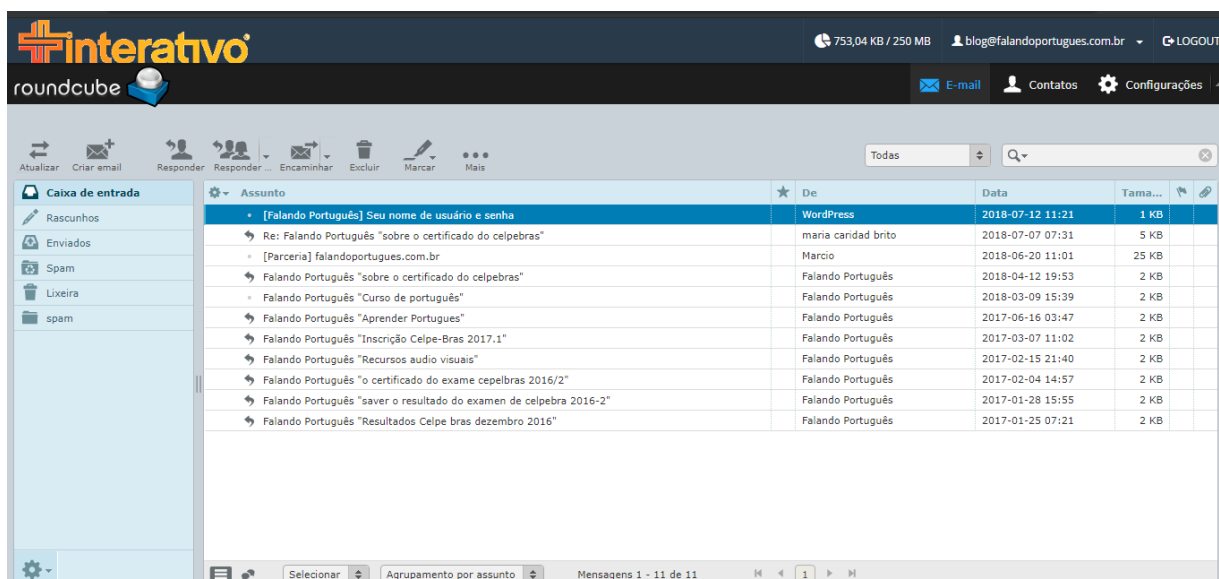
No recorte que compreende o período de 4 de agosto de 2018 a 5 de julho de 2019, o *Falando Português* foi visualizado em 797 cidades, localizadas em 68 países. Entre as 10 primeiras cidades, com o maior número de acessos, estão: Salvador, São Paulo, Chicago, Rio de Janeiro, Paris, Fortaleza, Brasília, Belo Horizonte e Curitiba. Já entre os 10 países, com o maior número de acessos, estão Brasil, Estados Unidos, França, Argentina, Peru, Itália, Japão, Canadá, Portugal e Colômbia.

Os dados acima mostram que, nesses 11 meses, período em que mudamos a proposta do blog, a fim de que ele se constituísse em um ambiente favorável ao ensino de Português LE/L2 em uma perspectiva intercultural e crítica, houve maior aceitação do público. Ademais, os países onde o blog já tinha sido acessado mantiveram-se ativos, bem como as visualizações expandiram-se para outros países (Reino Unido e Rússia) e outras cidades (Japão e Canadá).

Nesse ínterim, utilizei redes sociais (WhatsApp, Instagram, Facebook - comunidades de PLE/L2 e a página do *Falando Português*) para divulgar o blog e as postagens. Também foi criada uma conta de e-mail do *Falando Português* (blog@falandoportugues.com.br) com o intuito de propiciar mais um canal com os seguidores do blog e de incluir essa ferramenta como recurso para as aulas.

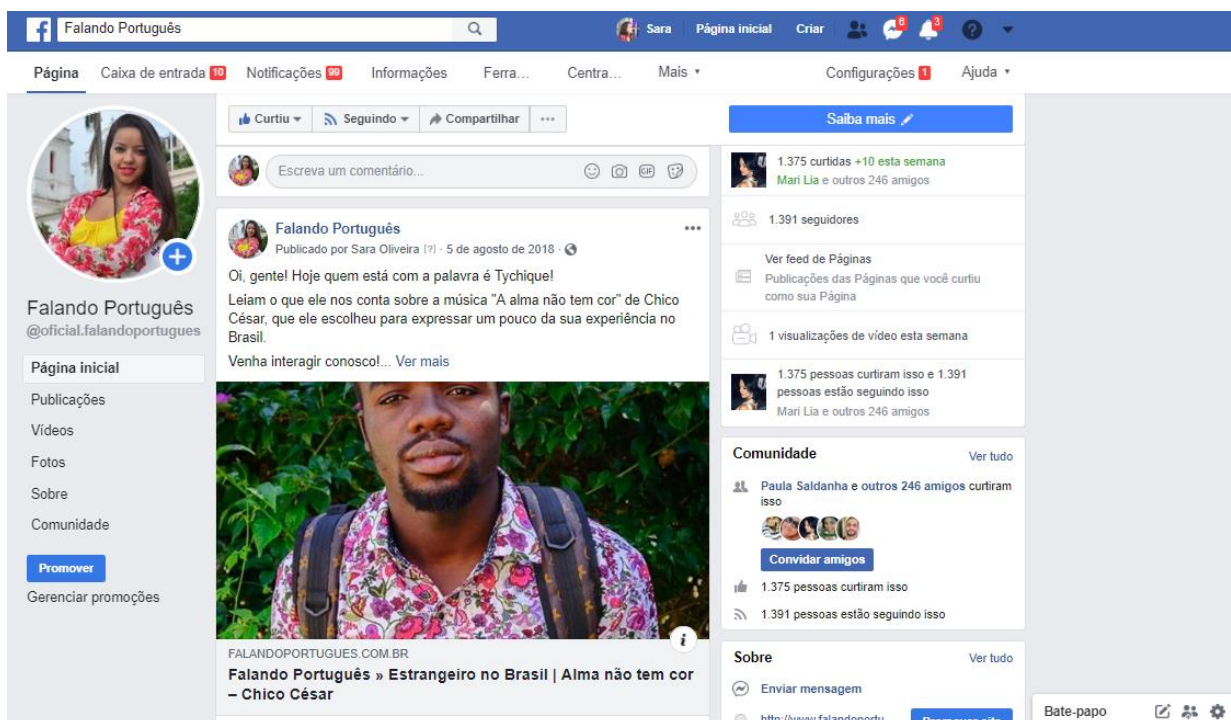
Nas figuras a seguir, mostro as interfaces do e-mail, da página do Facebook e, enfim, do blog.

Figura 12 – E-mail do *Falando Português*



Fonte: Webmail do *Falando Português*

Figura 13 – Página do *Falando Português* no Facebook



Fonte: Facebook. Acesso em 07 jul 2019.

Figura 14 – Página da comunidade *Ensinar Português como Língua Estrangeira* no Facebook

Ensinar português como segunda língua
Grupo público

Interagindo como você mesmo

Sobre
Discussão
Sua publicação
Bate-papos
Avisos
Membros
Eventos
Vídeos
Fotos
Arquivos
Recomendações

Pesquisar neste grupo

Atalhos
Professor de Portugu... 4
Português para Estra... 8

Sara Oliveira compartilhou um link.
25 de setembro de 2018

"Somos Abimael, Gloria (Peru) e Manuel (Espanha), estudantes do Curso de Português para Estrangeiros do NUPEL (UFBA) e hoje queríamos falar de uma questão que tira nossa atenção e nos entristece um pouco: o racismo na sociedade e, concretamente, pelo fato de morar aqui no Brasil, o racismo na sociedade brasileira." O texto completo está no Falando Português. Clique no link abaixo.

Word Cloud: diferença, preconceito, religião, educação, conscientização, valores, raça, racismo, mudanças, educação, valores, preconceito, raça, educação, conscientização, valores, racismo, mudanças.

FALANDOPORTUGUES.COM.BR
Falando Português » Estrangeiro no Brasil | Somos todos iguais

12 1 comentário 1 compartilhamento

Curtir Comentar Compartilhar

Maria Renata Lopes Ótimo texto e sugestões.
Curtir · Responder · 40 sem

SUGESTÕES DE MEMBROS Ocultar

Amigos

- Gil Ama Wanes Convidar membro
- Leandro Nascimento Bertoldi Convidar membro
- Zick Rapeiro Convidar membro

Ver mais

DESCRIÇÃO
Este grupo é para todos os professores de português como língua ... Ver mais

TIPO DE GRUPO
Geral

LOCALIZAÇÃO
Estados Unidos da América

CRIAR NOVOS GRUPOS
Os grupos tornam mais fácil compartilhar com amigos, familiares e companheiros de equipe. **Criar grupo**

FOTOS RECENTES DO GRUPO Ver tudo

REVILARDE SUBSTITUI...
rórroga en la entrega e trabajos.
Entrega de Respostas: 23 de Setembro de 2018

Fonte: Facebook. Acesso em 07 jul 2019.


Figura 15 – Blog *Falando Português*

guro | www.falandoportugues.com.br

Falando Português

HOME PROJETO PESQUISADORA AUTORES PARCEIROS CONTATO


01 NOV 2018 By: maisinterativo Comments: 0 Tags: Ler
Estrangeiro no Brasil | Racismo no Brasil



Nos somos dois estrangeiras, que vivem já há alguns anos aqui no Brasil e que se encontraram num curso de Português da universidade. Somos das Estados Unidos e da Alemanha. Estávamos discutindo o tema racismo no Brasil do visto dos estrangeiros nosso curso de Português e fomos...

[Leia mais...](#)


15 OUT 2018 By: maisinterativo Comments: 1 Tags: Ler
Estrangeiro no Brasil | Como a colonização do Brasil influencia o Brasil até hoje



A colonização dos portugueses inicialmente teve as seguintes características: civilizar, exterminar, explorar, povoar, conquistar, dominar. A colonização do Brasil começou com a seu "descobrimento" através de Pedro Álvares Cabral no século XIV, que originalmente queria navegar ...

[Leia mais...](#)


01 OUT 2018 By: maisinterativo Comments: 6 Tags: Ler
Gringos no Brasil | Olhares sobre o racismo por Juan Felipe Manchola, Rachel Saudek e Laura Garcia



Sou um colombiano comum de classe média que não tem experimentado uma situação de racismo, mesmo se eu vi muitos casos na minha cidade Cali, onde quase o 80% da população é negra. Onde algumas discotecas não deixam entrar pessoas pretas, ou onde as pessoas mudam de meio-fio...

[Leia mais...](#)


28 SET 2018 By: maisinterativo Comments: 3 Tags: Ler
Estrangeiro no Brasil | Minha percepção da discriminação no Brasil



Eu sou Nicoló Muniz, Estudante do Nupel no Curso de Português como Língua Estrangeira. Eu vou falar um pouco da minha percepção da discriminação no Brasil. A minha ideia quando eu cheguei no Brasil, foi totalmente oposta, por que quando eu pensava no Brasil, pensava em gente mais...

[Leia mais...](#)

24 SET 2018 By: maisinterativo Comments: 0 Tags: Entrevista, Significado
Significado | O que significa preconceito?



Assista a entrevista do antropólogo e professor Dr. Kabengele Munanga sobre preconceito.

[Leia mais...](#)

1 2 3 4 Next Last

ACESSO RÁPIDO

- HOME
- PROJETO
- PESQUISADORA
- AUTORES
- PARCEIROS
- CONTATO

MAIS COMENTADOS

- Estrangeiro no Brasil | Alma não tem cor - Chico César 29 Comments
- Estrangeiro no Brasil | Somos todos iguais 11 Comments

FACEBOOK

Falando Português
1.372 curtidas

[Curtir Página](#) [Saiba mais](#)

Falando Português 2018 | Todos os direitos reservados. Desenvolvido por [Mais Interativo](#)

Fonte: Blog *Falando Português*

De acordo com Santos et. Al. (2016, p. 94), “com o surgimento de interfaces digitais colaborativas na web, os blogs se tornaram interfaces potentes para a exposição de conteúdos personalizados atualizados *on-line* pelos próprios autores bem como um meio de comunicação interativo”. Embora tenham emergido como ambientes virtuais destinados “ao registro diário de acontecimentos no ciberespaço (diário *on-line*)”, os blogs, atualmente, têm servido como uma excelente ferramenta de comunicação, de informação, de divulgação, utilizado por diferentes nichos sociais, entre eles, o educacional.

Em relação ao nicho da educação, especificamente ao ensino de línguas, sobretudo ao PLE/PL2, o blog pode, sim, ser um ambiente que permita que os alunos tenham oportunidades de transitar por uma maior variedade de interações sociais, que se preocupem com a formação de uma consciência bilíngue e intercultural.

Para tanto, o professor de PLE/PL2, ao planejar e propor as atividades, precisa ser sensível e apoiar-se em concepções e abordagens também sensíveis à cultura dos sujeitos envolvidos nas práticas de ensinar e aprender línguas, que os possibilite enxergar o uso das tecnologias digitais - email, blog, chats, fóruns, videoconferência, audioconferência, games, redes sociais, moodle etc. – como oportunidades para o aluno “interagir não só com o professor e colega de aula, mas também com outros aprendizes da língua ou até com falantes da língua alvo” (SOSA, 2011, p. 260), a fim de que ações interculturais¹⁰³ possam, de fato, existir.

Diante do exposto, o *Falando Português* não deve ser visto apenas como um mero ambiente de interação de sujeitos ou de compartilhamento de textos ou exposição de conteúdo, mas sim como um ambiente favorável ao ensino de PLE/L2 em perspectiva intercultural e crítica.

3.3.2 As Unidades Temáticas

Como expliquei anteriormente, desenvolvemos 3 (três) Unidades Temáticas (doravante UT), intituladas “Como é a sua Rotina”, “Preconceito” e “Racismo”, que

¹⁰³ “A educação intercultural se preocupa com as relações entre seres humanos culturalmente diferentes uns dos outros. Não apenas na busca de apreender o caráter de várias culturas, mas, sobretudo, na busca de compreender os sentidos que suas ações assumem no contexto de seus respectivos padrões culturais e na disponibilidade de se deixar interpelar pelos sentidos de tais ações e pelos seus significados constituídos por tais ações e pelos significados constituídos por tais contextos.” (SOUZA, M. I. P. de; FLEURI, R. M., 2003). Logo, as ações - que se pretendem ser - interculturais devem, portanto, precisam estimular os sujeitos envolvidos nesse processo a “aprender a ser e a viver com o outro”. (MENDES, 2012a, p. 376).

resultaram de observações de aulas de professores em formação de PLE/L2 e de produções textuais de alunos de língua estrangeira, e visavam potencializar o uso do blog como um ambiente favorável ao ensino de PLE/PL2 em perspectiva intercultural e crítica.

“Como é a sua Rotina” e “Preconceito” foram produzidas na primeira etapa da geração de dados desta pesquisa, no primeiro semestre de 2018. Como não foi possível a implementação dessas unidades por Europa e África, foram somente implementadas na segunda etapa da geração, no segundo semestre de 2018, por Benim, Gabão, Gana, Congo e Haiti. “Racismo” foi produzida na terceira etapa da geração, que também ocorreu no segundo semestre de 2018, e implementada por América nesse período.

Todas elas seguiram o mesmo formato. Assim, em cada Unidade Temática foram apresentadas:

- Motivação
- Situação de Uso
- Expectativas de Aprendizagem
- Atividade de Preparação
- Bloco de Atividades
- Ampliando a Discussão
- Atividade de Avaliação
- Reflexões acerca da aplicação da UT

Essa estrutura, em certa medida, tem como ponto de partida as Unidades Didáticas do Portal do Professor de Português Língua Estrangeira/ Língua Não-Materna (PPPLE)¹⁰⁴, o qual tem contribuído bastante com a formação docente de muitos professores de PLE/PL2 no mundo.

A nossa expectativa era a de que a UT contribuísse com a formação desses professores através da exposição e implementação de um material didático potencialmente intercultural,¹⁰⁵

¹⁰⁴ O Portal do Professor de Português Língua Estrangeira / Língua Não Materna (PPPLE) é uma plataforma on-line, que tem como objetivo central oferecer à comunidade de professores e interessados em geral, recursos e materiais para o ensino e a aprendizagem do português como língua estrangeira / língua não materna. Saiba mais em: <http://www.ppple.org/>.

¹⁰⁵ Ver Santo (2017). O autor discute sobre o lugar dos materiais didáticos potencialmente interculturais no ensino aprendizagem de línguas-culturas. Para Mendes (2012a), “materiais didáticos potencialmente interculturais devem permitir, quanto à sua estrutura e conteúdo: a) funcionar como suporte, apoio e fonte de recursos que criem oportunidades de interação entre alunos, professores e materiais, possibilitando a realização de experiências de uso da língua-cultura e, conseqüentemente, maiores chances de desenvolvimento e avanço da aprendizagem; b) ser ajustado, modificado e adaptado de acordo com os desejos, interesses e necessidades dos alunos e com as percepções do professor do que acontece em sala de aula; c) ter um baixo grau de previsibilidade quanto ao que deve ser ensinado, como deve ser ensinado e em que quantidade, permitindo aos alunos e professores decidirem os caminhos a seguir na construção do conhecimento em sala de aula; d) flexibilizar a ordenação e sequencia dos conteúdos, unidades, atividades e tarefas de acordo com as necessidades

auxiliando-os na organização do trabalho em sala de aula de forma gradual, de modo a atingir os objetivos de aprendizagem desejados por seus alunos, de acordo com o seu contexto de atuação.

Para isso, antes da implementação das Unidades Temáticas, discuti com cada um dos professores em formação sobre a viabilidade dessa implementação e as alterações/correções que julgassem necessárias. Enfatizei que esse diálogo era essencial e que estaria atenta às sugestões. Deixei claro também que caso essas sugestões viessem de encontro aos objetivos desta pesquisa, elas não serão acrescentadas à Unidade Temática, mas representariam dados importantes que analisaríamos posteriormente.

Quando apresentei as Unidades Temáticas “Como é a sua Rotina?” e “Preconceito” aos tutores que estavam cursando Estágio 1, alguns deles me questionaram sobre o tempo da aplicação, quantas aulas seriam necessárias. Comentei que o tempo da aplicação poderia variar não apenas de professor para professor, como também de aluno para aluno, mas que seria importante considerarem o nível de proficiência dos alunos para a escolha das unidades. Não mencionei o tempo mínimo, em sala de aula, de 2 aulas (1h40 min. cada) da aplicação, pois queria observar o tratamento que seria dado as Unidades Temáticas e como os tutores gerenciariam o tempo da sua aula com o que estava sendo proposto no material.

Entretanto, logo em seguida, Benim lançou-me a seguinte pergunta “Sara, como saber o nível do meu aluno? Eu não sei.”. Congo balança a cabeça como se concordasse, e Benim continua “É, Sara, eu já estou no Estágio 1 e não faço ideia de como saber o nível do meu aluno, como saberemos?”. Nesse momento, conversei com elas sobre isso, nada muito aprofundado, apenas para que elas pudessem ter uma noção e se sentissem mais seguras ao escolherem a unidade.

Porém, em outro momento desse mesmo encontro, Congo pergunta-me sobre o tempo de aplicação das unidades. Com mais detalhes, explico-lhe que é relativo, já que o contexto interfere no desenvolvimento e tempo de aplicação de cada Unidade Temática, e que, portanto, cada professor poderia aplicá-la do seu modo: alguns poderiam seguir o roteiro, sem

e avanços dos aprendizes e/ou percepções do professor; propor as atividades e tarefas como pontos de partida, pontapé inicial, gatilho para que se construam novas experiências de uso da língua-cultura em sala de aula, e não objetivo final ou etapa a ser cumprida dentro do planejamento da aula; e) organizar as suas atividades e tarefas dentro de ambientes propícios para o uso da língua-cultura, os quais são compostos por áreas de uso culturais/interculturais que permitam o diálogo e troca de experiências das línguas-culturas em interação; f) deslocar o foco nas fornias estruturais da língua para um segundo plano, ou seja, devem deixar de ter um papel de destaque para emergir em decorrência das situações de uso da língua-cultura, das necessidades e interesses dos alunos e das dificuldades e/ou necessidades observadas pelo professor no desenvolvimento do processo de aprendizagem. (MENDES, 2004, p. 27-28).

fazer nenhuma alteração; outros poderiam excluir/substituir/adicionar etapas, perguntas, textos, passar para casa algumas das tarefas. Finalizo, então, dizendo que o tempo mínimo esperado para a aplicação de cada UT seria de 2 aulas (1h40 min. cada).

Sobre o questionamento feito por Benim sobre o nível de proficiência, apresento, no excerto [47], a preocupação também de América, professor em formação do NUPEL, com esse aspecto, pois quando lhe perguntei se a licenciatura em PLE tem possibilitado preparar os professores em formação a refletirem sobre a relação que existe entre língua e cultura no ensino de língua, ele expõe a necessidade de uma orientação mais significativa dos professores formadores sobre os níveis de proficiência dos alunos e de como atestar essa proficiência a partir do que é produzido em sala de aula.

[47]

América: Não, mas o que eu sinto mais falta na graduação, além de língua e cultura, é uma forma de avaliar o meu aluno. Claro que a gente tem a disciplina de avaliação, mas, quando eu pego a prova do meu aluno, e eu vejo quais foram os equívocos dele e que nota eu vou dar, eu vou aprovar aquele aluno, não vou aprovar? Porque uma coisa é eu entendo os meus alunos, o que eles estão querendo falar, mas quando eles chegam lá fora, na rua, será que eles são entendidos, será que as pessoas entendem? Então, tem toda aquela questão de você ser o responsável por aqueles números pra aquele aluno, então, se aquele aluno termina o curso, foi aprovado, mas na verdade ele não tá apto, então, isso é uma coisa que eu sinto muita falta na graduação. Com os estudos culturais é inegável que uma disciplina pra isso seria muito atrativa, muito construtiva pra formação do professor de português pra estrangeiros, infelizmente, ainda, a gente não dispõe.

Nesse excerto, assim como discutimos com o excerto [30], o tutor revela que, mesmo tendo cursado a disciplina LET B 15 - A Avaliação da Proficiência do Falante de Português Língua Estrangeira, sente falta de estudar na graduação outras formas de avaliar os diferentes níveis de proficiências dos alunos. Noto que o professor em formação se dá conta de que o seu compromisso, como professor de uma LE/L2, vai muito além de identificar os desvios presentes nas produções textuais e de atestar um nível simbólico dessa proficiência.

Enquanto, no excerto[30], foi exposto a necessidade que os professores em formação têm em aprender a instruir melhor os alunos, a partir das produções textuais; no excerto [47], é apresentada a necessidade de, na graduação, estudar outras formas de avaliar os diferentes níveis de proficiências dos alunos. Atestar esses níveis de proficiências é uma atividade obrigatória presente no dia a dia da sala de aula desses professores, cabendo ao aluno estudar para avançar esses níveis de proficiências, e ao professor a responsabilidade de avaliá-los

adequadamente a aprendizagem, tendo em vista esses níveis de proficiência. Esses excertos demonstram, ainda mais, o importante papel que tem os professores formadores nesse processo formativo, direcionando e orientando os estudos, discussões, reflexões sobre as dificuldades enfrentadas na atuação docente.

Além disso, no excerto [47], o professor em formação sinaliza a ausência de disciplinas que contemplem estudos culturais durante a graduação. Ao analisarmos os dados gerados, essa lacuna evidencia-se na falta de preparo dos professores em formação ao não explorar de modo significativo e mais aprofundando os aspectos linguístico-culturais que surgem durante as aulas, na interação, no diálogo com o outro.

Sobre o modo como as Unidades Temáticas foram elaboradas, não havia (e não há) a intenção que elas sejam replicadas tal como estão, mas que contribuam com a formação do(a) professor(a) de línguas, especialmente de PLE/PL2, para que estejamos atentos às pistas que os alunos dão durante as aulas, nos corredores do curso/escola/universidade e nas produções textuais que solicitamos.

Essas pistas demonstram, de modo geral, aquilo que eles querem aprender/conhecer/compreender. Isto posto, cabe a nós, professores de línguas, termos a sensibilidade de filtrar o que é essencial em nossas aulas. No caso específico desta pesquisa, o foco está na sensibilidade intercultural do professor e na sua formação docente.

3.3.2.1 Como é a sua rotina?

A primeira aula que observei de África, monitora do PROEMPLE, foi a de Diários. É preciso mencionar que, antes de entrar na sala para fazer essa primeira observação, encontrei com outro monitor que também ministraria essa aula naquele mesmo horário, na sala ao lado. Ele comenta que a aula desse dia seria de produção de diários e achava que não serviria muito para mim (para a minha pesquisa), já que, em alguns momentos, é bem monótona, pois o professor passa uma boa parte da aula “corrigindo” os textos dos alunos. Esclareci que poderia ser bem interessante para o meu trabalho uma vez que, durante a minha experiência no NUPEL, também trabalhei com produção de diários.

África inicia a aula orientando os alunos sobre como seria a atividade daquele dia e o que eles poderiam fazer. Parafraseando o que ela disse, tratava-se de uma atividade mais informal, recreativa, descontraída, sem regras fixas, na qual os alunos compartilhariam,

através de desenhos, pinturas, músicas, poesias, paródias etc., as suas experiências no Brasil, as dificuldades que passam e aquilo que os entristecia aqui.

Após o tempo destinado à produção, a monitora iniciou as apresentações, chamando um de cada vez para compartilharem as produções. Os alunos iam até a frente da sala para ler ou recitar os textos ou cantar ou explicar o que haviam desenhado. Percebi que alguns ficavam um pouco intimidados, queriam ser os últimos a falarem (o que é bem comum a toda sala de aula). Apresento no quadro a seguir o panorama dessas apresentações.

Quadro 10 – Apresentações dos alunos em uma das aulas de diários África

Gênero	O que fizeram os alunos(as)	Quantos alunos(s) produziram
Música	- Produção de um Rap Gospel.	1
Poema	- Produção de um poema intitulado “Uma vida bem cheia”.	1
Paródia	- Produção de uma paródia para contar a sua experiência com a moqueca de camarão.	1
Relato de Experiência	- Produção de um relato sobre o dia em que houve uma palestra com todos os coordenadores do programa.	2
	- Produção de um relato sobre a experiência de viver em Salvador.	1
	- Produção de um relato sobre a experiência de viver em Salvador e o que essa cidade representa para ele.	1
Desenho	- Desenho do Concorvado, Rio de Janeiro, para contar sobre essa experiência e ensinar três formas de chegar até ele.	1
	- Desenho da sua caricatura segurando uma garrafa de álcool.	1

Fonte: elaborado pela autora

No entanto, nem sempre essas aulas ocorriam dessa maneira. Veja o que ela nos diz durante a entrevista:

[48]

África: Eu gosto do diário. Agora, eu acho que realmente o diário não pode ficar simplesmente como eu começo no início. Como eu realmente já mudei de tática, peço pra que eles desenhem e também [nome do pesquisador X, coordenador] falou uma vez pra mim isso que, até então, eu não tinha

pensado. Mas, aí, quando eu conversei com ele, ele me falou que esses meninos podiam fazer uma atividade de pintura na sala no dia do diário, e eu gostei muito da ideia. E também quando eu mudei a minha tática já, esse ano também, já foi lembrando dessa orientação dele, né, e daí eu dei. Realmente eles escreveram, desenharam, pintaram. Eu acho que é legal. Eu acho que a aula de diário, ela pode ser mais artística, né? (Entrevista – Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

Ao encerrar aquelas apresentações, África explica a todos que é preciso entregar o texto dessa atividade escrito à mão ou digitado. No caso dos textos digitados e que são enviados para o seu e-mail, ela costuma utilizar o Google Drive para apontar os erros, escrever alguma observação, assim eles podem fazer as devidas correções. Ela cita o nome de dois alunos que ainda não aprenderam a fazer esse tipo de correção e projeta no data-show um texto de um dos alunos para explicar-lhes como devem corrigi-lo utilizando o Google Drive. Durante a entrevista ela expõe:

[49]

África: Eles enviam os seus diários, eu corrijo e, aí, no Drive mesmo, no Google Drive, eles vão ver as correções [...], eu sinalizo as correções, e eles têm que corrigir porque eles têm que ser autônomos, eu penso isso, têm que ser autônomos pra corrigir os seus próprios textos e, daí, eles vão aprender com mais facilidade, sendo ele mesmo que vai corrigir. Então, eu sinalizo onde eles têm que corrigir, eles vão lá no computador deles, mexem lá e corrigem. (Entrevista – Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

Durante essa primeira aula, a monitora cita também o nome de um dos alunos que está na sala e diz que ele “está enjoado do diário, mas porque ele não entendeu a proposta”. Então, ela enfatiza que as aulas de Diários visam trabalhar a escrita, conseqüentemente aprenderão gramática, vocabulário e os prepararão para a faculdade. Por isso é importante que eles entreguem esses textos para que ela possa corrigi-los e depois solicitar a reescrita.

África também pergunta (para si mesmo e em voz alta) “Por que é chato?”, fazendo referência ao fato de alguns alunos acharem chata a atividade de diários. Ela abre um texto de um dos alunos que está no Google Drive e começa a lê-lo em voz alta, identificando os erros e fazendo as correções. Nesse texto, ele escreve objetivamente sobre o seu dia: “Acordei, tomei banho, depois fui tomar café...”. Durante a entrevista África expõe que:

[50]

África: O diário é [...] um gênero que a gente vai falar sobre o que aconteceu, sobre o que aconteceu nas nossas vidas, né, durante a semana, durante os

dias. E [nome do professor X, orientador] pede pra fazer isso porque quer que os alunos escrevam todos os dias, e é uma prática boa pra se aprender a escrever. Lógico que, no início, eles vão ter todas as dificuldades, mas vai levar eles a pesquisarem, a usarem o dicionário, se virar a escrever porque tem que escrever. Então, nem que seja cinco linhas. Eles sempre apresentam cinco linhas escritas, mas, aí, o que que acontece? Isso começa a se repetir, e a gente tem uma certa dificuldade porque eles só querem botar assim “eu acordei, tomei café, tomei banho, fui pra aula, fiz minhas tarefas, voltei, almocei; de noite, fui dormir [...]”. (Entrevista – Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

E segue dizendo que:

[51]

África: [...] esse ano, eu ainda tive muito mais dificuldades do que no ano passado, porque, no ano passado, os alunos correspondiam mais às expectativas do meu plano. Por exemplo, eu sempre trago algumas perguntas, e essas perguntas são perguntas que estimulem ele a falar e a pesquisarem várias coisas que até mesmo, por exemplo, música, né, que fala muito de cultura, é cultural e é possível aprender língua através de música, então, a pergunta é “Você saiu? Foi pra algum lugar? Como é que foi sua semana? Aprendeu alguma música brasileira? Qual música você aprendeu? Canta um pedacinho. Vamos falar delas.”

Se puder, eu coloco no Youtube pra classe ver essa música e, aí, pergunto também “tem enfrentado barreiras com a língua portuguesa? Quais barreiras você tem enfrentado?”.

E basicamente são essas questões que eu pergunto pra eles, pra que eles possam falar. E, aí, cada um vai contando sua experiência. Então, isso é em sala de aula, eles contam a experiência deles. Quem puder enviar o seu texto pra mim escrito via e-mail, vai enviar via email. (Entrevista – Monitor do PROEMPLE/PROFICI).

A monitora percebe que os alunos desse ano não desenvolvem as atividades de acordo com as suas expectativas, pois a maioria deles, nas produções dos textos das aulas de diário, escreviam muito pouco, sempre cinco linhas, e diziam apenas que acordou, tomou banho, café, foi à aula, voltou, comeu, dormiu. Essa nova experiência a pegou de surpresa, pois os alunos do ano anterior eram muito alegres e, quando ela colocava uma música na sala, todos cantavam, o que era muito legal, segundo ela. Mudar o comportamento deles tem sido muito difícil, já que, em relação aos outros alunos, eles são mais resistentes, comenta ainda a monitora.

Nota-se que tanto os alunos como a monitora se sentem desmotivados nessas aulas. De um lado, ela tentando convencê-los sobre a importância deles escreverem mais em português, a fim de desenvolverem mais a escrita; por outro, eles tentando escrever sempre sobre rotina, atividades feitas ao longo da semana, a vida no Brasil, pois era esse o comando apresentando aos alunos pela monitora.

Essa desmotivação pode ser reflexo da metodologia utilizada por ela, que consistia em lançar perguntas sobre o dia a dia deles para que eles respondessem oralmente e, em seguida, produzissem um texto relacionado a esse assunto. Como o único objetivo dessas aulas era a correção de aspectos gramaticais, a partir das produções dos alunos, talvez, os alunos estivessem muito mais preocupados com o ‘como’ do que com ‘o que’ estavam escrevendo. Atenta a isso, percebo que a ausência de orientação clara para os professores sobre o objetivo dessas aulas e, conseqüentemente, para os alunos também podem ter ocasionado essa desmotivação.

Diante disso, África e outro monitor, ao compreenderem que as propostas de produções dos diários teriam que ser mais criativas, senão seriam aulas chatas e monótonas, conversaram com o professor X, coordenador, para discutir esse problema. Ao incluir atividades mais lúdicas, África reconhece que surgiram muitas produções legais (conto, paródia, letra de música, poema, desenhos) que a fizeram descobrir alguns dons e habilidades dos seus alunos, por exemplo, habilidades para desenhar, escrever poesia, compor música.

Essa aula de diário mexeu muito comigo, pois a lembrança de quando eu era professora em formação do NUPEL estava muito presente em minha cabeça. O modo como a atividade estava sendo conduzida era muito parecida com aquilo que eu fazia lá atrás. As ações ou os silenciamentos de África ora se aproximavam do que eu fazia ora se distanciavam do que eu penso que poderia ter sido feito. Vejamos, por exemplo, o que anoto no diário de campo após a apresentação do poema produzido por uma de suas alunas:

[52]

Pesquisadora: Ela escreveu um poema cujo título é “uma vida bem cheia”. No final da leitura, a professora comenta: ‘Muito lindo!’. E, em seguida, pega o texto para corrigir e entregar depois. Confesso que, durante a leitura, fiquei na expectativa: será que a professora vai discutir com os alunos sobre o poema? Quais serão as perguntas que ela fará para a aluna? Como a professora somente comenta e recolhe o poema, eu me questiono: o que eu teria feito no lugar dela? Provavelmente, teria perguntando por que ela escolheu fazer um poema? Se os outros alunos gostam de poema? Se fazem poema? De que forma eles interpretam o poema da colega? Se conhecem algum poeta brasileiro? Se já leram algum poema brasileiro? Quais são os poetas mais famosos dos países deles? (Anotações do Diário de Campo).

Ao mudar a proposta da produção dos diários, os alunos passam a produzir textos mais interessantes, como mencionei anteriormente. No entanto, como podemos observar no excerto [52], a monitora não explora a produção textual da aluna, apenas faz um breve comentário,

recolhe o texto para depois corrigi-lo. E, mais uma vez, o texto é usado como pretexto para a correção de aspectos gramaticais.

A falta dessa exploração pode indicar que tanto faz se o aluno escreve um poema ou um pequeno relato sobre o seu dia, pois, no final, o que interessa é apresentação da tarefa. Ao explorar esse poema, por exemplo, a monitora poderia envolver os alunos, fazendo perguntas, como as que apresento no final do excerto [52], que ampliassem, nesse espaço, a discussão e a reflexão a partir do poema apresentado pela aluna.

Notei que essa ausência de exploração dos insumos dos alunos também ocorria nas aulas de projetos. Um dos projetos, por exemplo, tinha como tema “Minha profissão no futuro”. Esse projeto foi apresentado para os alunos uma semana antes para que pudessem montar uma apresentação oral respondendo às perguntas a seguir.

1. Qual curso escolheu e por que fez essa escolha?
2. Como é essa profissão no seu país?
3. Como é essa profissão no Brasil?
4. Qual é a remuneração dessa profissão aqui e em seu país?
5. O mercado de trabalho é bom em ambos os países?
6. Essa profissão é considerada de risco e estressante?
7. Como essa profissão pode ajudar no desenvolvimento de seu país e do Brasil?
8. Como é a universidade do seu país e os profissionais dessa área?

No meu ponto de vista, a proposta é bem interessante porque incentiva os alunos a pesquisarem sobre a profissão que querem exercer futuramente, mas, no final, a impressão que tive foi a de que essa apresentação se tornou um pretexto para a correção da estrutura da língua, a fim de que eles tenham um bom desempenho durante a entrevista do Celpe-Bras. Os trechos a seguir demonstram como isso ocorreu.

[53]

Aluno E: Após apresentação dessa aluna, a professora diz que vai corrigir os erros que ela cometeu. Então, inicia lendo o texto da aluna em voz alta, coloca os acentos gráficos, faz as correções de concordância nominal e coloca vírgulas. Ao aparecer a palavra “país” no texto da aluna, ela diz que eles precisam acertar essa forma de falar: pais e país. A professora pronuncia essas duas palavras, a fim de que eles percebam a diferença e chama atenção para os significados delas. (Anotações do Diário de Campo).

[54]

Aluno F: Ao ler a segunda pergunta “Como é essa profissão no seu país”, a aluna pronuncia “pais”, e a professora pede para ela repetir a pergunta, pois quer que ela pronuncie novamente ‘país’. A aluna repete algumas vezes, mas só pronunciava “pais” e, então, dá continuidade à sua apresentação. Em outro momento, ela, ao pronunciar a palavra “países”, pronunciou “países”. Durante a apresentação, por inúmeras vezes, a professora chamou atenção

para a pronúncia dessa palavra. Ao finalizar a apresentação, a professora diz que não vai corrigir o texto dela (como fez com os demais), porque tinha que correr com as outras apresentações. Ela pediu para a aluna enviar o trabalho escrito por e-mail para que ela faça as correções.

Embora se tratasse de uma apresentação para toda a turma, a interlocutora principal era a professora. Percebi que somente os alunos que estavam na primeira fila prestavam atenção à apresentação e às observações gramaticais que a professora fazia. De um modo geral, quase não havia interação entre aqueles que apresentavam e os que assistiam à apresentação.

[55]

O aluno projetou as perguntas e as respostas no power point, como fez a maioria. Inicia-se a apresentação. Houve um momento em que a professora comentou: “[Nome do aluno G], eu não consigo compreender esse trecho ‘se esfregar completamente no mundo da vida’. Eu acho que você traduziu alguma expressão idiomática do francês para nossa língua.”. Ele diz que não. Ela diz que não faz sentido para gente e que é para ele pensar depois sobre isso.

Em outro momento da apresentação, ela comenta: “Engraçado que além de você traduzir do francês, você também traduz do inglês”. Ela dá exemplos, referindo-se ao que ele disse anteriormente.

Quando ele fala palavra arável, ela diz para ele preferir fértil, pois, no Celpe-Bras, possa ser que a pessoa não entenda o que é. Então pede para ele preferir terra fértil ou terra boa.

Ele mostra uma imagem de um agricultor cultivando a terra. Ela pergunta para ele “Lembra que antes você falou pessoas que cultivam? Eles são agricultores, você falou cultivadores”.

Nessa apresentação, em alguns momentos, ele fala sobre a produção do dendê e do algodão em Benim.

A professora diz, em outro momento, que não consegue entender o trecho: montante e a jusante que ele utiliza no texto. Ele tenta explicar e diz que pegou do francês. (Anotações do Diário de Campo).

[56]

Ao responder à pergunta número 5, a aluna E diz que no país dela a remuneração é ‘segreto’, a professora questiona: “como assim: secreto?”. Ao explicar, a aluna diz que o que importa é a paixão e o amor pela profissão. A professora comenta: “Sei não, isso deve ser enrolação do governo de Benim.”. (Anotações do Diário de Campo).

Nessas duas interações orais, observo que a monitora não explora, mais uma vez, os insumos dos alunos, o que poderia ter enriquecido ainda mais as apresentações. Como sugestão, os alunos que não estivessem se apresentando poderiam ser incentivados, pela monitora, a interagirem com comentários, informações perguntas que pudessem ampliar a discussão e a reflexão acerca das profissões que estavam sendo apresentadas, bem como participarem da correção do texto. Entendo que as apresentações dos projetos teriam que

envolver todos os presentes, alunos e monitora. No entanto, na prática, vi apenas apresentador e monitor interagindo. Sendo que essa interação se limitou a sinalizações de aspectos gramaticais nos textos produzidos pelos alunos.

Nos excertos [55] e [56], verificamos, então, que o olhar da monitora está voltado para a superfície do texto, nesse caso, para o léxico. Isso mostra que, mais uma vez, toda produção textual, escrita e/ou falada, é usada como pretexto para a correção de conteúdos gramaticais e, no final, o que importa é apresentação da tarefa.

Ao não explorar ‘o que’ os alunos estavam dizendo, a atividade reduziu-se a exposição de informações sobre a profissão as quais os alunos exerceriam no futuro, não havendo, portanto, uma interação significativa, já que cada aluno, por vez, lia e respondia às perguntas do projeto.

Diante de tudo isso, a Unidade Temática “Como é a sua rotina” visa desafiar alunos de PLE e professores em formação a trabalharem com o tema “rotina”, tão usado nas aulas de línguas estrangeiras, de um modo diferente. Cabe ao professor de PLE incentivar a criatividade dos alunos, expondo-os a diferentes gêneros, à compreensão de questões culturais que estão em sua rotina, que podem aproximá-los, distanciá-los, deixá-los indiferentes à cultura-alvo.

Figura 16 – Unidade Temática “Como é a sua rotina?”

Como é a sua rotina?

MOTIVAÇÃO

O PROEMPLE destina uma aula semanal de todas as turmas para a produção de diários. Nessa aula, os alunos compartilham aquilo que têm interesse, de um modo geral, um pouco da sua experiência no Brasil. No NUPEL, quando atuei como professora em formação, havia, no programa do curso, a orientação de que os professores estimulassem a produção de diários. Nas aulas observadas do NUPEL, os alunos estavam sempre sendo motivados a falar sobre o que fizeram no fim de semana e o que têm feito em Salvador/Brasil. Compartilhar a rotina tem sido uma prática bastante comum nas aulas de línguas, o que gera, em muitos casos, desconforto dos alunos em compartilhar com desconhecidos o seu dia a dia. Até que ponto o que eles contam é verdade? O que queremos analisar quando solicitamos que escrevam sobre a sua rotina? Certamente a estrutura da língua: se sabem falar ou escrever corretamente sobre a sua rotina, se estão flexionando corretamente os verbos. É um tipo de atividade muito presente nos níveis básico 1 e 2. Tanto é que os alunos que se consideram proficientes em uma língua desconfiam da competência do professor se ele solicitar esse tipo de atividade. Precisamos desafiar-los, mostrá-los que um texto sobre “rotina” não é uma tarefa tão fácil como imaginamos. Precisamos incentivar a criatividade deles, expondo-os a diferentes gêneros discursivos, à compreensão de questões culturais que estão em sua rotina, que podem aproximá-los, distanciar-los, deixá-los indiferentes à cultura-alvo.

SITUAÇÃO DE USO

Descrição de atividades cotidianas.

Comparação entre culturas/ criação de ambientes de interculturalidade.

Escolha do gênero discursivo adequado.

EXPECTATIVA DE APRENDIZAGEM

Compreender e produzir textos, orais e escritos, sobre atividades rotineiras com criatividade.

Compreender aspectos culturais presentes em sua rotina.

ATIVIDADE DE PREPARAÇÃO

Pergunte aos alunos:

- Geralmente, vocês acessam a internet para quê?
- Vocês costumam ler blogs? Comente.
- Vocês têm blog? Vocês já criaram algum blog? Fale um pouco sobre isso.
- Se acessam: que tipo de blog costumam acessar?
- Para que serve um blog?

Após esse breve bate-papo com os alunos, conte sobre o uso do blog com uma turma de PLE/PL2.

Em 2013, uma professora de PLE/PL2 criou o blog “Vivendo no Brasil”, para publicar os textos de seus alunos. Em uma das atividades de produção textual, ela solicitou que eles escrevessem sobre a rotina deles. Um dos alunos produziu uma crônica chamada “Rotina em Salvador”. Dias depois, a professora publicou a crônica no blog.



A crônica dele gerou muitos comentários. Veja!



Disponível em: <https://vivedonobrasil.blogspot.com.br/2013/05/rotina.html>

Quase três anos depois, ela criou o blog “Falando Português” e pediu autorização do aluno para publicar o texto dele no novo blog.

Mostre aos alunos rapidamente os dois blogs para que eles se familiarizem.

Vivendo no Brasil: <https://vivedonobrasil.blogspot.com.br>

Falando Português: <https://falandoportugues.com.br>

BLOCO DE ATIVIDADES

Os alunos terão que ler a crônica “Rotina em Salvador” e, em seguida, postar um comentário no blog Falando Português.

Leia a crônica “Rotina em Salvador”. Em seguida, escreva o seu comentário na postagem.

Link: <https://falandoportugues.com.br/o-brasil-segundo-os-estrangeiros-rotina-em-salvador-por-mathieu-mollitor/>

A rotina em Salvador



O meu dia sempre começa de maneira brutal com o alarme do meu celular, o qual emite um som muito estridente às 6 horas em ponto. Quando alcanço a cozinha, com a sensação de estar cercado por uma bruma densa, me dirijo para a TV a fim de ouvir Ricardo e Silvana enumerar os acidentes de carros que aconteceram à noite, enquanto verifico se tem alguma coisa no refrigerador que o meu estômago poderia aceitar. No banheiro, sempre tenho um pouco de apreensão, porque tem o famoso aquecedor de banho! Este objeto, que descobri no Brasil, obriga a fazer uma escolha: ter só um pouco de água, mas quente, ou ter muita água, mas fria. Em todo o caso, a gente se sente aldrabado.

A caminho da UFBA, na Avenida Odeânica, eu sempre cruzo com as mesmas pessoas. Existe um homem muito velho, talvez 70 anos, de pele branca e muito alto, que anda lentamente no sentido oposto. Provavelmente, ele faz exercício. Entre as duas pistas da avenida, há uma faixa de terra com árvores onde uma mulher de pele preta e roupas vermelhas varre as folhas mortas. O cabelo dela é muito curto, e eu sempre me surpreendo quando a olho: ela é tão gorda, que é difícil dizer onde começam os glúteos e onde acaba a barriga. Ela, realmente, possui uma geometria particular. Mais adiante, há os motoristas de táxi que esperam tranquilamente jogando cartas. Em frente, existe um ponto de ônibus. Lá, eu reparei uma coisa estranha. Normalmente, quando uma pessoa quer que um ônibus pare, ela acena de modo que o motorista possa ver, o que é normal. Mas o engraçado, é que muitas vezes, quando se trata de uma mulher, ela acena e também gesticula com a mão exatamente como faria a asa de um pássaro. Não sei precisamente qual é o objetivo deste extra movimento, mas é claro que não ajuda o motorista em nada.



Congo foi a única tutora com quem consegui fazer a entrevista antes da aplicação das unidades. Na entrevista, demonstra estar bem ansiosa, torcendo para que tudo dê certo. Ela comenta que o seu grupo é composto dois rapazes e uma moça. Esta é muito comprometida, faz as atividades com muito empenho; um dos rapazes não fala muito na aula, quase nunca interage, mas o outro fala bastante. Congo acredita que este vai gostar muito da proposta da unidade.

APLICANDO A ATIVIDADE DE PREPARAÇÃO

A proposta da Atividade de Preparação pode ser um ponto de partida para que o tutor inicie um bate-papo com os alunos a partir dos usos que eles fazem da internet e apresente-lhes o blog *Vivendo no Brasil* para contextualizar como foi produzida a crônica “Rotina em Salvador”, a qual será lida durante a aula.

ATIVIDADE DE PREPARAÇÃO

Pergunte aos alunos:

- a) Geralmente, vocês acessam a internet para quê?
- b) Vocês costumam ler blogs? Comente.
- c) Vocês têm blog? Vocês já criaram algum blog? Fale um pouco sobre isso.
- d) Se acessam: que tipo de blog costumam acessar?
- e) Para que serve um blog?

Após esse breve bate-papo com os alunos, conte sobre o uso do blog com uma turma de PLE/PL2.

Mostre aos alunos rapidamente os dois blogs para que eles se familiarizem.

Vivendo no Brasil: <https://vivendonobrasil.blogspot.com.br>

Falando Português: <https://falandoportugues.com.br>

Congo inicia a aula com a pergunta ‘b’ do roteiro, e os alunos perguntam-lhe o que é um blog. Percebo que esse questionamento a pegou de surpresa. Ela olha para o roteiro e faz a pergunta ‘a’. Eles respondem dão vários exemplos, dentre eles “pesquisar”. Nesse momento, a tutora pergunta em quais sites eles costumam pesquisar, mas, ao perceber que não fazem referência a nenhum blog, ela conclui que eles não sabem mesmo o que é um blog.

Percebo que a tutora está tendo dificuldade em explicar a definição de blog aos alunos. Ela olha para o roteiro, comenta que eles não sabem o que é um blog e lê as perguntas, como

se estivesse pensando em voz alta. Os alunos ficam em silêncio, mas quando ela pergunta “Lê alguma notícia, algum artigo?”, um deles repete a palavra “notícia” e responde que sim. Em seguida, ela comenta “Então, você sabe o que é blog!”, mas ele responde que não e pergunta-lhe o que é um blog. Congo responde que, tecnicamente, não saberia explicar, mas que o blog está na internet.

No finalzinho desse diálogo, ela olha para mim, e eu, imediatamente, aponto para o computador para sinalizar que as páginas dos blogs *Vivendo no Brasil* e *Falando Português* estão abertas no computador. Como resposta ao questionamento dos alunos, ela diz “A gente vai ver daqui a pouco”. Percebo, então, que ela está seguindo o passo a passo da unidade.

Mesmo os alunos não tendo compreendido o que é um blog, a tutora conta a experiência do uso do blog com as minhas turmas de PLE e a produção da crônica “Rotina em Salvador”, conforme aparece no roteiro. Ao falar sobre a crônica, ela comenta:

[57]

Congo: Numa rotina a gente aprende muitas coisas em volta da gente que, às vezes, a gente se esquece de falar, e tudo isso faz parte de uma aprendizagem, principalmente para quem está falando uma língua estrangeira. Então, ela colocou esse texto no blog, foi tão acessado, tão interessante, que ela fez outro blog também chamado *Falando Português* e publicou. (Anotações do Diário de Campo).

Nesse momento, um dos alunos a interrompe e pergunta “Por favor, blog é... parece com... uma... ?” e inicia aquele diálogo que foi apresentado nas Anotações do Diário de Campo [5]. Os alunos pesquisam, sem a orientação dela, no tradutor online a palavra ‘blog’ do português para o francês e encontram ‘ouvrage’.

Durante esse diálogo, os alunos apresentam os sinônimos em francês de blog (obra, livro), mas ela não compreende o que eles querem dizer. No relatório de estágio, sobre esse momento, a tutora comenta que:

[58]

Congo: Eles demoraram um pouco de entender o significado de um blog e sua utilidade, mas com o direcionamento da conversa foram entendendo melhor o que significava, procuraram na internet em seus celulares para se certificarem do que realmente era um blog, apesar dos exemplos dados por nós, (eles consultam o tempo todo celular). (Relatório de Estágio)

Como disse anteriormente, a professora poderia ter revertido aquela situação se tivesse acessado um blog no celular ou no computador para demonstrá-lo ou se tivesse atenta a

estratégia utilizada pelos alunos em consultar a tradução da palavra para a língua materna deles e apresentar os sinônimos a ela. No entanto, percebo que o fato deles não saberem o que é um blog e da tutora não apresentar uma definição objetiva, incentivou-os a pesquisar e construir juntos a definição. Mas também demonstra uma falta de preparo, apego ao roteiro, pouca capacidade de improvisação da tutora, demonstrando falhas na condução do processo.

No final desse diálogo, a tutora olha para mim e pergunta-me “ O que eles fazem agora que já sabem o que é um blog?”. Questiono-lhes “Quais são os blogs que vocês acessam?” (pergunta ‘d’ do roteiro). Ela diz “Sim, isso, boa. Vocês sabem agora o que é um blog.” Um deles diz que sim, ela pergunta “Qual vocês acessaram?”, um deles responde “políglotas”. Ela diz “Hum... aí, agora, já sabem o que é um blog. Já se situaram. Até eu...”.

A tutora dá continuidade comentando sobre os blogs que serão utilizados durante a aula. Ela diz que não tem muita familiaridade com o computador, mas que eles iriam produzir a atividade. Como a tela do computador estava apagada e percebi que ela queria uma ajuda, liguei-a, acabei apresentando os dois blogs e falei sobre a importância da página do *Falando Português* no Facebook para a divulgação das postagens publicadas no blog. Um dos alunos comenta que gostou.

Sobre esse momento, no relatório de estágio, ela comenta que:

[59]

Congo: Após esse bate-papo introduzimos os blogs criados pela professora Sara, sentaram em frente do computador para a visualização do blog, pedi que ela falasse sobre os blogs, já que como criadora, sua propriedade em explicar sobre eles seria mais interessante para os alunos, do que eu apenas fazer a referência. (Relatório de Estágio)

Com Benim, a aplicação dessa parte não foi tão linear como a de Congo. Como uma das alunas chegou atrasada, a tutora iniciou a aula apenas com um dos alunos que participou da aula, no dia anterior, de Congo. Diante disso, Benim perguntou-me se poderia fazer uma outra coisa com ele. Eu disse que sim, mas ressaltéi que, naquela aula, ele quase não falou, que Congo só havia trabalhado a parte inicial da unidade (Atividade de Preparação e Bloco de Atividades) e que ela poderia iniciar com ele a partir desse ponto, já que ele havia produzido o primeiro comentário solicitado na unidade.

A tutora inicia a aula perguntando se ele tem blog. Ele diz que tem dois blogs, um sobre esportes e outro sobre grupo de torcedores do Barcelona. Benim pede os links dos blogs

dele para depois acessar, ele diz que está em francês. Ela diz que não tem problema, pois vai acessar para conhecê-los; pergunta se o blog dele tem muitos acessos e se quem acessa são pessoas mais jovens ou mais velhas. Ela pergunta também se ele acessa outros blogs, ele diz que acessa o blog “políglotas”.

Uma segunda aluna chega, Aluna H, e o Aluno C fica muito feliz. A tutora pergunta-lhe “Ficou feliz, [nome do Aluno C]? Ele responde “Fiquei porque só tinha eu aqui para responder as perguntas.”. A tutora pede para que ele contextualizar a aula para a Aluna H, mas ele não desenvolve, não fala. Então, a Benim diz que conversaram sobre internet, blog e que utilizará, durante essa aula, um texto escrito por um estrangeiro que mora no Brasil, no qual conta as suas experiências nesse país. A Aluna H pergunta o que é blog. A tutora diz que é um tipo de site.

APLICANDO O BLOCO DE ATIVIDADES

A proposta do Bloco de Atividades sugere a leitura da crônica “Rotina em Salvador” como ponto de partida para a produção de um comentário a ser postado no blog *Falando Português*.

BLOCO DE ATIVIDADES

Os alunos terão que ler a crônica “Rotina em Salvador” e, em seguida, postar um comentário no blog *Falando Português*.

Após os alunos terem postado os comentários, é importante que o professor leia-os e faça um levantamento de aspectos que julgar pertinentes para serem abordados nas próximas aulas.

Congo inicia o Bloco de Atividades pedindo para que eles se concentrem para fazer a leitura da crônica e depois que terminarem, caso tenham alguma dúvida, podem perguntar. Ela me pergunta se é melhor que eles leiam no computador ou no texto impresso, digo que fica ao seu critério. Então, ela sugere que eles leiam no computador, porque nem sempre o texto estará impresso. Ela pede para eles leiam com calma.

Os alunos leem os dois primeiros parágrafos do texto no computador, depois continuam a leitura no texto impresso. Sobre esse momento, a tutora, comenta em seu relatório de estágio que:

[60]

Congo: Esse momento levou algum tempo, já que a crônica é um pouco longa. [Nome do Aluno C] meio desconcentrado com a leitura e reclamou muito do texto por ser longo, então oferecemos o texto escrito, já que tínhamos duas cópias para que terminassem a leitura. [Nome do Aluno D], ao contrário, leu atentamente e sem reclamar.

Quando terminaram a leitura, fizemos pergunta sobre o entendimento do texto, o que mais chamou a atenção, se tinha alguma familiaridade com a rotina deles. Conversaram um pouco da rotina deles aqui no Brasil e acharam o escritor bastante criativo. (Relatório de Estágio)

Noto que, quando estavam lendo pelo computador, eles tiravam a dúvida entre si ou pesquisavam no celular e, quando a professora perguntava se eles tinham alguma dúvida, sempre diziam que não. Ao pegar o texto impresso, isso muda. O Aluno C pergunta a Congo a diferença entre ‘lhe’ e ‘o’. Pergunto-lhe se ele viu isso no texto, ele aponta o trecho em que aparece o ‘lhe’. O Aluno D imediatamente explica que ‘lhe’ é “para ele”. A tutora comenta algo, mas acabo não entendendo bem a explicação. Em seguida, ela pergunta-me se a explicação dela está correta. Aproveito e dou alguns exemplos, pois percebo que o aluno não está satisfeito com a explicação. Quando disse “Vou comprar o livro/Vou comprá-lo, a tutora diz para os alunos que seria uma forma de evitar a repetição. Apresento mais outro exemplo “Vou dar a camisa para ele/vou dar-lhe a camisa” e volto para a crônica e digo “No caso desse trecho, o ‘lhe’ está se referindo a ‘ para ela’, certo?”.

Perguntam também o significado de galho e faixa e como se pronunciava Harry Potter. Durante as explicações do que seria um galho de árvore, a professora faz também um diabinho na cabeça com o seguinte comentário “vou colocar um galho em você, chifres” e diz “Faixa na cabeça, na cintura, faixa de pedestre”, mas, no texto, faixa seria ‘pedaço’, já que lá está escrito “faixa de terra”. Observo que a professora apresenta outros sentidos, perdendo de vista o significado presente no texto, o que pode demonstrar falta de preparo para trabalhar com os aspectos lexicais que surgem na aula.

Após a leitura em silêncio, Congo faz algumas perguntas sobre o texto aos alunos, antes de solicitar que eles produzam o comentário no blog *Falando Português*. A primeira pergunta feita é se eles gostaram da crônica. O Aluno C diz que o texto era muito chato, longo. A professora diz que é importante que eles leiam textos longos porque no Celpe-Bras

os textos são grandes, por isso precisam criar esse hábito. Eles balançam a cabeça concordando com as suas palavras.

Em seguida, ela faz a pergunta ‘a’ da parte Ampliando a Discussão “O que mais chamou-lhes atenção no texto. Veja como ocorre esse diálogo.

[61]

Aluno C: Nada

Congo: Nada chamou atenção?

Aluno C: Nada. rs

Aluno D: Quando ele fala da comida.

Aluno C: É a comida.

Aluno D: Agora eu já estou acostumado com a comida, mas é bem diferente.

Congo: E o que mais?

Aluno C: A aprendizagem da língua e ele paquerou a professora dele.

Nesse momento, sinalizamos que ele não paquerou a professora.

Aluno C: Sim.

Eu, a tutora e o outro aluno não concordamos com ele.

Aluno C: Ele flertou. Rs

Congo: O que mais?

Aluno D: As mulheres aqui... se vestem com roupas muito curtas.

Percebo que ao falar esse aluno demonstrava um pouco de constrangimento, como se estivesse tendo cuidado para falar.

Aluno C: Sim.

Congo: Vocês acham?

Respondem que sim.

Congo: Realmente, as roupas são muito curtas mesmo. E o que mais seria diferente?

Nesse momento, ao perceber que a professora não incentivou a discussão sobre a forma de vestir das “mulheres daqui”, decido participar da discussão.

Pesquisadora: E por que vocês acham que as mulheres aqui se vestem assim?

Eles ficam um pouco em silêncio para pensar.

Aluno D: Por causa do clima, aqui é muito quente.

Aluno C: Sim.

Pesquisadora: No país de vocês não é quente?

Aluno D: Não, no Congo não é quente.

Pesquisadora: Então, as mulheres lá se vestem com roupas mais longas que as mulheres daqui?

Os dois alunos respondem que sim.

Pesquisadora: E os homens aqui como se vestem?

Aluno D: Com bermuda, camisa.

Pesquisadora: É diferente da forma como os homens no Congo se vestem?

Aluno D: Não, igual.

Aluno C: Não.

Pesquisadora: Quando vocês falam “aqui” estão se referindo a Salvador, né?

E vocês acham que nos outros lugares do Brasil, as brasileiras se vestem com pouca roupa mesmo?

Aluno C: No geral, sim.

Aluno D: Depende.

Pesquisadora: De quê?

Aluno D: Da região.

Pesquisadora: Por quê?

Aluno D: Porque... eu... eu não conheço os outros lugares do Brasil, não viajei para lá, mas são culturas diferentes, as regiões são diferentes.

Pesquisadora: E você vê isso, as mulheres se vestirem com pouca roupa, como um problema?

Aluno D: Não, não.

Congo: Vocês são observadores como o autor da crônica?

Não consegui anotar o que eles responderam.

Congo: vocês consideram isso importante?

Os dois alunos respondem que sim.

Congo: Então, agora, vocês vão postar um comentário no blog *Falando Português*, e escrevam bastante. (Anotações do Diário de Campo).

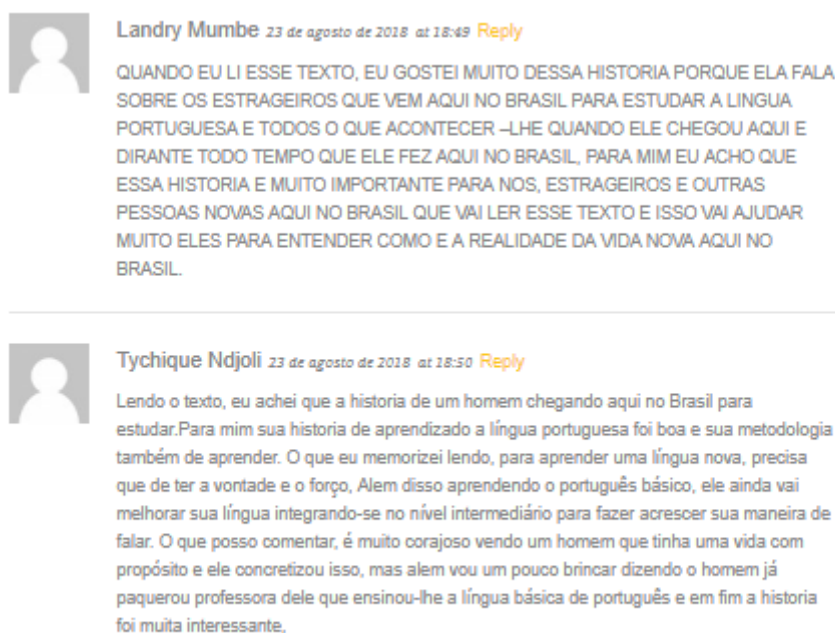
Ao perceber que a tutora não ampliou a discussão sobre a forma de se vestir das brasileiras e o seu comentário poderia reforçar esse estereótipo, resolvo participar da conversa. Só não dei continuidade porque a tutora faz uma das perguntas que está no roteiro, interrompendo o que eu estava buscando discutir com eles. Gostaria de ter podido perguntar, para ampliar a reflexão, se as mulheres que se vestem com pouca roupa no país deles sofrem algum tipo de julgamento, se eles acham que as brasileiras são julgadas, o que eles acham que pensam as mulheres sobre isso, se eles acham que isso é um preconceito. Enfim, certamente, se essa discussão surgisse durante as minhas aulas, retomaria esse debate nas aulas seguintes.

Como só tínhamos um computador com internet, sugeri que eles escrevessem o comentário do texto no Word para depois postarem no blog. Congo pergunta-me se teria que corrigir esses comentários antes deles postarem, respondo-lhe que fica ao seu critério.

Durante a produção, os alunos não pedem ajuda a tutora, e ela também não se aproxima deles. Eles preferem primeiro escrever no caderno para depois passar para o word. Quando o Aluno C termina de escrever, ela faz uma leitura e sugere algumas modificações de conjugação verbal. No relatório, ela diz “[nome do Aluno C] terminou primeiro, fiz a leitura, sugeri algumas poucas modificações em algum tempo verbal, mas não interferei no sentido naquele primeiro momento”. Ao digitarem o texto no Word, percebo que um dos alunos utiliza o Mapa de Caracteres do Office para acentuar as palavras.

Como o tempo da aula estava acabando, pedimos para que eles fizessem uma reescrita dos comentários com as sugestões dadas e enviassem para o e-mail da tutora. Para Congo, essa foi uma forma de agilizar e otimizar o tempo no próximo encontro, pois na aula seguinte, eles só iriam postar o comentário no blog. A seguir o comentário dos dois alunos que estavam presentes nessa aula.

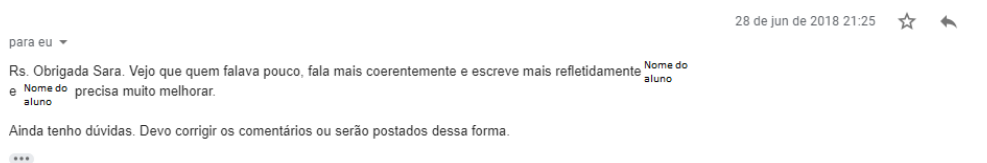
Figura 17 - Produções Textuais – Comentários dos Alunos C e D no blog *Falando Português*



Fonte: Blog *Falando Português*

Congo havia comentado comigo que um deles falava muito durante a aula, e o outro quase não participava das conversas. No entanto, isso muda durante essa aula. Em um determinado momento, ela pergunta a um deles “[Nome do Aluno C], por que hoje você não está falando? Sara, esse é aquele que falei que mais fala, e hoje é [nome do outro aluno] que tá falando mais”. Os comentários publicados no blog também surpreendem a tutora que, por e-mail, comenta¹⁰⁶:

¹⁰⁶ Na seção 3.1.1 *O tratamento dado às produções dos alunos*, Capítulo 3, discorro, com detalhes, sobre a dúvida que a tutora comenta no final do e-mail: devo corrigir os comentários ou devo postar dessa forma? Como não quis interferir no procedimento da tutora, pois me interessava saber qual seria o tratamento dado aos textos dos alunos, disse-lhe que ela tinha total autonomia no desenvolvimento das atividades e que a decisão de corrigir ou não seria dela, não minha.



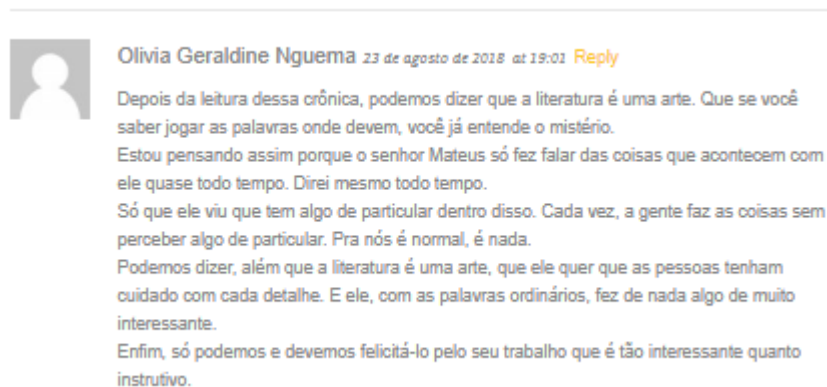
Embora a professora, nesse comentário, identifique que um dos seus alunos precisa “muito melhorar”, observo que, nas aulas seguintes, ela não retoma esses comentários. Como apresentei na seção 3.1.1, essa tutora informou que não corrigiu os textos dos alunos, porque considerou que ali seria um espaço de aprendizagem e, depois, o aluno poderia, mais a frente, ver como escrevia, além disso, considerou que aquele ambiente informal, blog, o permitia escrever daquele jeito. Percebo, no entanto, que a tutora não estava recebendo durante a sua formação orientação de como explorar os textos dos alunos, por isso as suas dúvidas em relação a correção ou não dessas produções e, conseqüentemente, o não retorno a esses comentários.

Após esta aula, Congo entra em contato, via WhatsApp, com a aluna, Aluna E, que havia faltado, pede para que ela faça a leitura da crônica e leve o comentário do texto pronto na próxima aula.

No começo da aula seguinte, a Aluna E chega primeiro. Como os outros dois alunos se atrasaram, Aluno C e D, a tutora lê o comentário da Aluna E, em seguida, sugere que a aluna substitua ‘saber’ por ‘souber’ na frase ‘Que se você saber jogar as palavras’. A aluna pergunta o porquê, e a tutora diz que é outro tempo. Além dessa observação, a professora pede-lhe para substituir “depois a leitura” por “depois da”. Observo, mais uma vez, que a tutora demonstra não estar preparada para explorar os insumos dos alunos, pois a sua tendência é identificar o desvio, “corrigi-lo”, e, quando o aluno questiona, as explicações apresentadas são superficiais, não promovendo, nesses momentos, uma aprendizagem que exija do aluno uma atenção maior para os vários aspectos que envolvem a língua.

No final dessa aula, converso com a Aluna E sobre o uso do pronome oblíquo ‘o/lo’, pois, no comentário, que ela postaria no blog, poderia utilizá-lo. Então, explico-lhe a partir do comentário que ela escreveu e falo sobre as variações de uso desse pronome que se aproximam ou se distanciam da norma padrão. Assim ficou o comentário da Aluna E:

Figura 18 - Produções Textuais – Comentários da Aluna E no blog *Falando Português*



Fonte: Blog *Falando Português*

Benim, em sua aula, pergunta para o Aluno C, que já havia feito a leitura do texto na aula de Congo, o que ele achou do texto e qual parte da crônica chamou mais a sua atenção (pergunta 'a' do Ampliando a Discussão). Ele diz que, lendo o texto e aprendeu uma nova palavra, 'faixa' e que a aprendizagem da língua foi o que chamou a sua atenção.

A tutora pergunta que horas ele costuma dormir, o que faz quando chega em casa, mas ele dá respostas muito curtas, e a ela comenta "Sara, ele não é assim, é o que mais fala. Lembro-me de que Congo também fez esse mesmo comentário na aula anterior, por isso mudo de lugar posicionando-me atrás dele, pois penso que talvez ele esteja tímido por causa da minha presença

Benim segue fazendo perguntas sobre a rotina dele, se já faz comida, se está lendo algum livro. Ele fala algumas coisas para ela, mas não consigo ouvi-lo, pois o tom da sua voz está muito baixo. A tutora pede para ele ler novamente o texto "Rotina em Salvador" e identificar vocábulos que ele ainda não conhece. O aluno pergunta o significado de "cercado", "varre".

Em seguida, ela pede para ele escrever um texto sobre a rotina dele e diz para ele escrever bastante. Ele inicia a escrita. Comento que, na aula da outra tutora, ele fez o comentário sobre o texto no blog *Falando Português* e que se ela quisesse poderia solicitar a leitura dos comentários no blog *Vivendo no Brasil*, proposta de Ampliando a Discussão.

Com a outra aluna que chegou atrasada, Aluna H, a tutora pede para ela ler o texto e circular as palavras que não entender para, após a leitura, discutirem. A aluna aponta as seguintes palavras: 'emite', 'cercado', 'bruma', 'glúteos', 'acena', 'gesticula', 'asa', 'aquecedor de banho'. À medida que a aluna fala as palavras, a tutora apresenta os

significados. A tutora não pede para que os alunos postem um comentário sobre a crônica no blog *Falando Português*.

AMPLIANDO A DISCUSSÃO

A proposta do Ampliando a Discussão busca orientar o professor a ampliar a discussão acerca do tema ‘Rotina’ por meio de questionamentos a serem feitos aos alunos e sugere, posteriormente, que os alunos leiam comentários feitos por outros estrangeiros sobre a crônica “Rotina em Salvador”, os quais estão publicados no blog *Vivendo no Brasil*, e, ao final, respondam a um desses comentários.

AMPLIANDO A DISCUSSÃO

Continue a discussão da crônica, partindo das seguintes questões:

- O que mais lhe chamou atenção na crônica “Rotina em Salvador”?
- Você se identifica com a rotina descrita? Em quais momentos?
- O que foi descrito que seria diferente para as pessoas no seu país?
- Quais as principais diferenças entre a sua rotina e a rotina descrita na crônica?
- Você se considera uma pessoa observadora como o autor da crônica? Explique.
- Você acha isso importante? Comente.

Em seguida, solicite que os alunos escolham um dos comentários feitos pelos alunos da outra turma, os quais estão publicados no blog *Vivendo no Brasil*, e respondam ao comentário.

Link: <http://vivendonobrasil.blogspot.com.br/2013/07/rotina.html>

Congo faz a pergunta ‘a’ do Ampliando a Discussão, logo após a leitura da crônica, como apresentei nas Anotações do Diário de Campo [12]. Como vimos, toda a conversa que ela tem com eles, naquele momento, gira entorno dessa pergunta, até que resolvo interagir com eles a fim de ampliar a discussão da fala do Aluno D “as brasileiras se vestem com pouca roupa”, pois percebo que Congo acaba reforçando esse estereótipo ao dizer “Realmente, as roupas são muito curtas mesmo. E o que mais seria diferente?”. Enquanto questiono os alunos, a tutora observa com atenção, mas retorna ao diálogo com a pergunta ‘e’ do Ampliando a Discussão, cortando a reflexão que estávamos construindo naquele momento. Noto que, naquela aula, a tutora não faz as perguntas ‘b’, ‘c’, ‘d’.

Na aula seguinte, Congo não retoma a discussão sugerida no Ampliando a Discussão e inicia a aula solicitando que os alunos leiam e respondam um dos comentários postados na crônica disponível no blog *Vivendo no Brasil*, como sugere essa etapa da unidade.

Em seguida, solicite que os alunos escolham um dos comentários feitos pelos alunos da outra turma, os quais estão publicados no blog *Vivendo no Brasil*, e respondam ao comentário.

Link: <http://vivendonobrasil.blogspot.com.br/2013/07/rotina.html>

Benim, por sua vez, após os alunos lerem e destacarem as palavras que não conheciam, faz as perguntas que estão no Ampliando a Discussão. A partir do que eles respondem, a tutora comenta “Então, vocês têm muito mais diferenças do que similaridades com o autor da crônica. Mas ele é estrangeiro e vem para UFBA estudar, não parece com vocês, não? Ele fala que sai correndo para estudar?”. Um dos alunos diz que não sai correndo e faz um gesto de corrida. Benim explica que é modo de falar e pergunta para a aluna que chegou atrasada se ela gostou do texto. A aluna responde que não muito, pois gosta de texto romântico. A professora explica que esse tipo de texto é uma crônica, ele fala sobre o dia a dia dele no Brasil.

Após, esse bate-papo, a professora solicita que os alunos leiam e respondam um dos comentários postados na crônica disponível no blog *Vivendo no Brasil*, como sugere a atividade. A seguir as produções deles:

Figura 19 – Produções Textuais - Comentários dos Alunos C, D, E , H no blog *Vivendo no Brasil*

Anônimo 2 de agosto de 2013 13:12

Nossa Mathieu! Eu gosto dos detalhes que você incluiu na sua descrição do seu dia típico em Salvador (foi engraçado!). Seu post me lembra de o quão importante é a parar e observar o mundo e as pessoas em torno de nós, mesmo num dia simples. Em fim, curta lendo Harry Potter!

[Responder](#) [Excluir](#)

Respostas

Anônimo 29 de junho de 2018 16:09

Eu concordo o que comentarista disse lendo a historia de Mathieu sobre sua rotina quando ele estava aqui no salvador aprendendo a língua nova que era o português. O que posso adicionar sobre essa cronica do Mathieu, alem disso para falar mais a língua nova, precisa que seja em um pais que fala uma língua que você esta aprendendo. TYCHIQUE ESAO NDJOLI

[Excluir](#)

[Responder](#)

Aluno C →

Anônimo 3 de agosto de 2013 11:31

É interessante que você sentiu forçado para assistir televisão quando você chegar em casa. Eu recentemente comecei assistindo as novelas e a hora das notícias na minha casa aqui na Bahia. Isso foi muito difícil para mim, porque no início eu não pude pegar todas as palavras, mas esta atividade tem me ajudado muito com o meu português especialmente no meu conhecimento das frases baiana e agora eu considero estes programas como um parte do meu curso. Com isso eu também possa interagir com a minha família brasileira mais, eu sei você está aqui para trabalho mas isso seria um bom metido para encontros com brasileiros e amigos novo. Eu acho que isso seja uma perspectiva boa para você. Amber

[Responder](#) [Excluir](#)

▼ Respostas

Anônimo 29 de junho de 2018 16:20

CONCORDO COM VOCE PORQUE PARA MIM ASSISTI O TELEVISAO E MUITO LEGAL PORQUE EU POSSO APRENDER AS NOVOS PALAVRAS E MOSTRA TAMBEM COMO EVOLUIR A CIDADE E COMO AS PESSOAS PODEM FAZER ATENCAO AS PROBLEMAS QUEM VAI SE PASSAR NO DIA DIA NO CIDADE E TAMBEM ASSISTI AO TELEVISAO E MUITO EDUCADA PARA AS PESSOAS QUEM GOSTAM DE ASSISTI POLITICOS. REBECCA MBUMBA

[Excluir](#)

[Responder](#)

Aluno H

Anônimo 29 de agosto de 2013 19:12

Eu concordo com o comentário de Rochelle: Nossa! Mathieu escreve com tantos detalhes que é como se eu estivesse andando com ele na rua, assistindo Amor à Vida ao lado dele, ou ficando horrorizada com os empregados rudes no supermercado junto com ele. O que poderia ser um diário demais chato tora-se interessante e muito engraçado. Para ser honesta, eu fique um pouco surpresa por causa da descrição da mulher gorda. Não estou acostumada a franqueza assim. As mudanças do estigma de ser gordo é algo que eu venho percebendo em várias culturas. Tal vez a cultura norte-americana seja sensível demais com respeito ao peso e a aparência física em geral. Em fim, tudo o comentário deu-me risada e inspira-me pensar no cotidiano mais como uma peça de teatro que uma rotina habitual.

R.S.

[Responder](#) [Excluir](#)

▼ Respostas



tychique ndjoli 29 de junho de 2018 17:13

Eu gostei de todo comentário e todas opiniões são boas de somente que posso adicionar algo especial sobre hospitalidade do povo baiano. Quando eu cheguei aqui 24 de fevereiro, conheci ninguém que possa me ajudar buscando para mim uma morada contanto me protejo ate o que vou terminar a aprender a língua portuguesa porem teve uma menina brasileira que ajudou-me por isso. alem disso para mim, se quiser de ser um nivel avançado de uma língua nova, a gente precise muito de conversar, sair, assistir jornais ou debates pela teve ou no youtube se você não tiver uma televisao.

[Excluir](#)

Landry Mumba 5 de julho de 2018 17:03

eu concordo desse comentário e todos que o ator falou sobre a sua experiencia aqui no Brasil, porque viver e se acostumar em outro lugar pelos estrangeiros aquela não é fácil eu posso adicionar um pouco sobre minha experiencia aqui no Brasil eu também quando eu cheguei aqui no início a vida e se acostumar não foi fácil para mim se adaptar porque naquele momento eu não conheci ninguém e não sabia falar a língua portuguesa, mas com o tempo eu me acostumei porque cadas vezes que eu precisei de sair eu tenho que falar português.

Aluno C

Aluno D

Rocio Zamora [3 de setembro de 2013 20:51](#)

Adorei os detalhes que você incluiu! Sua descrição me causou muita risada. Eu comparto o mesmo sentimento de você em relação á pessoal do mercado. Eu tenho visto muitas ocasiões onde o pessoal quase ignora-me e não gosto de isso. Gostaria de ter conhecido o que foi seu concentração de doutorado. Sua descrição das novelas foram engraçados. Eu ainda não tenho visto uma novela Brasileira, mas acho que depois de ler esto preciso de assistir uma novela brasileira.

Rocio Zamora

[Responder](#) [Excluir](#)

▼ [Respostas](#)



[tychique ndjoli](#) [29 de junho de 2018 17:24](#)

Nossa!

Lendo um fabulo que posso chamar porque tem uma historia muita risada de uma maneira Mathieu tem sofrido pra acostumar-se a cultura brasileira e o que e um pouco interessante dando o corpo e alma pra aprender a linguá portuguesa que era uma linguá nova pra ele. Eu me encontrei lendo aquela bela historia ou cronica do mathieu que e por mim um encorajamento, eu que estou aprendendo a linguá portuguesa para apreender a prova do celpe bras que esta esse outubro.

[Excluir](#)

[Responder](#)

Aluno C

Anônimo [8 de setembro de 2013 12:12](#)

eu não gostei tanto ou seja totalmente aquela rotina "o porque "

Para não falar muito eu quero só ser breve .

leia isso comigo < Entre as duas pistas da avenida, há

uma faixa de terra com árvores onde uma

mulher de pele preta e roupas vermelhas varre

as folhas mortas. O cabelo dela é muito curto> eu penso que nas avenidas tem

tbm esse lado das pele branco etc...

tbm eu penso que a melhor coisa que OS brasileiros ou seja OS baianos têm : é a

maneira de aceitar OS outros .. a hostilidade de maneira geral sempre tem essa

parte ruim acho q é a minoridade ignorante ..

afinal da conta eu acho essa rotina perfeita.

Aurel

[Responder](#) [Excluir](#)

▼ [Respostas](#)

[Olivia Geraldine Nguema](#) [5 de julho de 2018 16:10](#)

Gostei do seu ponto de vista e concordo. É verdade que com todo beleza poética dessa crônica, a gente não presta muito atenção com isso. Mas no fundo tem essa cara de minoridade da pessoa negra. Talvez é isso que ele viu,quem sabe.

Sobretudo,a descrição é uma obra de arte. Só que ele tem que ter cuidado com algumas palavras.

[Excluir](#)

[Responder](#)

Aluno E

Fonte: Blog Vivendo no Brasil

ORIENTANDO A ATIVIDADE DE AVALIAÇÃO

A proposta apresentada na Atividade de Avaliação é a produção de uma postagem a ser publicada no blog *Falando Português* sobre o tema “Minha vida no Brasil”.

ATIVIDADE DE AVALIAÇÃO

A professora que administra o Blog *Falando Português*, lançou a seguinte chamada:

“Há inúmeras pessoas que gostariam de saber um pouco mais sobre a rotina de um estrangeiro no Brasil. Você sabia que no blog *Falando Português* tem uma categoria chamada “Estrangeiro no Brasil”? Lá você pode postar sobre a sua rotina, seu dia a dia e muito mais. Você está sendo convidado a ser o autor da próxima postagem, cujo tema é “Minha vida no Brasil”. Siga os passos:

1. Você quer produzir um texto individual ou em dupla?
2. Aceite o convite. Indique ao professor o nome dos autores do texto.
3. Você receberá um login e uma senha para postar seu texto.
4. Rascunhe a sua ideia. Discuta com o professor a sua ideia e as dificuldades que você está tendo.
5. Produza o seu texto! Qual o formato: áudio, vídeo, texto escrito? Vai utilizar imagens ou outros recursos? Salve-os!
6. Escolha um título.
7. Finalize a sua postagem com uma chamada para ação do leitor. Exemplo: *Gostou da minha rotina? Escreva nos comentários.*
8. Revise o texto.
9. Poste o texto no blog.
10. Fique atento aos comentários e responda se tiver interesse.

Professor(a), defina o prazo para a elaboração dessa atividade. Essa é uma atividade que envolve escrita e reescrita, portanto, leve isso em consideração. Após a postagem do texto do aluno, motive os demais a acessarem o blog e a comentarem a postagem. Você poderá também solicitar que um dos alunos publique a postagem na página do Facebook (*falandoportugues.official*) para convidar outras pessoas a lerem o texto.

Lembre-se que o texto publicado, assim como os comentários, devem ser lidos por você e serão “insumos” para as suas próximas aulas.

Seguindo o roteiro, Congo pede para os alunos produzirem a postagem para o Blog *Falando Português*. Ela pede-me que eu a auxiliasse na condução da orientação dessa atividade. Os alunos iniciam a produção durante a aula. A professora acha melhor que eles começassem a escrever numa folha de papel, já que não havia computador para todos. À medida que eles iam terminando, a professora lia os textos em voz baixa. Ao ler um dos textos, comenta que a letra do aluno não está legível, quando não entende algum trecho, pergunta-lhe e comenta que gostou do título. Quando os demais terminam, ela elogia os

textos. Os alunos ficam de levar os textos para casa, digitar e enviar por e-mail para a professora.

Entre a última aula e esta, a professora envia-me as postagens dos alunos, faço uma breve leitura e entro em contato com ela para perguntar se os textos passarão por alguma revisão. Eu gostaria mesmo de saber se a professora estava planejando retomá-los, mas não queria influenciá-la. Ao perceber que a tutora não estava planejando retomar aqueles tópicos linguísticos, analiso os textos dos alunos e anoto todas as observações que considero pertinente e apresento para ela antes da aula. Sobre esse momento, a tutora comenta no seu relatório de Estágio:

[62]

Congo: [nome dos Alunos C e D] enviaram e fiz a leitura, a princípio não quis fazer modificações, mas considerando que era para uma postagem definitiva no blog e que serviria de referência para outros alunos no futuro, achei que deveria interferir na escrita. [nome da Aluna E] terminou o texto na sala.


Eu tive muitas dúvidas quanto ao processo das correções com eles, pedi que Sara me ajudasse, o que fez maravilhosamente bem e com muita propriedade, ela separou os textos no Word, os originais sem correções e o com as devidas e possíveis alterações destacadas em colorido. Pedi para eles, uma de cada vez, lessem e comparassem e decidissem se era interessante alterar ou não. Construiu com eles a aprendizagem, juntos podemos perceber que a escrita é, sobretudo, uma construção de sentidos. (Relatório de Estágio).

Com a sua permissão, discuti com os alunos e também com ela as observações que fiz nos textos deles, mas como se tivesse sido uma análise feita por nós duas. A partir dessas produções, falamos sobre diversos conteúdos linguísticos, entre eles acentuação, concordância verbal e nominal, preposição, artigo. Após essa discussão, os alunos escolheram a melhor forma de revisar o texto. O Aluno C preferiu reescrevê-lo, sem olhar as observações que fizemos, ou seja, corrigindo apenas aquilo que se lembrasse das observações. O Aluno D fez as alterações olhando o texto com as nossas observações. A seguir as postagens dos alunos.

Figura 20 – Produções Textuais – Postagem do Aluno C no blog *Falando Português* - Tutor Congo

Date : 05 ago 2018
By : Sara Oliveira
Comment : 25
Tags : Ler, Música

Estrangeiro no Brasil | Alma não tem cor - Chico César




Eu sou TYCHIQUE ESAO NDJOLI, congolês, estudante na UFBA do curso do aprendizado da língua portuguesa e depois do aprendizado, eu vou viajar em são paulo para estudar minha profissão que é "ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO".

Eu vou falar da minha vida no Brasil e sobre escolha de uma música brasileira.

Quando eu cheguei aqui no Brasil, eu achei que o povo brasileiro tem uma raça homogênea porém é contrário do que pensei. Por isso, cada vez que eu ouço essa musica, eu me lembro de muita coisa indo – mais longe sobre a discriminação racial que tem uma grande parte no mundo, visto a sensibilização dos países fortes, dos congressos no mundo para abolir o preconceito humano. Além disso nada muda visto todos aqueles que fizeram, mas, ouvindo essa música o cantor transmite uma mensagem muito vital. O cantor indo-mais longe, ele disse de qualquer seja sua raça alma não tem cor mas, ela é colorida. Ou seja qualquer país você é, nós todos somos humanos e criados somente pelo Deus que é verdadeiro criador e para finalizar devido a essa música eu comecei me adaptar retirando toda ignorância assustadora também da minha vida aqui no Brasil.

Alma não tem cor - Chico César



Percebam que a alma não tem cor
Ela é colorida, sim
Ela é multicolor

Percebam que a alma não tem uma só cor
Ela é colorida, sim
Ela é multicolor
Azul, amarelo
Verde, verdinho, marrom

Você conhece tudo
Você conhece o reggae
Você conhece tudo
Você só não se conhece

Branquinho, neguinho
Branco, negão
Azul, amarelo
Verde, verdinho, marrom

E aí, pessoal, vocês já conheciam esse cantor? Gostaram da música?

Quais são os cantores brasileiros e músicas brasileiras que vocês mais gostam?

Contem aí nos comentários. Queremos muito saber!

Fonte: Blog *Falando Português*

Figura 21 – Produções Textuais – Postagem do Aluno D no blog *Falando Português* - Tutor Congo


Date : 13 ago 2018
 By : Sara Oliveira
 Comment : 8
 Tags : Ler

Estrangeiro no Brasil | Minha experiência no Brasil por Landry Mumbe

Em 2016, publicamos o texto [Período de Adaptação no Brasil](#) escrito por Janco Bystron. Nesse texto, ele fala sobre o período de adaptação de um estrangeiro no Brasil e do seu desejo de fazer parte da coletividade, como também dos medos e dos incômodos no dia a dia.

Hoje, quem vai compartilhar conosco um pouco dessa experiência é Landry Mumbe. Ele é congolês e está estudando a língua portuguesa na [Universidade Federal da Bahia \(UFBA\)](#), depois estudará Eletromecânica em Fortaleza.

Landry Mumbe



Eu vou falar um pouco sobre minha vida e experiência também aqui no Brasil...

No início, foi muito difícil para mim de se me acostumar porque, quando eu cheguei aqui naquele momento, eu não conhecia ninguém, então, eu não sabia falar a língua portuguesa e nem ouvir também, além disso, desde meu país, eu achei que a vida no Brasil não é fácil, mas, quando eu cheguei, nós nos encontramos com outros africanos que falam a mesma língua que eu, eu adorei muito esse momento porque é difícil nos países estrangeiros de encontrar as pessoas do mesmo país e que falam também a mesma língua maternal que eu falava desde minha infância.

Eles me ajudaram e ensinaram muitas coisas naquele momento. Primeiramente, falar a língua portuguesa e depois como é a vida no Brasil, como é a cultura brasileira e a maneira de viver com os brasileiros também...

Mas, com o tempo, eu me acostumei com a cultura daqui e eu aprendi também outras coisas, por exemplo, a melhorar minha língua, fazer amizades com os brasileiros e os povos dos outros países também, isso para mim é uma grande experiência porque não é fácil para estrangeiros se acostumar em outro país.

E aí, gostaram do texto de Landry?

Curtam, comentem e compartilhem!

Fonte: Blog *Falando Português*

Figura 22 – Produções Textuais – Postagem do Aluno E no blog *Falando Português* - Tutor Congo

Date : 09 ago 2018
By : Sara Oliveira
Comment : 7
Tags : Ler

Estrangeiro no Brasil | As minhas amizades no Brasil

Sugerimos que Olivia produzisse um texto falando sobre a sua vida no Brasil. Ela disse-nos que iria fazer uma poesia. Eis o resultado:



"A vida é feita de muitas coisas maravilhosas. E dentro disso, tem a amizade. Desde que eu moro aqui, todo tempo eu encontro pessoas novas e ótimas. Tem as pessoas, que eu posso dizer com certeza, que fazem parte integral da minha vida.

O mais engraçado em tudo isso, é o fato que ninguém já pensou, antes de vir, que a gente devia ter esse tipo de relacionamento.

A minha vida em Salvador é cheia da alegria graças a eles. A gente se acostuma de ir pra praia, sair pra comer juntos e especialmente gostamos de brincar e rir juntos.

Em suma, a amizade é a coisa mais linda que eu ganhei aqui em Salvador. E tenho certeza que a gente está formando, ou seja, forma uma família para sempre."

Olivia Géraldine Nquema – [Gabão/África](#)



Quer fazer algum comentário sobre o texto de Olivia? Não fique **acanhado(a)**! Deixe aqui o seu comentário. Será muito importante para ela (e para muita gente que acessa o Falando Português).

Fonte: Blog *Falando Português*

Benim ficou de orientar os seus alunos acerca da Atividade de Avaliação. Durante a semana, ela entra em contato com uma aluna que faltou a tutoria aula e pede para que ela faça a atividade final e também envie por e-mail.

A tutora inicia a aula elogiando as produções, ressaltando que eles evoluíram bastante. Neste dia, a Aluna I estava presente. Benim comenta que eles estão escrevendo bem, que tem uma coisa ou outra de estrutura. Ela pergunta quais as dificuldades que eles sentem ao escrever e o que desejam melhorar. A Aluna I diz que, às vezes, quer falar uma palavra em português, mas não sabe e A pergunta se no Celpe-Bras, o examinador poderá ajudá-la.

Após falarem sobre o Celpe-Bras, a tutora pergunta sobre a rotina deles, o que fizeram. Após a fala de todos, Benim pede para que eles leiam as produções. A Aluna H diz que escreveu pouco porque teve que fazer o projeto do curso de português no PROEMPLE. A tutora, no final das leituras, parabeniza-os pelos textos e diz que as produções estão ótimas. A seguir trechos das produções:

Figura 23 – Produções Textuais - Postagem dos Alunos H, C, I no blog *Falando Português* -Tutor Benim

TEXTO 1
segunda feira

Aluno H → tomei café da manhã e depois fui na policia federal essa dia foi muito chato porque eu estava perdido duas vezes porque foi minha primeira veze de ir na aeroporto sozinha mas graças à deus eu tinha me certificado porque eu sabia um pouco falar em portugues e no final pegei essa merda de carta.

terça feira

tomei café da manhã fui para faculdade e depois aula fui voltei em casa para preparar minha comida favorito quem é arroz feijao mistura com carne e frango foi muito legal.

TEXTO 2

Aluno C → Na segunda feira: Depois a aula, eu fui na biblioteca para un pouco se documentar aliás, eu tive uma dúvida sobre da gramática entre neste, nesperguntar , dessa e afinal quando coloca lo, la e lhe numa frase. na

Na terça feira : Às 13h nós fomos fazer uma cartão de saúde com professora carina e revindo fui em casa, eu me descansei, depois disso, eu cozinhei e eu tomei banho antes de comer.

TEXTO 3

Aluno I → Eu faço quasi a mesma coisa toda Segunda, Terca, quarta Quinta e sexta. As aulas pela manhã, as vezes um momento na biblioteca ou volto directamente para casa. As vezes tenho aula pela garde e comi nesses dias a comida que esta na geladeira antes de ir na escola e eu janto no RU as vezes. Tem dias que as aulas não são ocorredos. No final de semana, eu lavo minhas roupas, meus zapatos e o

Fonte: e-mail da pesquisadora

Inicialmente, não entendi porque todos os alunos relataram a rotina, uma vez que a proposta era outra e, na Unidade Temática, faço essa crítica. Fiquei me questionando qual a orientação que a tutora teria passado para os alunos durante o intervalo da primeira e da segunda aula. Ao ler o relatório de estágio da tutora compreendo melhor o que ocorreu, ela diz “Solicitei para que todos fizessem um texto sobre sua rotina em casa para que no nosso próximo encontro continuássemos a unidade didática. No outro encontro cada pessoa leu seu texto escrito para a turma e contou suas dificuldades para escrevê-lo”.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA APLICAÇÃO

Ao produzir a Atividade de Preparação, considerei que alguns dos alunos poderiam não saber do se tratava um blog, por isso sugeri ‘Geralmente, vocês acessam a internet para quê?’, como primeira pergunta. A partir das respostas dadas por eles, o tutor poderia perceber se acessar blogs fazem - ou não - parte da rotina de seus alunos e, assim, escolher a melhor forma de continuar a discussão.

Congo, ao pular essa pergunta, é surpreendida com o fato de que os seus alunos não sabem o significado da palavra ‘blog’. A tutora, então, resolve fazer a primeira pergunta sugerida no roteiro, mas, em suas respostas, os alunos não citam nenhum blog. Diante disso, ela demonstra ter dificuldade para apresentar-lhes um conceito.

Nesse caso, a tutora poderia, naquele momento, acessar alguns blogs, já que na sala onde ela estava dando a aula tinha um computador com internet e tanto ela quanto os seus alunos estavam com smartphones conectados à rede da universidade. Como estratégia também, ela poderia apresentar, como exemplo, os dois blogs o *Vivendo no Brasil* e o *Falando Português*.

Não compreendendo aquela palavra, os alunos utilizam outras estratégias (tradutor online, sinônimos) para resolver esse problema, o qual surge durante a interação com a tutora. Ao invés de orientá-los e pesquisar com eles, tenta apresentar-lhes uma definição para blog, não consegue fazer as demais perguntas para eles e acaba apresentando a experiência com o blog *Vivendo no Brasil* sem que eles, naquele momento, tenham compreendido a palavra ‘blog’.

Benim, na sua aula, faz apenas duas das cinco perguntas sugeridas na atividade para o aluno que chegou no horário, e, a partir delas, faz outras relacionadas. Com a aluna que

chegou atrasada, a tutora não faz nenhuma dessas perguntas, apenas apresenta uma definição de blog, já que a aluna pergunta o significado dessa palavra.

Ao interagirmos com os nossos alunos durante as aulas, é importante refletirmos sobre as perguntas que serão feitas para eles, em quais momentos vamos fazê-las, com quais objetivos, quais as possíveis dificuldades que eles encontrarão com elas e quais as estratégias que (professor e aluno) poderemos utilizar para resolver problemas que surgem nessa interação. Mais do que isso, devemos estar sempre atentas às respostas deles, pois isso é o que caracteriza um processo de ensino-aprendizagem culturalmente sensível. Pelo visto esses professores em formação não estavam, pois há um baixo grau de sensibilidade intercultural neles.

Sendo assim, as perguntas sugeridas na Atividade de Preparação, como o próprio nome diz ‘prepara’ os alunos e o professor para possíveis dificuldades que ambos podem ter na interação, bem como permite com que o professor perceba os conhecimentos prévios que os alunos têm sobre o tema. Além disso, essas perguntas focam na Produção Oral e na Compreensão Oral desses alunos. Como se pode conhecer o que os alunos sabem se não os ouvimos?

A partir da leitura da crônica “Rotina em Salvador”, o professor poderá, no Bloco de Atividades, explorar as quatro habilidades comunicativas (produção oral, compreensão oral, produção escrita e compreensão escrita) em uma perspectiva intercultural. A leitura desse texto poderá ser feita individual ou coletiva, contanto que a sua análise não se restrinja apenas a compreensão lexical e/ou a falar sobre a rotina dos alunos, como foi feito, na maior parte das aulas, por Congo e Benim.

É importante lembrar que a leitura feita em voz alta possibilita ao professor trabalhar com pronúncia, ritmo de leitura, fluência, mas sabemos que muitos alunos preferem primeiro realizar uma leitura silenciosa. Para esse texto, durante o momento de leitura, seria interessante orientá-los a identificarem como o autor divide cada parágrafo. Por exemplo, no primeiro parágrafo, ele fala sobre como o seu dia começa; no segundo, o que ele observa no trajeto da sua casa à universidade; no terceiro, fala sobre o curso de português; no quarto, sobre o almoço; no quinto, descreve o período da tarde; no sexto, o retorno à casa. Assim, ao invés de o professor perguntar o que acharam do texto e quais palavras não entenderam, poderá fazer perguntas específicas a cada um desses parágrafos e observar como os alunos retextualizam os fatos relatados pelo autor.

Exemplos de perguntas para os dois primeiros parágrafos:

O seu dia começa igual ao do narrador da crônica?	Você também precisa usar o despertador para acordar?	Você tem dificuldades para acordar?	Qual a primeira coisa que você faz quando acorda?
Quem seria Ricardo e Silvana? Qual a profissão de Ricardo e Silvana?	Por que você acha que ele diz “verifico se tem alguma coisa que o meu estômago poderia aceitar”?	Quando vocês estão vindo para a universidade, vocês também cruzam com pessoas fazendo essas mesmas coisas que ele relata?	Você também se sente apreensivo no banheiro por que para ele essa situação é confusa?
Você costuma sentir fome ao acordar? O que você toma no seu café da manhã?	O que você acha da forma que ele descreve as pessoas?	Como são essas pessoas que ele descreve?	As pessoas aqui no Brasil costumam mesmo fazer esse gesto que ele descreve? Por que fazemos isso?

Nessa crônica, algumas palavras não são tão utilizadas pelos brasileiros, como ‘aldrabado’, ‘aquecedor de banho’, ‘bruma densa’, por isso é importante explorar alguns dos seus sinônimos durante essa leitura.

Através da produção escrita sugerida no Bloco de Atividades, ao lê-las, o tutor poderia analisá-las para fazer um levantamento de conteúdos linguísticos e de aspectos culturais apontados por eles que poderiam ser explorados tendo como de partida essas produções, bem como também para compreender melhor algumas falas que surgiram durante a aula. Por exemplo, o Aluno C comentou que o autor da crônica teria paquerado a professora. Naquele momento, eu, a tutora e o Aluno D não concordamos com ele.

Porém, ao ler o seu comentário no blog *Falando Português*, “... mas além vou um pouco brincando dizendo que o homem já paquerou professora dele que lhe ensinou a língua básica de português” compreendo melhor o que ele quis dizer durante aula, pois há um trecho na crônica “Me pergunto quais são as suas atividades além do ensino...” que, talvez, o tenha feito interpretar dessa maneira.

É importante lembrar que durante a aula de Congo, esse aluno pergunta a diferença entre ‘o’ e ‘lhe’ e, na produção escrita entregue a Benim, ver Figura 22, comenta que foi à biblioteca pesquisar quando usar ‘lo’, ‘la’ e ‘lhe’ numa frase. No seu comentário, vemos que ele utiliza “lhe” de acordo com a norma padrão “que lhe ensinou”. Seria interessante continuar acompanhando, em suas produções, como ele tem utilizado esses pronomes oblíquos, a fim de orientá-lo, como fiz com a Aluna. Ao ler o seu texto, percebi que deveria

orientá-la acerca do uso do ‘lo’ quando ela escreveu em um dos comentários “...só podemos e devemos felicitar ele pelo seu trabalho...’.

As tarefas do Ampliando a Discussão não foram tão bem exploradas pelas tutoras. Enquanto Congo realiza apenas três das seis perguntas sugeridas, Benim, partindo das perguntas do roteiro e das respostas dadas por eles, tenta mostrar-lhes as similaridades que eles têm com o autor da crônica. A meu ver, isso foi bastante positivo, porém a discussão limitou-se a isso.

A partir da leitura dos comentários postados no *Vivendo no Brasil*, as tutoras poderiam incentivar a discussão sobre alguns temas, como: a hospitalidade do baiano; o mal do século XXI: a síndrome da pressa; a franqueza, sinceridade e arrogância; o que é ser mal atendido nos supermercados. Essas temáticas surgiram nesses comentários, mas passaram despercebido pelas tutoras.

Além disso, é importante ressaltar que quando sugeri na unidade que primeiro o aluno comentasse na postagem do blog *Falando Português* e, após a discussão com o professor e demais colegas, lesse os comentários postados no *Vivendo no Brasil* para, em seguida, escrever um comentário, visava perceber como esses comentários contribuiriam com a releitura da crônica.

No primeiro comentário, a Aluna E elogia a crônica, o modo como o autor usa as palavras para descrever e relatar o seu dia. No segundo comentário, a partir da leitura que ela faz em pelo menos um dos comentários publicados no *Vivendo no Brasil*, a aluna mantém os elogios à crônica, porém discute sobre outro aspecto apresentado no comentário: a descrição da mulher que “varre as folhas mortas”, e deixa este recado para o autor: “precisa ter cuidado com as palavras”.

Figura 24 – Comparando os comentários da Aluno E em momentos distintos – Tutor Congo

Comentário no Blog *Falando Português*



Olivia Geraldine Nguema 23 de agosto de 2018 at 19:01 [Reply](#)

Depois da leitura dessa crônica, podemos dizer que a literatura é uma arte. Que se você saber jogar as palavras onde devem, você já entende o mistério. Estou pensando assim porque o senhor Mateus só fez falar das coisas que acontecem com ele quase todo tempo. Direi mesmo todo tempo. Só que ele viu que tem algo de particular dentro disso. Cada vez, a gente faz as coisas sem perceber algo de particular. Pra nós é normal, é nada. Podemos dizer, além que a literatura é uma arte, que ele quer que as pessoas tenham cuidado com cada detalhe. E ele, com as palavras ordinários, fez de nada algo de muito interessante. Enfim, só podemos e devemos felicitá-lo pelo seu trabalho que é tão interessante quanto instrutivo.

Comentário no Blog *Vivendo no Brasil*

▼ [Respostas](#)

Olivia Geraldine Nguema 5 de julho de 2018 16:10

Gostei do seu ponto de vista e concordo. É verdade que com toda beleza poética dessa crônica, a gente não presta muito atenção com isso. Mas no fundo tem essa cara de minoridade da pessoa negra. Talvez é isso que ele viu, quem sabe. Sobretudo, a descrição é uma obra de arte. Só que ele tem que ter cuidado com algumas palavras.

[Excluir](#)

[Responder](#)

Fonte: Blogs *Falando Português* e *Vivendo no Brasil*

A tarefa da Atividade de Avaliação resulta na produção de uma postagem a ser publicada no blog *Falando Português* cujo tema é “Minha vida no Brasil”. Enquanto os alunos de Congo apresentaram produções coerentes com o objetivo dessa unidade temática; os de Benim, produções simples acerca do tema rotina. Esse contraste pode ter sido influenciado por dois fatores: a minha participação ativa durante as aulas de Congo e a aplicação da unidade como objetivo a ser alcançado por Benim.

Constato, então, diferenças entre as abordagens das tutoras. Enquanto Congo procura seguir à risca o planejamento das atividades, Benim parece desconsiderá-lo, demonstrando seguir a orientação que recebeu do professor X sobre as aulas das tutorias, acolher os alunos estrangeiros do PROEMPLE e conversar com eles sobre aspectos relacionados à experiência

de morar no Brasil, em Salvador. Ambos os casos demonstraram falta de preparo, apego a orientação e pouca capacidade de improvisação.

As produções dos alunos possibilitaram-me perceber que as informações apresentadas na Unidade Temática: Motivação, Situação de Uso e Expectativas de Aprendizagem podem não dar conta de orientar o professor em formação a aplicá-la como almejamos. Essas professoras usaram os blogs, *Vivendo no Brasil* e *Falando Português*, apenas como um repositório de textos, e isso é percebido quando analisamos, por exemplo, o tratamento que elas deram aos textos dos seus alunos (comentários postados nos dois blogs e postagens publicadas no blog *Falando Português*) e também àqueles utilizados nas atividades da UT (“A rotina em Salvador” e comentários postados pelos meus ex-alunos no blog *Vivendo no Brasil*).

De fato, apostei na autonomia dessas professoras em formação, na abordagem de ensinar delas, tentando interferir o mínimo. Entretanto, percebo que a orientação antes, durante e depois torna-se necessária se quisermos que os professores em formação tornem o processo de ensino-aprendizado de PLE/L2 mais rico e significativo, ressignificando o uso de blog nas aulas de PLE/L2, por meio da riqueza e da reflexão do que é produzido nesse ambiente, na interação com o outro, aluno, professor, seguidor/leitor do blog.

Quando lhes apresentei as unidades, tive a impressão de que as tutoras tinham aceitado aplicá-las porque não sabiam mais o que fazer durante aqueles encontros. Por isso a preocupação inicial em saber quantas aulas seriam necessárias para essas atividades. No decorrer da aplicação, notei que Congo se sentia segura com a minha presença. Em inúmeros momentos, ela me convidou a participar, a interagir com ela e com os alunos, a orientá-los na produção dessa tarefa. Sempre que surgia alguma dúvida sobre a aplicação da unidade, ela perguntava-me ou pedia-me para que eu explicasse melhor aos alunos.

Na entrevista, ela diz que aceitou aplicar a unidade porque precisava finalizar as tutorias, mas também por achar que, aplicando uma atividade desse tipo, sendo orientada por uma pessoa, aprenderia como fazer. Ela ressalta que preferiu me ver trabalhando daquela forma, e isso foi muito enriquecedor. Acredito que essa postura da tutora foi fundamental para que os alunos recebessem uma boa orientação sobre o que deveriam produzir.

Quanto a Benim, percebi que ela era mais reservada. Por ter feito poucas perguntas acerca da aplicação da unidade, achei melhor não interferir, mas torci para que aquelas informações apresentadas na unidade temática contribuíssem para que a tutora orientasse bem os alunos acerca dessa produção final. No entanto, ao ler as produções finais dos seus alunos,

dou-me conta de que a ausência de uma orientação mais ativa durante a aplicação da unidade, como foi realizada com Congo, teria contribuído para que as produções fossem mais significativas tanto para ela quanto para os alunos.

Não tenho a pretensão de desqualificar as professoras em formação, mas de mostrar algumas falhas no processo de formação. Falhas que podem ser corrigidas, ressignificadas ao longo de sua experiência prática. Para isso, os dados gerados mostram que os professores em formação precisam ser acompanhados e orientados pelos professores formadores durante o seu processo de Estágio.

3.3.2.2 Preconceito

O último tipo de desigualdade que gostaria de abordar neste texto consiste na desigualdade racial. Ainda, até hoje, muitas pessoas brasileiras negam que exista um tratamento diferenciado entre as diferentes raças no Brasil. Acho muito estranho isso, especialmente à luz de que quase todo mundo insiste em referir à uma pessoa negra como “moreninho” ou “moreninha”, pois acha que dizer “negro” ou “negra” seria ofensivo e interpretado como um insulto. Fora do mais, o fato do grupo mais excluído—e que sofre mais vulnerabilidade social e econômica—da sociedade brasileira consistir em pessoas afrodescendentes já demonstra que existe muita desigualdade racial no país; e isso sem falar dos outros grupos excluídos de maneiras parecidas, tais como os indígenas.

Por R. D

O texto acima é um trecho da postagem “A desigualdade no Brasil” que foi escrita por uma das minhas alunas, em 2013, quando eu era professora em formação do NUPEL. Início essa seção com esse trecho, pois, durante aquela experiência e em tantas outras que surgiram depois, muitos alunos estrangeiros questionavam-me por que nos restaurantes, os garçons eram pretos, mas as pessoas que ficavam no caixa eram brancas e também qual seria o modo correto de falar ‘ele é negro ou ele é preto’. Lembro-me que apresentava uma discussão bem superficial, falando um pouco da diferença entre cor e raça, a posição do movimento negro frente a isso, e a aula continuava.

Uma das aulas que observei de Europa, ela utilizou um texto cujo título era “História do Brasil – a colonização” para revisar o pretérito imperfeito do indicativo. Não houve (pelo menos naquele momento que observei) uma reflexão sobre esse período da nossa história e os seus efeitos ainda nos dias de hoje. Temos, nesse caso, o uso desse texto como pretexto para a revisão de conteúdos gramaticais.

América também explorou essa temática quando utilizou, em uma das aulas que observei, um texto intitulado “Descobrimto do Brasil”. Os alunos fizeram a leitura e, em seguida, responderam às perguntas que estavam no material. Após a leitura, um dos alunos comenta que o texto tem pouca informação para responder as questões, por isso não quer contestar sem saber. Entre elas tinham: ‘O que é colonizar?’, ‘O que é uma colonização produtiva?’, ‘Quais os principais problemas que essa colonização causou?’. Durante a discussão, percebo que os alunos ficam bastante interessados e fazem muitos questionamentos ao professor em formação, entre elas, se a colonização foi rápida e quais cidades já existiam no Brasil nesse período, 1807.

Os alunos comentaram que apesar de o Brasil ser muito rico, há muita desigualdade e uma tendência a valorizar tudo o que é de fora. Um dos alunos cita que, na Espanha, o povo lutou muito para desenvolver o país. Enquanto, no Brasil, apesar de os brasileiros serem bastante criativos, falta dar oportunidade para eles.

Essa discussão tomou bastante tempo da aula, o que foi positivo. No entanto, a discussão pareceu bem superficial, já que não foi feita uma relação entre os efeitos da colonização e as suas causas; uma reflexão sobre quem são esses povos excluídos, marginalizados, pobres, que, apesar de serem criativos, não têm oportunidades.

Em outra aula, quando se discutia o livro “Para educar crianças feministas – um manifesto” de Chimamanda Ngozi Adichie, um dos alunos comentou que o racismo, no Brasil, está bem marcado - quanto mais preta é a mulher, mais agressão ela sofre – e que é preciso esquecer algumas coisas, superar a colonização, pois o passado é passado e existe para que possamos aprender com ele. Ainda na sua fala, ele diz que tem observado que, em geral, porteiros e pessoas que trabalham na limpeza são pretas, mas os vizinhos dele não os cumprimentam. Assim, ele finaliza a sua fala: “As pessoas são iguais, são as mesmas!”.

África, durante a entrevista, comenta que a coordenação do PROEMPLE lhe pediu para elaborar uma aula sobre abordagem policial. A tutora diz que essa aula é uma das mais importante no curso, pois são apresentadas todas as regras de como se comportar em uma abordagem militar. Como seus alunos ainda não falavam ou compreendiam quase nada em português, durante essa aula, ela comunicava-se com eles muitas vezes em inglês, mostrando imagens da polícia militar, identificação do policial na farda e da viatura para que eles entendessem todo o contexto. Além disso, ela demonstra através de gestos como seria na prática essa abordagem.

A turma é dividida em pequenos grupos para simularem uma abordagem policial. Nessa simulação, a tutora orienta-os sobre o que fazer ao serem abordados: mostrar o documento de identificação, não ter reações bruscas, não correr, não dizer nenhuma palavra torpe ao policial, colocar as mãos na cabeça, ficar calmo.

Para ela, uma das primeiras coisas que os seus alunos precisam aprender no curso é dizer que são estudantes estrangeiros da UFBA e jamais sair sem documento de identificação. Ela comenta que ao dizer que existe preconceito racial no Brasil, alguns deles ficam surpresos em saber que ainda existe racismo na Bahia, pois, antes de virem para cá, pesquisaram e viram que se tratava de um estado que tem muitas características africanas.

África comenta que “a Bahia, apesar de ser um dos estados mais negros do Brasil, é muito racista, tanto é que esses alunos estrangeiros sofrem muita abordagem na rua por terem características que levam a polícia a achar que são criminosos ou possíveis criminosos”. Daí ela enfatiza a necessidade de planejar uma aula que falasse sobre abordagem policial, de modo simples, já que eles estão ainda aprendendo a falar português.

A atividade desenvolvida por África sob orientação da coordenação do programa dá conta do que se propõe: preparar os alunos estrangeiros (negros) para uma abordagem policial. No entanto, na descrição da atividade, não consigo enxergar nela um incentivo à compreensão e à reflexão de aspectos que podem os aproximar e/ou os distanciar da cultura-alvo, muito pelo contrário, falta, na abordagem da professora, problematizar a questão. A meu ver, precisamos agir para que pessoas negras não precisem ser ensinadas a como agir em uma abordagem policial e que essa prática não seja tratada como um conteúdo a ser ensinado, mas sim problematizada.

Por tudo isso, tendo como ponto de partida o racismo, a Unidade Temática “Preconceito” visa promover um debate sobre os diferentes preconceitos que existem tanto no Brasil como no mundo, a fim de que possamos refletir com profundidade a persistência deles.

Figura 25 – Unidade Temática “Preconceito”

Preconceito

MOTIVAÇÃO

Professora universitária publica pequeno relato em seu perfil no Facebook e faz referência a um jovem nigeriano que há um mês estuda português no Instituto de Letras da UFBA.

SITUAÇÃO DE USO

Posicionamento diante de assuntos polêmicos.

EXPECTATIVA DE APRENDIZAGEM


Compreender textos de opinião.

Produzir textos, orais e escritos, expondo opinião.

Posicionar-se sobre temas polêmicos.

ATIVIDADE DE PREPARAÇÃO


Inicie a sua aula, mostrando a postagem a seguir aos alunos.



Depois, faça as seguintes perguntas.

- Vocês já passaram por alguma situação parecida? Comente.
- Você compartilharia essa postagem? Comente.
- Vocês concordam quando ela diz que “em poucas palavras e sem notar nos deu uma aula sobre racismo institucional na UFBA”? Comente.
- O que vocês acham sobre o racismo no Brasil? Explique.
- Vocês já sofreram algum tipo de racismo aqui no Brasil? Comente.
- Há racismo no seu país? Comente.
- Na sua opinião, quais os tipos de preconceitos mais recorrentes aqui no Brasil? Comente.
- Na sua opinião, quais os tipos de preconceitos mais recorrentes no seu país? Comente.

Leia com os alunos os comentários da postagem para continuar a discussão.





Del Rocha Conheci alguns africanos e a conversa foi fluído. Eu falei que tinha vontade de falar com eles, mas não sabia como pq tinha vergonha já que eles também sempre andam em grupos. Dai ele abriu um sorriso e me disse: Agora você já sabe, pode falar.

Curtir · Responder · 6 sem

Sonia Guimarães

Del Rocha Ei, xará! Tb já quis me aproximar, mas o fato deles andarem sempre em grupos intimidava bastante. Dica anotada. Rsr

Curtir · Responder · 6 sem

Del Rocha Olha só!!! Hahaha. Eles são muito legais, acreditem. Onde me vêem, falam comigo. Inclusive quem puxou conversa foi um deles.

Curtir · Responder · 6 sem

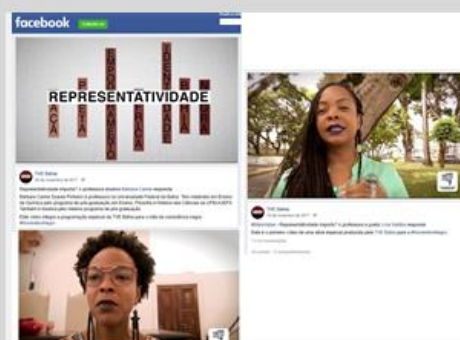
Disponível em: <https://www.facebook.com/taifara-carine-956617490261910127/>



BLOCO DE ATIVIDADES

Bárbara Carine, autora da postagem acima, Lívia Natália, poeta e também professora da UFBA, e tantas outras mulheres negras gravaram uma série especial de vídeos, produzida pela TVE Bahia, falando sobre representatividade.

Exiba o vídeo para seus alunos.



Vídeos e seus respectivos links:

Vídeo 1 – Bárbara Carina

Link:

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=185844300080077&id=189156621142083&rd=1

Vídeo 2 – Lívia Natália

Link: <https://www.facebook.com/tvebahia/videos/1841872662537111/>

Após a exibição, faça as seguintes perguntas.

- Segundo Bárbara Cristina, representatividade importa por quê?
- Segundo Lívia Natália, representatividade importa por quê?
- Você concorda com elas? Comente.

AMPLIANDO A DISCUSSÃO

Continue a discussão a partir dos textos a seguir.

1. Procuram-se bonecas pretas: crianças ainda sofrem com falta de representatividade.

Link: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/procuram-se-bonecas-pretas-oncians-ainda-sofrem-com-falta-de-representatividade/>

2. Gaby Amarantos celebra representatividade negra e indígena em novo clipe.

Link: http://www.diariodopernambuco.com.br/app/noticia/viver/2018/05/28/intermas_viver,753446/gaby-amarantos-celebra-representatividade-negra-e-indigena-em-novo-clip.shtml

3. "Negro não tem que falar só sobre raça", defende professora.

Link: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-44060602>

4. Casamento real de Meghan Markle e Príncipe Harry dá show de representatividade e quebra tradições.

Link: <http://revistadonna.clicrbs.com.br/gente/casamento-real-de-meghan-markle-e-principe-harry-da-show-de-representatividade-e-quebra-tradicoes/>

5. Racismo e xenofobia: precisamos falar sobre ser uma mulher negra que viaja sozinha.

Link: <https://financasfemininas.com.br/racismo-e-xenofobia-precisamos-falar-sobre-ser-uma-mulher-negra-que-viaja-sozinha/>

Apresente os títulos aos alunos e faça uma discussão breve sobre o que cada um desses textos deve abordar e o que eles sabem sobre isso.

Em seguida, explique que eles terão de ler um desses textos e apresentá-lo à turma. Essa atividade pode ser feita em dupla, a depender do texto e da quantidade de

alunos da turma.

A apresentação deve contemplar as seguintes perguntas:

- De que trata o texto?
- O que pensamos sobre isso?

ATIVIDADE DE AVALIAÇÃO

O blog *Falando Português* decidiu realizar uma campanha contra o racismo e a xenofobia. Os vídeos serão publicados no blog. O vídeo deve ter entre 3 e 5 minutos de duração. Para participar, siga alguns passos:

1. Produza um vídeo inédito, cujo o tema da campanha seja: "Combater o crime de racismo e xenofobia começa com pequenas atitudes".
2. Peça para as pessoas curtirem e compartilharem o vídeo.
3. Envie o vídeo para o blog@falandoportugues.com.br.

ALGUMAS ORIENTAÇÕES

Professor(a), defina o prazo para a produção do vídeo. Essa é uma atividade que envolve conhecimento com gravação e edição de vídeo, é importante, por isso, que um dos integrantes da equipe tenha familiaridade/interesse em editar vídeos.

O vídeo deverá ser postado no blog *Falando Português* e compartilhado na página *falandoportugues.official* no Facebook. Após a postagem, o link deverá ser enviado para o e-mail dos alunos, a fim de que todos acessem, comentem, curtam e compartilhem.

Professor, lembre-se que os vídeos publicados, assim como os comentários que

[63]

Gabão: [...] olhei e achei que poderia ser bom para os meus alunos porque aquela era uma falha minha de não ter discutido temas como racismo e representatividade, de coisas que são importantes, mas que eu não me sentia segura pra trabalhar com eles. E eu achei o material sensível, bem elaborado, eu achei que valia a pena utilizar. É, e, não sei, eu acho que seria um bom encerramento pra tutoria fechar com esse tema, com uma forma diferente do que eu havia fazendo. (Entrevista – Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

[64]

Haiti: [...] era uma proposta que eu não tinha pensado em trabalhar naquela formatação. Então, pra mim, agregaria experiência nesse lado, né, com uma proposta formatada daquela forma. Nunca tinha visto algo daquele jeito pra PLE, as temáticas eram bem interessantes, a aula tava bem planejada, e eu achava que as alunas iriam se interessar. [...] (Entrevista – Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

As falas de Gabão e Haiti convergem com o comentário feito por Gana quando ela justifica a escolha por esta unidade:

[65]

Gana: Eu acho que é um tema importante e [...] que sempre sensibiliza as pessoas. É muito motivador falar sobre preconceito, ainda mais quando se é negro sofrendo preconceito, e, como eles são e estão aqui provavelmente eles já devem ter sofrido algum preconceito, eu acho que era um tema que ia dar abertura pra muitas discussões. (Entrevista – Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

Gabão confessa que, apesar de ler e de buscar informações sobre racismo, tentar sempre pensar nele e estar atenta a esse assunto, não se sente confortável de falar sobre racismo nas aulas, pois acredita que esse não é o seu lugar de fala, que não é o seu lugar de dizer “o que deve ser feito ou não deve ser feito, como as pessoas sofrem ou não sofrem”. Entretanto, por mais que tente fugir desse assunto, ela diz que eles, desde as primeiras tutorias, queriam saber, por exemplo, sobre casamento e algumas diferenças, não necessariamente a situação dos negros. A tutora lembra que esse tema surgiu algumas vezes e também durante a aplicação desta unidade. E, em seguida, complementa:

[66]

Gabão: [...] eu vejo que é uma realidade muito importante para eles, e essa coisa de casamento intercultural ou casamento, enfim, entre pessoas de diferentes etnias ou cores, enfim, pra eles não é uma realidade muito frequente, e eles desde o início perguntaram pra mim como que isso funcionava aqui, como não funcionava. (Entrevista – Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

Gana, por outro lado, reflete que, em nenhum momento da tutoria, pensou em produzir uma unidade temática que falasse sobre esse tema, apesar de gostar muito e ter desenvolvido, na disciplina de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa I, um projeto sobre preconceito relacionado à literatura. Entretanto, sempre conversava com eles sobre preconceito e respeito às mulheres, porque, durante as tutorias, seus alunos tinham alguns comportamentos que, segundo ela, a obrigava falar sobre isso.

[67]

Gana: eles sempre perguntavam sobre a minha vida. E uma das primeiras coisas que eles perguntaram foi se eu era casada [...] por que minha aliança tava neste dedo [...] falei que eu morava junto, que eu era noiva, mas morava com meu namorado [...] eles acharam um absurdo, porque na religião deles não podia [...] questionei o fato de, na religião deles, a mulher não poder morar com o homem, já que eles ainda não se casaram, mas eles não acharem anormal, eles se comportaram aqui dessa forma, né, subjugar, dizer que as mulheres brasileiras são todas promíscuas, [...] Então, sempre tinham essas conversas bem chatinhas, porque eles questionavam muito a forma que a gente se comportava [...] aí, um dia, um deles falou comigo que ele nunca casaria com uma mulher daqui, que Deus nunca daria a bênção pra ele, porque as mulheres daqui só serviam pra ficar, porque uma mulher que é temente à Deus, temente ó, que crê em Deus jamais se relacionaria com um homem da forma que a gente se relaciona, então, sempre tinha, sempre acabava chegando nessa questão da religião por causa disso. (Entrevista – Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

Ela relata também que eles perguntavam se ela tinha alguma amiga para apresentar ou, quando passava uma mulher, eles perguntavam se ela conhecia e ficavam comentando as características físicas das mulheres que passavam. Gana declara que ficava, algumas vezes, sem saber o que dizer, pois não sabia lidar muito bem com a situação e pensava “Meu Deus do céu, que saco! ”. Pelos relatos da tutora, tenho a impressão de que ela nunca tenha problematizado a questão com os seus alunos.

[68]

Gana: às vezes eu não sabia como lidar, falava basicamente que devia respeitar porque se deve respeitar o próximo, independente de ser mulher, gay, homem ou independente de ser mulher ou homem, de ser heterossexual, de ser homossexual, sei lá. E eles têm esse problema seríssimo, né, com, porque aqui em letras tem muito gay, muita lésbica, então, eles se sentiam incomodados com isso, até com isso eles se sentiam incomodados, e como eu sempre encontrava eles no período em que não era da monitoria e como eu estou em letras, eu tenho muito amigo gay e muito amigo sapatão e eu sempre tava com um amigo e eles ficavam falando que isso não era certo,

homem nasceu pra ser homem, porque o meu colega era gay, então, eles ficavam com esses questionamentos chatos. (Entrevista – Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

Durante essa experiência, esse desconforto também é sentido por Gabão. Quando lhe perguntei se “houve algum embate cultural entre ela e os seus alunos”, a tutora diz que, muitas vezes, se calou para não levar adiante ou polemizar algumas questões. No entanto, sempre procurou deixar bem claro que “isso aqui é o nosso país ou essa é a nossa cidade ou essa é a nossa universidade, essa é a nossa forma de ver as coisas que é diferente da sua, e eu aceito a sua e eu acho que você deveria aceitar minha, principalmente em relação à homossexualidade, principalmente em relação à mulher e ao homem, às questões de gênero”.

Nesses aspectos, a tutora declara que um dos seus alunos, que era muito conservador, falava várias coisas que pessoalmente a agrediam, mas ela preferia não polemizar ou constrangê-lo e muito menos deixar desconfortáveis os outros dois alunos, que seriam mais liberais. Quando isso ocorria, a tutora revela que os próprios colegas, muitas vezes, orientavam-no, falavam-lhe para não falar daquela forma.

Ao recordar-se de que, durante a aplicação dessa unidade, esse aluno comentou ter visto um casal homossexual beijando-se e quase ter vomitado com a cena, Gabão diz:

[69]

Gabão: Ele é sempre muito enfático. A linguagem corporal dele me machuca quando ele faz isso. Mas o outro aluno falou com ele pra ele não fazer isso. Então, eu tive sorte de ter um grupo em que as próprias pessoas controlavam a situação, eu não precisei dizer que ‘Ah não, a palavra final é minha, não é assim que faz aqui.’ Eu também não gosto disso. (Entrevista – Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

E finaliza dizendo: “Não houve embate, houve silêncio.”.

Quando lhe pergunto “ De um modo geral, como você avalia as suas tutorias?”, a tutora menciona que procurou, desde o início, criar um espaço de distanciamento entre ela e os seus alunos, por ter ouvido histórias de outros professores que fizeram PLE. Entre essas histórias, conta que alguns alunos estrangeiros extremamente homofóbicos se recusaram a fazer tutorias com um professor, pois este seria muito afeminado. Também, por experiência de vida, sempre se sentia receosa nessa relação, já que ela era uma mulher em meio a homens nas tutorias.

Gana, no relatório, comenta também que por ser uma mulher, e todos os tutoreados

serem homens, o relacionamento com eles “foi um pouco difícil, visto que, algumas vezes, era cansativo manter contato, pois ocorriam episódios desagradáveis e até mesmo desrespeitosos” por parte deles.

Gabão considera que as suas tutorias foram mais uma oportunidade de prática professor-aluno e não um espaço de amizade.

[70]

Gabão: [...] eu avalio a minha tutoria como tendo sido um espaço que eu deixei claro: ‘A nossa relação é professor-aluno. Eu sou muito mais velha do que vocês, eu estou aqui para ajudar, estou disponível para vocês trazerem qualquer questão, este é um espaço de liberdade, mas, é, não vou ficar aqui abrindo minha vida para vocês’, como outros professores fizeram: receber na casa, fazer um jantar, ir para praia. Eu não me senti em nenhum momento, eu não me sinto confortável de fazer em nenhum momento isso com alunos, apesar de ter sido essa a proposta do professor do estágio, ‘leva eles para praia, leva pro cinema’. Eu quis levar pro cinema, eles disseram que por questões financeiras não daria certo. Bom, para praia, eu não me sinto confortável; para minha casa, muito menos. (Entrevista – Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

Para Gana, as tutorias foram além dessa relação professor-aluno, como mostro a seguir:

[71]

Gana: Eu acho que eu dei um espaço bem grande pra eles se sentirem à vontade pra me ter como amiga e tudo mais, mas ainda assim eu acho que foi negativo porque eu não sei se eu deixei claro sobre a abertura desse espaço. Então, eles são muito inconvenientes, não sei se, eu sei que não é só comigo porque a gente sempre conversava depois das aulas com as pessoas que faziam o estágio, eles sempre relatavam dessa questão da inconveniência. [...] de modo geral, não foi uma experiência que eu gostei muito no final, porque tem uma hora que a gente fica meio sem paciência, porque você já deu todas as pistas de que aquele comportamento tá inadequado, mas a pessoa não faz questão de rever e ainda usa questões culturais, religiosas pra justificar determinados comportamentos, como, uma vez ele tava, eu encontrei uma amiga, eu conversei com ela, ele tava, eu apresentei e depois ele falou uma coisa horrível como “Meu Deus, ela tem uma bunda enorme. Me apresenta. Eu quero casar”. E não era brincando. Então, eu me sentia desconfortável porque ele tava falando de uma mulher que era minha amiga pra mim. E por mais que eu dissesse pra ele “olha, aqui, a gente não tem esse hábito, aqui isso não é legal, a gente não gosta”, eles não se importavam. Eles sempre faziam as mesmas brincadeiras. [...] de um modo geral, a gente já sofre muito assédio, e você estar dentro da universidade, num projeto que deveria ser bom na sua formação, acaba sendo traumático por essa questão mesmo de respeito, de falta de respeito. (Entrevista – Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

Benim, Congo e Haiti, por outro lado, dizem que não houve nenhum embate cultural

durante as aulas ou alguma manifestação de preconceito por parte dos alunos.

Haiti comenta que, nas suas tutorias, não ocorriam muitas discussões, pois as conversas estavam muito relacionadas ao dia a dia deles, ao que gostavam de fazer nos seus países e aqui no Brasil, à rotina diária, à alimentação ou ao lazer, entre outras coisas, não se discutia nenhum assunto que tratasse, com profundidade, de realidades sociais complexas, como o preconceito. Acredito que isso seja reflexo daquela orientação dada aos professores em formação pelo professor X, acolher os alunos e conversar sobre aspectos relacionados à experiência de morar no Brasil, em Salvador. Essa orientação, ao analisarmos os dados, não incentivava os professores em formação a promoverem aulas com discussões e reflexões mais significativas.

Congo, por sua vez, diz que seus alunos falavam bastante que não gostavam de comer todo dia feijão e arroz e que também não gostam de comer muito no RU (Restaurante Universitário da UFBA), pois, segundo eles, a comida desse restaurante engordava-os. Ela diz que, em uma das tutorias, quando um dos alunos comentou que não havia preconceito no Brasil e que nunca tinha visto alguém sendo preconceituoso, principalmente na Bahia, uma das alunas rebateu-o dizendo “você tá mal informado” e relatou que, certa vez, pediu informação a uma mulher que estava no ponto de ônibus. Por causa da cor da sua pele, ela a ignorou e não lhe deu informação

Congo também comenta que seus alunos se interessam muito pelas expressões idiomáticas do português, principalmente o baianês, como transcrevo a seguir:

[72]

Congo: Tem um que faz uma coleção, ele dá risada, principalmente com palavras, né, ‘casa da porra’, ele dá risada quando ele faz isso, porque ele diz que acha massa, lindo, que é maravilhoso. Então, essas expressões, assim, eles gostam, ficam procurando aprender logo para se enturmar, se sentir pertencente da cultura, eu acho. (Entrevista – Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

Em relação ao carnaval, ela diz que, por serem evangélicos, alguns deles não vão, não têm interesse de conhecer.

Benim comenta também que não houve nenhum embate com seus alunos que tenha sido motivada por algum choque cultural. Ela relata que eles sempre exaltavam o país de origem; avaliavam que cultura deles era boa, bonita e adequada, em relação a cultura brasileira; que as pessoas, no Brasil, têm muita liberdade; que o homossexualismo é

inaceitável nos países deles; que lá os homens mandam, enquanto as mulheres devem obediência e não podem estudar. Apesar de tudo isso, ela diz que eles sonhavam em ficar no Brasil porque achavam maravilhoso o fato de as pessoas poderem trabalhar e receber, pelo menos, um salário mínimo para a sua sobrevivência.

A tutora lembra ainda que, em uma das tutorias, eles perguntaram qual era a sua religião, e ao perguntar-lhes a religião deles, disseram-lhe que eram evangélicos e que odiavam católicos. Ela pergunta o motivo, eles dizem que isso se dá pelo fato de os católicos cultuarem imagens.

Benim explica-lhes que, no Brasil, não dizemos que odiamos as pessoas por causa religião, pois isso é ofensivo e demonstra intolerância religiosa. Entretanto, eles poderiam dizer que são evangélicos, por isso não se interessam por outras religiões. Ela comenta que, em seguida, explicou-lhes um pouco sobre intolerância religiosa e perguntou-lhes também como era no país deles, se tinha mais evangélicos ou mais católicos. No final, eles esclarecem que teriam aprendido com alguém no Brasil que “não gostar” e “odiar” são sinônimos e que, por serem evangélicos, tinham que odiar os católicos. Diante disso, a tutora entende que eles falaram daquela forma com ela porque não sabiam se expressar de outra forma, e não por intolerância (por ódio).

Todos esses relatos, portanto, evidenciam a necessidade de transformar assuntos que perpassam essas relações socioculturais em temas de aulas.

APLICANDO A UNIDADE “PRECONCEITO”

Na Unidade Temática “Preconceito”, a Atividade de Preparação sugere a leitura de um post de Facebook para, em seguida, iniciar a discussão sobre racismo (institucional) e outros tipos de preconceito.

Gana e Haiti começam a aula perguntando aos alunos se sabem o significado de preconceito. Gabão, por outro lado, começa a aula mostrando a imagem do post e dos comentários e pergunta de onde eles achavam que aquelas imagens teriam sido retiradas. Enquanto as alunas de Gana dizem ‘sim’, as de Haiti, ‘não. Gana pede para que elas leiam silenciosamente a postagem, os comentários e, se tivessem alguma dificuldade na compreensão do texto (alguma palavra que não conhecessem), perguntassem-lhe. Haiti, no entanto, explora alguns exemplos sobre casos de racismo, machismo para explicar-lhes o que seria preconceito, já que suas alunas diziam não saber o significado dessa palavra.

À medida que os alunos leem em silêncio, Gana observa-os, faz algumas perguntas, por exemplo, se eles sabem porque tem um ‘x’ em ‘amixs’, e comenta que Bárbara Carine é uma professora negra. Terminada a leitura, ela lê o texto em voz alta e, em alguns momentos, pausa a leitura para perguntar-lhes se estão entendendo os comentários. Eles aproveitam para perguntar o significado de algumas palavras. Um deles pega o celular, e a professora pergunta se ele quer saber algum significado. Em seguida, ela pergunta por que Bárbara Carine, autora do post, comenta não se parecer com as professoras da universidade, e um dos alunos, nesse momento, pergunta o significado de racismo institucional. A tutora explica o que a autora da postagem quis dizer na frase “essa conta que não fecha” e explica que racismo institucional é o racismo dentro da universidade. A professora diz que fará algumas perguntas para eles e pergunta-lhes se preferem responder no papel, mas, pela dinâmica, eles respondem oralmente. O diálogo deu-se dessa forma, seguindo as perguntas que estão no roteiro da unidade temática.

Haiti apresenta a proposta da aula para as alunas e pergunta se existe preconceito no país de origem delas, se existe algo semelhante lá, se elas já perceberam algum tipo de preconceito aqui no Brasil. O tutor diz que a primeira coisa que quer ouvir delas, já que entenderam a ideia de preconceito, é se já passaram, já sentiram alguma situação parecida no Brasil, no Gabão, no Haiti. As alunas ficam em silêncio, como se estivessem pensativas. Ele, então, pergunta se elas lembram ou se já sofreram preconceito no Brasil por serem estrangeiras. As alunas relatam algumas situações que passaram no Brasil, e o professor, em alguns momentos, pergunta se elas acham que essas atitudes refletem algum tipo de preconceito, e elas dizem que sim, devido a cor da pele delas. Em seguida, o professor pede para que elas leiam em silêncio o post do Facebook e seus comentários.

Durante a leitura, ele tira algumas dúvidas de vocabulário. Nessa conversa, elas relatam que não vivenciaram situações de preconceito racial nos países delas, já que todos são negros e não tiveram muitos episódios de preconceito racial forte no Brasil.

Gabão lê com os alunos o post e os comentários. Após a leitura, ela faz algumas perguntas do roteiro e outras que surgem na interação. Sobre esse momento, ela comenta, no relatório de Estágio Supervisionado, que ficou um pouco surpresa ao perceber que os alunos, “que são todos negros”, demonstravam estar despreparados para discutir o tema racismo e para perceber as manifestações do preconceito dentro do ambiente universitário – “no qual convivem tão intensamente”, apesar disso, eles se expressaram e participaram da atividade de preparação ao longo de duas horas.

Ao continuar a discussão, na aula seguinte, os alunos só começam a compreender o problema descrito quando a tutora pede para que eles prestem atenção na foto do perfil da postagem. Nesse momento, então, a tutora apresenta o tema da aula: racismo institucional e começa a fazer as perguntas trazidas na atividade de preparação, procurando fazer com que os alunos participassem de modo homogêneo das discussões. Ainda, sobre esse momento, ela comenta:

[73]

Gabão: Esse momento durou muito mais do que eu esperava inicialmente por que os alunos precisaram de algumas explicações como o conceito de racismo institucional, por exemplo. Eles também não tinham uma posição muito clara sobre os efeitos do racismo no ambiente acadêmico e eu tentei descrever um pouco da realidade na UFBA. [...] Uma das discussões que surgiram a partir das perguntas da atividade de preparação foi sobre os diferentes tipos de preconceitos que existem no Brasil e nos países de origem dos alunos. Nesse ponto da aula, um dos alunos dominou a conversa e falou sobre o racismo que existe nos países da África branca com relação aos negros que tentam morar ou estudar em tais locais. [...] Houve ainda o depoimento de [nome do Aluno G] que contou já ter percebido algumas pessoas atravessarem a rua, para não passar ao seu lado, principalmente no turno da noite. Ele disse que não ficava ofendido por que entendia que aqui no Brasil, a maioria dos bandidos tem a pele negra e que as pessoas não teriam muito como distinguir entre ele e uma pessoa ruim. Ele falou sobre isso de uma maneira muito leve e até descontraída, mas eu fiquei completamente sem palavras e não me manifestei no momento por que não soube o que dizer. Comentários desse tipo já haviam surgido em momentos anteriores ao dessa aula e a atitude dos alunos foi sempre a de uma enorme compreensão do outro e de certa passividade sobre o tema e sobre o que eles passam dia-a-dia como pessoas negras no Brasil. (Relatório de Estágio).

Durante a exploração da postagem, os alunos tiram algumas dúvidas de vocabulário, como o significado da palavra “xará”, “residências universitária”. A professora explica que a UFBA possui locais como casas e apartamentos que servem de residência universitária temporária para alguns alunos de outras cidades que não tem dinheiro para pagar por moradia, e eles perguntam se também poderiam ter direito a esse tipo de benefício, ela diz que eles terão que verificar as condições para isso quando se matricularem nas suas respectivas universidades. Na entrevista, ela comenta:

[74]

Gabão: eu precisei apontar pra a professora pra mostrar que ela era negra e precisei explicar a situação, eles não, eu não sei, na minha visão eu não me senti segura de continuar sem deixar claro que racismo institucional era, eu

achei que eles podiam entender aqui, mas não, o porquê que o menino tinha dado uma aula para a professora, é, sem querer ? É, e de, eu precisei, eu me senti com vontade de deixar claro pra eles que a professora era negra e que o aluno que deu a aula era negro, enfim, deixar mais às claras as coisas. Então, isso também me surpreendeu, eu achei que seria óbvio. Inclusive eu imprimi em colorido o material e trouxe pra cá porque eu achei que era óbvio, mas não foi. (Entrevista – Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

Percebo que Gabão não busca impor a sua compreensão aos alunos, mas vai dando pistas, orienta a interpretação, possibilita um diálogo; aos poucos, cada um vai expondo a sua compreensão, e ela vai mediando a conversa. Percebo também que a professora usa a Unidade Temática com bastante autonomia, ela não se prende ao roteiro. Das 8 perguntas sugeridas na Atividade de Preparação da Unidade Temática, ela faz 6 perguntas. O fato de a professora não ter feito as duas perguntas não comprometeu o andamento da aula, muito pelo contrário, essa escolha demonstrou o quanto a professora estava envolvida com a discussão, atenta às falas dos alunos e buscando compreender a visão deles sobre essa temática. Acredito que ela não fez estas perguntas “Vocês concordam quando ela diz que “em poucas palavras e sem notar nos deu uma aula de racismo institucional na UFBA?” e “o que vocês acham sobre o racismo no Brasil?” por ter, sim, percebido a dificuldade deles em compreender o texto e também por terem demonstrado a dificuldade em analisar criticamente esse aspecto - racismo no Brasil - que nos é tão próximo. Após essa aula, registrei no diário de campo:

[75]

Pesquisadora: Tenho que perguntar aos professores, na entrevista, se eles acham pertinente abordar essa temática nas aulas de PLE para esse perfil de alunos que não reconhecem e/ou dizem nunca ter sofrido racismo no Brasil. Eu acho que é muito relevante, pois eles podem não ter sofrido, mas podem sofrer, e eles precisam estar preparados para isso. Será que os professores também pensam assim? Vamos ver! (Anotações do Diário de Campo).

Sobre esse questionamento, Haiti comenta, durante a entrevista:

[76]

Haiti: Sim, porque é uma realidade do Brasil, país que eles vão viver ou pretendem viver, que eles, se não passaram ainda por isso, podem vir a passar e ainda não despertaram pra essa realidade preconceito que existe aqui, nas formas mais diferentes, até preconceito com a mulher, preconceito com a questão da raça. É importante alertar pra isso aí. (Entrevista – Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

Durante a aplicação da unidade, Gana mostrou-se incomodada em alguns momentos. Na Atividade de Preparação, quando perguntou se há racismo nos países deles, um deles respondeu que não, justificando que lá todos são iguais e que não havia pessoas brancas como ela. Nesse momento, Gana rebate dizendo que não é branca. Noto que o aluno faz uma cara de dúvida/surpresa, e continua “No Congo, têm pessoas da China, de outros países, não tem uma forma de racismo”. A tutora, então, pergunta quais seriam os tipos de preconceito mais recorrentes aqui no Brasil. Ele comenta que estava em uma festa, em Salvador, e quis colocar uma música africana, mas um rapaz disse que eles não poderiam colocar a música, porque eram negros. Nesse momento, a professora olha para mim e diz “ E ele bateu no rapaz ”. O aluno segue dizendo que sabe que, no Brasil, os ladrões são negros e quando alguém faz algo de errado, a polícia prende os negros primeiro. A tutora pergunta, após o relato, quais seriam os tipos de preconceito mais recorrentes no país deles. Ele diz:

[77]

Aluno A: Eu vou fazer uma comparação. Aqui no Brasil, a mulher tem o respeito. O homem não pode bater uma mulher; no meu país, o homem pode bater na mulher. Ela não pode falar mal do seu marido para outras pessoas. Para dar uma boa educação a ela. Ela tem que ser submissa. (Anotações do Diário de Campo).

A tutora pergunta se ele acha isso certo. Ele diz “Sim, é a cultura africana. Se a mulher fala muito, ele pode bater.”. A professora rebate “Aqui, não é assim não, viu? Deixe isso lá no seu país. Aqui, nós não somos submissas, não. ”. É preciso observar que a tutora demonstra ter bastante dificuldade em realizar a mediação intercultural e que o seu comentário mascara a nossa realidade social, pois, no Brasil, também, em inúmeros espaços, a mulher ocupa uma posição de subalternidade e são os inúmeros casos de feminicídios no Brasil. Logo, esse choque cultural revela-nos que os professores em formação precisam ser preparados a problematizar, discutir, refletir durante a sua formação docente para os mais variados conflitos que poderão surgir nessa interação com o outro, que é o seu aluno. Recordo que, no excerto [68], essa tutora comentou que “não sabia lidar muito bem” com os comentários que os alunos faziam em relação às mulheres. Isso demonstra, sobretudo, inexperiência da professora em formação para realizar a mediação intercultural, promover o diálogo entre sujeitos/mundos culturais diferentes.

Na segunda aula, quando o aluno apresentava a sua compreensão sobre o texto “Procuram-se bonecas pretas: crianças ainda sofrem com falta de representatividade”, um dos

textos sugeridos no Ampliando a Discussão, por duas vezes, o aluno diz novamente que a tutora é branca, como mostro no diálogo a seguir:

[78]

Aluno A: O texto fala sobre bonecas pretas, que nós temos na vida real, cada indústria fabrica para as crianças. Não tem muitas bonecas pretas e isso é uma preocupação de muitas crianças, e eles querem muitas vezes ter um boneca preta.

Gana: Preta e negro é a mesma coisa.

Aluno A: Ah, eu estou acostumado de falar negro.

Gana: Você é negro.

Aluno A: Você é branca.

Gana: Ah, deixe...venha. *A professora explica o texto.*

[pausa]

Gana: Você acha que esse texto fala sobre representatividade?

Aluno A: Sim, é uma coisa que acontece na vida real.

Gana: Mas representatividade é você se enxergar.

Aluno A: Sim, cada vez que você pega uma mulher branca e você imagina que ela negra, ela vai ser muito ruim.

A professora não entende, e pede para ele repetir.

Aluno A: Uma mulher branca, e você imagina na sua cabeça que ela é negra, ela vai ser diferente na sua cabeça... e se o inverso. Você é branca... *Diz o Aluno A apontando para a professora.*

Gana: Não.

Aluno A: Ela é branca. *Diz o Aluno A apontando para mim.*

Gana: Não, ela é negra.

[pausa]

Aluno A: Se você me imagina, uma pessoa negra pode ficar branca, mas uma pessoa branca não pode.

Gana: E você acha isso bom?

Aluno A: Eu tenho capacidade de mudar, é uma vantagem para mim.

Gana: Eu vou dar um murro na sua cara. Você é muito...

A professora dá um cascudo na cabeça do aluno. (Anotações do Diário de Campo).

É interessante observamos o incômodo da tutora quando o aluno não a reconhece como negra/preta. Essa teria sido uma boa oportunidade para ela conversar com ele sobre colorismo e o mito da democracia racial no Brasil.

Em relação a atitude da tutora, apesar de ter sido uma brincadeira, quando ela diz que vai dar um murro na cara do aluno e dá um cascudo na cabeça dele, notamos, mais uma vez, a sua dificuldade em fazer a intermediação cultural. Em uma abordagem intercultural e crítica, esses diálogos e conflitos não podem passar despercebidos, como aconteceu em outros momentos da aula, ver análise dos excertos [68] e [77].

O professor que se pretende intercultural precisa construir a ponte entre as línguas-culturas em contato, ser sensível para ouvir o outro, ser consciente de que somos feridos e também ferimos por meio da linguagem, ninguém está livre disso. Por isso, os professores em formação que pretendem ensinar PLE/L2 em uma perspectiva intercultural e crítica precisam aprender a ouvir a si mesmo e ao outro e compreender que conflitos, embates, choques, silenciamentos fazem parte desse processo, para, então, aprender a agir e a dialogar com o outro. Entendo que a tutora apresenta um enfrentamento inadequado quando sai do seu papel de vítima, mostrando-se ser aquela que diz que vai dar um murro na cara do aluno, mas é responsabilidade da formação de professores preparar esses professores para, de fato, possibilitarem o diálogo intercultural, o diálogo entre as língua-culturas em contato.

A meu ver, a Atividade de Preparação foi muito importante para que os professores em formação compreendessem melhor os posicionamentos desses alunos diante dessa outra cultura que eles estavam conhecendo. Os tutores compreenderam que falar sobre representatividade, preconceito, racismo, machismo com esses alunos não se tratava apenas de apresentar-lhes um conceito/definição, era preciso explorar essa temática em constante diálogo e conflitos com as culturas em interação.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA APLICAÇÃO

Durante a entrevista, perguntei aos professores em formação se, após terem aplicado a unidade, fariam alguma alteração nela. Gana disse que não faria nenhuma alteração, pois achou a unidade boa, interessante. Gabão sugere que, para alunos com esse perfil, antes de mostrar o post do facebook, a Atividade de Preparação poderia iniciar mostrando a foto da professora e explorando o sentido da palavra instituição, assim eles poderiam sozinhos chegar a percepção do que é racismo institucional. Haiti pontua que a atividade está bem interessante e não faria nada além do que foi feito.

Ele, após trabalhar a Atividade de Preparação, o Bloco de Atividades e o Ampliando a Discussão, percebeu que as alunas não tinham muitos episódios de preconceito para relatar. Diante disso, na segunda aula, exibiu vídeos¹⁰⁷ publicados no Youtube que apresentavam

¹⁰⁷Vídeo 1: Relatos de xenofobia – cultura brasileira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=19XqdzfyGx4>. Acesso em: 15 set. 2019.

Vídeo 2: Campanha contra a xenofobia em Portugal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HtmZwcBx7U0>. Acesso em: 15 set. 2019.

Vídeo 3: Como você enxerga o racismo? Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5F_atkP3pqs. Acesso em 15 set. 2019.

relatos de preconceito. Durante a entrevista, diz que o objetivo era que elas “entendessem mais ou menos como é que se processa o preconceito [...] trazer exemplos outros de preconceito pra que se tornasse mais vivo assim, mais latente pra elas.”.

Gana comenta, durante a entrevista que a aplicação da unidade foi além do que ela tinha imaginado, pois pensou que seria “algo bem básico, como nas aulas comuns, como as do PROFICI” que ela tinha observado, “mas acabou sendo mais surpreendente, justamente pelo fato dele ter conseguido trabalhar com tudo que ele viu” durante a aula. Ela diz que não esperava que ele, aquele aluno que ela se sentia desconfortável com os comentários que ele fazia sobre as mulheres e religião, fosse reagir da forma que reagiu durante essas aulas. Ela diz:

[79]

Gana: [...] ele se expressou muito bem, criticamente muito bem, ele não tava falando aleatoriedades em língua portuguesa, não, ele tava falando de uma coisa específica, e eu acho que o ponto mais alto foi quando ele fez uma comparação sobre como era difícil ser negro aqui porque as pessoas aqui são preconceituosas e como era fácil ser negro no país dele, ele mostra que ele compreendeu tudo que ele viu, tudo que ele leu e como ele soube fazer essas diferenciações.

[...]

Pra mim foi maravilhoso. Eu tava trabalhando com um tema que eu gosto, um tema que não daria margem, que daria margem pra outras discussões, mas que não daria margem pra discussões negativas. Eu acho que sempre todas as questões que foram surgindo foram sempre positivas e foi muito bom porque é um tema que eu gosto, não tem como você trabalhar com um tema que você goste ser ruim. (Entrevista – Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

Após aplicar a unidade, Gabão comenta, durante a entrevista, que se surpreendeu com a duração da aplicação das atividades e que esperava que os alunos tivessem um pouco mais de preparo a respeito do assunto. Por serem negros, ela pensou que que eles tivessem uma leitura mais crítica. A tutora refletiu que não foi por questões linguísticas que os alunos não conseguiram ler o sentido das coisas, não entender a mensagem do vídeo sobre representatividade e o post no Facebook. Ela revela que leu as anotações feitas pelos alunos durante a aula, as quais mostravam que, linguisticamente, apesar das falas do vídeo serem bem rápidas, deu para eles entenderem, assim como a leitura do post e dos comentários, mas precisou apontar para foto de Bárbara Cristina para mostrar que ela era negra e ainda precisou

Vídeo 4: Tudo começa pelo respeito. Intérprete Lázaro Ramos: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qECJV7Ug-xA>. Acesso em: 15 set. 2019.

Vídeo 5: AFRO ASIAN INSTITUTE. Campanha contra o racismo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N_ohC54rEus>=. Acesso em: 15 set. 2019.

explicar a situação para eles. Pergunto-lhe se esse foi um dos fatores que contribuiu para que unidade durasse mais tempo do que o previsto. Ela responde:

[80]

Gabão: Talvez sim. Porque eles têm muito o que falar, alguns deles falam muito, mas eu acho que principalmente porque eu queria deixar as coisas mais às claras, talvez eu não precisasse, e seguisse adiante e fechasse ali, teria sido uma boa aula, mas eu quis que eles tivessem a noção do que aquilo significava, que eles olhassem pra dentro da UFBA e pensassem “você vê muitos professores negros?” ou “dentro do Brasil, você acha que tem muitos professores negros dentro da Universidade Federal, Pública, Estadual?” Enfim, não sei. Acho que foi o motivo que demorou mais. (Entrevista – Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

Gana comenta, na entrevista, que quando começou a aplicar a unidade temática, percebeu que nada do que tinha feito nas tutorias tinha sido estrategicamente planejado, e, mais uma vez, podemos observar a ausência de uma orientação mais significativa na formação desses professores. Embora a sua intenção fosse ajudá-los, reflete que, talvez, a forma como estava fazendo não foi a melhor. Ela diz que, quando estava aplicando a unidade, percebia que seu aluno estava interagindo muito bem, entendendo, fazendo comparações, expressando sentimentos.

[81]

Gana: teve uma hora que ele se mostrou chocado com o fato das crianças sempre egerem a boneca, por exemplo, negra como a má, uma negativa, então, foi uma hora que ele poderia, que ele pode se expressar, se expressou em português, e isso foi muito bom porque você percebe que quando você usa uma ferramenta que vai estimular, o processo funciona e o que eu penso é que, talvez, da forma que eu fiz, eu não tenha estimulado da maneira correta. E como eram coisas muito soltas, eu, em momento nenhum pensei em fazer, por exemplo, uma unidade didática que falasse sobre preconceito, que é um tema com o qual eu gosto muito, inclusive trabalho no estágio 1, trabalhei em estágio 1 de língua portuguesa. (Entrevista – Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

Revisando esse processo, ela diz que se houvesse uma maneira de mudar, o primeiro passo seria planejar aulas com objetivos mais específicos e questões mais centrais relacionadas aos aspectos culturais e linguísticos, principalmente falar de posturas mais respeitadas para com as mulheres, com as religiões, ou a falta dela, tendo em vista que a maneira como os alunos enxergam a cultura brasileira e a imagem da mulher é bastante problemática, refletindo em comportamentos, muitas vezes, inadequados.

Para a tutora, o ponto positivo das tutorias foi que, de alguma forma, sentiu no final, “ainda que no finalzinho”, contribuiu de alguma forma para que seu aluno pudesse pensar, se expressar e ter feito tudo isso em português. Por um lado, isso revela o impacto positivo que a aplicação da UT para que essa tutora vivenciasse um diálogo intercultural; por outro, mostra, novamente, a ausência de uma orientação mais significativa que contribuísse com os planejamentos de suas aulas. Para ela, a experiência da tutoria foi negativa, pois acha que faltou orientação, por isso, de um modo geral, as aulas foram vagas, superficiais e sem planejamento. Isso demonstra, portanto, que a ausência de orientação em contextos formativos pode levar os professores em formação a não ressignificarem a sua prática.

Ela diz também que nas suas tutorias, o seu aluno sempre falava muito sobre o dia a dia, o que tinha feito, perguntava muito sobre a vida dela, contava casos, falava muito sobre a religião, mas nunca tinha demonstrado emoções, como demonstrou na aplicação da unidade.

Haiti, na entrevista, diz que a aplicação dessa unidade contribuiu com a sua formação porque percebeu que é interessante trabalhar “com nativos de outros países realidades que a gente discute muito aqui, hoje, na atualidade, no Brasil, como preconceito e outras coisas”, no entanto, não podemos pensar que eles pensam da mesma forma que nós e que têm as mesmas realidades. Para ele, essa unidade, mostra-nos que a gente sempre tem que se renovar, se atualizar e conhecer o perfil do aluno, da realidade dele. Para mim, essa unidade também nos mostra que precisamos ouvir e conhecer o nosso interlocutor, e, ainda, que a formação intercultural é urgente nesses contextos formativos e que o blog pode fomentar discussões dessa natureza.

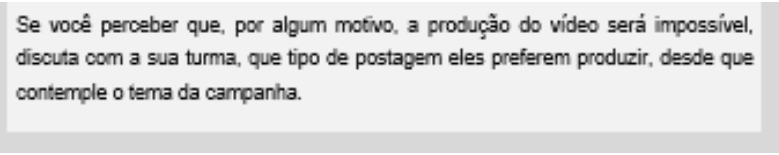
Ainda é preciso registrar o porquê da Atividade de Avaliação, que, inicialmente, consistia na produção de um vídeo para ser publicado no blog *Falando Português*, não ter sido realizada. Durante a entrevista, Gana expõe que os alunos não realizaram essa atividade em razão do término das tutorias e de não poder ajudá-los na produção do vídeo, já que também estava finalizando um estágio em outra licenciatura. Gabão justifica-se dizendo que estava em final de semestre e precisava fazer alguns trabalhos, entre eles escrever o relatório sobre as tutorias, solicitado pelo professor Z. Ela acrescenta, ainda, que, com o término das tutorias, não encontrou os alunos pessoalmente para também ajudá-los na produção. As duas tutoras mencionam que os seus alunos teriam cumprido a atividade se as tutorias continuassem. Haiti comenta que houve resistência das suas alunas em produzir o vídeo, mas que não saberia dizer o porquê, já que, nas aulas de projetos do PROFICI, os alunos produzem alguns vídeos no decorrer do curso. Mais adiante, ele reflete que, talvez, a

complexidade da temática teria dificultado a produção e que seria preciso observar o perfil do aluno, pois alguns deles podem ter vergonha, não ser abertos para desenvolver esse tipo de atividade, assim como têm aqueles que preferem prova a seminário, e esse poderia ser o perfil das suas alunas. Sobre esse aspecto, Gabão comenta que nem todo mundo tem interesse em fazer vídeo e observou que, embora seja uma prática das atividades do PROFICI pedir para que os alunos gravem vídeos, os seus alunos já haviam comentando que eram tímidos e que não era do perfil deles fazerem vídeos.

Além disso, os tutores comentam que a produção do vídeo teria sido importante, interessante porque:

- abriria uma possibilidade de os alunos usarem a criatividade, de utilizarem a língua em outra modalidade que não fosse a escrita e em outro meio que não fosse uma conversa entre pessoas presentes no mesmo lugar; (Gabão)
- seria uma possibilidade de tornar a produção deles perene, online, para que outras pessoas também tenham acesso, outros professores, outros alunos, e debatam sobre aquele tema. (Gabão)
- seria, de fato, a opinião deles sobre o assunto, sem a interferência do professor, sem o peso de ter alguém próximo avaliando o que ele está fazendo. (Gana)

É importante lembrar que, em relação a produção do vídeo, havia nas observações esta orientação aos professores:



Se você perceber que, por algum motivo, a produção do vídeo será impossível, discuta com a sua turma, que tipo de postagem eles preferem produzir, desde que contemple o tema da campanha.

Dito isto, a produção dessa atividade final não necessariamente teria que ser a produção de um vídeo, mas algum tipo de produção que contemplasse a temática da campanha. Percebo que, em relação a essa atividade, os professores em formação, em parte, apegaram-se a proposta inicial e não se atentaram a essa observação. Avalio, ainda, que, embora os alunos não tenham cumprido essa atividade, a implementação dessa unidade foi muito positiva e extrapolou também as minhas expectativas, pois, em inúmeros momentos da aplicação, os professores foram desafiados a ouvir o que os alunos tinham a dizer e a procurar outros

recursos, que não estavam postas na UT, revelando, assim, a flexibilidade desse material didático e abertura para a autonomia do professor.

3.3.2.3 Racismo

A implementação das unidades temáticas “Como é a sua rotina?” e “Preconceito” mostrou-me que precisamos ampliar a discussão sobre o racismo no Brasil nas aulas de PLE/L2 porque:

- os alunos estrangeiros negros relataram situações vividas por eles ou por colegas estrangeiros negros, mas não sabiam dizer se se tratavam de racismo;
- discutir sobre racismo no Brasil com os alunos estrangeiros negros fez-nos perceber que introduzir esse tema com eles não é tão fácil e confortável como imaginávamos, pois a análise – crítica e reflexiva – do racismo e os efeitos produzidos na vida das pessoas não tem a mesma dimensão no país deles como tem no Brasil. Assim, é preciso, aos poucos, através do diálogo, mostrar essa dimensão; e
- muito desses alunos estrangeiros negros disseram ter sofrido, no Brasil, o racismo pela primeira vez.

Diante disso, propomos o desafio de implementar a Unidade Temática “Racismo” a alunos estrangeiros não negros a fim de promovermos um debate sobre aspectos relacionados ao racismo que existem tanto no Brasil como no mundo. No caso específico do Brasil, discutir sobre o mito da democracia racial motivada pelos comentários feitos no post “Alma não tem cor – Chico César”, o qual foi produzido na Atividade de Avaliação da Unidade Temática “Preconceito”. Essa atividade sugeria que os alunos produzissem um texto para ser publicado no blog *Falando Português* com o tema “Minha vida no Brasil”. Na Figura 24, apresento a postagem do Aluno C, novamente, com os comentários que incentivaram a produção da unidade.

Figura 26 – Postagem “Alma não tem cor - Chico César e comentários na postagem”

Date : 05 ago 2018
Estrangeiro no Brasil | Alma não tem cor - Chico César

By : Sara Oliveira

Comment : 25

Tags :
Ler,
Música



Eu sou TYCHIQUE ESAO NDJOLI, congolês, estudante na UFBA do curso do aprendizado da língua portuguesa e depois do aprendizado, eu vou viajar em são paulo para estudar minha profissão que é "ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO".

Eu vou falar da minha vida no Brasil e sobre escolha de uma música brasileira.

Quando eu cheguei aqui no Brasil, eu achei que o povo brasileiro tem uma raça homogênea porém é contrário do que pensei. Por isso, cada vez que eu ouço essa musica, eu me lembro de muita coisa indo – mais longe sobre a discriminação racial que tem uma grande parte no mundo, visto a sensibilização dos países fortes, dos congressos no mundo para abolir o preconceito humano. Além disso nada muda visto todos aqueles que fizeram, mas, ouvindo essa música o cantor transmite uma mensagem muito vital. O cantor indo-mais longe, ele disse de qualquer seja sua raça alma não tem cor mas, ela é colorida. Ou seja qualquer país você é, nós todos somos humanos e criados somente pelo Deus que é verdadeiro criador e para finalizar devido a essa música eu comecei me adaptar retirando toda ignorância assustadora também da minha vida aqui no Brasil.

Alma não tem cor – Chico César



Alma não tem cor
Porque eu sou branco?
Alma não tem cor
Porque eu sou preto?
Branquinho, neguinho
Branco, negão

Percebam que a alma não tem cor
Ela é colorida, sim
Ela é multicolor
Percebam que a alma não tem uma só cor
Ela é colorida, sim
Ela é multicolor
Azul, amarelo
Verde, verdinho, marrom

Você conhece tudo
Você conhece o reggae
Você conhece tudo
Você só não se conhece

Branquinho, neguinho
Branco, negão
Azul, amarelo
Verde, verdinho, marrom

E aí, pessoal, vocês já conheciam esse cantor? Gostaram da música?

Quais são os cantores brasileiros e músicas brasileiras que vocês mais gostam?

Contem aí nos comentários. Queremos muito saber!

25 Comments

Ridson Reis 5 de agosto de 2018 at 20:17 [Reply](#)

Tychique, primeiro gostaria de te parabenizar pelo belo texto. E, também, pela belíssima música escolhida. O Chico César é um ícone enquanto cantor e enquanto político e me representa muito. Por isso, parabéns e obrigado.

Gostaria de escrever algumas coisas sobre o que percebeu da música. É só pra levantar uma reflexão, sem estar na busca do certo ou errado, tudo bem?

Eu sou Ridson Reis, Ator, músico e produtor do Bando de Teatro Olodum, de Salvador. Grupo que está na ativa a quase 30 anos e militando junto às causas negras. Discutimos o racismo e outras formas de opressão em todos os nossos espetáculos.

Dito isso, vamos lá. (Risos)

Então, quando diz que antes de chegar no Brasil achava que os brasileiros tinham homogeneidade de raça, acredito que seja em função do que as grandes mídias nacionais levam ao mundo. Como você mesmo descobriu quando chegou, somos um povo bem heterogêneo – em raça, cultura, língua – e, infelizmente, não é isso que é mostrado. E, acho que, é essa grande diversidade que encanta e constrói.

Quando o Chico diz que a alma não ter cor, mas é Multicolor – essa é a leitura que eu faço – ele enfatiza o fato de sermos diferentes e o quanto isso é belo e poético.

Eu toquei nesse ponto porque acho que foi infeliz no final do texto quando diz que somos todos humanos. Somos humanos, sim. Mas somos todos diferentes: em pensamento, em gostos, em língua, em cultura.

E aqui no Brasil quando usam esse termo “raça só existe uma, a raça humana” é pra enfraquecer o discurso dos movimentos negros de militância. Essa uma forma mais sofisticada de dizer que estamos de “mimimi” quando falamos sobre o racismo. Entende?

Enfim, como disse antes, só pedi permissão pra escrever pra gente poder abrir essa discussão e gerar uma reflexão mais aprofundada sobre o assunto. E esse é meu olhar sobre a música, não quer dizer que estou certo.

Fico muito feliz por estar se adaptando ao Brasil e nos enriquecendo com sua cultura e visão de mundo.

Abraço.

TYCHIQUE ESAO NDJOLI 6 de agosto de 2018 at 00:09 [Reply](#)

quando eu falei, nós somos dos seres humanos no contexto referindo-se da bíblia que estipule: “somos criados somente pelo Deus e temos que ter a amor de próximo”.

Josenéia Costa 6 de agosto de 2018 at 11:01 [Reply](#)

Concordo com as palavras de Ridson Reis. Permitam-me falar também! Tychique, é preciso ter muito cuidado com o mito da democracia racial que tentou por muito tempo construir um discurso para incutir uma ideia de homogeneidade, harmonia racial entre brancos e negros. Forma política e ideológica de pregar uma ausência de discriminação racial, mas que só reforça tais práticas de maneira dissimulada. A realidade racista ainda existe em várias situações em nossa sociedade. É só estarmos atentos para percebermos isso... e uma certeza é de que temos sim alma colorida por sermos diferentes e únicos. (...) O conflito racial não dá para nublar. Ele permanece aqui hoje, estruturando a sociedade brasileira, organizando a própria estrutura de classes sociais.” (Sueli Carneiro. Revista Cult, maio 2017). Pensemos nisso e nas estratégias de luta, resistência e mudanças. Abraços!

Fonte: Blog *Falando Português*

Antes de mostrar a UT “Racismo”, é importante apontar os comentários mostrados na Figura 24. Ridson e Josinéia, como podemos ver, apresentam uma reflexão para o Aluno C sobre a tese do Mito da Democracia Racial que, como disse Josinéia, “tentou por muito tempo incutir uma ideia de homogeneidade, harmonia racial entre brancos e negros”. Ridson, além de apresentar a sua interpretação da música e parabenizá-lo pela postagem, contextualiza para o aluno a ideia que estaria por trás do discurso “somos todos iguais”. O Aluno C expõe, em resposta ao comentário de Ridson, que se apoiou na passagem bíblica a qual diz que somos todos iguais, criados por Deus e temos que ter amor ao próximo.

Dito isto, a seguir, na Figura 25, apresento a UT “Racismo”, que foi implementada em duas turmas do NUPEL, uma do Intermediário, composta por 11 alunos, e a outra do Avançado, composta por 4 alunos, pelo professor em formação América.

FIGURA 27 – Unidade Temática “Racismo”

Racismo	
<p>MOTIVAÇÃO</p> <p>A implementação das unidades temáticas “Como é a sua rotina?” e “Preconceito” mostrou-nos que é preciso ampliarmos a discussão sobre o racismo no Brasil nas aulas de PLE/L2 por estes motivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - os alunos estrangeiros negros relataram situações vividas por eles ou por colegas estrangeiros negros, mas não sabiam dizer se se tratavam de racismo; - discutir sobre racismo no Brasil com os alunos estrangeiros negros fez-nos perceber que introduzir esse tema com eles não é tão fácil e confortável como imaginávamos, pois a análise – crítica e reflexiva – do racismo e os efeitos produzidos na vida das pessoas não tem a mesma dimensão no país deles como tem no Brasil. Assim, é preciso, aos poucos, através do diálogo, mostrar essa dimensão; e - muito desses alunos estrangeiros negros disseram ter sofrido, no Brasil, o racismo pela primeira vez. <p>Diante disso, percebemos que é preciso sensibilizá-los para questões ligadas ao racismo.</p>	<p>reflexivo.</p> <p>- Posicionar-se contra o racismo.</p>
<p>SITUAÇÃO DE USO</p> <p>Ataques racistas no dia a dia.</p>	<p>ATIVIDADE DE PREPARAÇÃO</p> <p>Inicie a aula com a música “Alma não tem cor”¹ de André Abujamra, interpretada pelo cantor Chico César. Em seguida, faça as seguintes perguntas aos alunos:</p> <p>a) Em sua opinião, o que o compositor quer dizer com “A alma não tem cor”? Justifique.</p> <p>b) No artigo “Consciência negra é coisa de preto?”², publicado no site <i>Carta Capital</i>, o articulista Pai Rodney diz:</p> <p>“Quando dizem, por exemplo, que ‘alma não tem cor’, ‘precisamos de consciência humana, não de consciência negra’, ‘a questão é social’, percebe-se claramente que não conhecem a dimensão do problema.”</p> <p>Em sua opinião, qual seria o problema retratado por ele e a dimensão desse problema?</p> <p>c) Mais adiante, o articulista diz:</p> <p>“Distanciar o racismo com esse negócio de ‘consciência humana’ é o mesmo que revigorar o mito da democracia racial e condenar o povo negro a outros séculos de exclusão e desigualdade. A consciência tem que ser negra, e antes que qualquer um venha falar do que é justo ou injusto, vistam minha pele. Se alma tem cor, apesar de sacerdote, eu realmente não sei, até porque não é a alma que toma tiro da polícia, não é a alma que não recebe</p>
<p>EXPECTATIVA DE APRENDIZAGEM</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificar e relatar situações de racismo. - Analisar o racismo e os efeitos produzidos na vida das pessoas, de modo crítico e 	<p>¹ Essa música foi compartilhada por um(a) estrangeiro(a) no blog <i>Falando Português</i>. Este é o link: https://www.falandoportugues.com.br/2018/08/05/alma-nao-tem-cor-chico-cesar/</p> <p>² Indicação de leitura - Link do texto “Consciência negra é coisa de preto?”: https://www.cartacapital.com.br/blogs/8-alogus-de-fc/consciencia-negra-e-coisa-de-preto</p> <p>³ Indicação de leitura para o professor/estudante: http://www.educacjoliteratura.com.br/?ndoxq015b.html</p>

oportunidade de emprego, não é a alma que leva pedrada e apanha quando ousa carregar as insígnias dos oriás, não é a alma que só se vê como subalterno nas novelas da tevê.”

O que você pensa sobre esse ponto de vista?

- d) Em sua opinião, o problema retratado pelo Pai Rodney é específico do Brasil?
- e) Como esse problema é visto em seu país?

AMPLIANDO A DISCUSSÃO

Após essa discussão, ouça com os alunos a música “Olhos Coloridos”⁴ composta por Macau, interpretada por Sandra de Sá. Em seguida, faça as seguintes perguntas aos alunos:

- a) Em sua opinião, há alguma relação entre essa música e a discussão que tivemos anteriormente? Comente.
- b) Segundo a letra da música, qual seria o maior paradoxo brasileiro?
- c) Luciana Xavier⁵, jornalista e pesquisadora de música brasileira, afirma que “olhos coloridos” é uma música que:

“prega a conscientização, é uma denúncia contra o racismo, mas também é um elogio à mestiçagem, que faz a canção funcionar em vários contextos e ser adotada por vários grupos”.

Você concorda? Justifique apresentando trechos da música.

BLOCO DE ATIVIDADES

⁴ Link da música: <https://www.youtube.com/watch?v=dP-0M-d-dg>

⁵ Indicação de leitura: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/11/autor-de-olhos-coloridos-conta-que-musica-surtiu-efeito-cao-de-racismo.html>

Continue a aula dizendo que um estudante estrangeiro publicou, no blog *Falando Português*⁶, um texto contando-nos um pouco sobre a sua experiência no Brasil.

Peça para que façam a leitura e, em seguida, escrevam um comentário⁷ na postagem.

Após todos terem comentado na postagem do blog, faça a seguinte pergunta:

- a) Qual é a discussão e a reflexão que Rudson Reis e Josenéia Costa apresentam em seus comentários?

Em seguida, divida a turma em grupo e peça para que respondam, baseando-se nos comentários de Rudson Reis, Josenéia Costa e no artigo “Consciência negra é coisa de preto”⁸ do Pai Rodney, a seguinte pergunta:

- a) Por que, segundo Rudson Reis, Josenéia Costa e o Pai Rodney, temos que ter cuidado com o mito da democracia racial⁹?

ATIVIDADE DE AVALIAÇÃO

Sugira aos seus alunos esta atividade:

⁶ Passe o link da postagem para os seus alunos e peça para que eles leiam o texto no projetor da sua sala de aula. Link: <https://www.falandoportugues.com.br/2018/08/05/alma-nao-e-em-cor-chi-co-cesar/>

⁷ <https://www.falandoportugues.com.br/2018/08/05/alma-nao-e-em-cor-chi-co-cesar/>

⁸ Os alunos podem comentar o texto de Tychi que eu escolherei mundos comentários para comentar. Se você quiser, poste também seu comentário.

⁹ <https://www.cartacapital.com.br/blog/diarios-da-fe/consciencia-negra-e-coisa-de-preto>

¹⁰ Indicação de leitura: <https://www.cartacapital.com.br/blog/superferia/aranha-e-omito-de-que-nao-ha-racismo-no-brasil-14850.html>

Você conhece o blog *Falando Português*, né? Deve ter visto que lá tem uma categoria chamada “Estrangeiro no Brasil”. Uma das propostas do blog é compartilhar com os seguidores postagens produzidas por alunos estrangeiros que estão aprendendo português no Brasil. E o Brasil sob o olhar do estrangeiro. As temáticas são diversas!

Para as próximas postagens, a professora que administra o blog *Falando Português* fez o seguinte convite:

O blog *Falando Português* está te convidando para criar uma postagem sobre racismo. E aí, você topa? Se sim, siga os passos:

1. A publicação deve ter, no mínimo, 2 autores. Forme uma dupla ou uma equipe.
2. Escolham palavras-chave que estejam relacionadas ao racismo e criem uma imagem com elas. Utilizem sites gratuitos para criar a sua nuvem de palavras (nuvem de tags)¹⁰. Saiba que essa será a imagem em destaque do texto.

Exemplos:



¹⁰ Alguns exemplos: <https://www.techtudo.com.br/listas/noticia/2016/05/quatro-sites-para-criar-nuvem-de-palavras.html>



3. Rascunhem a ideia. Peçam ajuda sempre que precisar.
4. Produzam a postagem no formato que preferirem: áudio, vídeo, texto escrito. Querem mesclar tudo isso? Fiquem à vontade! A postagem é de vocês!
5. Finalizem a postagem com uma chamada para ação do leitor. Exemplo: E o que você pensa sobre isso? Deixe a sua opinião nos comentários.
6. A postagem precisa de um título. Que tal um título bem legal? Sejam criativos!
7. Revisem o texto. Verifiquem se a nuvem de tags dá conta do que vocês produziram na postagem.
8. Envie a produção de vocês para o blog@falandoportugues.com.br e aguardem o dia da publicação.
9. Quando a postagem for publicada, a professora que administra o blog entrará em contato com vocês.

<p>ALGUMAS ORIENTAÇÕES</p> <p>Professor(a), defina o prazo para a elaboração dessa atividade. Essa é uma atividade que pode envolver escrita e reescrita, portanto, leve isso em consideração. Algumas atividades podem ser feitas em casa. Aplique a atividade como achar adequado.</p> <p>Quando as postagens forem publicadas, o link da postagem deverá ser enviado para o e-mail/whatsApp dos alunos, a fim de que todos acessem, comentem, curtam e compartilhem.</p> <p>Professor, lembre-se que os vídeos publicados, assim como os comentários que surgirão, devem ser lidos por você e serão "insumos" para as suas próximas aulas.</p>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
<p>REFLEXÕES ACERCA DAS PRODUÇÕES</p> <p>Professor(a), utilize este espaço para inserir anotações referentes à aplicação desta unidade; às dificuldades enfrentadas por você e pelos seus alunos; aos aspectos culturais apresentados por eles durante as atividades, a fim de que sejam contempladas nas aulas seguintes. Anote também como esses aspectos poderão ser retomados e as suas inseguranças frente a esses temas.</p> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>	<p>RECURSOS</p> <p>Internet; Blog; Google Drive; Computador; Data-show.</p>

Fonte: elaborada pela autora

APLICANDO A ATIVIDADE DE PREPARAÇÃO

A proposta da Atividade de Preparação teve como ponto de partida a música “Alma não tem cor” de André Abujamra, que foi compartilhada na postagem publicada no blog *Falando Português* pelo aluno da tutora Congo, Aluno C.

América expõe, na entrevista, que aceitou aplicar essa unidade temática porque o tema interessava-lhe e queria ver o ponto de vista dos seus alunos sobre esse tema, como eles veem tudo isso, já que, enquanto brasileiro, ele não teria como tirar conclusões e a melhor forma de entender isso seria através deles. No início da aula, ele faz o seguinte comentário aos alunos:

[82]

América: O tutor explica um pouco sobre a atividade, diz que a atividade a ser desenvolvida será bastante interessante, que eles precisarão se posicionar criticamente a respeito do tema tanto durante a aula como na produção final, uma postagem a ser publicada em um blog. (Anotações do Diário de Campo).

É importante mencionar que a Atividade de Preparação sugere a audição da música “Alma não tem cor” para, em seguida, discutir-se sobre o verso “ A alma não tem cor” e as reflexões apresentadas no artigo “Consciência negra é coisa de preto? ”. Pretende-se, com isso, também refletir sobre as diversas manifestações de racismos que existem não só no Brasil como no mundo.

Após a aplicação da unidade, América diz que pôde ver muitas opiniões que nem sequer imaginava que os seus alunos tivessem. Pergunto-lhe se, nas outras atividades que ele elaborou, essas questões não surgiram ou se surgiram superficialmente, o tutor declara:

[83]

América: Surgiram outras coisas assim, mas não diretamente relacionada, porque a maioria dos meus alunos para saírem do país deles pra vim pra cá, eles têm condições. Então, assim, não são pessoas que enfrentaram tantas dificuldades na vida, nem nada do tipo. Então, essas questões surgiam bem de uma forma superficial. (Entrevista – Professor em Formação do NUPEL - América).

A maioria dos seus alunos é da América Latina, muitos deles são do Peru, do Chile, da Venezuela, de Cuba, da Colômbia e alguns são dos Estados Unidos, da Europa, de países esporádicos.

América comenta que uma vez trabalhou com uma música para ver o que eles conseguiam captar dela, o que eles entendiam que aquela letra estava trazendo e debater sobre o tema. Em seguida, pediu para que eles se juntassem para construir um texto sobre o racismo. O tutor revela que o interessante foi observar a nacionalidade, alguns alunos, por exemplo, do Peru ficaram juntos, porque podiam escrever de uma forma mais uniforme sobre o país deles.

Para América, a Unidade Temática “Racismo” foi provocadora, e ficou bem curioso em trabalhar esse tema com seus alunos, pois apesar de conhecer a música, nunca tinha parado para analisar a letra, “nem nada do tipo”. O tutor expõe ainda que “ [...] achei provocador, interativo aquela coisa que eles poderiam ler a opinião de outras pessoas, colocar a opinião deles, ver o que eles pensavam e foi bacana ver também como eles têm experiências diferentes aqui no Brasil”.

Durante a discussão, uma das alunas diz:

[84]

Aluna J: Para poder entender realmente, a gente precisa passar por isso, senão é difícil de entender. [...] Eu quero contar algo pessoal. Meu filho é quase da minha cor. Quando chegamos aqui, após um mês, ele começou a falar que era de cor, porque não é branco. Nós nunca falamos sobre isso quando estávamos no Peru. Ele contava que, nas aulas, as pessoas brancas e as pretas... as pretas achavam que tinham menos valor e passam essas ideias. (Anotações do Diário de Campo).

A Aluna J comenta que as pessoas que são muito simples, que ocupam esses lugares, não se sentem valorizadas, pensam que não vão conseguir e não são empoderadas com algo diferente. América concorda que há uma parcela que se retrai. A Aluna, que é peruana, diz que, no Peru, têm três regiões e que lá existe racismo. As pessoas que moram nas serras “são mais escuras, a pele é mais maltrada”, mas não há uma classificação no vestibular, a prova e as vagas são para todos. Ela diz ainda que não concorda com essa política, pois acredita que isso também é uma forma de racismo.

Nesse momento, o Aluno K pergunta “O que é cota?”. Alguém da sala explica, e ele comenta “Há aquela coisa de dar vantagem”. América fala um pouco sobre as cotas. Durante sua explicação, esse aluno diz que não acha isso correto. Então, o professor lança a pergunta “E se tirarmos as cotas? O que aconteceria com a universidade?”, mostro, a seguir, como essa conversa ocorreu:

[85]

Aluna L: Aí, o governo iria ver que... e iria pensar por que só tem branco nas universidades.

Aluno K: No meu país, as pessoas são muito inteligentes, profissionais, lutadores... Às vezes, não é que a pessoa se sinta menos, é uma questão de ser lutadoras. O baiano é considerado uma pessoa lenta, vejo que aqui têm pessoas que são lutadoras.

América: Quando eu estava no Peru, percebi mais por uma questão de gênero.

Aluna J: Não há essa discriminação assim, é mais porque você mora na serra.

América: Acho que não existe discriminação lá, todo mundo é igual.

Aluna J: Sim, há. A questão é que há um respeito pela história, pelos Incas. Talvez por isso não há tanta diferença.

América: E se acabarmos o sistema de cotas?

Aluna L: Acho que não deve acabar enquanto for desigual na educação. A única maneira de avançar é através do conhecimento.

Aluno K: Excelente. Eu que sou europeu, não é perfeito lá, mas a educação é para todos. Qual é o critério que existe na seleção para ingressar na universidade? Porque na Europa, eu estudei na Espanha uma escola que [...] o governo pagava. Não há diferença no ensino. Na universidade, a gente via a diferença no preparo. O problema no Brasil é... é preciso dar as ferramentas?

O professor fala o nome de dois documentários¹⁰⁸ que abordam esse assunto e diz que vai fazer uma aula só para discutir Educação brasileira. (Anotações do Diário de Campo).

O Aluno K diz ainda que é importante lembrar que o racismo foi criado pelo sistema, pelos colonizadores, para justificar a escravidão. Antes disso, era o sistema de classe. A Aluna L pergunta ao Aluno K sobre qual colonização ele fala quando disse colonizadores. Ele responde que, antes da colonização, já existia essa diferença, mas quando indígenas e negros começaram a ir para outros lugares, os brancos “inventaram isso”.

América comenta que gostaria de sair no Ilê Aiê, mas, por ser branco, não pode. O Aluno K comenta “quando você falou desse grupo, eu tô falando..., eu tô vendo que as tradições misturam as identidades, mas que identidades? É uma diversidade que enriquece! ”.

Na entrevista, pergunto à América se ele se sentiu contra parede ao expor a sua opinião em algum momento ou se acha que não expôs tudo o que gostaria por alguma situação que surgiu durante a aplicação da unidade. Ele declara que, para evitar conflitos, talvez não tenha dito tudo aquilo que gostaria de dizer, porque entende que, em alguns momentos, precisamos nos policiar, pensar no que vamos falar, no que vamos fazer para que aquilo não tome uma proporção maior em sala de aula. Por isso, ele diz que, em alguns momentos da aplicação, não falou algumas coisas relacionadas ao tema.

Ele afirma que, durante a aplicação, não encontrou nenhum “percalço no meio do caminho” e ter um roteiro a ser seguido o tranquilizou, pois não teria que se preocupar em fazer, bastava seguir o roteiro e ver a resposta dos alunos, o que eles respondiam em relação àquilo.

Revela também que não aprofundou a discussão sobre o artigo, por conta do tempo. Às vezes, discutiu superficialmente algum aspecto relacionado à temática e avançava para outro tópico, a fim de fazer outra coisa que estava no roteiro. Ele reflete que a discussão do artigo não ficou tão forte para os alunos e, se fosse reaplicar essa unidade, teria o cuidado de selecionar alguns trechos menores do artigo para que a ideia ficasse mais clara para seus alunos, ou seja, para que eles não precisassem “ver tanta coisa pra depois selecionar aquilo mais importante”. América finaliza, essa fala, dizendo que “já traria assim algo mais direto pra induzir eles a pensar sobre aquilo”.

Em relação a produção final, América diz que:

¹⁰⁸ Documentário *Pro dia nascer feliz*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nvsbb6XHu_I. Documentário *Que letra é essa? A história de Patrick*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NtyL4NEEIEE>.

[86]

América: Fiquei surpreso, na verdade, é, eu não esperava que meus alunos fossem tão bem quanto eles foram, eu já vinha corrigindo alguns textos deles nas provas e tudo mais, e o resultado que eu vi foi bem melhor do que o resultado que eu esperava, então, eu fiquei, realmente, surpreso. Eu acredito que com o fato deles estarem juntos pra produzir alguma coisa faz com que eles tenham muito mais atenção um ao outro, e, quando eles fazem os textos separados, eles não têm tanta atenção assim por conta de ser uma pessoa só. Então, fiquei bastante feliz e surpreso com o resultado deles. (Entrevista – Professor em Formação do NUPEL - América).

Por fim, o tutor enfatiza que foi uma atividade que o deixou feliz com os resultados, pois “ foi bacana também ver como eles pensam as coisas, como eles vêm as coisas ”. A seguir apresento, nas Figuras a seguir, 26, 27, 28, 29 e 30, as postagens dos alunos.

Figura 29 – Produções Textuais – Postagem dos Alunos N, J e K no blog *Falando Português* – PF América – Intermediário

Date : 23 set 2018
By : maisinterativo
Comment : 11
Tags : Ler

Estrangeiro no Brasil | Somos todos iguais



Somos Abimael, Gloria (Peru) e Manuel (Espanha), estudantes do Curso de Português para Estrangeiros do NUPEL (UFBA) e hoje queríamos falar de uma questão que tira nossa atenção e nos entristece um pouco: o racismo na sociedade e, concretamente, pelo fato de morar aqui no Brasil, o racismo na sociedade brasileira.

Como pessoas que viemos de países onde a população é mais homogênea, ver uma população tão diversa, heterogênea e multicultural como é a população do Brasil, é uma coisa que, verdadeiramente, nos fascina. Achamos que isso é uma riqueza da qual o Brasil tem que se orgulhar. Mas infelizmente também percebemos que a realidade é bem diferente. Por quê? Porque existe uma diferença bem marcada entre grupos de pessoas simplesmente pelo fato de ser branco, preto, pardo, etc. Ou seja, as pessoas são diferenciadas pela cor de sua pele e essa diferença traz desigualdade de oportunidades, de vida. E aqui no Brasil a balança da desigualdade é do lado das pessoas negras principalmente.

Pobreza, falta de educação, menores recursos e oportunidades de emprego, marginalidade, piores salários, falta de assistência, saúde e saneamento público, etc., são sinônimos da realidade das pessoas negras. E como país, como sociedade que tem que cuidar de toda sua população, Brasil pode se considerar fracassada como nação, como sociedade global. Essas coisas não são aleias, compete a todos combatê-las e resolvê-las porque todos somos um, mesmo todos diferentes, únicos, somos todos iguais. Assim, qualquer tipo de racismo, desigualdade, discriminação é também nosso problema, é o seu problema.

Pensamos que as autoridades educativas têm que estabelecer uma oportunidade igualitária para todas as crianças em escolas públicas e privadas. Que os currículos educativos sejam iguais para as crianças. Só assim eles terão a mesma oportunidade para estudar nas universidades ou escolas superiores e para se desenvolver na vida (Abimael e Gloria).

Outra solução real passa pela total intolerância a todo tipo de desigualdade. A única via é a empatia, solidariedade e ação. Por exemplo, para combater a pobreza das famílias e para que essa pobreza não seja duplamente sofrida pelas crianças na sua educação, uma solução poderia ser criar um banco público de livros escolares. Esses livros que os escolares irão precisar, deveriam ser selecionados, classificados e comprados por curso/nível/ano, aula e número de alunos. Assim, no primeiro dia de classe todos os escolares receberiam os livros que precisarão durante todo curso. Ou seja, os livros são um direito adquirido pelos estudantes, mas ao mesmo tempo, esses escolares adquirem um compromisso, dever e obrigação: cuidar dos livros e mantê-los em perfeito estado, pois esses livros no próximo ano serão de ajuda para outro escolar. Deste modo, desde a escola estaremos dando a nossas crianças a melhor das educações criando uma consciência social baseada no respeito. Todos somos iguais, todos diferentes (Manuel).

Figura 30 – Produções Textuais – Postagem do Aluno O no blog *Falando Português* – PF América – Intermediário

Date : 28 set 2018

By : maisinterativo

Comment : 3

Tags : Ler

Estrangeiro no Brasil | Minha percepção da discriminação no Brasil



Eu sou Nickol Muniz, Estudante do Nupel no Curso de Português como Língua Estrangeira. Eu vou falar um pouco da minha percepção da discriminação no Brasil.

A minha ideia quando eu cheguei no Brasil, foi totalmente oposta, por que quando eu pensava no Brasil, pensava em gente mais unida, de culturas diferentes, aparências diferentes, que enfatiza a beleza de cada um de nos como sociedade.

Achei incrível que as mesmas pessoas que foram discriminadas no passado, passam a ter atitudes e costumes que querendo o não acabam se auto discriminando assim mesmas. Será que essas atitudes são reflexos das discriminações antigas?. Em muitos lugares o racismo ainda continua forte, tendo em conta que na atualidade os mecanismos são mais sutis e difíceis de identificar. A grande melhora que estamos fazendo agora e fazer que a gente fale sobre isso.

Eu acho que a melhor solução é que cada pessoa comece a fazer sua parte, acabando com qualquer tipo de discriminação, entendendo que todos nos somos iguais. Quando falo de igualdade, e de aquela igualdade que diz que todos nos temos o mesmo valor, e por tanto somos iguais, independente do credo, raça, idade, condição social ou opção sexual.

Para concluir, acredito que, mais educação, consciência, reflexão e ação são necessárias, devemos começar a educar nossas novas gerações. Se todos nos fizéramos nossa parte acabando com qualquer tipo de discriminação, esse será o primeiro passo para que cada um respeite os direitos dos outros. Como dizia Martin Luther King "O que afeta diretamente uma pessoa, afeta a todos indiretamente".

Figura 31 – Produções Textuais – Postagem dos Alunos L, P e Q no blog *Falando Português* – PF América – Intermediário

Date : 01 out 2018
By : maisinterativo
Comment : 8
Tags : Ler

Gringos no Brasil | Olhares sobre o racismo por Juan Felipe Manchola, Rachel Saudek e Laura Garcia



Sou um colombiano comum de classe média que não tem experimentado uma situação de racismo, mesmo se eu vi muitos casos na minha cidade Cali, onde quase o 80% da população é negra. Onde algumas discotecas não deixam entrar pessoas pretas, ou onde as pessoas mudam de meio-fio, somente porque uma delas estão caminhando ao lado. Também tem o preconceito de que todas as pessoas negras são bandidos. Acho todas essas ideias erradas, onde os "negros" são pessoas de segunda classe, onde tudo o ruim de uma sociedade é culpa deles, devido a que não tem fundamento, devido a que todo ser humano biologicamente tem a capacidade de fazer qualquer coisa e não devem existir pessoas de primeira e segunda categoria. Todos somos de uma mesma raça, a raça humana. No momento estou morando em Salvador, Bahia a qual acho semelhante de Cali em questão de porcentagem de pessoas pretas, mas eu não vi casos de racismo, e sento que é uma sociedade mais aberta enquanto a pensamento, mesmo se percebe uma atmosfera de racismo na comunidade.

Para mim tem sido interessante chegar aqui no Brasil, um país que tem uma história parecida com meu país, os Estados Unidos, na questão do racismo que é o legado da colonização e a escravidão. Os dois países têm muita diversidade, e ainda mais com o problema fortíssimo do racismo. Enquanto que continua sendo muito forte o racismo, uma coisa que me impressiona aqui na Bahia é a resiliência e resistência do povo negro. Eu vejo que essa resiliência vem através da arte e a música, que é a expressão da cultura, do orgulho, e das tradições negros. Eu acho impressionante a força que tem a arte para mudar opiniões do público e fazer parte da luta pela igualdade.

Eu venho de um país onde o governo afirma que a discriminação racial foi eliminada por medidas de igualdade social. Esse discurso vem se repetindo pelos últimos 60 anos; mas é a realidade bem assim? Cuba é uma mistura de raízes com uma grande população descendente de africanos. O racismo foi disseminado primeiro durante o colonialismo e posteriormente através do sistema de classes sócias que dividia o poder na ilha. Com a chegada do socialismo, a construção do "homem novo" não dava lugar a discriminação por diferenças de cor da pele. Mas esta premissa estava sendo construída sobre uma base impregnada de racismo e preconceito. Minha vivencia em Cuba está sem dúvida marcada pela cor da minha que muitas vezes enfrentou o julgamento de pessoas preconceituosas. Contudo, meu cabelo crespo e minha pele mestiça nunca foram um obstáculo para ter as mesmas oportunidades que meus colegas de peles brancas. No fundo, meu país é uma ilha cheia de contradições. A existência do racismo numa sociedade igualitária é um dos paradoxos de Cuba que tem permanecido silenciado pela vanguarda de uma identidade nacional.

Como é a situação de racismo no seu país/ na sua cidade?

Figura 32 – Produções Textuais – Postagem dos Alunos R e S no blog *Falando Português* – PF América – Avançado

Date : 15 out 2018

By : maisinterativo

Comment : 1

Tags : Ler

Estrangeiro no Brasil | Como a colonização do Brasil influencia o Brasil até hoje

A colonização dos portugueses inicialmente teve as seguintes características: civilizar, exterminar, explorar, povoar, conquistar, dominar.



A colonização do Brasil começou com a seu "descobrimento" através de Pedro Álvares Cabral no século XIV, que originalmente queria navegar à Índia. A palavra descobrimento se refere neste caso aos portugueses, que descobriram Brasil, pois os indígenas já tinham chegado muito antes da chegada dos europeus. E são eles,

que merecem o título descobridores do país. A colonização dos portugueses inicialmente teve as seguintes características: civilizar, exterminar, explorar, povoar, conquistar, dominar. Os indígenas e mais tarde os africanos, que foram chamados para o trabalho nos engenhos de cana de açúcar, foram dominados com o objetivo de explorar o país e suas riquezas. Ao princípio o famoso pau Brasil, do qual o país foi nomeada, e depois a cana de açúcar, o café e o cacau. A povoação do país aconteceu muito mais tarde em 1532 com Martim Afonso de Souza, que fundou os primeiros povoados do Brasil, as Vilas de São Vicente e Piratininga, que atualmente é a cidade de São Paulo, no litoral do estado de São Paulo. Entre 1534-1538 o território brasileiro foi dividido em quatorze faixas de terras e dado a comerciantes, fidalgos e funcionários pertencentes à burguesia e a pequena nobreza. A coroa portuguesa os deu os território com o alvo de promover o povoamento em troca da concessão das grandes propriedades e direitos e privilégios a essa classe. Mas ao contrário das outras colônias do continente as "raças" do Brasil se misturaram ao longo do tempo e a extinção dos indígenas foi limitada mais às doenças transmitidas pelos europeus e não por um homicídio planejado.

Nessa história da colonização tem vários elementos que até hoje definam o desenvolvimento e o bem-estar do Brasil. E esses elementos muitas vezes impedem o desenvolvimento do país, pois inclui as interferências dos poderes de fora do país. Estes elites antigos, que chegaram no Brasil para "civilizar" o povo do país, até hoje mandam o país e na maioria dos casos nem moram mais no Brasil, mas sim, no exterior, por exemplo nos Estados Unidos ou Europa. O território até hoje está distribuído injusto e quando o povo exige os direitos dele, é tirado do poder e até hoje os descendentes dos africanos e indígenas vivem em condições muito piores do que os brancos do país. Além disso a maioria das pessoas acham, que as coisas, que vem do fora do país são melhores do que os produtos do Brasil. Essa orientação do povo para "o fora" também é uma herança dos colonizadores, que no início não chegaram para ficar, mas sim para explorar e trazer as riquezas para Europa. Brasil até hoje não tem muitas indústrias forte dentro do país. A maioria dos produtos, especialmente produtos eletrônicos e tecnologias por exemplo vem de fora do país e os produtos da agricultura saem o país no direção da Europa, China outros. Esses são somente alguns exemplos de vários, que exibiam a influência da colonização sob o desenvolvimento do país. Relacionando à Alemanha, meu país de origem, se pode ver, que a história não se destinge muito do Brasil, somente que o continente passou por muito mais conflitos históricos do que o Brasil. Antigamente os nobres pertencerem as terras e os camponeses trabalhavam quase como escravos nas terras deles. Precisava muitas guerras e conflitos ao chegar no ponto, onde a separação dos bens virou mais justo. Infelizmente vivemos em tempos, em quais a clivagem entre pobre e rico está aumentando novamente, mas essa vez é um movimento mundial.

Fonte: Blog *Falando Português*.

3.3.3 O que dizem os professores em formação sobre as Unidades Temáticas

Durante as entrevistas realizadas com os professores em formação que implementaram as Unidades Temáticas, fiz para alguns deles a seguinte pergunta:

Inicialmente, o que você achou das atividades propostas por esta pesquisa? No decorrer da aplicação, isso mudou?

América revela que as postagens dos seus alunos publicadas no blog foram bem melhores do que ele esperava, pois, como já tinha corrigido alguns textos deles nas provas e em outras atividades, não esperava que eles “fossem tão bem quanto foram” e ficou bastante feliz e surpreso com o resultado final. O monitor reflete que o fato deles terem produzido o texto em grupo fez com que eles prestassem mais atenção ao que e a como cada um estava dizendo.

Gana expõe também que não esperava que o seu aluno se expressasse tão bem. No entanto, ele se expressou muito bem criticamente, indo além do que ela havia imaginado. Sobre isso, ela ainda diz:

[88]

Gana: [...] ele não tava falando aleatoriedades em língua portuguesa, não, ele tava falando de uma coisa específica, e eu acho que o ponto mais alto foi quando ele fez uma comparação sobre como era difícil ser negro aqui, porque as pessoas aqui são preconceituosas, e como era fácil ser negro no país dele. Ele mostra que ele compreendeu tudo que ele viu, tudo que ele leu e como ele soube fazer essas diferenciações. (Entrevista – Tutor do PROEMPLE/PROFICI).

Nesse sentido, Congo declara que achou que os seus alunos não fossem se interessar pelas atividades propostas, mas se envolveram tanto que ela diz nunca ter imaginado isso ser possível. Para ela foi fantástico e muito legal ver isso acontecer, ver a atividade crescer no decorrer das aulas.

Em outro momento da entrevista, perguntei para todos os professores em formação:

A experiência de ter aplicado essas atividades contribui com a sua formação?

O professor em formação do NUPEL, América, disse que aplicar a unidade temática contribuiu com a sua formação em PLE, principalmente, porque o fez pensar na sequência didática, em temas que podem ser trabalhados em sala de aula e como podemos explorá-los para que o aluno aprenda a língua portuguesa. Congo, nesse sentido, diz que “essa foi a experiência de todo o semestre a mais enriquecedora, proveitosa”. A tutora revela que não se sentiu “solta”, fazendo algo sem saber se estava certo ou errado. Benim também ressalta isso dizendo que, por causa dessa experiência, aprendeu a preparar uma aula e que agora sabe (mais ou menos) como abordar determinada temática, quais questões norteadoras poderão ser colocadas no seu plano de aula. A tutora reflete ainda que podemos abordar com mais profundidade determinados temas, que, às vezes, parecem “bobos”.

Sobre esse último aspecto, Haiti diz que aplicar essas atividades mostrou-lhe que é preciso abordar “realidades que a gente discute muito, na atualidade, no Brasil, como preconceito”, assim como, precisamos, o tempo todo, conhecer o perfil do aluno e a sua realidade, renovar-nos, atualizar-nos e não partir do pressuposto de que o aluno pensa igual a nós, que compartilha da mesma realidade.

Gana, nesse mesmo sentido, reflete que discutir sobre um tema como preconceito racial no Brasil pode parecer estranho para o aluno¹⁰⁹, mas, ao mesmo tempo, pode gerar bastante reflexão, como – de fato – ocorreu naquelas aulas. Assim, aplicar essas atividades, a fizeram pensar em¹¹⁰ “como poderia ter sido fácil ter planejado algo, pensado de fato no ensino de línguas, [...] ter pensado em unidades que trabalhassem com isso, ainda mais que você lida com eles, que você conversa com eles”. Além disso, a tutora comenta que a unidade não propõe trabalhar com classe gramatical, mas reflexão crítica, e esse era um dos pontos que ela precisava descobrir para trabalhar nas aulas. A tutora expõe que os alunos pediam listas de verbo, e ela mandava. No entanto, após a aplicação da unidade, ela reflete que poderia ter feito algo mais significativo, que os seus alunos conseguissem refletir e, nessa reflexão, conseguissem se expor oralmente. Teria sido melhor do que pegar uma lista de verbo, decorar e depois não servir para nada, comenta a tutora.

¹⁰⁹ A tutora comenta que percebeu que, inicialmente, o seu aluno estava achando estranho discutir sobre preconceito racial no Brasil, já que existem tantas pessoas negras no Brasil, na Bahia, em Salvador.

¹¹⁰ Tudo aquilo que não pensou durante o período do estágio, das tutorias.

Por fim, Gabão diz que sempre teve receio de ensinar português, tanto para brasileiros como para estrangeiros, e que aplicar as atividades foi importante porque, embora, nas tutorias, tenha tido contato com o universo deles, tenha visto que o que eles trazem é muito diferente da sua realidade, como as ideologias, que são diferentes da sua, ela não sabia muito da cultura dos seus três alunos em particular e aprendeu muito com eles ao aplicar a UT.

Ademais, a tutora reflete que se o objetivo da aula é levar o aluno a pensar em questões estruturais da língua, talvez, essa unidade, “Preconceito”, não seja a ideal, mas, ainda assim, é possível retirar elementos dessa unidade, dos textos trabalhados, com o objetivo de a partir deles pensar essas questões estruturais da língua. A tutora reflete, ainda, que o objetivo dessa Unidade Temática é provocar outras possibilidades a partir do objetivo do professor, assim as atividades podem ser ramificadas a partir do eixo central da atividade, por exemplo, o professor pode solicitar para o aluno escrever uma resposta para a mulher que viaja sozinha¹¹¹ ou fazer uma pergunta para ela ou pedir para que os alunos conversem sobre turismo e viagem imaginando-se ser a mulher do texto e que acabara de fazer uma viagem recentemente.

¹¹¹ Um dos textos trabalhados na UT “Preconceito” foi escrito por uma mulher que viaja sozinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – NÃO PODEMOS PARAR, POIS AINDA HÁ MUITO O QUE FAZER

Teoria e prática entrelaçaram-se desde as primeiras linhas desta dissertação, pois compreendo que são faces da mesma moeda, ou seja, uma não existe sem a outra (FREIRE, 1989). Logo, não teria como dizer - com precisão - onde uma começa e onde a outra termina. Isso reflete a natureza desta investigação, que teve como ponto de partida a Linguística Aplicada (LA), área que se debruça a compreender o(s) problema(s) real(is) de uso(s) da linguagem dentro e fora do contexto escolar (CAVALCANTI, 1986). Espero que tenha ficado evidente que, neste trabalho, me vali de uma concepção de língua que, mais do que tudo, é uma prática social, é uma atividade, é uma ação desempenhada pelos sujeitos que interagem através dela; que, portanto, considera não apenas sua dimensão linguística, mas também as dimensões sociocultural, histórica e política.

Ao longo da investigação, ressignificar o caminho percorrido, aproximar-me dos participantes, licenciandos do curso de Português como Língua Estrangeira (PLE) do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA), e das suas salas de aulas, foram ações fundamentais para que eu pudesse compreender melhor alguns problemas relativos ao uso de materiais/recursos didáticos potencialmente interculturais.

Ao longo da investigação, foi também imprescindível partir de alguns registros¹¹² que guardo da minha experiência (FREIRE, 1978) no ensino de PLE, referentes ao período em que atuei como professora em formação do Núcleo Permanente de Extensão em Letras (NUPEL).

Durante a geração de dados, observei aulas de 8 (oito) professores em formação de PLE/L2, entrevistei-os e elaborei um conjunto de atividades, o qual foi implementado pela maioria deles. Por meio da proposição desse conjunto de atividades, visamos desencadear experiências interculturais que pudessem potencializar o uso do blog em uma perspectiva sensível à cultura dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. (MENDES, 2004, 2011, 2012).

¹¹² E-mails, um artigo apresentado em um dos Congressos Internacionais da SIPLE, produções escritas dos meus ex-alunos e o blog *Vivendo no Brasil* são os registros dessa experiência em processo (FREIRE, 1978).

Como a coordenação de um dos cursos não autorizou a implementação das atividades durante o tempo regular da aula, e a professora em formação do outro curso não pode implementá-las por conta do fim do seu contrato, decidimos interromper a geração de dados com eles e convidar outros participantes para a pesquisa.

Esse contratempo me aproximou dos tutores do Programa Especial de Monitoria de Português como Língua Estrangeira (PROEMPLE), que são discentes da licenciatura de PLE do ILUFBA e que atuavam nesse programa através da disciplina Estágio Supervisionado I de Português como Língua Estrangeira.

A pergunta central da pesquisa visou investigar de que modo o blog pode ser um ambiente favorável ao ensino de português como língua estrangeira/segunda língua em uma perspectiva intercultural e crítica. Essa pergunta desdobrou-se nas seguintes perguntas de pesquisa: i) que potenciais apresentam o blog como um ambiente favorável ao ensino de PLE/L2 em uma perspectiva culturalmente sensível à cultura dos sujeitos envolvidos nesse processo? ii) de que modo os professores inseridos no contexto desta pesquisa podem utilizar o blog como um ambiente favorável ao ensino de PLE/L2 em uma perspectiva intercultural e crítica? iii) o uso do blog, em uma perspectiva intercultural e crítica, pode contribuir também para a formação do professor mais reflexivo, mais sensível às práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, assim como contribuiu e contribui para a minha formação como professora?

Isso posto, nas próximas linhas, apresento algumas considerações acerca das perguntas que conduziram esta investigação com o propósito de tentar respondê-las e, assim, sintetizar os resultados gerados oriundos da análise dos dados.

Tendo como mote o uso do blog como um ambiente favorável ao ensino de português como língua estrangeira/segunda língua em uma perspectiva intercultural e crítica, os dados gerados conduziram-me a discutir, inicialmente, sobre o processo de formação desses professores, contemplando a orientação (ou ausência de orientação) que os professores em formação recebem, o planejamento e a abordagem utilizada por eles. Assim, desde o começo da geração, identifiquei lacunas nessa formação, devido à assimetria que poderia existir em relação às diferentes tendências formativas no interior do curso. Tenho consciência de que essa discussão se sobressaiu mais do que o blog. Isso aconteceu porque compreendi, ao longo desse estudo, que refletir sobre a formação de professores de PLE/L2 seria muito mais relevante e político.

A primeira pergunta de pesquisa possibilitou-me compreender que só podemos identificar os potenciais de um blog nas aulas de PLE como um ambiente favorável ao ensino de PLE/L2 em uma perspectiva culturalmente sensível à cultura dos sujeitos envolvidos nesse processo se este uso for resultado de um conjunto de ações que envolve professores formadores, professor em formação, aprendizes e sociedade. Nesse sentido, compreendo também que práticas como as demonstradas nesta investigação podem motivar alunos e professores, tornar o processo de ensino-aprendizagem mais rico, significativo e ressignificar o uso de blog nas aulas de PLE/L2, o qual tem servido apenas como um repositório de textos e informações descontextualizadas.

Evidenciou-se, portanto, neste estudo, a importância de professores formadores que propiciem aos professores em formação experiências práticas e reflexivas, amalgamadas com leituras sobre aspectos que envolvam a práxis, com planejamentos de aulas, elaborações de materiais didáticos e de atividades de produção de texto, entre outros para, assim, formar professores crítico-reflexivos (e culturalmente sensíveis).

Nesse ponto, identifiquei que apenas 1 (um) dos 5 (cinco) tutores transgrediu desde o começo a orientação dada pelo professor formador X, já que, segundo essa tutora, Gabão, as instruções apresentadas por esse professor sobre a tutoria foram bastante genéricas.

Pude concluir que a transgressão de Gabão poderia ser resultado de sua formação acadêmica, pois a tutora revela que, ao cursar a disciplina LET B15 - A Avaliação da Proficiência do Falante de Português Língua Estrangeira, estudou os parâmetros de avaliações e as concepções de língua que orientam esse exame e participou de um simulado do Celpe-Bras, o qual foi realizado pela professora da disciplina, ministrado pelo professor formador Z na época. Assim, todos os alunos puderam conhecer, na prática, as etapas do exame (aplicação e correção das partes oral e escrita).

Com os dados gerados, pude observar que o professor formador Z tem proporcionado aos professores em formação experiências voltadas para o estudo e a reflexão de aspectos que envolvem o fazer-docente, contrapondo-se ao professor formador X. Isso mostra a assimetria entre as orientações no processo de formação dos estudantes.

A transgressão de Gabão leva-nos a pensar que, quando o professor em formação é exposto a um tipo de abordagem que resulte em reflexão, planejamento e produção, ele poderá compreender melhor o seu papel como professor e ter uma postura condizente a de um professor crítico-reflexivo. Assim, para este, o planejamento de suas aulas passa a ser condição *sine qua non*, pois, através desse procedimento, pode-se criar estratégias de ensino-

aprendizagem, sem que se perca de vista o antevisto e/ou identificado das necessidades dos alunos (e nossas) e os possíveis conflitos linguístico-culturais que podem ser vivenciados pelos participantes da interação.

Como já ressaltai antes, acredito que seja papel dos coordenadores/professores das disciplinas de estágios discutirem com os professores em formação as questões/conflitos que surgem, bem como incentivar o planejamento das aulas, a produção de materiais didáticos, a reflexão sobre os objetivos, a elaboração das propostas, dos materiais didáticos e a análise das abordagens de ensino de línguas, a fim de que as aulas de PLE/L2 sejam, de fato, um lugar para a interação na língua-alvo e de aprendizagem. Afinal, os dados nos mostraram que, inicialmente, os professores em formação buscam orientação dos professores formadores, e isso, como vimos, tem reflexos no planejamento de suas aulas e na sua prática.

Como mostrei, há uma assimetria na formação desses profissionais, que, em sua maioria, estão sendo expostos a problemas, situações, conflitos que surgem nessas interações entre sujeitos culturalmente diferentes, os quais vão além de aspectos puramente linguísticos. Isso revelou que, de algum modo, as orientações têm se mostrado superficiais, não têm contribuído satisfatoriamente com a formação docente desses professores em formação de modo regular e constante, uma vez que isso dependerá do professor formador responsável pela orientação do grupo de alunos. Além de, como já pontuei, elas não têm dado conta de tratar das questões que surgem durante as aulas de PLE/L2, dos aspectos mais complexos que estão em jogo e das dificuldades enfrentadas por esses professores em formação.

O que, a princípio, me pareceu negligência por parte dos professores em formação, mostrou-se, depois, ausência de uma orientação mais ativa e simétrica por parte dos professores formadores. Compreendo que um curso de licenciatura apresentará, obviamente, muitas diferenças de abordagem a depender do professor da disciplina ou do estágio em foco. Essa tem sido uma característica de todos os cursos, em diferentes áreas, justamente porque as pessoas são diferentes e partem de formações teórico-metodológicas diferenciadas, além de apresentarem posturas ideológicas distintas. Mas, no caso em análise, no curso de licenciatura em PLE/PL2 da UFBA, essa diferença, às vezes radical, é bastante expressiva e com grande impacto na formação dos estudantes, porque o curso só tem 3 professores formadores especialistas da área. Desse modo, os alunos têm poucas oportunidades de escolha e podem ficar sujeitos a essas diferenças significativas de abordagem por parte dos formadores.

Nosso propósito não era analisar a(s) orientação(ões) dos professores formadores para apontar quem tem, de acordo com a perspectiva em questão, contribuído satisfatoriamente

com essa formação docente, mas diagnosticar problemas para apontar soluções; mostrar processos para dialogar com esses professores (Y, X, Z) e fazer chegar essa análise até eles, já que apresentei, nas linhas desse texto, falas dos professores em formação que revelam pontos positivos e negativos da sua formação. Coube a mim, nessa pesquisa, como pesquisadora crítica, revelar esses dados para analisá-los e identificar as lacunas dessa formação, assim poderemos refletir juntos as falhas apontadas pelos professores em formação.

Além disso, cabe dizer, ainda, que os professores em formação também têm um papel muito importante em sua formação, cabendo-lhes refletir sobre a sua prática docente. No entanto, para que possam agir com autonomia, as competências devem começar a ser desenvolvidas desde a graduação, como afirma Mendes (2012b, p. 676):

Desse modo, dar condições ao professor em formação de conhecer, portanto, a evolução das ideias linguísticas, ter contato com teorias e práticas diversificadas e refletir sobre os objetivos que estão em jogo quando ele vai desenvolver pesquisa ou ensinar é prepará-lo para decidir, com autonomia e consciência crítica, que representações de língua e de linguagem estarão na base de suas ações".

Logo, os professores formadores não podem deixar de ampliar as visões dos professores em formação sobre os diferentes campos do saber e dar-lhes a possibilidade de conhecer as diferentes formas de ver a língua.

Atenta às lacunas dessa formação docente, elaborei um conjunto de atividades, denominadas Unidades Temáticas, que desencadeassem experiências interculturais, ou seja, que possibilitassem o diálogo entre os diferentes e sobre as diferenças, e fiz entrevistas que, além de gerar dados para a pesquisa, contribuíssem também na formação desses professores, incentivando-os a refletir criticamente sobre a sua formação, o modo como os cursos de PLE têm sido conduzidos, qual o seu papel na condução desses cursos, o que querem ou não mudar, o que fazem ou não para mudar, como podem produzir materiais didáticos potencialmente interculturais, como produzir e compartilhar conhecimentos também na nossa área. Essas ações possibilitaram-me responder a segunda pergunta que traz o questionamento sobre o modo como os professores inseridos no contexto desta pesquisa podem utilizar o blog como um ambiente favorável ao ensino de PLE/L2 em uma perspectiva intercultural e crítica, entrelaçando-se com a reflexão feita anteriormente.

Desse modo, compreendo que o blog *Falando Português* e o conjunto de atividades elaborado nesta investigação podem ser utilizados em cursos de formação de professores como exemplos práticos de materiais potencialmente interculturais, como também ponto de partida para a produção de outras unidades temáticas, que podem funcionar no lugar do livro

didático. No mais, reafirmo que as postagens publicadas dos alunos no blog devem ser motivadas por um planejamento sensível, como fora demonstrado nas unidades temáticas propostas nesta investigação, cabendo ao professor o papel de orientar as produções dos seus alunos, divulgá-las na rede, a fim de alcançar um público leitor que se sinta motivado a interagir com os aprendizes dessa língua-cultural, uma vez que os dados mostraram que um blog potencialmente intercultural é resultado de um conjunto de ações que envolvem professores formadores, professores em formação, aprendizes e sociedade.

Em relação ao conjunto de atividade, é importante dizer que o dividi em três Unidades Temáticas: “Como é a sua Rotina”, “Preconceito” e “Racismo”, que resultaram das observações de aulas desses professores em formação e de produções textuais de alunos de língua estrangeira. No total, dois blogs foram utilizados nesta investigação: *Vivendo no Brasil e Falando Português*. Este foi reconfigurado a fim de que pudesse ser um ambiente favorável ao diálogo intercultural.

A priori, apresentaria as unidades temáticas para os professores em formação e discutiríamos a viabilidade da implementação e as alterações/correções que julgássemos necessárias nas unidades a serem implementadas. Afinal, não havia a pretensão de apresentar um material construído sem a interferência/contribuição daqueles que iriam aplicá-lo.

Infelizmente, antes da implementação, não foi possível observar as aulas dos tutores nem modificar as tarefas das unidades, as quais poderiam ter sido sugeridas pelos tutores, pois eles estavam finalizando as últimas aulas das tutorias e, por isso, não tivemos tempo para isso.

Entretanto, procurei deixar claro que tínhamos a expectativa de que esse conjunto de atividades pudesse auxiliá-los a organizar o trabalho deles em sala de aula de forma gradual, de modo a atingir os objetivos de aprendizagem desejados para os seus alunos, de acordo com o seu contexto de atuação.

Ademais, sinalizei que não havia a intenção de que elas fossem replicadas tal como estavam, mas que contribuíssem com a formação do(a) professor(a) de línguas, especialmente de PLE/PL2, a fim de que estejamos atentos às pistas que os nossos alunos dão durante as aulas, nos corredores do curso/escola/universidade e nas produções textuais que solicitamos.

A meu ver, essas pistas demonstram, de modo geral, aquilo que eles querem aprender/conhecer/compreender, e cabe a nós, professores de línguas, termos a sensibilidade de filtrar o que é, portanto, essencial em nossas aulas. No caso específico desta pesquisa, o foco está na sensibilidade intercultural do professor e na sua formação docente. Nesse sentido, Mendes (2012a, p. 366) diz:

Cabe ao professor, como intérprete privilegiado dessa língua-cultura que está ensinando, sensibilizar-se para olhar o mundo que o cerca com olhos diferentes, olhos capazes de selecionar mais do que pretextos para a abordagem de aspectos gramaticais, mas unidades de sentido, formas de ser e de viver representadas nos textos de todas as naturezas e nas produções culturais em suas diferentes manifestações. Assim, ele assegurará que, em sua sala de aula, os aprendizes possam ter contato com a língua que estão aprendendo em sua dimensão não só linguística, mas também sociocultural, histórica e política.

Compreendendo que o diálogo é essencial, mesmo não tendo podido interagir com esses professores em formação para discutirmos e analisarmos juntos o conjunto de atividades, mas, com dedicação e curiosa observação, frequentei três aulas da turma de Estágio Supervisionado I de Português como Língua Estrangeira, não somente para apresentar a minha pesquisa e para convidá-los a participar dela, como também para conversar com eles sobre o tema “Correções de textos escritos: Corrigir ou não corrigir? Quando, o quê, como devemos corrigir os textos escritos dos nossos alunos? ”. Esses encontros aproximaram-me ainda mais das inquietações e angústias que os professores em formação (nós) temos ao ensinar a nossa língua materna para falantes de outras línguas. Nos diálogos que tive com esses professores, percebi o quanto eles desejam aprender a dar aulas de PLE/L2.

Ademais, com as entrevistas e o relatório de estágio dos tutores, este entregue como uma das atividades avaliativas da disciplina Estágio Supervisionado I de Português como Língua Estrangeira, pude compreender melhor o fenômeno investigado por outros ângulos e que apresentou outros aspectos que enriqueceram ainda mais essa investigação. Assim, conscientes de que uma pesquisa qualitativa se faz no caminhar, aspectos que, inicialmente, não seriam contemplados na análise de dados emergiram no desenvolvimento da pesquisa, ocupando lugar de destaque neste estudo. O “ir e vir” de reflexão sobre a prática e o tornar-me também objeto de reflexão são elementos essenciais de uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico com recortes autoetnográficos.

É importante dizer que as lacunas que existem na formação desses professores vieram mais à tona durante a implementação das Unidades Temáticas. O que, a meu ver, foi bastante positivo, pois ressaltou o importante papel que têm os professores formadores (coordenadores dos programas/professores da disciplina de estágio) e a importância de um tutor de PLE, preferencialmente, pós-graduando da Linguística Aplicada e/ou tenha formação no ensino de línguas, com experiência no ensino de PLE/L2, no processo de formação desses professores em formação.

Para Izaki Gómez (2018), o tutor seria aquele que interagiria diretamente com os professores em formação para a construção da reflexão-sobre-a-ação. Ela defende que é na interação com o outro sujeito que “o professor em formação poderá (re)construir a visão de um todo com um fundo, o qual não domina” e “pode conhecer outras perspectivas e, desse modo, (re)construir a sua prática”. Nesse sentido, a autora assevera que o “espaço de reflexão tem de ser criado por, pelo menos, um par mais experiente, fundamentado em aporte teórico e organizado metodologicamente”, e reconhece o papel fundamental desse sujeito “no processo reflexivo, pois embora seja possível desenvolver uma reflexão sobre si mesmo, o processo pode não ser ‘completo’ ”.

Diante disso, percebo que, durante essa experiência, fui peça “fundamental para interação reflexiva do processo de ensino e aprendizagem de PLE para professores em formação” (IZAKI GÓMEZ, 2018, p. 121).

Como pontuei anteriormente, defendo que a incorporação das tecnologias digitais no ensino de línguas deve ir além do que elas podem nos oferecer em termos tecnológicos (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007. Apud TANZI NETO et al., 2013, p. 139.). Nesse sentido, os dados gerados também me levaram a responder a terceira pergunta que trata sobre a contribuição do uso do blog para a formação de professores. Assim, utilizar o blog nas aulas de PLE/L2, em uma perspectiva intercultural e crítica, pode contribuir para a formação de professores mais reflexivos, mais sensíveis às práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula (assim como contribuiu e contribui para a minha formação como professora), uma vez que se trata de um ambiente rico e produtivo para ensinar a própria língua materna como LE/L2, pois a implementação do conjunto de atividades pode desencadear um conjunto de reflexões que evidenciaram mais ainda a riqueza do que pode ser produzido por nossos alunos de PLE e demonstrou como essas produções podem voltar para sala de aula. Por meio da reflexão, professores e alunos repensaram a língua, analisaram-na com insumos da linguagem que são produzidos na interação.

O retorno que recebi dos professores em formação antes, durante e depois da implementação das unidades, a meu ver, foi bastante positivo. Movida por isso e também acreditando que muitos professores compartilhassem conosco o desejo de se tornarem agente da interculturalidade (MENDES, 2012), palestrei em algumas disciplinas da licenciatura de PLE do ILUFBA e ministrei minicursos com o intuito de incentivar a discussão sobre a produção de materiais didáticos culturalmente sensíveis, a partir de um recorte desse conjunto de atividades.

Nessas apresentações, busquei sempre discutir interculturalidade sob uma perspectiva culturalmente sensível aos sujeitos envolvidos no processo de ensinar e aprender línguas, analisar algumas propostas de uso de tecnologias digitais nas aulas de línguas e apresentar um recorte das atividades, o modo como elas foram desenvolvidas e aplicadas.

Ressalto, mais uma vez, com base nos dados apresentados neste estudo, a importância dos professores formadores no planejamento das aulas, na coordenação dos programas de PLE e na orientação das ações teórico-pedagógicas dos professores em formação.

A ausência de uma orientação mais constante e equilibrada por parte dos professores formadores, como pudemos ver, contribui para que as ações desempenhadas sejam menos significativas tanto para os professores em formação quanto para os seus alunos. Cabendo aí intervenção de um tutor de PLE, mais experiente, mediando a aprendizagem, com o qual o professor em formação, menos experiente, poderia contar (IZAKI GÓMEZ, 2018). O tutor teria o papel de “observar as aulas, refletir com o professor em formação sobre a prática pedagógica e propor encaminhamentos por meio de ação em conjunto”, como procuramos fazer ao longo desta investigação.

Finalizo este trabalho avaliando positivamente os resultados alcançados, principalmente porque consegui mostrar, através da implementação do conjunto de atividades, materiais didáticos culturalmente sensíveis, que apresentam língua e cultura como dois elementos interligados; além de também conseguir atingir um aspecto que há algum tempo a Linguística Aplicada levanta: o papel do professor reflexivo como pesquisador, sendo este aquele que pesquisa a sua própria prática, ou seja, apresentando a autocrítica sobre a sua própria prática.

Aponto para a necessidade de um diálogo mais consolidado entre os professores formadores de PLE/L2 do Instituto de Letras da UFBA, que atuam em diferentes espaços de PLE/L2, a fim de possibilitar o avanço da área na instituição; de estudos mais detalhados sobre os impactos que as produções publicadas no blog *Falando Português* podem ter no ensino de PLE/L2 em perspectiva intercultural.

Em tempo, convido professores(as) inseridos(as) no contexto desta pesquisa para acessarem o blog *Falando Português* e reflitirem como, a partir do seu contexto de ensino, esse ambiente pode ser favorável ao ensino de PLE/L2 em uma perspectiva intercultural e crítica.

REFERÊNCIAS

- ÁGUA-MEL, C. **Recursos Digitais para o Ensino de Português na China**. Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira - SIPLÉ , v. 3, 2013. Disponível em: <http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=273:recursos-digitais-para-o-ensino-de-portugues-na-china&catid=65:edicao-5&Itemid=111>. Acesso em 30 de janeiro de 2018.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BENETTI, A. **A autoetnografia como método de investigação artística sobre a expressividade na performance pianística**. *Opus*, v. 23, n. 1, p. 147-165, abr. 2017, p.152-155. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/424> >. Acesso em: 26 abr. 2019.
- BHABHA, Homi K. O local da Cultura. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1988. In: MENDES, E. O português como língua de mediação cultural: por uma formação intercultural de professores e alunos de PLE. In: MENDES, E. (Org.) **Diálogos Interculturais: ensino e formação em português língua estrangeira**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo, Parábola, 2008. 135p.
- BRASIL. **Universidade Federal da Bahia**. Instituto de Letras. NUPEL. Núcleo Permanente de Extensão em Letras. Disponível em: < <https://letras.ufba.br/extensao>>. Acesso em: 15 jan. 2019.
- BRASIL. **Banco de Teses e Dissertações da Capes**. Dados das Teses e Dissertações da Pós-Graduação 1997. Disponível em:< <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>. Acesso em: set 2018.
- CANÇADO, M. **Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula**. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, N° 23, 1994, p. 55 – 69.
- CANDAU, V. M. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de janeiro: 7 Letras, 2009. p. 154-173.
- CAVALCANTI, Marilda C. **A propósito de Linguística Aplicada**. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, n° 7, Campinas: UNICAMP/IEL, 1986. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639020>>. Acesso em: 05 abr. 2019.
- CONEJO, Cássia Rita. **O estruturalismo e o ensino de línguas**. In: *CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários*. 3, 2007, Maringá. *Anais... Maringá*, 2009, p. 1233-1244. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_linguisticos/pfd_linguisticos/016.pdf> . Acesso em: 17 set 2019.
- COSTA, L. M. G. **Performatividade e gênero nas interações em teletandem**. 2015. 10 fls. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-graduação em Estudos

Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto.

CRUZ, L. T. **ENTRE O DIZER E O FAZER: Implicações das crenças de PROFESSORES EM FORMAÇÃO sobre o ensino de LI em escolas públicas.** Tese (Doutorado em Língua e Cultura), Universidade Federal da Bahia, 2017.

CUNHA, M. J.; SANTOS, P. (org.). **Ensino e pesquisa em português para estrangeiros: programa de ensino e pesquisa em português para falantes de outras línguas.** Brasília: UNB, 1989. Resenha de: FURTOSO, V. B. & GIMENEZ, T. N. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200010>. Acesso em: 25 jan. 2019.

DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. In. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, p. 15 - 42, 2006.

EDGAR DIGITAL. **Ensino de Português como língua estrangeira é ferramenta para internacionalização da UFBA.** Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<http://www.edgardigital.ufba.br/?p=8413>>. Acesso em: 20 dez 2018.

FALANDO PORTUGUÊS. **Falando Português.** Disponível em: <www.falandoportugues.com.br>. Acesso em: 03 jan. 2019.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2006.

FREIRE, PAULO. **Cartas à Guiné-Bissau:** Registros de uma Experiência em Processo. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. 173p. ilustr. (O Mundo, hoje, v. 22). Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_cartas_a_guine_bissau.pdf>. Acesso em: 21 set. 2018.

_____. **Educação como prática da liberdade.** São Paulo: Paz e Terra, 1989, p. 67.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **O texto na sala de aula.** 4ª Ed. São Paulo: Ática, 2006.

IZAKI GÓMEZ, Marina Ayumi. **Saberes Docentes e Desafios no Ensino de Português Língua Estrangeira na Atuação de Professores em Formação.** 2018. 281 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos. Disponível em:

<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/10133/Tese_Marina%20Ayumi%20Izaki%20G%C3%B3mez_Vers%C3%A3o%20BCO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 fev. 2018.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do Texto.** São Paulo: Cortez, 2002.

LEDUC, A. R. J. **Aprender Português de Negócios: Análise da Situação Atual e Esboço de uma Solução Didática Intercultural Online**. In: SIMPÓSIO SIPLE, O português em espaços multilíngues, 2015, Santiago de Compostela, Espanha. **Anais...** [livro eletrônico] / [organização dos anais: Vanessa Christina Araujo]. – Londrina : SIPLE, 2017. Disponível em: <<http://www.siple.org.br/images/2017/ANAIS2015p.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2019.

LEFFA, V. Redes sociais e escola: ensinando línguas como antigamente. In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (Orgs.) **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 137-151.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 21ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDES, E. **Abordagem Comunicativa Intercultural (ACIN): uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas**. Campinas, SP: [s.n.], 2004. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269430>>. Acesso em: 26 out. 2018.

_____. Aprender a ser e a viver com o outro: materiais didáticos interculturais para o ensino de Português LE/L2. In: SCHEYERL, D.; SIQUEIRA, S. **Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições**. Salvador: EDUFBA, 2012a.

_____. **Língua, Cultura e formação de Professores: Por uma Abordagem de Ensino Intercultural**. In: MENDES, E.; CASTRO, M. L. S. (Orgs.). **Saberes em português: ensino e formação docente**. Campinas: Pontes, 2008.

_____. O conceito de língua em perspectiva histórica: reflexos no ensino e na formação de professores de português. In: LOBO, Tânia et all. (Org.) ROSAE - **Linguística Histórica, História da língua e outras histórias**. Salvador-BA: EDUFBA, 2012b. p. 667-678.

_____. **O ensino do português como língua estrangeira (PLE): desafios, tendências contemporâneas e políticas institucionais**. In: ANDREEVA, Yana. **Horizontes do saber filológico**. Sófia-Bulgária: Sveti Klimente Ohridski, 2014.

_____. O português como língua de mediação cultural: por uma formação intercultural de professores e alunos de PLE. In: MENDES, E. (Org.) **Diálogos Interculturais: ensino e formação em português língua estrangeira**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

MENDES, E; FURTOSO, V.B. **O Portal do Professor de Português Língua Estrangeira / Língua não Materna (PPPLE): Análises e Projeções** (número especial). vol. 4, n.º 7 (2018). Disponível em: <http://iilp.cplp.org/plato/numeros_publicados.html>. Acesso em: 24 jan. 2019.

NUPEL. **Núcleo Permanente de Extensão em Letras**. Disponível: <<https://nupel.ufba.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

PESCE, L.; ABREU, C. B. M. **Pesquisa qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores.** Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 19-29, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/747>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

PLATÔ. **Revista do Instituto Internacional da Língua Portuguesa.** Revista. Disponível em: <<http://iilp.cplp.org/plato/>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

POSTIGO, M. L. Componentes interculturais nos materiais de alemão como língua estrangeira (ALE): um convite à crítica. In: SCHEYERL, D.; SIQUEIRA, S. **Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições.** Salvador: EDUFBA, 2012.

PPPLE. **Portal do Professor de Português Língua Estrangeira / Língua Não Materna.** Disponível em: <<http://www.ppple.org>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

PROFICI. **Programa de Proficiência em Língua Estrangeira para Estudantes e Servidores da UFBA.** Disponível em: <https://profici.ufba.br/>. Acesso em: 15 jan. 2019.

RODRIGUES, D. G. **A Articulação Língua-Cultura na Coconstrução da Competência Intercultural em uma Parceria de Teletandem (português/ espanhol).** 2013. 188 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=126044>. Acesso em: 26 jan. 2019.

SANTOS, E.; MADDALENA, T. L.; ROSSINI, T. S. S. O diário hipertextual on-line de pesquisa: uma experiência com o aplicativo Evernote. In: COUTO, E.; PORTO, C.; SANTOS, Edméa. (Orgs.) **APP-LEARNING: experiências de pesquisa e formação.** Salvador: EDUFBA, 2016, p. 94.

SCHLATTER, M.; SCARAMUCCI, M. V. R., PRATI, S., ACUÑA, L. Celpe-Bras e Celu: impactos da construção de parâmetros comuns de avaliação de proficiência em português e em espanhol. In: FONTANA, Mónica Zoppi (org.) **O português do Brasil como língua transnacional.** Campinas: RG Editora, 2009.

SCHOFFEN, J. R.; MARTINS, A. F. **Políticas linguísticas e definição de parâmetros para o ensino de português como língua adicional: perspectivas portuguesa e brasileira.** ReVEL, v. 14, n. 26, 2016. [www.revel.inf.br].

SILVEIRA, M. I. M. Principais modelos teóricos de aprendizagem. In: _____. **Línguas estrangeiras: uma visão histórica das abordagens, métodos e técnicas de ensino.** Maceió; São Paulo: Edições Catavento, 1999.

SOSA, Nélide. Fundamentos para pensar na inclusão das NTICS no ensino de PLE. In: MENDES, Edleise. (Org.) **Diálogos Interculturais: ensino e formação em português língua estrangeira.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 255.

SOUZA, M. I.; FLEURI, R. M. Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: FLEURI, R. M. **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 68.

TANZI NETO, et al. Multiletramentos em ambientes educacionais. In: ROJO, Roxane. (Org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs/ Adolfo Tanzi Neto ... [et al.]**; - 1. Ed. – São Paulo: Parábola, 2013, p. 139.

TAVARES. V. O. **As estratégias de interação na aprendizagem de PLE online**. Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira - SIPLÉ , 2012. Disponível em: <<http://www.siple.org.br/images/2013/AnaisConsiple2011/trabalhos/AS%20ESTRATEGIAS%20DE%20INTERACAO%20NA%20APRENDIZAGEM%20DE%20PLE%20ONLINE.pdf>>. Acesso em 30 jan. 2018.

VERGA, M. A; SILVIA, A. C. M. **A Incorporação das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (tdic) pelos professores de língua portuguesa das escolas estaduais de ensino médio de Linhares – ES**. Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 105-120, mai.-ago. 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/12438/1125611632>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

VERGA, M. A; SILVIA, A. C. M. **A Incorporação das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (tdic) pelos professores de língua portuguesa das escolas estaduais de ensino médio de Linhares – ES**. Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 105-120, mai.-ago. 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/12438/1125611632>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

VIVENDO NO BRASIL. **Ensinando e Aprendendo Português do Brasil**. Disponível em: www.vivendonobrasil.blogspot.com. Acesso em: 06 jan. 2019.

_____. **É o tchan: o charme de Salvador**. Disponível em: <<http://vivendonobrasil.blogspot.com/2013/06/e-o-tchan-o-charme-de-salvador.html>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

WEIQIZHANG. **Uso de recursos eletrônicos no ensino de PLE**. Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira - SIPLÉ , 2012. Disponível em: <http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=274:uso-de-recursos-eletronicos-no-ensino-de-ple&catid=65:edicao-5&Itemid=111>. Acesso em: 30 jan. 2018.

APÊNDICE A - Trabalhos publicados sobre o uso de tecnologias digitais no ensino de Português LE/L2

TRABALHOS PUBLICADOS SOBRE O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO DE PLE/L2					
Número	Ano	Fonte	Tipo de Publicação	Título do Trabalho	Autor(a)
1.	2011	Anais da SIPLE	Artigo	As estratégias de interação na aprendizagem de PLE online. ¹¹³	Vanessa Oliveira Tavares
2.	2012	Revista Eletrônica da SIPLE	Artigo	Uso de Recursos Eletrônicos no Ensino de PLE. ¹¹⁴	WeiQiZhang
3.	2012	Revista Eletrônica da SIPLE	Artigo	Recursos Digitais para o Ensino de Português na China. ¹¹⁵	Cristina Água-Mel
4.	2013	Revista Eletrônica da SIPLE	Artigo	O Texto no Português como Língua Estrangeira (PLE): Entre Blogs e Redes Sociais. ¹¹⁶	Gabriel Nascimento dos Santos e Maria D'Ajuda Alomba Ribeiro
5.	2013	Banco de Dados da Capes	Dissertação	A Articulação Língua-Cultura na Coconstrução da Competência Intercultural em uma parceria de Teletandem (Português/ Espanhol). ¹¹⁷	Denize Gizele Rodrigues
6.	2014	Anais da SIPLE ¹¹⁸	Artigo	Criação de um ambiente virtual de aprendizagem de português para falantes de outras línguas.	Vanessa Christina Araújo
7.	2014	Anais da SIPLE	Artigo	Ensino e aprendizagem de português para falantes de outras línguas (PFOL) via plataforma moodle avaliando vídeos didáticos.	Daniele T. Donato e Regiani A. S. Zacarias.

¹¹³ Artigo disponível em:

<http://www.siple.org.br/images/2013/AnaisConsiple2011/trabalhos/AS%20ESTRATEGIAS%20DE%20INTERACAO%20NA%20APRENDIZAGEM%20DE%20PLE%20ONLINE.pdf>. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

¹¹⁴ Artigo disponível em: http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=274:uso-de-recursos-eletronicos-no-ensino-de-ple&catid=65:educacao-5&Itemid=111. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

¹¹⁵ Artigo disponível em:

http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=273:recursos-digitais-para-o-ensino-de-portugues-na-china&catid=65:educacao-5&Itemid=111. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

¹¹⁶ Artigo disponível em: http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=292:o-texto-no-portugues-como-lingua-estrangeira-ple-entre-blogs-e-redes-sociais&catid=69:educacao-6&Itemid=112.

¹¹⁷ Dissertação disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=126044. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

¹¹⁸ Todos os artigos relacionados aos Anais da SIPLE de 2014 estão disponíveis em: <http://www.siple.org.br/images/2017/ANAIS2014p.pdf>. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

8.	2014	Anais da SIPLE	Artigo	Ferramentas online utilizadas para avaliação da expressão escrita: Experiência em um curso de extensão a distância da Universidad Nacional del Comaheu.	Maria Beatriz Arce e Nájla Elisabeth Caixeta
9.	2014	Anais da SIPLE	Artigo	Plataforma Moodle como ferramenta de ensino e aprendizagem de português como língua estrangeira: Estudos dos aplicativos “Atividades e Recursos”.	Eduardo Rodrigues Goes e Regiani Aparecida Santos Zacarias
10.	2014	Banco de Dados da Capes	Dissertação	Português como Língua Estrangeira e Tecnologias Digitais: Uma Experiência com o Grupo de Discussão On-line no Contexto do PEC-G. ¹¹⁹	Simone Garofalo Carneiro
11.	2014	Banco de Dados da Capes	Dissertação	A autonomia no contexto teletandem institucional integrado. ¹²⁰	Mariana Volpi Bonfim
12.	2015	Anais da SIPLE ¹²¹	Artigo	Aprender português de negócios: Análise da situação atual e esboço de uma solução didática intercultural online.	Ana Rita Jesus Leduc
13.	2015	Anais da SIPLE	Artigo	O Português no ciberespaço: uma proposta discursiva para o aprendizado de PLE/PL2.	Flávia Sílvia Machado
14.	2015	Banco de Dados da Capes	Tese	Cultura e(m) Telecolaboração: Uma Análise de Parcerias de Teletandem Institucional. ¹²²	Maisa De Alcantara Zakir
15.	2015	Banco de Dados da Capes	Tese	Performatividade e Gênero nas Interações em Teletandem. ¹²³	Leila Martins Goncalves Da Costa
16.	2016	Anais da SIPLE ¹²⁴	Artigo	A internacionalização da língua	Idalena Oliveira

¹¹⁹ Dissertação disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1314653. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

¹²⁰ Dissertação disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1337713. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

¹²¹ Todos os artigos relacionados aos Anais da SIPLE de 2015 estão disponíveis em: <http://www.siple.org.br/images/2017/ANAIS2015p.pdf>. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

¹²² Tese disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2811976. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

¹²³ Tese disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2811855. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

				portuguesa na UFV: Criação de portal pedagógico para ensino e aprendizagem de português do Brasil como língua estrangeira e como língua de herança (PBLH).	Chaves
17.	2016	Anais da SIPLE	Artigo	Ensinando PLE na UFLA através do AVA-Avançar.	Débora Racy Soares
18.	2016	Banco de Dados da Capes	Dissertação	Aspectos Linguísticos Emergentes em Sessões de Teletandem: Uma Análise a partir da Conscientização da Linguagem. ¹²⁵	Gabriela Rossatto Franco
19.	2016	Banco de Dados da Capes	Tese	Teletandem e mal-entendidos na comunicação intercultural online em língua estrangeira. ¹²⁶	Micheli Gomes De Souza
20.	2016	Banco de Dados da Capes	Tese	Uma Proposta de Trabalho com Gêneros Textuais para os Textos Escritos no Teletandem Institucional-Integrado. ¹²⁷	Rubia Mara Bragagnollo
21.	2017	Banco de Dados da Capes	Dissertação	A Avaliação por Pares no Teletandem Institucional Integrado: Um Estudo de Caso sobre o Feedback Linguístico nas Sessões Orais em Português. ¹²⁸	Ana Carolina Freschi
22.	2017	Banco de Dados da Capes	Dissertação	Teletandem: O Domínio Ideológico nas Sessões Orais Online entre Aprendizizes de Línguas Estrangeiras. ¹²⁹	Deise Nunes Marinoto
23.	2017	Banco de Dados da Capes	Tese	Aprendizagem de Línguas sob a Perspectiva da Intersubjetividade em Contexto de Teletandem. ¹³⁰	Gerson Rossi Dos Santos

¹²⁴ Todos os artigos relacionados aos Anais da SIPLE de 2016 estão disponíveis em: http://www.siple.org.br/images/2018/ANAIS_XI_CONSIPLE_2016_2017.pdf. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

¹²⁵ Dissertação disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popUp=true&id_trabalho=3725328. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

¹²⁶ Teses disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popUp=true&id_trabalho=3769906. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

¹²⁷ Tese disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popUp=true&id_trabalho=3663338. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

¹²⁸ Dissertação disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popUp=true&id_trabalho=4999210. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

¹²⁹ Dissertação disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popUp=true&id_trabalho=4999338. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

¹³⁰ Tese disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popUp=true&id_trabalho=6257425. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

24.	2018	Revista Platô ¹³¹	Artigo	O PPPLE: avanços e perspectivas	Marisa Mendonça
25.	2018	Revista Platô	Artigo	O Portal do Professor de Português Língua Estrangeira/ Língua Não-Materna (PPPLE): Origem e primeiros passos	Gilvan Muller de Oliveira
26.	2018	Revista Platô	Artigo	Orientações do PPPLE para produção de materiais e recursos didáticos: uma perspectiva plural para aprender, avaliar e ensinar em PLE/PLNM	Edleise Mendes e Viviane Bagio Furtoso
27.	2018	Revista Platô	Artigo	Reflexões sobre o ensino intercultural: rompendo fronteiras e tecendo novas histórias com o Portal do Professor de Português Língua Estrangeira/ Língua Não-Materna (PPPLE)	Daniela Mascarenhas Benedi e Camila Alves Gusmão
28.	2018	Revista Platô	Artigo	Políticas linguísticas para a promoção do português: considerações sobre o Portal do Professor de Português Língua Estrangeira/ Língua Não-Materna (PPPLE)	Luana Moreira Reis
29.	2018	Revista Platô	Artigo	A abordagem intercultural e a produção de unidades didáticas para o PPPLE.	Arthur Moura Vargens e Diogo Oliveira do Espírito Santo
30.	2018	Revista Platô	Artigo	As Unidades Didáticas do Portal do Professor de Português Língua Estrangeira/ Língua Não-Materna (PPPLE): foco nas competências	Liliane Oliveira Neves, Natália Moreira Tosatti e Jerônimo Coura-Sobrinho
31.	2018	Revista Platô	Artigo	A abordagem lexical na Unidades Didáticas brasileiras de nível de proficiência 1 do PPPLE	Everton Luiz Franken
32.	2018	Revista Platô	Artigo	Elaboração de roteiro didático a partir do PPPLE: O percurso da experiência e suas implicações	Vanessa C. Araújo e Viviane Bagio Furtoso

Fonte: elaborado pela autora.

¹³¹ Todos os artigos relacionados à Revista Platô estão disponíveis em: <http://www.youblisher.com/p/1936672-/>.

APÊNDICE B - Termo de autorização da instituição coparticipante

Eu, _____, _____(cargo) do _____,
do _____, estou ciente e autorizo a pesquisador(a)
_____ a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado
_____.

Declaro conhecer as Normas e Resoluções que norteiam a prática de pesquisa envolvendo seres humanos, em especial a Resolução CNS 466/12, de estar ciente das co-responsabilidade como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, do compromisso de garantir a segurança e o bem estar dos sujeitos de pesquisa aqui recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.

.....,de.....de 20.....

.....

Assinatura

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “ Fiz um blog, e daí? Uma experiência de ensino de Português como língua estrangeira/ segunda língua em perspectiva intercultural e crítica”, desenvolvida pela pesquisadora Sara Oliveira da Cruz, sob orientação da Prof^a Dr^a Edleise Mendes, do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

A pesquisa tem como objetivo geral de investigar e propor o blog como um ambiente favorável ao ensino de PLE/PL2 em perspectiva intercultural e crítica. Os resultados obtidos nesta pesquisa nos permitirão problematizar e discutir aspecto que ainda se revela uma carência nas práticas que são desenvolvidas em sala de aula: o domínio da tecnologia como ferramenta pedagógica em uma perspectiva intercultural e crítica.

Você será convidado(a) para falar sobre sua experiência com o ensino de PLE/PL2, através de duas entrevistas, bem como sobre suas aceções acerca desse contexto de ensino de PLE/PL2 via tecnologia digital em perspectiva intercultural e crítica. A primeira entrevista ocorrerá antes da implementação do conjunto de atividades propostas por esta pesquisa; a segunda, após tal implementação. A entrevista somente será gravada se houver a sua autorização. As entrevistas gravadas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e sua orientadora. Para que o conjunto de atividades sejam produzidas, a pesquisadora Sara Oliveira terá de observar algumas de suas aulas. Essas observações serão programadas com antecedência e com o seu consentimento. Além disso, para que essa pesquisa atinja o objetivo o qual se propõe, o conjunto de atividades deve ser aplicado por você em uma de suas turmas. Esse conjunto de atividades será apresentado previamente para você, para que possamos planejar como se dará a aplicação/implementação e os passos a seguir. Você também será convidado a preencher um questionário e poderá ser convidado a disponibilizar informações adicionais, caso sejam necessárias. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEP/ENSP e, com o fim deste prazo, será descartado.

Informamos, ainda, que todos os dados das entrevistas e das observações de aulas serão analisados qualitativamente pelos pesquisadores para refletirmos sobre as demandas e especificidades de um ensino de PLE/PL2 em perspectiva intercultural e crítica e que os

resultados serão apresentados aos participantes em palestra dirigida ao público participante e às instituições coparticipantes.

Salientamos que essa pesquisa oferece risco mínimo a você. É possível que sinta algum desconforto ao responder questões sobre a sua prática docente e/ou ao ter a suas aulas observadas e sinta-se cansado com o preenchimento do questionário e com as entrevistas. Além disso, pode se sentir desmotivado para implementação das atividades. Caso sinta algum descontentamento ou desconforto maior, salientamos que a sua participação é voluntária, ou seja, você é livre para desistir de participar da pesquisa em qualquer momento que considerar oportuno, agora ou no futuro, sem nenhum tipo de prejuízo. Por fim, informamos que o material coletado pode ser utilizado em trabalhos acadêmicos; no entanto, nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores, e as identidades dos participantes serão preservadas de quaisquer identificações, garantindo, portanto, o anonimato de todos. Não haverá qualquer despesa ou compensação financeira relacionada à participação neste estudo.

O benefício relacionado com a sua colaboração, nesta pesquisa, é para as práticas de ensino de línguas estrangeiras e segundas, bem como para a formação de professores de línguas, visto que, esta pesquisa, problematiza e discute aspecto que ainda se revela uma carência nas práticas que são desenvolvidas em sala de aula: o domínio da tecnologia como ferramenta pedagógica em uma perspectiva mais sensível à cultura dos sujeitos envolvidos nas práticas de ensinar e aprender línguas: professores e alunos. Assim, você será motivado a refletir sobre a sua prática docente, sobre as concepções que subjazem a sua prática a fim de se tornar/ se perceber agente da interculturalidade.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa e, também, caso surja qualquer dúvida ou problema, você poderá entrar em contato com a pesquisadora desta pesquisa Sara Oliveira da Cruz, pelo e-mail oliveira.kid@gmail.com, ou com o Prof.^a Dr.^a Edleise Mendes, orientadora responsável pela pesquisa, pelo e-mail edleise.mendes@gmail.com.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFBA, pelos seguintes endereços:

Endereço: Rua Augusto Viana, s/n, 4º andar, sala 432-437. Canela, Salvador, Bahia. CEP: 40110-060.

Telefone: (71)3283-7615.

E-mail: cepee.ufba@ufba.br

O Comitê é formado por um grupo de pessoas que tem por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e assim, contribuir para que sejam seguidos padrões éticos na realização de pesquisas.

O presente termo é elaborado em 2 (duas) vias de igual teor: uma que ficará com os pesquisadores e outra com você. Todas as páginas deverão ser rubricadas por você, participante da pesquisa, e pelo pesquisador responsável, com ambas as assinaturas apostas na última página.

Assim, se você se sentir suficientemente esclarecido(a), solicito a gentileza de assinar sua concordância no espaço a seguir.

Eu,, declaro estar esclarecido(a) sobre a pesquisa intitulada “ Fiz um blog, e daí? Uma experiência de ensino de Português como língua estrangeira/segunda língua em perspectiva intercultural e crítica” e concordo em participar.

Autorizo a gravação da entrevista (ou imagem).

Não autorizo a gravação da entrevista (ou imagem).

Salvador, ___ de _____ de _____.

.....
Assinatura do(a) participante de pesquisa

Nome do participante:

.....
Assinatura do Pesquisador Responsável

Sara Oliveira da Cruz

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) II

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “ Fiz um blog, e daí? Uma experiência de ensino de Português como língua estrangeira/ segunda língua em perspectiva intercultural e crítica”, desenvolvida pela pesquisadora Sara Oliveira da Cruz, sob orientação da Prof^a Dr^a Edleise Mendes, do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

A pesquisa tem como objetivo geral de investigar e propor o blog como um ambiente favorável ao ensino de PLE/PL2 em perspectiva intercultural e crítica. Os resultados obtidos nesta pesquisa nos permitirão problematizar e discutir aspecto que ainda se revela uma carência nas práticas que são desenvolvidas em sala de aula: o domínio da tecnologia como ferramenta pedagógica em uma perspectiva intercultural e crítica.

Você será convidado(a) para falar sobre sua experiência com o ensino de PLE/PL2, através de uma entrevistas, bem como sobre suas aceções acerca desse contexto de ensino de PLE/PL2 via tecnologia digital em perspectiva intercultural e crítica. A entrevista ocorrerá após implementação do conjunto de atividades propostas por esta pesquisa. A entrevista somente será gravada se houver a sua autorização. A entrevista gravada será transcrita e armazenada, em arquivos digitais, mas somente terão acesso à mesma a pesquisadora e sua orientadora. Para que essa pesquisa atinja o objetivo o qual se propõe, o conjunto de atividades deve ser aplicado por você nas monitorias de PLE/L2, e eu observarei essas aulas. Esse conjunto de atividades será apresentado previamente para você, para que possamos planejar como se dará a aplicação/implementação e os passos a seguir. Você também será convidado a anotar as suas reflexões acerca das produções dos seus aluno e poderá ser convidado a disponibilizar informações adicionais, caso sejam necessárias. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEP/ENSP e, com o fim deste prazo, será descartado.

Informamos, ainda, que todos os dados da entrevista e das observações de aulas serão analisados qualitativamente pelos pesquisadores para refletirmos sobre as demandas e especificidades de um ensino de PLE/PL2 em perspectiva intercultural e crítica e que os resultados serão apresentados aos participantes em palestra dirigida ao público participante e às instituições coparticipantes.

Salientamos que essa pesquisa oferece risco mínimo a você. É possível que sinta algum desconforto ao responder questões sobre a sua prática docente e/ou ao ter a suas aulas observadas. Além disso, pode se sentir desmotivado para implementação das atividades. Caso sinta algum descontentamento ou desconforto maior, salientamos que a sua participação é voluntária, ou seja, você é livre para desistir de participar da pesquisa em qualquer momento que considerar oportuno, agora ou no futuro, sem nenhum tipo de prejuízo. Por fim, informamos que o material coletado pode ser utilizado em trabalhos acadêmicos; no entanto, nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores, e as identidades dos participantes serão preservadas de quaisquer identificações, garantindo, portanto, o anonimato de todos. Não haverá qualquer despesa ou compensação financeira relacionada à participação neste estudo.

O benefício relacionado com a sua colaboração, nesta pesquisa, é para as práticas de ensino de línguas estrangeiras e segundas, bem como para a formação de professores de línguas, visto que, esta pesquisa, problematiza e discute aspecto que ainda se revela uma carência nas práticas que são desenvolvidas em sala de aula: o domínio da tecnologia como ferramenta pedagógica em uma perspectiva mais sensível à cultura dos sujeitos envolvidos nas práticas de ensinar e aprender línguas: professores e alunos. Assim, você será motivado a refletir sobre a sua prática docente, sobre as concepções que subjazem a sua prática a fim de se tornar/se perceber agente da interculturalidade.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa e, também, caso surja qualquer dúvida ou problema, você poderá entrar em contato com a pesquisadora desta pesquisa Sara Oliveira da Cruz, pelo e-mail oliveira.kid@gmail.com, ou com o Prof.^a Dr.^a Edleise Mendes, orientadora responsável pela pesquisa, pelo e-mail edleise.mendes@gmail.com.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFBA, pelos seguintes endereços:

Endereço: Rua Augusto Viana, s/n, 4º andar, sala 432-437. Canela, Salvador, Bahia. CEP: 40110-060.

Telefone: (71)3283-7615.

E-mail: cepee.ufba@ufba.br

O Comitê é formado por um grupo de pessoas que tem por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e assim, contribuir para que sejam seguidos padrões éticos na realização de pesquisas.

O presente termo é elaborado em 2 (duas) vias de igual teor: uma que ficará com os pesquisadores e outra com você. Todas as páginas deverão ser rubricadas por você, participante da pesquisa, e pelo pesquisador responsável, com ambas as assinaturas apostas na última página.

Assim, se você se sentir suficientemente esclarecido(a), solicito a gentileza de assinar sua concordância no espaço a seguir.

Eu,, declaro estar esclarecido(a) sobre a pesquisa intitulada “ Fiz um blog, e daí? Uma experiência de ensino de Português como língua estrangeira/segunda língua em perspectiva intercultural e crítica” e concordo em participar.

Autorizo a gravação da entrevista.

Não autorizo a gravação da entrevista.

Salvador, ____ de _____ de _____.

.....
Assinatura do(a) participante de pesquisa

Nome do participante:

.....
Assinatura do Pesquisador Responsável

Sara Oliveira da Cruz

APÊNDICE E - Roteiro de entrevista semiestruturado I**ETAPA 1**

A ser utilizado durante a entrevista do professor em formação do NUPEL e do monitor do PROEMPLE.

INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROFESSOR EM FORMAÇÃO

1. Qual é o seu nome?
2. Qual é a sua idade?
3. Qual é a sua formação acadêmica?
4. Onde você ensina?

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DO PROFESSOR EM FORMAÇÃO

5. Como foi que você chegou ao NUPEL/PROEMPLE?
6. Em relação à docência em PLE/L2, essa é a sua primeira experiência?
7. O que você tem achado dessa experiência?
8. Qual foi a sua motivação para atuar no ensino de PLE/L2?
9. Você desenvolve pesquisas nas áreas de PLE/L2?
10. Além das aulas, você participa de outras ações de PLE/L2, por exemplo, Celpe-Bras?

INFORMAÇÕES SOBRE OS CENÁRIOS DA PESQUISA (NUPEL/PROEMPLE)

11. Como ocorre a distribuição de turmas no NUPEL/PROEMPLE?
12. Como que são planejadas as aulas no NUPEL/PROEMPLE? Por exemplo, cada professor planeja individualmente a aula com acompanhamento da coordenação ou há algum tipo de planejamento coletivo com os outros professores em formação?
13. Quando você planeja essas atividades, quais são as suas prioridades?
14. Há algum tipo de orientação da coordenação do NUPEL/PROEMPLE em relação às aulas? Por exemplo, na metodologia, na abordagem etc.?
15. Se você pudesse mudar/acrescentar três coisas, seja na estrutura, no planejamento seja nas aulas, quais seriam elas e por quê?
16. Há algum material didático/ de consulta para os alunos?

AUTOAVALIAÇÃO

- 17.** De um modo geral, o que você acha das suas aulas?
- 18.** Você já se sente / já se sentiu inseguro em algum momento dessa experiência?
- 19.** Houve disciplina(s) bastante significativa(s) para essa sua experiência?

TECNOLOGIAS DIGITAIS

- 20.** Na sua atuação docente, você tem feito uso de tecnologias digitais? Se sim, quais e como? Se não, por qual(is) motivo(s)?
- 21.** Na sua formação acadêmica, você fez alguma disciplina relacionada ao uso de tecnologias digitais no ensino? Comente.
- 22.** Você acha necessário/importante/relevante utilizar tecnologias digitais no ensino de línguas? Comente.

INTERCULTURALIDADE

- 23.** De que modo a cultura está presente em sua aula e na abordagem utilizada no curso?

APÊNDICE F - Roteiro de entrevista semiestruturado II**ETAPA 2**

A ser utilizado durante a entrevista dos tutores do PROEMPLE.

1ª entrevista a ser realizada antes da implementação do conjunto de atividades.

INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROFESSOR EM FORMAÇÃO

1. Qual é o seu nome?
2. Qual é a sua idade?
3. Qual é a sua formação acadêmica?
4. Qual foi a sua motivação para fazer essa licenciatura em PLE/L2?
5. Você desenvolve algum tipo de pesquisa na área de PLE/L2? Se sim, qual? Se não, qual o motivo?

EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO

6. Em relação à docência em PLE/L2, essa é a sua primeira experiência?
7. Como se dava o planejamento dessas aulas? Por exemplo, cada professor planeja individualmente sem/com do professor da disciplina de Estágio ou há um planejamento coletivo com os outros alunos da disciplina?
8. Havia algum tipo de orientação do professor de Estágio em relação às aulas? Por exemplo, na metodologia, na abordagem etc.?
9. Quando você estava/está planejando essas atividades, quais eram/são as suas prioridades?
10. Pra você, o que deve ser ensinado nas aulas de PLE/L2?
11. O que você achou dessa experiência?
12. No seu ponto de vista, quais foram os pontos positivos e negativos dessa sua experiência?
13. Além das aulas, você participa de outras ações de PLE/L2, por exemplo, Celpe-Bras?
14. Como você definiria a sua relação com os alunos?

2ª entrevista a ser realizada após a implementação do conjunto de atividades.

EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO

15. Por que você aceitou o convite de aplicar as atividades desta pesquisa?
16. Porque você escolheu a unidade rotina/preconceito para trabalhar com a sua turma?
17. Você já havia feito, em suas monitorias, algo parecido? Se sim, o que e como foi? Se não, por que não?
18. Inicialmente, o que você achou das atividades propostas por esta pesquisa? Isso mudou ao aplicar as atividades?
19. Você se sentiu, em algum momento, insegura ao aplicar as atividades? Por quê?
20. Como foi a aplicação das atividades?
21. Você faria alguma alteração naquela unidade? Quais modificações faria?
22. O que você acha que os alunos acharam dessas aulas?
23. A experiência de ter aplicado essas atividades contribui com a sua formação?
24. Como você avalia as atividades propostas e as produções finais apresentadas pelos alunos?
25. Você acha que o uso de tecnologias digitais, a exemplo do blog, pode contribuir com um ensino de PLE/L2 que favoreça o respeito com relação as características socioculturais e individuais dos alunos? Comente.
Essa pergunta foi reformulada para: De que modo o uso de tecnologias digitais, pra você, pode contribuir para o ensino de PLE?

AUTOAVALIAÇÃO

26. De um modo geral, o que você achou das suas tutorias?
27. Você consegue perceber algum impacto das suas tutorias na vida dos seus alunos?
28. Você já se sente / já se sentiu inseguro em algum momento dessa experiência?
29. Houve disciplina(s) bastante significativa(s) para essa sua experiência?

TECNOLOGIAS DIGITAIS

30. Na sua atuação docente, você tem feito uso de tecnologias digitais? Se sim, quais e como? Se não, por qual(is) motivo(s)?

31. Na sua formação acadêmica, você fez alguma disciplina relacionada ao uso de tecnologias digitais no ensino? Comente.
32. Você acha necessário/importante/relevante utilizar tecnologias digitais no ensino de línguas? Comente.

INTERCULTURALIDADE

33. De que modo a cultura esteve presente nas suas tutorias?
34. Houve algum embate cultural entre você e seus alunos? Se sim, qual foi a sua postura em relação a isso?
35. Quais eram as principais comparações que os seus alunos faziam entre o Brasil e o país deles?
36. Você se sente preparado para dialogar com os seus alunos sobre cultura?
37. No ensino de línguas, em especial PLE/L2, que cultura devemos abordar durante as aulas?
38. Para você é possível realizar ações interculturais durante as aulas de PLE/L2?
39. Por fim, gostaria de saber o que as aulas de PLE/L2 significam para você e para os seus alunos?

APÊNDICE G - Roteiro de entrevista semiestruturado III**ETAPA 3**

A ser utilizado durante a entrevista do professor em formação do NUPEL

PRIMEIRA PARTE - 1ª entrevista a ser realizada antes da implementação do conjunto de atividades.

INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROFESSOR EM FORMAÇÃO

1. Qual é o seu nome?
2. Qual é a sua idade?
3. Qual é a sua formação acadêmica?
4. Onde você ensina?

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DO PROFESSOR EM FORMAÇÃO

5. Como foi que você chegou ao NUPEL?
6. Em relação à docência em PLE/L2, essa é a sua primeira experiência?
7. O que você tem achado dessa experiência?
8. Qual foi a sua motivação para atuar no ensino de PLE/L2?
9. Você desenvolve pesquisas nas áreas de PLE/L2?
10. Além das aulas, você participa de outras ações de PLE/L2, por exemplo, Celpe-Bras?

INFORMAÇÕES SOBRE OS CENÁRIOS DA PESQUISA (NUPEL)

11. Como ocorre a distribuição de turmas no NUPEL?
12. Como que são planejadas as aulas no NUPEL? Por exemplo, cada professor planeja individualmente a aula com acompanhamento da coordenação ou há algum tipo de planejamento coletivo com os outros professores em formação?
13. Quando você planeja essas atividades, quais são as suas prioridades?
14. Há algum tipo de orientação da coordenação do NUPEL em relação às aulas? Por exemplo, na metodologia, na abordagem etc.?
15. Se você pudesse mudar/acrescentar três coisas, seja na estrutura, no planejamento seja nas aulas, quais seriam elas e por quê?
16. Há algum material didático/ de consulta para os alunos?

AUTOAVALIAÇÃO

17. De um modo geral, como você avalia as suas aulas?
18. Você se sentiu inseguro em algum momento nessa experiência?
19. Houve disciplina(s) bastante significativa(s) para essa sua experiência?

TECNOLOGIAS DIGITAIS

20. Na sua atuação docente, você tem feito uso de tecnologias digitais? Se sim, quais e como? Se não, por qual(is) motivo(s)?
21. Na sua formação acadêmica, você fez alguma disciplina relacionada ao uso de tecnologias digitais no ensino? Comente.
22. Você acha necessário/importante/relevante utilizar tecnologias digitais no ensino de línguas? Comente.

INTERCULTURALIDADE

23. De que modo a cultura esteve presente nas suas aulas?

SEGUNDA PARTE: 2ª entrevista a ser realizada após a implementação do conjunto de atividades.

EXPERIÊNCIA NO BOLSISTA APÓS A IMPLEMENTAÇÃO DO CONJUNTO DE ATIVIDADES

24. Por que você aceitou o convite de aplicar as atividades desta pesquisa?
25. Você já havia feito, em suas aulas, algo parecido? Se sim, o que e como foi? Se não, por que não?
26. Inicialmente, o que você achou da unidade “Racismo”, quando você pegou o material, que você folheou, o que você achou da atividade?
27. Você se sentiu, em algum momento, insegura ao aplicar as atividades? Por quê?
28. O que você acha que os alunos acharam da proposta?

29. Para você, como foi a aplicação das atividades? Como foi aplicar a atividade?
30. Você se lembra de, durante a aplicação da atividade, ter adicionado mais material ou ter retirado algo do roteiro?
31. A experiência de ter aplicado essas atividades contribui com a sua formação?
32. Como você avalia as atividades propostas e as produções finais apresentadas pelos alunos?
33. Você acha que o uso do blog, por exemplo, contribui com um ensino de PLE/L2 que favoreça o respeito com relação as características socioculturais e individuais dos alunos? Comente.

INTERCULTURALIDADE

34. De que modo a cultura esteve presente nas suas aulas?
35. Houve algum embate cultural entre você e os seus alunos? Alguma discussão que surgiu, algum comentário que surgiu?
36. Quais são as principais comparações que os alunos fazem entre Brasil e o seu país de origem?
37. Você se sente preparada para dialogar com seus alunos sobre cultura?
38. No ensino de línguas, em PLE/L2, que cultura devemos abordar durante as nossas aulas?
39. É possível, para você, realizar ações interculturais durante as aulas? Você entende o que são ações ou seriam ações interculturais?
40. Para você, o que significam as aulas de PLE/L2?

APÊNDICE H – Diário de campo: PFN América

1ª AULA OBSERVADA

Intermediário - 7 alunos

Nesta aula, após apresentar alguns exemplos de gêneros textuais, o PFN pediu que os alunos se reunissem em pequenos grupos para produzirem uma apresentação oral de 5 min., na qual simulassem um programa de fofoca/moda/culinária ou um jornal/noticiário.

Enquanto produziam, alguns alunos chamavam o PFN para tirar algumas dúvidas. Uma das alunas pergunta-lhe o nome de um campeonato de futebol que jogam todos os times brasileiros. O PFN responde Copa do Mundo, mas a aluna diz não ser esse o nome. O professor olha para mim, pergunta-me e respondo ‘Campeonato Brasileiro’.

O primeiro grupo apresenta um programa internacional de um outro país para falar sobre Salvador e “a tradição chamada Candomblé”. Eles falam um pouco sobre a moda que está associada a essa tradição, eles falam sobre as cores das roupas e os acessórios (colares, pulseiras, turbantes), o que os homens e as mulheres vestem e a festa que acontece em fevereiro que reúne muita gente, pessoas de diferentes lugares participam.

O segundo grupo apresenta o jornal do meio dia. Primeiro, eles informam sobre um terremoto que aconteceu na Venezuela, após passarem todas as informações sobre o terremoto, um dos apresentadores diz que “acreditam-se que o Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, tem a ver com a causa do terremoto. Todos riem. Em seguida, informam sobre um leão que foge do zoológico de Salvador e, por fim, da vitória do Bahia no Campeonato Brasileiro. O professor diz “Bora, Bahia”. Eles finalizam agradecendo a preferência, desejando boa noite e uma das apresentadoras diz “Bora, Bahia”. Todos riem e batem palmas, o professor diz “ótimo”.

O terceiro grupo apresenta o programa “Viva Melhor”. Nesse programa, elas dão dicas para cuidar melhor da saúde, e depois ensinam uma receita de bolo vegano. A apresentadora diz que antes de ensinarem a receita maravilhosa do bolo vegano, vão passar a vinheta com os patrocinadores do programa, todos riem. As alunas levantam-se para simular a preparação do bolo.

Antes de todas as apresentações, o professor colocava uma musiquinha para representar as vinhetas dos programas.

Após as apresentações, o professor menciona que, no início da aula, falou sobre diferentes gêneros textuais, e que, nas apresentações, eles fizeram diferentes tipos de gêneros: culinária, fofoca, notícias. Ele pergunta para os alunos quais as dificuldades que eles tiveram em pensar essas notícias, escrever esse roteiro em português, se foi difícil ou fácil. Algumas das respostas foram:

Aluna T (terceiro grupo): não foi muito difícil porque era um programa para mulheres que estão em casa assistindo televisão, foi muito divertido... muito engraçado, a gente gostou. Tomara que o que a gente escreveu, não sei se você vai corrigir isso, mas acho que foi muito bela a experiência. Só dificuldade com algumas palavras como liquidificador...

Aluna L (segundo grupo): foi mais difícil encontrar uma notícia para falar.

Aluno U (primeiro grupo): dificuldades para falar/pronunciar.

Em seguida, o professor faz algumas observações: pronúncia, vocabulário, sintaxe, semântica, contrações, vocabulários de outras línguas. Durante esse momento, os alunos riem muito dos desvios que cometeram. O professor comenta “No mais, parabéns pela desenvoltura, risos e piadas” e pergunta se eles têm alguma pergunta, dizem que não. Por fim, o professor faz uma recapitulação de tudo o que foi visto na aula: gêneros textuais (os principais gêneros textuais, produção de uma carta, gêneros textuais na TV, revisamos atividade de casa). Ele sinaliza que há a produção do resumo para ser feita durante o fim de semana e entregar na próxima semana para que ele corrija e dê um feedback das produções.

ANEXO A - É o tchan: O charme de Salvador

sábado, 8 de junho de 2013

É o Tchan: O charme de Salvador

Por T.S

Nível Intermediário II

É o Tchan: O charme de Salvador

Devo começar este post por escrever que sou gringo, venho de fora, e passei um ano inteiro aqui.

Na minha universidade nos Estados Unidos, temos bastante brasileiros. Todos são ricos e são gaúchos, paulistas ou cariocas. São filhos de diplomatas ou engenheiros. Quando eu lhes disse que ia fazer intercâmbio no Brasil, me perguntaram na qual universidade em São Paulo eu ficaria. Ao eu dizer que eu ia para Salvador da Bahia, os rostos deles furaram, me perguntando por que eu iria lá.

“Sô tem Carnaval!”

“Pra que você vai lá? Tem nada.”

“Eles gostam de roubar ali. Perigosa, aquela cidade.”

“São mal-educados!”

E, para ser honesto, esses brasileiros tão preconceituosos tiveram razão. Esta cidade se vende como se somente tivesse Carnaval. Até os próprios baianos, ao saberem que passei Carnaval aqui, me perguntam se gostei de Carnaval. Eles se esquecem das outras cinquenta e um semanas que passei nessa cidade, e se enfocam numa semana só, como se fosse a única que prestará na minha lembrança. Por ser a terceira cidade brasileira por população, não tem tantas coisas para fazer. Eu plenamente nego a vista que “tem nada”, mas haverá sim dias onde você vai fazer absolutamente nada, por falta de diversão (ou perigo). Existe uma cultura tão forte de praia, que isso é o que fazemos quando não tivermos nada para fazer.

Essa cidade? Perigosa? MUITA. Graças a Deus, nunca fui roubado, espancado ou mexido enquanto fiquei em Salvador, mas pessoas demais não têm tal sorte. Em frente dos meus próprios olhos, vi pessoas sendo roubadas. Vi brigas entre viciados da rua, vi gringos e brasileiros tentado a comprar adolescentes/crianças para “comer”, por que nessa cidade, a cidade de Carnaval, “pode tudo.” Essa cidade pode ser suja, podre, DURA. Essa cidade me faz lembrar uma frase dita por Antônio Carlos Jobim. Disse:

“Brasil não é para principiantes”

O país é um jogo duro. Imagine o coração dele, o início dele..!

Mas, através de tudo, eu fui. E eu amei. Amei mais que palavras, sejam inglesas ou portuguesas, podem descrever. A única outra cidade que me faz sentir assim é Nova Iorque, e isso é por que é a minha cidade-natal.

Nem posso dizer direito por que, pois quando tento a explicar, as razões parecem tão à toa. Agora, estamos no tempo de chuva, então a cidade fica molhada de chuva. Mas espere aí. Daqui a pouco há sol, sol e mais sol. Clima influencia pessoas. As roupas aqui são mais coloridas, por que o clima e a natureza aqui brilham com tanta paixão. Sempre tem barulho –de que gosto- por que o tempo permite pessoas ficarem fora da casa por mais tempo. O clima aqui faz a cidade brilha num jeito que os paulistas e os gaúchos, que SEMPRE vêm para aqui para passarem Carnaval, só podem desejar por as cidades deles.

Pessoas acham que baianos são exagerados, usando palavras esquisitas e únicas à cidade. E baianos são. Baianos não gostam de rir, gostam de MORRER de rir. Não gostam de dançar, preferem SACUDIR a praça. Não gostam de sair com alguém, preferem muito mais a namorar, ficarem plenamente apaixonados. Baianos não andam nessa vida, eles pulam, rebolam, correm, gingam, choram e gritam até o fim da corrida. Brasileiros têm o estereótipo de terem mais “calor humano” que, por exemplo, Americanos. Não concordo. Os gaúchos são BEM mais afastados, também os paulistas, mineiros e tal. Mas, baianos são diferentes. Só aqui, nesta cidade “cheia” de mendigos, ladrões e tristeza, que vejo pessoas segurando as coisas das outras no ônibus. Geralmente, quando alguém está em pé no *buzú*, um sentando vai oferecer segurar as coisas que aquele em pé está mantendo. Isso aqui é incrível, e diz muito sobre o povo baiano.

Essa cidade tem história. Muita história. A primeira capital desse país tão grande e poderoso. O berço de samba, o gênero musical brasileiro que sempre é destacado, mais que qualquer ritmo de sertanejo mineiro pode tentar a ser. Apesar do que os cariocas pensam, a corte portuguesa passou por Salvador primeiro, ANTES da “Cidade Maravilhosa.” O primeiro elevador brasileiro? É aqui. O início de miscigenação brasileira, uma coisa pela qual o Brasil tem orgulho, começou aqui. É difícil negar tão importante essa cidade é pelo país. Quando Getúlio Vargas, o ditador brasileiro, começou a vender o Brasil ao mundo, ele usou duas cidades: Rio de Janeiro, a então-capital e a então-cidade mais populosa, e Salvador da Bahia.

Sei que esta cidade tem problemas. Problemas graves que temo que não vão ser acertados. Corrupção aqui é tão implantada que faz parte da cultura, as ruas fazem sentido nenhum e é mais fácil achar craque na esquina que pegar um dos ônibus tão sujos e lotados. Esta cidade sofre racismo como nunca vi noutras cidades. Eu, tão escuro que sou, é “moreno” por ser educado e com dinheiro, pois negro aqui tem...sentidos. Mulheres são tratadas como se fossem feitas para sexo somente, e se você é loira, meu Deus. Educação aqui...Já chega. Esta cidade fede quando chove, fede quando tem sol, fede quando EXISTE. Pessoas jogam lixo na rua, prejudicando uma cidade com tanto potencial. Ninguém quer ficar aqui, todo mundo quer ir para o Rio, São Paulo, Minas Gerais ou até fora do país. Por quê? Realmente não tem muito aqui. Praças como Campo Grande, que podem ser lindas e lugares para encontrar os seus amigos, viram perigosas a qualquer momento, mesmo que a polícia se situe na esquina da Praça de Campo Grande. Essa cidade é muito carente e entendo se alguém sai de lá odiando.

Mas essa cidade tem *tchan*. Tem uma coisa que ninguém pode descrever direito. Todo mundo gosta de ver uma baiana dançando samba. Todos nós queremos ir para Praia de Itapuã, para passar um dia fazendo absolutamente nada. Gostamos de pegar um *buzú* de Campo Grande até Cidade Baixa, só para ver a vista da baía, que até baianos velhos gostam de se reparar e ver. Quem não gosta de bater-papo com aquelas baianas de acarajé? E quando tem Carnaval, todo mundo –Baianos, Paulistas, Ingleses, Americanos, Chineses, Mexicanos- cantam essas letras:

Ah, que bom você chegou

Bem-vindo a Salvador

Coração do Brasil (do Brasil)

Vem, você vai conhecer

A cidade de luz e prazer

Correndo atrás do trio

Postado por [sara oliveira](#) às 20:59

Reações: engraçado (0) interessante (0) legal (0)



Marcadores: [O que os meus alunos têm a dizer do Brasil?](#)

Fonte: Blog *Vivendo no Brasil*

ANEXO B - Comentários da postagem “É o tchan: O charme de salvador”

8 comentários:



Sara Oliveira 9 de junho de 2013 21:50

Menino de Nova Iorque, que texto lindo! Fiquei muito emocionada. Quando ouço esta música "Ah , que bom você chegou...", meu coração dispara, meus olhos ficam cheios de lágrimas e chego a pensar "aqui é o melhor lugar do mundo". Viva o carnaval! Viva essa magia!

[Responder](#) [Excluir](#)



Rebecca Dumas 10 de junho de 2013 21:06

Este comentário foi removido pelo autor.

[Responder](#) [Excluir](#)



NANA TAZAWA 10 de junho de 2013 22:07

Muito lindo,amei! Suas expressões são férteis! A parte de ônibus, eu também me sinto estranha.. Quando fica lotado eles sempre me perguntam se segurar a minha mochila. No início , achava que era um tipo de roubar, será? Mas não era.

É uma cidade misteriosa..

[Responder](#) [Excluir](#)



Sara Oliveira 11 de junho de 2013 01:24

"Binha (bem lembrado, Rebecca), aproveite o carnaval, deixe para pensar na desigualdade depois do carnaval, viu?! É só uma dica, viu?! " Acho que foi mais ou menos assim o conselho que ele me deu na aula. Rs

Vai voltar para Nova York e vai sentir falta do nosso 'oxente' e da nossa 'binha'.

[Responder](#) [Excluir](#)

Anônimo 11 de junho de 2013 13:16

Concordo com algumas das suas impressões. Salvador tem algum charme sim, que é difícil explicar, como tem carências inacreditáveis. Mas, tem melhorado nos últimos 15 anos ou mais. É uma cidade brutalmente injusta. O 20% mais acomodado da população vive com apenas 480 reais por mês, ou seja, 240 dólares. É só ver os valores dos seguros de saúde para saber que quase um 90% da população tem um acesso precário a algo tão fundamental.

A solidariedade no ônibus, que eu também experimento com surpresa, pois contrasta com a violência cotidiana, parece ser um efeito da solidariedade que gera a pobreza. Ao inves da prepotência e o mínimo cuidado que os automobilistas tem com quem caminha pela rua.

A respeito da sexualidade e a tolerança com o sexo, acho que o que existe mesmo em Salvador é que as mulheres gostam e disfrutam mais do sexo e do erotismo. E isso, não é um problema, mas um sinal de cultura que podemos contrapor a prostituição, ainda que possa ser confundido. Segundo as estatísticas, a maior quantidade de prostitutas por homes existiu na Inglaterra vitoriana, ou seja, puritã. Imagino -seguindo a interpretação de Freud- que foi um efeto da moral que precisava a acumulação de capital requerida pelo capitalismo financeiro imperial. Pelo mesmo, a cantidade de históricas quase produzidas industrialmente (e que na idade média eram quemadas por mentirosas). Felizmente, Freud consegue compreender o drama dessas mulheres e percibir que não mentiam, senão que produto da moral vitoriana fabulabam agresores na sua mente desejante.

W.P.



Shannon Casey 12 de junho de 2013 12:37

Adorei seu texto, binha! Concordo completamente com seus pensamentos. Adoro essa cidade para razões que não posso explicar, mas ao mesmo tempo, tem coisas que não entendo e queria mudar, tipo as problemas que você mencionou - drogas, o lixo no chão, racismo, tratamento da mulher, etc. Mas, como não é possível para replicar o brilho e o caráter desta cidade em outros lugares, não é possível se livrar de todas as coisas ruins. É uma balança...e tenho muito admiração para baianos pelo fato que eles têm a maior quantidade de alegria do mundo além da corrupção da cidade deles. Eles verdadeiramente amam e aproveitam vida e eu acho que isso é como deveria ser.

[Responder](#) [Excluir](#)

Anônimo 12 de junho de 2013 23:59

Também recebi muitos comentários antes de vir para cá, dos brasileiros que eu conheço. O tipo de comentário que disse, ao melhor, "ah, sim, isso vai ser uma experiência bem CULTURAL". Quem sabe o que é isso? Cultural. Só. Agora eu sei. Cultural significa difícil, forte, e LINDA. Gostei do post!

L.P.

[Responder](#) [Excluir](#)

Anônimo 14 de julho de 2013 21:34

Gostei muito deste texto que descreve, em pormenor e talento, a atmosfera geral de Salvador. O autor consegue a nós fazer ressentir o que todos já ressentiram, especialmente quando se trata dos problemas da cidade. Sobre os aspectos positivos, que são geralmente ligados com a atmosfera festiva da cidade, a minha experiência aparece um pouco diferente (menos intensiva) do que o texto apresenta.

De fato, se eu fosse mais jovem, eu provavelmente iria dizer que, apesar de todos os problemas, eu adoro Salvador : a excitação da viagem, a novidade, o clima tropical, as praias, a comida e o melhor, a beleza natural de uma mulher baiana que sorri com os dentes, os olhos e o corpo quando dança samba, forró ou pagode... É claro que esses aspectos podem ser muito impressionantes para uma pessoa de um outro país que deixa o seu continente talvez pela primeira vez. Mas na verdade, existe outros lugares no mundo onde o exotismo dos trópicos e a alegria dos costumes africanos se misturam harmoniosamente sem todos os problemas de Salvador (por exemplo Reunião, uma ilha francês no oceano índico). Por isso, acho difícil aproveitar completamente a atmosfera festiva da cidade.

O que me surpreende também, é que o autor não faz menção nenhuma de um outro aspecto muito importante do Brasil, bem visível em Salvador : a economia. O Brasil é o país do futuro. Isso é verdade. Um exemplo disso que eu gosto é o seguinte. Na França, para uma vaga de professor da universidade tem 150 candidatos, enquanto no Brasil, não é raro de ter mais vagas de professor de que candidatos. É absolutamente incrível! Na minha opinião, é realmente isso que faz que Salvador, e mais geral o Brasil, seja atraente : é uma terra de esperança.

M.M.

[Responder](#) [Excluir](#)

ANEXO C - Objetivos dos cursos de Português como Língua Estrangeira (PLE) - NUPEL

Português para de outras línguas

Objetivos dos Cursos de Português como Língua Estrangeira (PLE) – NUPEL

Ao final do nível Português como Língua Estrangeira (PLE) 1, espera-se que o aluno seja capaz de:

Compreender textos orais, escritos e multimodais, sobre temas do cotidiano.

Compreender textos escritos curtos, como instruções, manchetes, legendas, quadrinhos, charges, propagandas, notícias, canções, *blogs* etc.

Comunicar-se oralmente para resolver situações do cotidiano

Escrever e-mails, cartões postais, pequenos relatos sobre experiências pessoais; descrever personagens e objetos; construir diálogos.

Ao final do nível Português como Língua Estrangeira (PLE) 2, espera-se que o aluno seja capaz de:

Dar opiniões; tomar partido; confirmar; contradizer; definir; dar e seguir instruções para se atingir uma meta; pedir e oferecer ajuda; expressar contentamento, preocupação, dúvida, certeza, incerteza, possibilidade, esperança, necessidade, gostos, preferências, simpatia, antipatia; pedir permissão; definir parentesco; aconselhar; caracterizar e descrever ambientes, cenários, ações e atitudes; comparar pessoas, objetos, ambientes, cenários; demonstrar compreensão de códigos sociais da cultura alvo, contrastando-os com os da cultura de origem.

Ao final do nível Português como Língua Estrangeira (PLE) 3, espera-se que o aluno seja capaz de:

Demonstrar compreensão de textos orais, escritos e multimodais representando conversas informais e semiformais; participar de entrevistas sobre temas do cotidiano - temas das culturas do Brasil, do país de origem e do mundo contemporâneo; identificar, na fala e na escrita, circunstâncias do tipo: onde, como, quando, quem, percebendo detalhes; distinguir fatos de opiniões, fatos de hipóteses, ideias principais de secundárias, causas de consequências.

Produzir textos orais, escritos e multimodais de gêneros e tipos variados de maior complexidade.

Ao final do nível Português como Língua Estrangeira (PLE) 4, espera-se que o aluno seja capaz de:

Iniciar e estimular a continuação de uma conversa; definir, expressar condições e requisitos; expressar a intenção, avaliar a situação; expressar agrado, desagrado, preferências; pedir, sugerir uma atividade; expressar fé ou convicção; prometer, oferecer-se a fazer algo; solicitar, cobrar o prometido.

Ao final do nível Português como Língua Estrangeira (PLE) 5, espera-se que o aluno seja capaz de:

Demonstrar compreensão de textos orais, escritos e multimodais representando conversas informais e semiformais; participar de entrevistas sobre temas do cotidiano - temas das

culturas do Brasil, do país de origem e do mundo contemporâneo; preparar e realizar seminários sobre textos escritos e multimodais – livro ou capítulo de livro (literário e/ou não literário), filme, peça de teatro.

Demonstrar compreensão e capacidade de utilização de itens lexicais de um mesmo campo semântico em enunciados lidos ou escritos.

Ao final do nível Português como Língua Estrangeira (PLE) 6, espera-se que o aluno seja capaz de:

Usar a Língua Portuguesa em variadas situações e registros distintos para resolver problemas da vida social, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita; demonstrar compreensão e capacidade de uso de diferentes normas linguísticas – normas do português popular, norma culta.

Assistir a filmes nacionais, a peças do teatro brasileiro, documentários e telenovelas, demonstrando compreensão e capacidade de discuti-los criticamente.

Ler jornais e revistas nacionais, analisá-los e emitir seu ponto de vista fundamentado em argumentos concretos.

Produzir textos de gêneros discursivos distintos.

Nos cursos de Português como Língua Estrangeira (PLE), não há um único manual didático adotado. Os Professores em Formação selecionam e produzem os materiais didáticos para cada nível, personalizados para o aprendiz de PLE. Manuais didáticos, dicionários e gramáticas são indicados para estudos individuais.

FONTE: <https://nupel.ufba.br/portugues>

ANEXO D - Comentários na Postagem do Aluno C no blog *Falando Português*¹³²

25 Comments



Ridson Reis 5 de agosto de 2018 at 20:17 [Reply](#)

Tychique, primeiro gostaria de te parabenizar pelo belo texto. E, também, pela belíssima música escolhida. O Chico César é um ícone enquanto cantor e enquanto político e me representa muito.

Por isso, parabéns e obrigado.

Gostaria de escrever algumas coisas sobre o que percebi da música. É só pra levantar uma reflexão, sem estar na busca do certo ou errado, tudo bem?

Eu sou Ridson Reis, Ator, músico e produtor do Bando de Teatro Olodum, de Salvador. Grupo que está na ativa a quase 30 anos e militando junto às causas negras. Discutimos o racismo e outras formas de opressão em todos os nossos espetáculos. Dito isso, vamos lá. (Risos)

Então, quando diz que antes de chegar no Brasil achava que os brasileiros tinham homogeneidade de raça, acredito que seja em função do que as grandes mídias nacionais levam ao mundo. Como você mesmo descobriu quando chegou, somos um povo bem heterogêneo – em raça, cultura, língua – e, infelizmente, não é isso que é mostrado. E, acho que, é essa grande diversidade que encanta e constrói.

Quando o Chico diz que a alma não tem cor, mas é Multicolor – essa é a leitura que eu faço – ele enfatiza o fato de sermos diferentes e o quanto isso é belo e poético.

Eu toquei nesse ponto porque acho que foi feliz no final do texto quando diz que somos todos humanos. Somos humanos, sim. Mas somos todos diferentes: em pensamento, em gostos, em língua, em cultura.

E aqui no Brasil quando usam esse termo “raça só existe uma, a raça humana” é pra enfraquecer o discurso dos movimentos negros de militância.

Essa uma forma mais sofisticada de dizer que estamos de “mimimi” quando falamos sobre o racismo. Entende?

Enfim, como disse antes, só pedi permissão pra escrever pra gente poder abrir essa discussão e gerar uma reflexão mais aprofundada sobre o assunto. E esse é meu olhar sobre a música, não quer dizer que estou certo.

Fico muito feliz por estar se adaptando ao Brasil e nos enriquecendo com sua cultura e visão de mundo.

Abraço.



TYCHIQUE ESAO NDJOLI 6 de agosto de 2018 at 00:09 [Reply](#)

quando eu falei, nós somos dos seres humanos no contexto referindo-se da bíblia que estipule: “somos criados somente pelo Deus e temos que ter a amor de próximo”.

¹³² Postagem “Alma não tem cor – Chico César”. Link: <https://www.falandoportugues.com.br/2018/08/05/alma-nao-tem-cor-chico-cesar/>.



Josenéia Costa 6 de agosto de 2018 at 11:01 [Reply](#)

Concordo com as palavras de Rudson Reis. Permitam-me falar também! Tychique, é preciso ter muito cuidado com o mito da democracia racial que tentou por muito tempo construir um discurso para incutir uma ideia de homogeneidade, harmonia racial entre brancos e negros. Forma política e ideológica de pregar uma ausência de discriminação racial, mas que só reforça tais práticas de maneira dissimulada. A realidade racista ainda existe em várias situações em nossa sociedade. É só estarmos atentos para percebermos isso... e uma certeza é de que temos sim alma colorida por sermos diferentes e únicos. "(...) O conflito racial não dá para nublar. Ele permanece aqui hoje, estruturando a sociedade brasileira, organizando a própria estrutura de classes sociais." (Sueli Carneiro. Revista Cult, maio 2017).

Pensemos nisso e nas estratégias de luta, resistência e mudanças.

Abraços!



Sara Oliveira 15 de setembro de 2018 at 11:21 [Reply](#)

Gostaria de participar dessa discussão compartilhando uma entrevista do antropólogo Kabengele Munanga, que também é congolês como o nosso querido Tychique.

Nessa entrevista, Munanga discorre sobre o mito da democracia racial, branqueamento, negritude e sistema de cotas. Este é o link da entrevista:

<https://www.geledes.org.br/kabengele-munanga-professor/>

Boa leitura!



Francieli 6 de agosto de 2018 at 21:05 [Reply](#)

Olá, Tychique! Parabéns pelo blog! Wow! Eu já amei o conteúdo. Gostei muito da música e do fato de você ter tratado das questões que transbordam nela. Realmente, acredito que a maioria das pessoas gostaria que o Brasil fosse diferente. Eu gostaria de viver em um país onde o racismo e o preconceito não existissem, mas infelizmente, ele AINDA reside aqui, e dentro de muitas pessoas.



Francieli 6 de agosto de 2018 at 21:14 [Reply](#)

Amei o blog

Gostei da música e parabéns pela iniciativa!



TYCHIQUE 7 de agosto de 2018 at 04:52 [Reply](#)

Muito obrigado



Rita 7 de agosto de 2018 at 07:40 [Reply](#)

Olá Tychique!

Eu sou Rita e sou professora de português como língua de herança. Estou impressionada com o seu texto 😊 Em 6 meses de Brasil você já escreve assim? Parabéns!

Gosto muito do Chico Cesar e dessa música que você citou. Acho a sua reflexão bastante pertinente. Eu, assim como você, concordo que so os uma só raça com suas diferenças, e precisamos aprender que nossas diferenças não nos fazem melhores ou piores uns dos outros.

Infelizmente há muito preconceito no Brasil, e isso só se vence com educação.

Um abraço e parabéns novamente pelo seu ótimo texto!



TYCHIQUE ESAO NDJOLI 9 de agosto de 2018 at 11:30 [Reply](#)

MUITO OBRIGADO



Michelle 7 de agosto de 2018 at 07:57 [Reply](#)

Tychique, parabéns por contar a sua experiência e iniciar esta enriquecedora discussão!



TYCHIQUE ESAO NDJOLI 9 de agosto de 2018 at 11:31 [Reply](#)

Valeu!



Deborah 16 de agosto de 2018 at 16:31 [Reply](#)

Parabéns pelo blog e por compartilhar conosco as suas experiências! Essa música é realmente muito bonita. Abs!



Francesca GOMEZ 23 de agosto de 2018 at 09:28 [Reply](#)

Olá! Sou Francesca estudante pec-G. Gostei do assunto e do relacionamento que você fez dele com sua fê, seus pensamentos sua experiência e essa música bonita que você escolheu de acordo com o assunto. Foi legal, gostei. Parabéns colega.



Igor Fogaça 31 de agosto de 2018 at 16:22 [Reply](#)

Parabéns, Tychique pelo belo texto.

Além de estar escrevendo muito bem em língua portuguesa, você demonstrou um pensamento bem coerente.

Inicialmente, pelo que entendi, você achava que no Brasil não havia discriminação, por isso disse que seríamos "homogêneos", mas depois percebeu que não era bem assim. Em seguida você diz que o problema da discriminação está pelo mundo todo, muitos discutem isso, até em congressos, mas você não vê mudanças.

A escolha da música do cantor Chico César talvez tenha sido uma forma de mostrar aos racistas que a alma não tem cor, que somos todos iguais por dentro, e por isso a discriminação é algo burro. Não devemos nos achar melhores em virtude de sermos de uma raça porque a grande verdade é que somos iguais, nossas almas são todas multicores. Por causa disso a lógica racista não tem fundamento plausível.

Eu não conhecia essa música, mas conheço outra de Chico César, chamada "Mãe África". Você conhece essa?

Forte abraço



NAIR MORBECK 15 de outubro de 2018 at 13:19 [Reply](#)

Vou sentir saudade desse menino! Quero deixar meus parabéns pelo progresso com a língua portuguesa. Tychique foi aquele aluno que não aceitava fácil qualquer sugestão, sempre questionava o porquê das coisas, e isso fez com que aprendesse mais o contexto da língua. Pude ver seu progresso a cada texto escrito e suas cobranças com a urgência de um feedback. Parabéns Tychique e sucesso e realizações de seus sonhos!



Rebeca Galvão 29 de outubro de 2018 at 22:35 [Reply](#)

Olá, Tychique. Gostaria de dizer que seu texto é muito bom, sua experiência no Brasil é de muito proveito para vermos como somos vistos e o que podemos fazer a respeito, infelizmente alguns estereótipos são difíceis de serem eliminados, como dessa homogeneidade. À primeira vista, quando olhamos para algo de longe não vemos o que está por dentro, suas multicores, multifaces – por isso achou que éramos homogêneos. Mas quando nos permitimos estar submersos nesse “algo” conseguimos ver todos esses aspectos, essa heterogeneidade, como você destacou na música, muitíssimo interessante, a propósito. A visão de alma que o autor tem, consegue tocar e passar uma mensagem muito profundo sobre o respeito e o combate ao preconceito. Afinal, a beleza de sermos heterogêneos é o que nos faz únicos dentro dessa igualdade que destacou -somos humanos. Infelizmente, alguns de nós não lida muito bem com essas multicores, mas o que vale é: não deixe de si redescobrir, de ser multicores, olhares adversos sempre vão existir. Como dizem “as pessoas temem o que não conhecem” Mas não podemos nos tornar homogêneos por conta disso.
Abraços!



JACIARA DAS NEVES 30 de outubro de 2018 at 20:19 [Reply](#)

Parabenizo pelo texto, e pela escolha da musica. Como já mencionado nos comentários anteriores, você está se desenvolvendo muito bem no conhecimento e uso da língua, apresentando um entendimento claro e coerente.
Desejo-lhe sucesso!!!



Tatiana Conhago 30 de outubro de 2018 at 23:47 [Reply](#)

Olá, Tychique! Obrigado pelo seu blog, suas palavras me levaram a pensar sobre muitas coisas, acredito até que me ajudou a resignificar alguns conceitos e a pensar sobre que Brasil é esse, do qual você descreve tão bem com poucas palavras? O Brasil não tem cor, e sim, muitas cores, é certo. Me pergunto se o que vivemos hoje é porque boa parte do Brasil não sabe disso e pensa ser algo que na verdade não é, vendendo uma imagem falsa do Brasil ao exterior, ou o Brasil ainda é tão desconhecido para o estrangeiro, que ainda chega aqui achando que vai encontrar algo que não existe???? Adorei a música de Chico César, não a conhecia.



Uilber 31 de outubro de 2018 at 23:11 [Reply](#)

Tychique, excelente escrita e escolha de música. Sua escrita é muito boa e toda a sua percepção do nosso país também. Achei muito bom você ter usado o termo “preconceito humano” e como a música lhe sensibilizou tanto. Abraços e muito sucesso na sua carreira!



Uilber 31 de outubro de 2018 at 23:28 [Reply](#)

Tychique, ótima escrita e escolha de música. Achei interessante sua escolha para o termo “preconceito humano” e como a arte realmente é uma ferramenta de aproximação cultural, já que gostou dessa canção e seus significados. Sucesso em sua carreira!



Lorrany Castro 5 de novembro de 2018 at 00:02 [Reply](#)

Que coisa mais linda Tychique! Que orgulho em ter conhecido alguém com essa alma, com essa luz que você tem! Essa sensibilidade é pra poucos! Muitos ouviram ou ouvirão essa música sem se quer entender uma estrofe! Mas você tem a mesma sutileza dessa letra, você é especial! E esse português?! Que coisa mais linda! Você é um orgulho, você encheu meu coração de esperanças, de esperança na humanidade! Muito sucesso em TUDO o que você fizer em sua vida! Obrigada por ser quem você é! O mundo precisa de mais pessoas como você!



Tychique 5 de novembro de 2018 at 23:39 [Reply](#)

Muito obrigado pelos seus elogios em mim



Jaqueline Miranda 5 de novembro de 2018 at 06:50 [Reply](#)

Olá, Tychique! Sou do grupo de francês J'aime le français. Adorei seu texto, nos leva à algumas reflexões e a percepção que existe o Brasil exportação e o Brasil real, acredito que vc tenha conhecido os dois, pelo que relatou com sua primeira impressão sobre nosso país. Infelizmente, eu acredito que alguns erros são intrínseco ao ser humano, como o preconceito e a discriminação, não só racial, mas social, religioso, etc, pois isso existe desde que o mundo é mundo e nao sei se um dia acabará. Todo ser humano sofre, de alguma forma, desse mal.



Jaqueline Miranda 5 de novembro de 2018 at 06:54 [Reply](#)

Olá, Tychique! Sou do grupo de francês J'aime le français. Adorei seu texto, nos leva à algumas reflexões e a percepção que existe o Brasil exportação e o Brasil real, acredito que vc tenha conhecido os dois, pelo que relatou com sua primeira impressão sobre nosso país. Infelizmente, eu acredito que alguns erros são intrínseco ao ser humano, como o preconceito e a discriminação, não só racial, mas social, religioso, genero, etc, pois isso existe desde que o mundo é mundo e nao sei se um dia acabará. Todo ser humano sofre, de alguma forma, desse mal.



Tychique 5 de novembro de 2018 at 23:37 [Reply](#)

Muito obrigadodobrigado pela sua atenção no meu texto.

Fonte: Blog *Falando Português*

ANEXO E - Comentários na Postagem do Aluno D no blog *Falando Português*¹³³

7 Comments



TYCHIQUE ESAO NDJOLI 9 de agosto de 2018 at 11:27 [Reply](#)

Muito obrigado pelo blog mas eu acho que nao há todo o mundo que possui aquela alegria vc tem, fazendo a amizade aqui no Salvadorm e além depende da coragem de cada um (a) e também da visão de cada um (a).

por fim, fazer a amizade é muito bem para se conhecer, se compartilhar conhecimento e já acostumar a suportar gente. vc está de parabéns



Dorland Crehans 9 de agosto de 2018 at 12:04 [Reply](#)

Parabéns Olívia. Seu texto é ótimo.



Octavio 9 de agosto de 2018 at 12:15 [Reply](#)

Eu estou totalmente certo com você Olívia. É verdade que a vida nem sempre é rosada mas temos que considerar as amizades e ter cuidado dessas quando elas são de verdadeiras. Ninguém conhece o futuro e eu acho que os relacionamentos de hoje são a porta da saída de amanhã.

Boa sorte para você e para todos os alunos estrangeiros no Brasil...
Viva Amizade.!



Francesca GOMEZ 23 de agosto de 2018 at 10:23 [Reply](#)

Eu li na internet um pensamento que diz que a amizade comeca no momento alguém diz ao outro: "E tá!!!! Você também!!!" Então, acredito que todos nós que temos esta amizade juntos temos alguma coisa em comum. Que seja fazer parte do mesmo programa de intercâmbio ou tem uma paixão no comum... E mais que tudo, espírito bem aberto para acolher o outro é a porta. E você tem essa abertura. Algo nós uniu e você falou bem no seu texto.

Olívia, adorei seu texto. É ótimo!!!



Igor 15 de outubro de 2018 at 11:15 [Reply](#)

ótimo texto, Olívia. você é uma poeta!



NAIR MORBECK 15 de outubro de 2018 at 13:13 [Reply](#)

Sinto tanto orgulho dessa menina, sou testemunha de seu esforço no aprendizado da língua portuguesa. Seu empenho nos encontros e nas atividades a levaram a esse resultado brilhante. Parabéns Olívia!



Karine Rosário 27 de outubro de 2018 at 17:46 [Reply](#)

Olha que poesia maravilhosa, lindas expressões Olívia, espero que essas amizades que você fez, seja válida para uma vida toda.

Fonte: Blog *Falando Português*

ANEXO F - Comentários na Postagem do Aluno E no blog *Falando Português*¹³⁴

8 Comments



Denise 14 de agosto de 2018 at 07:04 [Reply](#)

Olá, Landry,
Bem vindo ao Brasil. Você se acostumou rápido com o calor da Bahia e dos baianos?
Um abraço de Minas Gerais



Landry mumble Koyambele 27 de setembro de 2018 at 19:53 [Reply](#)

Olá,Denise!
Muito obrigado, para nos estrangeiros é uma obrigação de se acostumar e também se adaptar rapidamente no qualquer lugar daqui. se não vai estar muito complicado a nos de viver bem.



Francesca GOMEZ 23 de agosto de 2018 at 09:36 [Reply](#)

Gostei de seu texto Landry. Ele me faz rir mesmo se o que você falou é sério. Eu rir porque parece um pouco de me. E claro, um pouco de cada nós estrangeiros ao chegando aqui no Brasil. Parabéns Landry! Falou bem!
Francesca GOMEZ



Lucas Vidal 28 de agosto de 2018 at 19:36 [Reply](#)

Que massa, cara! Espero que você se desenvolva muito aqui. Um abraço!



Landry mumble Koyambele 27 de setembro de 2018 at 19:51 [Reply](#)

Olá,Denise!
Muito obrigado, para nos estrangeiros é uma obrigação de se acostumar e também se adaptar rapidamente no qualquer lugar daqui. se não vai estar muito complicado a nos de viver bem.



NAIR MORBECK 15 de outubro de 2018 at 13:24 [Reply](#)

Landry com seu jeito tímido, quieto soube bem perceber as diversas possibilidades da língua portuguesa, foi crescendo no aprendizado de forma rica e proveitosa. Foi um grande prazer conhecê-lo e poder contribuir com um mínimo para a construção desse novo saber. Parabéns pelo texto e parabéns por sua dedicação! Tenho certeza que o sucesso será seu parceiro.



Rebeca Galvão 29 de outubro de 2018 at 22:51 [Reply](#)

Olá, Landry. Seu texto é realmente significativo, principalmente para vermos como é um aprendizado de Língua Estrangeira. Toda a fase de adaptação, as dificuldades encontradas, o esforço que fazemos para nos adaptar, nos toca de uma forma que mudamos por dentro. Nessas horas, é bom termos algo familiar, percebo que a sua língua e as pessoas do seu país de acolheram e ajudaram a enfrentar as dificuldades. A língua tem esse poder, de unir, de acalantar, quando estamos distantes dos nossos lares. Podermos nos comunicar em língua materna e com pessoas que são do mesmo lugar que nós é realmente muito gratificante, quando estamos distantes. Fico muito feliz que conseguiu aprender o português, e aqui cabe um elogio: está falando muito bem. A sua experiência é muito importante para nós, como estudantes de Letras, pois podemos ver o poder que a língua tem sobre o indivíduo.

Abracos!!!

Fonte: Blog *Falando Português*

¹³⁴ Postagem “ Minha experiência no Brasil por Landry Mumble”. Link: <https://www.falandoportugues.com.br/2018/08/13/experiencia-brasil-landry-mumble/>. O comentário de Rebeca Galvão foi publicado duas vezes no blog, por isso só têm 7 comentários na imagem.

ANEXO G - Comentários na Postagem do Aluno M no blog *Falando Português*¹³⁵

6 Comments



Igor Fogaça 21 de setembro de 2018 at 14:07 [Reply](#)

ótimo texto. parabéns. temos que refletir mais sobre racismo.



Iris Nunes 21 de setembro de 2018 at 23:18 [Reply](#)

Bombástico! Visão retada, escrita muito boa!!



Marylia Santana 23 de setembro de 2018 at 18:20 [Reply](#)

Muito boa sua reflexão! Aqui onde moro, em Brasília, tem uma localidade em que podemos ver isso claramente. A cidade segrega os grupos, e podemos identificar sem dificuldade as cidades onde há mais expressão de desigualdade. E essas cidades são as mesmas que são apontadas como mais carentes de recursos, infraestrutura, taxa de emprego e alfabetização. É um longo caminho para recorrermos até a igualdade.



Nathan Queiroz 25 de setembro de 2018 at 08:52 [Reply](#)

Incrível!

É necessário estarmos sempre atentos aos pequenos comportamentos a nossa volta. O racismo está presente mesmo de maneira silenciosa.

Ben surpreende com sua escrita e seu posicionamento. Parabéns!



Ben Phalan 26 de setembro de 2018 at 14:19 [Reply](#)

Obrigado pelas respostas, Igor, Iris, Marylia e Nathan! Foi interessante para mim pensar um pouco mais sobre o tema. Marylia, obrigado por compartilhar sua experiência em Brasília. É um longo caminho sim! Mas precisamos começar o melhor que pudermos. Eu concordo, Nathan, que o racismo continua quando nós não falamos contra ele.



Tiago Martins 31 de outubro de 2018 at 01:23 [Reply](#)

O racismo que se veste de atos cotidianos é o que perpetua o racismo escancarado e da violência verbal e física. Claro que na prática ele é o mais sutil, mas ainda sim tem o poder da ofensa. Bom texto!

Fonte: Blog *Falando Português*

¹³⁵ Postagem “Minha perspectiva sobre o racismo por Ben Phalan”. Link: <https://www.falandoportugues.com.br/2018/09/21/estrangeiro-no-brasil-minha-perspectiva-sobre-o-racismo-por-ben-phalan/>.

ANEXO H - Comentários na Postagem dos Alunos N, J e K no blog *Falando Português*¹³⁶

11 Comments



Marylia Santana 25 de setembro de 2018 at 13:49 [Reply](#)

A questão da educação no Brasil é central, essencial. A nossa cultura molda o modo como fazemos educação e vice-versa. Nossa forma de entender a nós mesmos é determinante para estabelecer como nos vemos e o que percebemos é que pouco valorizamos nossa cultura, nossa gente, nossas riquezas. Nosso país tem potencial muito grande, mas parece que trabalhamos para seu insucesso e não para que todos cresçam como nação. A mudança é lenta, não acontecerá da noite para o dia, mas nossa autorreflexão, nossa autocrítica são instrumentos poderosos para estabelecer novas práticas, novas visões de mundo, novos modos de nos relacionarmos com os outros. A mudança que queremos só se consolidará se nossa essência mudar. Um país corrupto não mudará se seu povo permanecer corrupto e condescendente com atitudes corruptas.



Jesse Kelly 29 de outubro de 2018 at 10:21 [Reply](#)

Realmente, somos plurais, diversos e, de fato, deveríamos nos orgulhar mais disso. Incrível como mesmo sendo tão múltiplos, ainda exista, de forma tão clarividente, a dificuldade de aceitar/ respeitar aquilo que é diferente de nós. Devemos repudiar a intolerância em quaisquer graus que essa seja percebida. A luta contra desigualdade não pode parar e, sem dúvida, a educação é a chave, é a panaceia de todos os males, capaz de interromper esse loop infinito de desigualdade que atravessa gerações, condenando seres a destinos segregacionistas.

Parabéns pelo texto!



Marcos Guedes 30 de outubro de 2018 at 06:55 [Reply](#)

É decepcionante, mas não é verdadeiramente uma surpresa que o último país da América Latina a abolir a escravidão seja tão resistente em superar suas desigualdades sociais. E não é como se não tivéssemos meios e recursos!, afinal o Brasil está entre as dez maiores economias do mundo.

Alguns/mas estudiosos/as em áreas sociológicas – ou que dialogam com ela –, dizem que, na verdade, a desigualdade no Brasil é um projeto político. Ou seja, é maligno e historicamente premeditado que governantes não direcionem seus esforços em tornar minimamente humanas as condições de vida das pessoas mais pobres e miseráveis do país: como resultado, o que temos é uma sociedade fortemente estratificada.

E sabe de uma? Quem está na base, e que, por vezes, por algum delírio acha que é elite, mantém e alimenta, por exemplo, com sua força de trabalho muito mal remunerada as pessoas que estão no topo. O processo no geral é tácito, conivente e, por mais irônico que pareça, democrático.

O mais violento no Brasil é que o menos pobres, que esquizofrenicamente se esquece que também é chão, se sentem inspirados a degradar, excluir, ignorar e reproduzir discurso de ódio e opressão nos que “não são” eles.

Eu concordo plenamente com vocês que é preciso priorizar a educação: mais do que nunca, a sociedade brasileira urge por interpretação de texto, consciência de classe e memória histórica.

Em tempo, trago duas citações.

A primeira é do José Saramago, escritor português, em seu célebre livro *Ensaio Sobre a Cegueira*: “É dessa massa que nós somos feitos, metade de indiferença e metade de ruindade”.

A segunda, é de uma música, *Somos Todos Iguais*, do grupo Catedral: “... Somos todos iguais, Na mentira e na verdade, No amor e na maldade, Parte da humanidade sem saber, Que a resposta está dentro de nós”.

E por fim, recomendo ainda outra música, *Xibom Bombom*, d’As Meninas.

¹³⁶ Postagem “Somos todos iguais”. Link: <https://www.falandoportugues.com.br/2018/09/23/estrangeiro-no-brasil-somos-todos-iguais/>. Os comentários de Marcos Guedes e Allana estavam duplicados, por isso aparece na imagem apenas 7 comentários.



Matheus Felipe 30 de outubro de 2018 at 15:21 [Reply](#)

Ótima reflexão.



Allana 30 de outubro de 2018 at 18:09 [Reply](#)

Infelizmente, o governo ainda precisa investir bastante em saídas para proporcionar melhores oportunidades para aqueles que carecem de infraestrutura ou quaisquer outras questões. Acredito que a educação seja uma questão essencial, portanto, penso que a proposta de ceder os livros didáticos, se avaliada, pode ajudar bastante.



Carolina 30 de outubro de 2018 at 22:07 [Reply](#)

Excelente texto! De fato, é sempre importante enfrentar essas questões de desigualdade de maneira a promover melhores oportunidades para as pessoas.



Vívian Monteiro 30 de outubro de 2018 at 23:23 [Reply](#)

"E como país, como sociedade que tem que cuidar de toda sua população, Brasil pode se considerar fracassada como nação, como sociedade global."

Essa frase me sacudiu um pouco, não mentirei. Me sacudiu porque me fez enxergar, ter noção, da visão de alguém que vem de fora, eu nunca havia parado para pensar nisso antes, de como nós, brasileiros, somos vistos.

Nós convivemos todos os dias com preconceito de todos os tipos, somos sempre atacados e somos alvos de intolerâncias. Por mais que a gente queira, não seremos iguais.

Fico triste quando penso nisso, mas foi muito bom entender o sentimento de pessoas de outros lugares.

Espero que fiquem bem aqui, nossa terra também será calorosa para vocês.

Obrigada e parabéns pelo texto!

Fonte: Blog *Falando Português*

ANEXO I - Comentários na Postagem do Aluno O no blog *Falando Português*¹³⁷

3 Comments



Rodrigo Pereira 30 de outubro de 2018 at 18:06 [Reply](#)

O Brasil ainda é uma sociedade mal resolvida com a sua história, muitas coisas precisam ser ajustadas para que haja amenização ou extinção de complexos que mantêm o país preso às dificuldades de questões básicas de direitos e igualdade.



suely oliveira de menezes 30 de outubro de 2018 at 23:23 [Reply](#)

Achei muito interessante seu texto. Vejo que de forma clara e objetiva você estabelece o seu olhar sobre a discriminação no Brasil. Nosso país é realmente muito preconceituoso, porém ninguém de fato admite, é uma coisa velada. Estamos falando mais sobre o tema Preconceito, o que possibilita uma abertura maior em prol de uma mudança de pensamentos e atitudes, que espero refletir nas gerações futuras.

A Educação sim, tem papel primordial nessa luta para erradicar esse mal, que envergonha qualquer nação. Somos todos Seres Humanos, com direitos iguais e o respeito mútuo, só acontecerá quando não mais existir o Preconceito, seja em qualquer âmbito. Parabéns pelo seu texto!



suely oliveira de menezes 31 de outubro de 2018 at 00:00 [Reply](#)

Achei muito interessante seu texto. Vejo que de forma clara e objetiva você estabelece o seu olhar sobre a discriminação no Brasil. Nosso país é realmente muito preconceituoso, porém ninguém de fato admite, é uma coisa velada. Estamos falando mais sobre o tema Preconceito, o que possibilita uma abertura maior em prol de uma mudança de pensamentos e atitudes, que espero refletir nas gerações futuras.

A Educação sim, tem papel primordial nessa luta para erradicar esse mal, que envergonha qualquer nação. Somos todos Seres Humanos, com direitos iguais e o respeito mútuo, só acontecerá quando não mais existir o Preconceito, seja em qualquer âmbito. Parabéns pelo seu texto!

Fonte: Blog *Falando Português*

¹³⁷ Postagem “Minha percepção da discriminação no Brasil”. Link: <https://www.falandoportugues.com.br/2018/09/28/estrangeiro-no-brasil-percepcao-da-discriminacao-no-basil/>.

ANEXO J - Comentários na Postagem dos Alunos L, P e Q no blog *Falando Português*¹³⁸

6 Comments



Marylia Silva de Santana 9 de outubro de 2018 at 20:46 Reply

Aqui na minha cidade, Distrito Federal, percebemos o racismo de forma muito implícita. Quando vou a um restaurante, ou ao shopping, vejo que as pessoas que trabalham na limpeza são quase sempre negras, enquanto que os frequentadores são na sua maioria brancos. A discriminação acontece, mas ela é velada. Vez ou outra vemos uma notícia sobre um caso de racismo, com xingamentos, humilhações verbalizadas. No Brasil, isso é considerado crime e, aos poucos, as pessoas estão mudando a forma como vêem o próximo, pois todos temos direitos iguais, direito de sermos tratados com dignidade e respeito.



Tamires 25 de outubro de 2018 at 14:55 Reply

É marcante como os países que sofreram a colonização europeia na América Latina têm realidades muito semelhantes. Aqui em Salvador, apesar do movimento negro ser bem forte e organizado, sinto que grande parte da população não se reconhece por suas origens africanas, muitas vezes até negando a própria identidade. Sinto que isso prejudica o fortalecimento do povo negro e favorece a expressão do racismo em outras modalidades, como nas instituições que oferecem serviços ao público, tanto particulares quanto às que pertencem ao Estado: comércio, educação, atendimento à saúde, etc.



Simone Santos 29 de outubro de 2018 at 20:14 Reply

Salvador é considerada a cidade mais negra do mundo, fora da África, mas mesmo assim a presença do racismo é muito forte. Devemos nos atentar para o racismo institucional, e como ele se manifesta nas estruturas de organização da sociedade e nas instituições. A exemplo disso temos as instâncias de poder: Salvador, mesmo sendo uma cidade com a maioria da população negra, nunca elegeu um prefeito negro. Conseguimos contar nos dedos a quantidade de professores na universidade que são negros (apesar desse cenário está em mudança), a morte de jovens negros é extremamente alta, assim como a criminalidade que é resultado da falta de oportunidades para a população negra. Poderia citar mais fatos para exemplificar a situação do racismo em Salvador, cidade em que a cultura africana é bem forte e bem presente, mas mesmo assim precisa de mais conscientização quando falamos em racismo, assim como o Brasil todo.



Gildair de Alencar Júnior 30 de outubro de 2018 at 14:49 Reply

Olá, sou de Salvador/Bahia. Aqui, realmente, é incomum ver casos de racismo verbalizados, acredito que isso seja uma realidade do Brasil, pois existe uma lei que criminaliza esse tipo de atuação, porém o racismo existe e é devastador. Ele se apresenta de forma velada e é fácil notá-lo, por exemplo, nas estatísticas de homicídios. A Bahia é o estado que tem o índice mais elevado, em números absolutos, de negros assassinados no país e em 10 anos o número de negros assassinados na Bahia cresceu 118%, são 52,4 negros mortos contra 15,6 não negros, a cada 100 mil habitantes.

Por que as taxas de homicídios de negros na Bahia é 3 vezes superior à de não negros? Será que não há racismo em Salvador? Sim, há racismo em Salvador, há racismo na Bahia e há racismo no Brasil. Ainda que tenhamos a presença resiliente e resistente da cultura e tradição negra, não se faz suficiente. O que, realmente, é preciso são políticas públicas que se interessem em resolver esse problema, em reeducar a população, em mostrar que não é justo um jovem negro já apresentar um alvo em seu peito e dele serem tiradas as oportunidades desde cedo, em mostrar que negro é gente como todo mundo e merece o amparo do Estado.



Maiara Damásio 30 de outubro de 2018 at 21:53 Reply

Olá!
Primeiramente, parabéns pelo texto. É muito interessante poder, através do olhar de vocês, conhecer um pouco da realidade dos seus países de origem. O que chamou minha atenção ao ler esse texto foi perceber como o racismo age e afeta de forma semelhante nos quatro países. Aqui no Brasil existe também uma política de fingir que o racismo não existe, uma falsa celebração da diversidade quando, na realidade, o que vivenciamos é a não aceitação das diferenças e a marginalização do povo preto e da sua cultura. O movimento negro tem conquistado importantes avanços na luta contra a discriminação que inclui, entre outras coisas, o esforço de recuperar a história, cultura, as origens do povo preto. Aqui em Salvador, por ser a capital mais negra do Brasil, talvez seja mais fácil observar esse movimento de preservação e valorização da identidade e cultura afrobrasileira, mas infelizmente ainda temos muita coisa pra melhorar aqui é no resto do país, principalmente no que diz respeito à garantia de direitos básico para a população. Existe um longo caminho pela frente, mas a luta continua.

Fonte: Blog *Falando Português*

¹³⁸ Postagem “Olhares sobre o racismo por Juan Felipe Manchola, Rachel Saudek e Laura Garcia”. Link: <https://www.falandoportugues.com.br/2018/10/01/gringos-no-brasil-olhares-sobre-o-racismo/>. O segundo comentário de Simone Santos não aparece nessa imagem porque foi publicado duas vezes.

ANEXO J - Comentários na Postagem dos Alunos R e S no blog *Falando Português*¹³⁹

One Comment



Karina 31 de outubro de 2018 at 13:41 [Reply](#)

Muito interessante se faz mais que necessário a leitura dessa matéria!

Fonte: Blog *Falando Português*

¹³⁹ Postagem “Como a colonização do Brasil influencia o Brasil até hoje”. Link: <https://www.falandoportugues.com.br/2018/10/15/estrangeiro-no-brasil-como-a-colonizacao-do-brasil-influencia-o-brasil-ate-hoje/> .